



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**LUCIANA ATAÍDE DIAS SANTIAGO**

**REINADO DE LUZIA TERESA: CONTOS INFOMEMORIAIS**

**JOÃO PESSOA  
2024**

**LUCIANA ATAÍDE DIAS SANTIAGO**

**REINADO DE LUZIA TERESA: CONTOS INFOMEMORIAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para a obtenção do título de doutora em Ciência da Informação.

**Linha de pesquisa:** Informação, Memória, Sociedade.

**Orientadora:** Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

**JOÃO PESSOA**  
**2024**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S235r Santiago, Luciana Ataíde Dias.

Reinado de Luzia Teresa : contos infomemoriais /  
Luciana Ataíde Dias Santiago. - João Pessoa, 2024.  
192 f. : il.

Orientação: Bernardina Maria Juvenal Freire de  
Oliveira.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCSA.

1. Contos populares. 2. Luzia Teresa dos Santos. 3.  
Contação de histórias. 4. Informação social. 5. Memória  
- Acervo. I. Oliveira, Bernardina Maria Juvenal Freire  
de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 398.2(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Defesa nº 093

Ata da Sessão Pública de Defesa de Tese do(a) Doutorando(a) **LUCIANA ATAIDE DIAS SANTIAGO** como requisito para obtenção do grau de Doutor(a) em Ciência da Informação, Área de Concentração em Informação, Conhecimento e Sociedade e com Linha de pesquisa em Memória, Mediação e Apropriação da Informação.

Aos dezoito dias do mês de março de dois mil e vinte e quatro (18/03/2024), às quatorze horas e trinta minutos, no Miniauditório I do Bloco da Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, reuniu-se, presencialmente, a banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação para avaliar o(a) candidato(a) ao Grau de Doutor(a) em Ciência da Informação na Área de Concentração Informação, Conhecimento e Sociedade, o(a) doutorando(a) **LUCIANA ATAIDE DIAS SANTIAGO**. A banca examinadora foi composta pelos (as) professores(as): Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira – PPGCI/UFPB (Presidenta/Orientadora), Dra. Maria Cleide Rodrigues Bernardino – PPGCI/UFPB (Examinadora interna), Dra. Edna Gomes Pinheiro – PPGCI/UFPB (Examinadora interna), Dra. Ana Claudia Medeiros de Sousa – UFBA (Examinadora externa), Dra. Raquel do Rosário Santos – UFBA (Examinadora externa), Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque – PPGCI/UFPB (Suplente Interna) e Dra. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento – UFPB (Suplente Externa). Dando início aos trabalhos, o(a) Professor(a) Dr(a). Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Presidente(a) da Banca Examinadora, explicou aos presentes a finalidade da sessão e passou a palavra ao(à) discente para que fizesse oralmente a apresentação do trabalho de tese intitulado: **“REINADO DE LUZIA TERESA: CONTOS INFOMEMORIAIS”**. Após a apresentação, o(a) doutorando(a) foi arguido(a) na forma regimental pelos examinadores. Respondidas todas as arguições, o(a) Professor(a) Dr.(a). Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Presidente(a) da Banca Examinadora, acatou todas as observações da banca e procedeu para o julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito:

( X )Aprovado ( )Insuficiente ( )Reprovado.

Observações da Banca: A banca Examinadora considerou o trabalho de **excelência acadêmica** com comprovada inovação teórico-metodológica e **recomenda** sua indicação para premiação no âmbito interno e externo a UFPB, órgão de fomento ou entidade científica da área. Recomenda ainda sua publicação em formato de livro e artigos.

Proclamados os resultados e encerrados os trabalhos, eu, Professor(a) Dr.(a) Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Presidente da Banca Examinadora, lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelos demais membros.

João Pessoa, 18 de março de 2024.

Documento assinado digitalmente  
 **BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA**  
Data: 20/03/2024 21:07:39-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

**Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira**  
Orientador(a)/Presidente (a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente  
 **MARIA CLEIDE RODRIGUES BERNARDINO**  
Data: 03/04/2024 11:38:05-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>


**Profa. Dra. Maria Cleide Rodrigues Bernardino**  
Examinador(a) Interno(a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente  
 **EDNA GOMES PINHEIRO**  
Data: 20/03/2024 15:00:15-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

**Profa. Dra. Edna Gomes Pinheiro**  
Examinador(a) Interno(a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente  
 **ANA CLAUDIA MEDEIROS DE SOUSA**  
Data: 21/03/2024 08:30:08-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

**Profa. Dra. Ana Claudia Medeiros de Sousa**  
Examinador(a) Externo(a) – UFBA

Documento assinado digitalmente  
 **RAQUEL DO ROSÁRIO SANTOS**  
Data: 21/03/2024 06:30:38-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

**Profa. Dra. Raquel do Rosário Santos**  
Examinador(a) Externo(a) - UFBA

**Profa. Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque**  
Suplente Interno(a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente  
 **LUCIANA ATAIDE DIAS SANTIAGO**  
Data: 24/03/2024 10:57:44-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

**Profa. Dra. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento**  
Suplente Externo(a) - UFPB

**Luciana Ataíde Dias Santiago**  
Doutorando(a)

A Deus CONSAGRO, pela minha existência.

Aos meus pais,  
Heronides Dias Barros e Maria das Graças Ataíde Dias,  
DEDICO por serem meu Norte e prumo do meu viver.

## **Gratidão**

Que a gratidão seja a força do meu ser.  
A cada dia que se renova a gratidão,  
brotam sementes de alegrias no meu viver.

Preciso respirar o amor.  
É imperativo o sobreviver.  
Saber contornar a tempestade com rigor,  
para um bom amanhecer.

Vivo repleta,  
mesmo meada de contratempos,  
tentando ser uma aguieta,  
voando como passatempo.

Ontem e hoje fui grata.  
Amanhã, quem sabe?  
Bola de cristal, ampulheta do tempo, ...  
Sino que badala mais um dia.  
Cantiga de pássaro sagrado  
Sol que se pôs e nasceu  
Tempo, memória do meu destino.  
Sabedoria do meu ser,  
diz assim baixinho:  
- Seja grata, sempre!

Que a gratidão seja a força do meu ser.  
A cada dia que se renova a gratidão,  
nascem sorrisos para bendizer.

(Luciana Dias, 2024.)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço incondicionalmente a **Deus!**

Aos meus familiares:

- **Heronides Dias Barros** e **Maria das Graças Ataíde Dias**, meus pais, pela minha formação;
- **Gilmar Martins Carvalho Santiago**, meu amado esposo, pelo apoio irrestrito.
- **Guilherme Ataíde Dias** e **Leonardo Ataíde Dias**, meus irmãos, pelo companheirismo.

Agradeço à **Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira**, que soube o tempo todo me guiar neste mar imenso da academia, segurando comigo o leme da pesquisadora, sendo o astrolábio das minhas incertezas, retirando-me das águas revoltas e conduzindo-me por águas tranquilas. Transformando o marulho do mar em contos de compreensão. Do onírico ao real, sendo contos de fada – da fada madrinha, contos reais – da mestra simples e segura.

Agradeço aos **funcionários, técnicos, pesquisadores, professores, discentes, estagiários** que manteve contato durante as pesquisas realizadas no **Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular/NUPPO**. Em especial, a **Maria Celeste Liberalquina**, técnica administrativa, que mesmo aposentada, esteve no NUPPO e sempre foi solícita as minhas necessidades de pesquisadora.

Meus agradecimentos aos professores que compõem a banca examinadora:

- **Dra. Maria Cleide Rodrigues Bernardino,**
- **Dra. Edna Gomes Pinheiro,**
- **Dra. Ana Cláudia Medeiros de Sousa**
- **Dra. Raquel do Rosário Santos**
- **Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque**
- **Dra. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento,**

pela disponibilidade, pelo aceite, e pelas contribuições para este trabalho.

Agradeço carinhosamente a minha amiga, cunhada e colega de turma **Alba Lígia Almeida**, por compartilhar comigo o conhecimento, as tristezas e as alegrias nesse trilhar acadêmico.

Agradeço:

- Ao **corpo docente** do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - UFPB, pelos ensinamentos durante o caminhar do Doutorado.

- Ao **corpo discente** do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - UFPB, tão junto e tão longe, ao mesmo tempo, uma turma em especial, afetada pela pandemia, mas soube junta superar os percalços, um ajudando o outro de forma leve e até incisiva.

Ao **Grupo de Estudo sobre Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP)**, pelo compartilhamento de informações, indicações, discussões, estudos coletivos, encontros acadêmicos e, também, de descontração.

À contadora de história **Manu Coutinho**, pelo afeto, incentivo e defensora dos contos populares.

À **Profa. América de Castro**, pelo estímulo que me proporcionou, para realização deste trabalho.

Às **pessoas queridas** que colaboraram com valiosas informações, indicações, repasse de material e palavras de encorajamento.

## RESUMO

A memória é a substância viva da literatura oral. A narradora contadora de contos populares Luzia Teresa dos Santos, natural de Guarabira, Paraíba, nasceu na primeira década do século XX. Ela traz na sua memória as histórias que aprendeu na infância, sobre o mundo fantástico do ser humano do final do século XIX e início do século XX. O objeto de estudo desta pesquisa são os contos populares de Luzia Teresa. Tem como objetivo geral construir os percursos literocultural e social da protagonista narradora, com base nos vestígios infomemoriais contidos nos seus contos populares e em dispositivos informacionais que versam sobre a obra e trajetória de Luzia Teresa. Para cumprir o objetivo foram analisados os indícios infomemoriais presentes nos contos da narradora, que estão no acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular – NUPPO, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, constando de 242 (duzentos e quarenta e dois) contos populares. A pesquisa utilizou abordagem qualitativa, combinada com pesquisa documental e bibliográfica. Para aprofundamento no *corpus*, empregou-se a abordagem arqueológica que conjuga o método da arqueologia – que investiga as margens, o limiar entre o real e o onírico, o que não foi dito e os enunciados ocultados, ao método indiciário – que procura os rastros infomemoriais com a sensibilidade para o discernimento de sua viabilidade. Questionou-se: quais os vestígios infomemoriais contidos nos contos populares de Luzia Teresa e o que os tornam singulares? Para diálogo teórico estão presentes: Assmann, Benjamin, Candau, Foucault, Le Goff e outros. Demonstra-se, com esta pesquisa, que os contos populares de Luzia Teresa, espelho de séculos de ressignificações, com elementos sociais e traços autorais próprios da contadora, são territórios memorialistas dos mundos: real e feérico, que trazem no seu escopo vestígios infomemoriais. Indicamos que dado a importância da contadora na cultura popular, na área de Memória e Informação, que os documentos contidos no NUPPO, que tratam da sua pessoa, possam constar num espaço único, próprio, só para seu acervo, com um tratamento arquivístico apropriado. Neste sentido, os contos populares de Luzia Teresa dos Santos são de real relevância no contexto de informações sociais, contribuindo efetivamente para a área da Ciência da Informação e de forma incisiva nos estudos de memória.

Palavras-chaves: Luzia Teresa dos Santos; Contação de histórias; Informação; Memória; Contos Populares.

## ABSTRACT

Memory serves as the vibrant substance of oral literature. Luzia Teresa dos Santos, a storyteller of folk tales hailing from Guarabira, Paraíba, born in the early 20th century, encapsulates within her memory the stories acquired during childhood, depicting the fantastical world of late 19th and early 20th-century human experiences. This research focuses on the folk tales narrated by Luzia Teresa, aiming to construct the literary-cultural and social pathways of the protagonist narrator, based on the mnemonic traces vestiges contained within her folk tales and in informational devices that talk about the work and trajectory of Luzia Teresa. The study analyzes the mnemonic traces present in the narrator's tales, archived in the Research and Documentation Center for Popular Culture (NUPPO) at the Federal University of Paraíba (UFPB), comprising 242 folk tales. Employing a qualitative approach combined with documentary and bibliographic research. To deepen the corpus, the *arqueológico* approach was used, which combines the archaeological method to delve into the margins, the threshold between the real and the oneiric, the unsaid, and the concealed utterances, along with the indicial method, seeking mnemonic traces with sensitivity for discerning their viability. The inquiry revolves around identifying the mnemonic traces vestiges within Luzia Teresa's folk tales and elucidating their singularity. Theoretical dialogues encompass works by Assmann, Benjamin, Candau, Foucault, Le Goff, among others. This research aims to demonstrate that Luzia Teresa's folk tales, reflecting centuries of reinterpretations, imbued with social elements and unique authorial traits of the storyteller, serve as memorial territories of both the real and the fantastical worlds, encapsulating mnemonic traces vestiges within their scope. We indicate that, given the importance of the accountant in popular culture, in the area of Memory and Information, that the documents contained in NUPPO, which deal with her person, can be included in a unique space, dedicated only to her collection, with appropriate archival treatment. In this regard it seeks to establish the significant relevance of folk tales within the context of social information, effectively contributing to the field of Information Science and decisively impacting memory studies.

Keywords: Luzia Teresa dos Santos; Storytelling; Information; Memory; Folk Tales.

## RESUMEN

La memoria es la substancia viva de la literatura oral. La narradora, contadora de cuentos populares, Luiza Tereza dos Santos, natural de Guarabira, Paraíba, nació en la primera década del siglo XX. Ella trae en su memoria las historias que aprendió en la infancia, sobre el mundo fantástico del ser humano del fin del siglo XIX y principio del siglo XX. El objeto de esta investigación son los cuentos populares de Luiza Tereza. Tiene por objetivo general construir el percurso literocultural y social de dicha narradora, con base en los vestigios infomemoriales contenidos en sus cuentos populares y en dispositivos informativos que hablan de la obra y trayectoria de Luzia Teresa. Para cumplir el propuesto, se analizan los indicios infomemoriales presentes en los cuentos de la narradora, que están en el acervo del Núcleo de Investigación y Documentación de la Cultura Popular - NUPPO, de la Universidad Federal de Paraíba – UFPB, constando de 242 (doscientos cuarenta y dos) cuentos. La investigación utiliza abordaje calitativa, con investigación documental y bibliográfica. Para profundizar en el corpus se utilizó el enfoque *arqueológico*, que combina el método de la arqueología que investiga los márgenes, el limiar entre lo real y lo onírico, lo que no se dice, los enunciados ocultados, conjugados al método indiciario – que busca onírico, lo no dicho y las declaraciones ocultas; combinado con el método indexical – que busca las huellas infomemoriales con la sensibilidad para discernir su viabilidad. Surge la pregunta: ¿qué restos infomemoriales contienen los cuentos populares de Luiza Tereza y lo que los hacen singulares? Para diálogo teórico están presentes: Assmann, Benjamin, Candau, Foucault, Le Goff y otros. Se pretende, en dicha investigación, demostrar que los cuentos populares de Luiza Tereza, espejo de siglos de resignificaciones con elementos sociales y trazos autorales propios de la contadora, son territorios memorialistas de los mundos: real y feéricos que traen en su escopo vestigios infomemoriales. Indicamos que, dada la importancia de la contadora en la cultura popular, en el área de Memoria e Información, que los documentos contenidos en NUPPO, que tratan de su persona, pueden incluirse en un espacio único, dedicado únicamente a su colección, con el tratamiento archivístico adecuado. En este sentido los cuentos populares son de real relevancia en el contexto de informaciones sociales contribuyendo efectivamente para el área de la ciencia de la Información y de forma incisiva en los estudios de memoria.

Palabras claves: Luzia Tereza dos Santos; Contación de historias; Información; Memoria; Cuentos Populares.

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Ilustração 1 – Analogia camadas de terra e saberes .....	33
Ilustração 2 – <i>Árvore de derivações do discurso</i> /Discurso de Luzia Teresa.....	37
Ilustração 3 – Diagrama das etapas da pesquisa/ Método indiciário.....	39
Ilustração 4 – Abordagem Arqueológica .....	41
Ilustração 5 – Carteira de Identidade de Luzia Teresa (frente e verso).....	43
Ilustração 6 – Carteira de Trabalho de Luzia Teresa (frente e verso) .....	44
Ilustração 7 – Luzia contando histórias para crianças (1979) .....	47
Ilustração 8 – Gestualidade de Luzia Teresa ao contar histórias (1979).....	47
Ilustração 9 – Indicação sobre a foto (verso da foto 7) .....	47
Ilustração 10 – Placa da Biblioteca Prof. Altamar Pimentel/NUPPO.....	64
Ilustração 11 – Cartaz com foto de Luzia.....	65
Ilustração 12 – Catálogo com foto de Luzia, NUPPO .....	65
Ilustração 13 – Transcrição manuscrita do conto “O Teju-Açu”(1979), NUPPO .....	66
Ilustração 14 – Transcrição manuscrita do conto “As Três esperanças”(1980), NUPPO.....	66
Ilustração 15 – Contos datilografados, NUPPO .....	67
Ilustração 16 – Pastas com os contos de Luzia, acervo NUPPO.....	68
Ilustração 17 – Contos datilografados .....	69
Ilustração 18 – Relatório sobre a Jornada de Contadores, 1980, NUPPO .....	70
Ilustração 19 – Relatório sobre a Jornada de Contadores, 1981, NUPPO .....	70
Ilustração 20 – Detalhe Relatório sobre a Jornada de Contadores, 1983, NUPPO .....	71
Ilustração 21 – Ficha cadastral sobre a contadora Luzia Teresa, NUPPO .....	71
Ilustração 22 – Ficha cadastral dos contos de Luzia Teresa.....	72
Ilustração 23 – Como fixar o título do conto, NUPPO .....	73
Ilustração 24 – Dados sobre Luzia, NUPPO .....	73
Ilustração 25 – Registros das fitas, manuscrito, NUPPO .....	74
Ilustração 26 – Registros das fitas, datilografado, NUPPO .....	74
Ilustração 27 – Ficha do Pesquisador .....	75
Ilustração 28 – Página da UFPB com o Projeto PDMCP.....	76
Ilustração 29 – Detalhe da página do PDMCP com Luzia.....	77
Ilustração 30 – Capa do folder com foto de Luzia Teresa, NUPPO .....	77
Ilustração 31 – Parte interna do folder, sobre livro “Estórias de Luzia”, NUPPO.....	78
Ilustração 32 – Livro com dados sobre Luzia Teresa (Capa, foto, conto) .....	79
Ilustração 33 – Capa da revista DF Letras, com foto de Luzia, NUPPO .....	80
Ilustração 34 – Reportagem sobre Luzia na revista DF Letras, NUPPO .....	81
Ilustração 35 – Reportagem sobre Luzia: Jornal O Norte, 22/12/1978, NUPPO.....	82
Ilustração 36 – Reportagem sobre Luzia: Jornal O Norte, 11/05/1980, NUPPO.....	83
Ilustração 37 – Reportagem sobre Luzia: Jornal Correio, 20/06/1982, NUPPO .....	84
Ilustração 38 – Reportagem sobre Luzia: Jornal A União, 14/08/1983, NUPPO .....	86
Ilustração 39 – Reportagem sobre Luzia: Jornal Correio, 28/07/1993, NUPPO .....	87
Ilustração 40 – Detalhe da entrevista com Luzia Teresa, em 26/01/1983, NUPPO.....	88
Ilustração 41 – Trechos da entrevista com Luzia, em 26/01/1983, NUPPO.....	89
Ilustração 42 – Início da entrevista com Mestre Gasosa, em 29/01/1983, NUPPO .....	91
Ilustração 43 – Sobre os bens de Luzia .....	91
Ilustração 44 – Sobre a doença de Luzia .....	92

Ilustração 45 – Sobre a ida de Luzia ao NUPPO .....	93
Ilustração 46 – Sobre a amizade de Gasosa e Luzia.....	93
Ilustração 47 – Identidade visual do projeto do Mulheres em Cena/NUPPO .....	94
Ilustração 48 – “Um dedo de prosa” sobre Luzia Teresa, com Luciana Dias, em 2020 .....	95
Ilustração 49 – Minicurso: “Mulheres contadoras de histórias” .....	95
Ilustração 50 – Minicurso com participação de Emilie Andrade e Luciana Dias” .....	96
Ilustração 51 – Participação no curso Formação para Contadores de Histórias .....	97
Ilustração 52 – Oficina de contação de história .....	98
Ilustração 53 – Lançamento do Festival das Mulheres Artistas .....	99
Ilustração 54 – Abertura do Festival das Mulheres Artistas .....	100
Ilustração 55 – Término do Festival das Mulheres Artistas .....	101
Ilustração 56 – Dia Estadual do Contador de Histórias (Lei 11.331/2019) .....	102
Ilustração 57 – Recorte de artigo sobre Luzia, apresentado na XI SELIMEL .....	103
Ilustração 58 – 10º Encontro de Contadores de Histórias de Londrina.....	104
Ilustração 59 – Conto “Mané Nu”, no Boca do Céu .....	106
Ilustração 60 – “A Casa de Luzia” .....	106
Ilustração 61 – Programa “Rota Cultural Raízes” .....	107
Ilustração 62 – Reportagem “Rota Cultural Raízes” .....	108
Ilustração 63 – Cartaz do espetáculo “A Casa de Luzia” .....	109
Ilustração 64 – Espetáculo Teatral “A Casa de Luzia” .....	110
Ilustração 65 – Palestra “Reinado de Luzia: um tempo adagio”, GECIMP TALK .....	111
Ilustração 66 – <i>Slide</i> da palestra sobre Luzia, no GECIMP TALK .....	111
Ilustração 67 – Concurso literário em homenagem a Luzia, 2024 .....	119
Ilustração 68 – Livros com os Contos de Luzia Teresa dos Santos .....	123
Ilustração 69 – Desenhos de abertura dos contos, no volume 1 .....	124
Ilustração 70 – Desenhos de abertura dos contos, no volume 2.....	128
Ilustração 71 – Características essenciais para o conto popular,.....	129
Ilustração 72 – Desenhos de abertura dos contos, no volume 3.....	131

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Identificação das informações de registro dos contos .....	68
Quadro 2 – Textos abordando contos de Luzia, NUPPO .....	72
Quadro 3 – Organização do material do NUPPO pelo PDMCP .....	76
Quadro 4 – Sítios pesquisados.....	112
Quadro 5 – Livros com informações sobre Luzia Teresa .....	113
Quadro 6 – Vídeos sobre Luzia Teresa, disponibilizados na internet.....	116
Quadro 7 – <i>Podcasts</i> sobre Luzia Teresa, por Manu Coutinho.....	117
Quadro 8 – Contos de Luzia Teresa, disponibilizados na internet.....	118
Quadro 9 – Perfil de Luzia, movimentação digital .....	120
Quadro 10 – Rosto com sorriso de Luzia, movimentação digital .....	121
Quadro 11 – Responsáveis pela coleta e transcrição do volume 1.....	125
Quadro 12 – Abertura, trejeitos e desfechos nos contos .....	125
Quadro 13 – Responsáveis pela coleta e transcrição do volume 2.....	129
Quadro 14 – Características do conto popular - Cascudo, nos contos de Luzia .....	130
Quadro 15 – Notas sobre os contos de Luzia Teresa, volume 3 .....	132
Quadro 16 – Responsáveis pela coleta e transcrição do volume 3.....	133
Quadro 17 – Contos publicados por Altimar Pimentel, volume 1 .....	134
Quadro 18 – Contos publicados por Altimar Pimentel, volume 2 .....	135
Quadro 19 – Contos publicados por Altimar Pimentel, volume 3 .....	135
Quadro 20 – Contos não publicados por Altimar Pimentel, volume 4 .....	136
Quadro 21 – Contos não publicados por Altimar Pimentel, volume 5 .....	137
Quadro 22 – Conto “A Estória de Caboclo”, NUPPO .....	138
Quadro 23 – Características do Conto: “A Estória de Caboclo”.....	141
Quadro 24 – Agrupamento temático dos contos populares.....	141
Quadro 25 – Conto “O Couro de bode”, NUPPO .....	142
Quadro 26 – Características do Conto: “O Couro de bode”.....	145
Quadro 27 – Conto “A Costureira”, NUPPO .....	146
Quadro 28 – Características do Conto: “A Costureira” .....	148
Quadro 29 – Trecho do conto: “Os Cativos”, NUPPO .....	149
Quadro 30 – Vestígios infomemoriais no conto “Os Cativos”, NUPPO .....	149
Quadro 31 – <i>QR Code</i> – Áudio 1, de Luzia Teresa dos Santos, NUPPO .....	150
Quadro 32 – <i>QR Code</i> – Áudio 2, de Luzia Teresa dos Santos, NUPPO .....	151
Quadro 33 – <i>QR Code</i> – Áudio 3, de Luzia Teresa dos Santos, NUPPO .....	152

## **LISTA DE SIGLAS**

BPM - Batidas por minuto

CI - Ciência da Informação

CEARTE – Centro Estadual de Arte

COVID-19 - (co)rona (vi)rus (d)isease, ano 2019

ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

FUNESC - Fundação Espaço Cultural

FUNJOPE - Fundação Cultural de João Pessoa

GECIMP - Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio

MINC - Ministério da Cultura

NUPPO - Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular

OMS - Organização Mundial da Saúde

PDMCP - Projeto de Disponibilização do Museu de Cultura Popular

PPGCI - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação

PRAC - Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários

PROBEX - Programa de Bolsas de Extensão

PRPG - Pró-reitora de Graduação

SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>1 PRIMEIRO CONTO – O COMEÇO DO REINO .....</b>	<b>18</b>
<b>2 SEGUNDO CONTO – ESCAVANDO HISTÓRIAS .....</b>	<b>30</b>
2.1 MINICONTO – ENVEREDANDO NA PESQUISA .....	31
2.2 MINICONTO – O MÉTODO ARQUEOLÓGICO.....	32
2.3 MINICONTO – O MÉTODO INDICIÁRIO .....	38
2.4 MINICONTO – OS MÉTODOS E OS CONTOS .....	40
<b>3 TERCEIRO CONTO – NO REINADO DE LUZIA .....</b>	<b>43</b>
3.1 MINICONTO – O TEMPO DE LUZIA.....	43
3.1.1 A literatura oral e o conto popular.....	45
3.1.2 O conto, a memória e a vida em sociedade .....	49
3.2 MINICONTO – NA CASA DE MNEMOSYNES.....	51
3.2.1 Memória e informação.....	52
3.2.2 Memória e oralidade – o conto de Luzia .....	56
3.2.3 Memória e esquecimento.....	59
<b>4 QUARTO CONTO – O LIVRO PRECIOSO.....</b>	<b>63</b>
4.1. MINICONTO – Preciosidades do NUPPO .....	63
4.1. MINICONTO – Preciosidades ESPALHADAS NO MUNDO .....	97
<b>5 QUINTO CONTO – CONTO POR CONTO.....</b>	<b>123</b>
5.1 MINICONTO – “ESTÓRIAS DE LUZIA TERESA” .....	123
5.1 MINICONTO – CONTOS INÉDITOS .....	137
<b>6 SEXTO CONTO – O ÚLTIMO OLHAR.....</b>	<b>155</b>
<b>Referências .....</b>	<b>159</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>163</b>
ANEXO 1 – TRECHO DO E-MAIL DO PGCI/2020. ....	163
ANEXO 2 – PORTARIA Nº 1/2022 – PROEX (11.00.49) .....	164
ANEXO 3 – FIXAÇÃO DE TEXTOS DE CONTOS POPULARES.....	165
ANEXO 4 - ENTREVISTA COM LUZIA TERESA, POR MYRIAN GURGEL.....	171
ANEXO 5 – ENTREVISTA COM JOSÉ RAIMUNDO DA SILVA (GAZOZA), POR MYRIAN GURGEL .....	183
ANEXO 6 – FOTOS DE LUZIA TERESA DOS SANTOS.....	188

### **O Conto... Luzia**

Pensar Luzia é ser conto,  
conto de fada ou de trancoso.  
Apenas conto.

Conto agora a história mais presente,  
No passado contei: era uma vez...  
Conto o que não cala,  
que grita na mente, que acende a fagulha.

O conto é como um objeto esquecido,  
como um assobio diferenciado,  
como um olhar atravessado,  
como um afago a ser dado.  
O conto é como cheiro que ativa o meu lembrar.

O conto traz minha herança,  
a voz da minha existência,  
o sentido do meu existir.  
eu conto para viver  
conto para ser lembrado,  
para tornar vivo o que se foi hoje.

Conto para ter lugar na recordação,  
para satisfazer o outro,  
para ver o rosto d'alma.  
Conto para manter minha identidade.  
Conto para saber quem eu sou.

Luzia respira conto  
O conto conta Luzia  
Luzia se faz conto.  
Luzia é conto de si mesma.

Apenas conto!

(Luciana Dias, 2022)

## 1 PRIMEIRO CONTO – O COMEÇO DO REINO

---

O conto popular da literatura oral necessita de encontros, de presencialidades, de troca de olhares, de sussurros, de gestualidades, não basta o narrador em si, faz-se necessário o outro, o ouvinte ativo - aquele que embarca na história - que por certos momentos parece respirar o mesmo ar que o narrador, estando juntos no mesmo mundo etéreo. O momento de narrar-ouvir-histórias é único. Tal qual Heráclito diz que não se entra duas vezes no mesmo rio, não se compartilha a mesma história duas vezes. Essa unidade se caracteriza pelos elementos da presencialidade, das experiências momentâneas, da busca do narrador pelos elementos memorísticos e sua integração com o ouvinte, que por sua vez internaliza as palavras ao seu modo.

O narrador ao trazer à baila a história que ouviu, o faz com nova perspectiva, com a moldura da sua janela, com o recorte de sua vida, da visão do seu ser. Benjamin (2012) diz que a narração não é como um relatório “puro em si”, mas está impregnado do narrador. “Imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (Benjamin, 2012, p. 221).

Neste trabalho, também, não podemos fugir ao recorte de vida, que cada narrador faz, fixando na fala suas experiências e vivências. Como pesquisadora e narradora deste texto científico, somos tocados nesse primeiro conto a externar os caminhos e contextos pelos quais se iniciou essa pesquisa. Para isso trazemos a palavra “desejo”. Acreditamos que essa palavra reflete um poder que impele “o agir”, seu sentimento ecoa fonte de energia impulsionando a se ir à frente, a caminhar. Uma motivação, como uma força que vai lhe impulsionando, que lhe faz sair da inércia, que lhe move.

Com esse motivo, em 2018, enveredamos por caminhos que já tínhamos cruzados diversas vezes, mas não percorridos. No caso, o de contador de histórias. Realizamos o curso de Formação de Contadores de História, promovido pela Biblioteca Juarez da Gama Batista, da Fundação Espaço Cultural (FUNESC), uma imersão em novas realidades, cheias de presencialidades, relatos de vidas, contos, histórias e técnicas. Desde então, fomos escavando<sup>1</sup> o contar histórias, aprendendo com cada conto, na multiplicidade dos enunciados. Foi nessa procura, com o foco rumo à cultura popular, que conhecemos a história de Luzia Teresa e vislumbramos a possibilidade de obter mais informações junto ao seu acervo,

---

<sup>1</sup> No sentido de esmiuçar, vasculhar, procurar.

contido no Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (NUPPO), da Universidade Federal da Paraíba/UFPB. O transitar nessa instituição instigou, ainda mais, nosso desejo e abriu a perspectiva de uma pesquisa científica, na área de memória.

No ano de 2019, a publicação do edital de seleção de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/PPGCI/UFPB, e a nossa aprovação foram os passos decisivos para este trabalho. Com isso, fizemos modificações e ajustes na nossa vida diária para ingressar no doutorado em abril/2020. É importante destacar, que até o início das aulas o mundo se transformou, de uma forma inusitada. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia de coronavírus (Sars-CoV-2). Os brasileiros passaram por circunstâncias calamitosas, várias famílias perderam seus entes queridos, os noticiários a cada dia relatavam o aumento de casos de Covid-19. Mediante tal situação, o PPGCI encaminhou por e-mail, em 19 de março de 2020, o documento “Estratégias de enfrentamento da pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2)” deixando claro a necessidade de uso de recursos tecnológicos para a comunicação dos técnicos/as, professores/as e alunos/as nas atividades acadêmicas (Conferir com o Anexo 1).

Com isto o semestre letivo 2020.1, PPGCI/UFPB, iniciou com aulas 100% *on-line*. Mudanças de rotina no ensino/aprendizagem, alunos/as e professores/as se conheceram via telinha de computador/celular, as atividades pedagógicas foram *on-line*, de forma síncrona e assíncrona, com discussões, *lives*, encontros, seminários. Uma circunstância difícil, mas possibilitou vários encontros com diversas pessoas de localidades distintas do Brasil e de outros países, uma nova forma de aprender/pesquisar. Se já não bastasse a nova forma de viver com restrições da presencialidade, com a dor das mortes, e dos enfermos, fomos todos atacados virtualmente, por uma onda digital de *fake news*, inúmeras notícias falsas sobre a doença Covid-19, remédios e/ou fórmulas para a cura, paliativos, dados estatísticos, comorbidades, e a tão falada e esperada vacina. Em meio, ao caos na saúde pública, muitos se aproveitaram para causar mais pânico e espalhar notícias falsas.

O uso de tecnologias digitais aumentou repentinamente, a procura da população por equipamentos tecnológicos foi imensa, noticiários comentavam a falta de equipamentos, tanto ocasionados pela procura, como pela falta de insumos, e das indústrias paradas por causa da pandemia. Nesse mesmo período, as agências de checagem de notícias ganharam maior repercussão, informando à população como evitar ciladas digitais, como identificar notícias falsas, e elencando *tags* para as notícias em circulação com “falso”, “verdadeiro”, “contraditório”, “fato”, “fake”, entre outros. Já, no primeiro semestre, os professores

comentavam, debatiam e indicavam leituras sobre as questões das notícias falsas e de sua relação com o estudo da Ciência da Informação.

Assim, iniciamos esse estudo com o mundo de ponta-cabeça. E, o desejo forte de sobrevivermos à Covid-19, às circunstâncias psicológicas, às transformações tecnológicas e a reaprender a viver. Um novo caminhar, galgado dia a dia, a cada novo avanço da ciência na busca em vencer a doença, a cada nova leitura, a cada nova boa notícia que alimenta o ser e impulsiona, ainda mais, o desejo de continuar. Com uma visão mais à frente, paciente, sabendo que para a longa jornada se faz necessário pequenos passos.

Ao fazermos parte do PPGCI, como doutoranda, na linha de memória, com orientação da Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, passamos a integrar, formalmente, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP)<sup>2</sup>, ambiente formado por pessoas que possuem o interesse em aprender, compartilhar e desenvolver ações que envolvam: informação, cultura, memória, patrimônio e cultura gastronômica. Lá, tivemos a chance de participar de reuniões, *lives*, mesas redondas, palestras, encontros, através da internet, com pessoas de diversas localidades do país. Como, também, tomar conhecimento dos documentos publicados pelo GECIMP e ter acesso ao acervo digital do grupo, com material pertinente a nossa área de pesquisa. Participamos na condução das publicações semanais de pequenos textos, na página oficial do GECIMP (<http://gecimp.com.br/provocacoes-literarias/>), na aba “Provocações Literárias”. E, também, como cerimonialista do “I Webinário Acolher, Informar e Enfrentar à violência contra as mulheres”, em 25/11/2020, da UFPB/PPGCI/Coordenações dos cursos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia, com as professoras: Dra. Gracy Kelli Martins<sup>3</sup>, Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira<sup>4</sup>, Dra. Claudialyne da Silva Araújo e <sup>5</sup>, Me. Aurekelly Rodrigues da Silva<sup>6</sup>.

Importante ressaltar nossa participação, como voluntária, no projeto de extensão, do PROBEX, do curso de Letras/UFPB, intitulado "Mulheres em cena: protagonismo de mulheres

---

<sup>2</sup> O GECIMP tem por objetivos: congregar estudiosos e pesquisadores nas áreas de Cultura, Memória e Patrimônio com foco centrado no objeto informação; divulgar estudos científicos e lítero-científicos; e estabelecer vínculos institucionais. GECIMP. **Quem somos**. 2022. Disponível em: <http://gecimp.com.br/about-us/>. Acesso em: 05 jan. 2024.

<sup>3</sup> Doutora pelo PPGCI da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Marília/SP e Mestre em Ciência da Informação pelo PPGCI/ UFPB.

<sup>4</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, Mestre em Ciência da Informação pelo PPGCI/ UFPB.

<sup>5</sup> Doutora e Mestra em Ciência da Informação, ambos pelo PPGCI/ UFPB.

<sup>6</sup> Doutoranda em Ciência da Informação e Mestra em Ciência da Informação, ambos pelo PPGCI/ UFPB.

na cultura popular”, coordenado pela Profa. Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne<sup>7</sup> e vinculado ao NUPPO. Esse projeto, no ano de 2020, ganhou muita visibilidade ao promover suas atividades via internet, fazendo uso da mídia social @Instagram<sup>8</sup> e utilizando salas virtuais (plataforma *Stream Yard*) para debates, seminários e discussões sobre pluralidade de gênero, a presença marcante da mulher e suas ações na cultura popular, em: repente, contos, cordel, fábulas, teatro, xilogravura, ..., unindo a cultura oral promovida por artistas do povo ao mundo acadêmico. Essa cultura que se faz com presencialidade, foi retraída por imposições das circunstâncias causadas pelo Coronavírus, contudo ganhou voz midiática quando o projeto estabeleceu uma rede de pessoas, grupos e associações interessadas na cultura popular, seu estudo e divulgação.

Nessas conexões, diálogos, os artistas puderam compartilhar suas vivências, com a academia e esta se aproxima da realidade do fazer, do artista popular. O tempo perdido da presencialidade negada, foi ganho em tempo vivenciado no espaço virtual, pelos equipamentos, artefatos que poupam o tempo, tornando as atividades mais dinâmicas e mais ágeis. As trocas de ideias, as demonstrações culturais, a prática oral, estabelecidas no projeto trilharam o caminho midiático, estando registrado na internet, em páginas do *YouTube*. Ressalto um desses encontros, no qual participamos, o “Minicurso do projeto Mulheres em Cena: protagonismo das mulheres na cultura popular (PROBEX/UFPB)”, com o Tema: “Mulheres contadoras de histórias”<sup>9</sup>, estando presentes: Luciana Calado Deplagne, Israela Rama, Luciana Dias e Emilie Andrade, dialogamos sobre o tema e, também, sobre a contadora de histórias Luzia Teresa.

Esse mundo digital, constituído no trabalho ou em casa, de certa forma, tornou a vida rápida e/ou prática. Uma série de estrovengas poupadoras de tempo, desde computadores, celulares, micro-ondas, máquinas de lavar, ... fazem essa aceleração no tempo de realização das atividades. Queremos superar os “tempos vazios”<sup>10</sup> gastos nas antessalas de consultórios, nas filas do supermercado, no engarrafamento do trânsito, e em tantos instantes perdidos nos cantos, nas esquinas, no vai e vem habitual. O importante é adquirir tempo na vida. Esta é estanque, com tempo certo e determinado, não se sabe onde, nem quando, mas é garantido o término. Então, passamos a vida a ganhar tempo para viver. Somos enganadores do tempo.

---

<sup>7</sup>Doutora em Teoria da Literatura pela UFPE, com estágio doutoral na Université Blaise-Pascal - Clermont-Ferrand/França. Tem Pós-Doutorado pela Universidade Nova de Lisboa. É professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFPB.

<sup>8</sup> [https://instagram.com/mulheresemcena\\_?igshid=YmMyMTA2M2Y=](https://instagram.com/mulheresemcena_?igshid=YmMyMTA2M2Y=)

<sup>9</sup> <https://m.youtube.com/watch?v=9fbskq-8Gho>

<sup>10</sup> Termo utilizado por: BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Hodiernamente, o celular é um artefato poupador de tempo, um meio informacional, ele acelera o tempo da informação e preserva o tempo do ser. Pouparamos o tempo e gastamos com o quê? Vivemos na loucura do mundo, no andamento *prestissimo agitato*<sup>11</sup>, como um sujeito espectral sem verdade própria, preso ao *chronos*<sup>12</sup>, do relógio do Coelho de “Alice no país das maravilhas”<sup>13</sup>, que não para, e ele – o Coelho – está sempre atrasado. Agamben (2009) diz que os novos dispositivos (internet, celular, câmeras de monitoramento, televisão, relógio monitor cardíaco...) são quaisquer objetos, coisas, que possam controlar, determinar, orientar a conduta dos seres viventes. “As sociedades contemporâneas se apresentam assim como corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação que não correspondem a nenhuma subjetivação real” (Agamben, 2009, p. 48). Pouparamos o tempo com atividades práticas diárias para usá-las em atividades que consideramos prazerosas, para, talvez, fugir das amarras da sociedade. Ora, o celular serve e atende as duas perspectivas: poupar e gastar tempo. Mas não é um paradoxo, pois continua dispositivo nos dois sentidos. “Na sociedade contemporânea os seres humanos introjetaram um relógio interior, que serve de instrumento de servidão temporal. ‘Gerir o tempo’, ter ‘tempo livre’ transformou-se em anseio e pesadelo” (Glezer, 1991, p. 11).

As pessoas querem se distrair, abstrair em atividades que lhe remetam ao deleite. Pode ser um filme, um exercício físico, uma leitura, um momento de meditação, o importante é gastar o tempo e nem perceber que gastou. “O ser humano ora deseja segurar os minutos, abreviando e controlando o tempo, ora deseja abandonar-se ao correr do tempo até o limite da sua dissipação” (Bosi, 1995, p. 3). O tempo é extremamente relativo ao contexto social da pessoa, as suas ações, pensamentos e vontades. Esse anacronismo é reflexo da contemporaneidade, que tudo urge e tem pressa, de um tempo que não é real, “de um tempo ‘muito cedo’ que é, também, um ‘muito tarde’, de um ‘já’ que é, também, um ‘ainda não’” (Agamben, 2009, p. 66). A arte, em suas diversas linguagens, favorece ao ser humano transpor o tempo real e entrar no “tempo sem tempo”, dos sonhos, dos contos populares, das memórias. Como diz poeticamente Ascendino Leite, em Poesia ou Morte:

Sempre há um tempo que se não desperdiça  
porque não é volátil  
e não tem peso em quilos  
Todavia, dimensiona-se ao império dos espaços,  
muitas vezes invisíveis,  
mas prontos para conter sonhos  
ambições.  
(Leite, 2006, p. 357)

<sup>11</sup> Refere-se ao tempo rítmico musical: muito rapidamente, com toda a velocidade e presteza (200 ou mais BPM).

<sup>12</sup> Tempo calculado, em horas, minutos, segundos, contado no relógio.

<sup>13</sup> Obra infantil de Lewis Carroll, publicada em de 1865.

Esse tempo, que não é volátil, que não é contado no relógio, é também o tempo da memória, que cabe mil espaços, que não se vê, mas perpassa gerações e se renova, se dinamiza e se mantém além do tempo. Bosi diz que a memória salta sobre “a cronologia, recupera o tempo perdido enquanto anula o passado-como-passado e o chama para a consciência viva do presente” (Bosi, 1995, p. 4). A memória é uma substância viva da sociedade. Está presente na coletividade, nas relações dos seres humanos e impregnada nos seus artefatos.

A literatura oral é uma forma de comunicação das mais antigas do ser humano. E como tal, ela é elemento primordial da memória. Por meio, dela o conhecimento humano foi repassado de geração em geração, desde assuntos corriqueiros do dia a dia a temas importantes para comunidade, como: fatos históricos, políticos e sociais. É um tempo vivido, passado, que encontra ressonância no presente, trazido pela memória coletiva, pelas conexões humanas e seus produtos, que evidenciam o hoje e se projetam para o futuro. De acordo com Alcoforado (2008, p. 111), o tempo das tradições orais só foi modificado com o advento da cultura escrita “até os sécs. X/XII, havia na Europa inumeráveis tradições orais [...]. A partir dessa época desenvolve-se lenta e progressivamente uma cultura escrita em língua vernácula com o registro das tradições orais”. Quando a humanidade começa a ser capaz de registrar sua fala com a escrita, a forma de transmissão do conhecimento muda radicalmente. Foi uma passagem realizada de forma vagarosa, pois foi necessário ter uma ampla disponibilização dos textos e pessoas habilitadas para a leitura. Os poemas, as fábulas, os contos, as lendas, os relatos, tudo que faz parte da oralidade, que estava presente apenas na memória do homem, ganhou uma nova forma de perpetuação.

O ato de narrar, de criar narrativas, acompanham o homem ao longo de sua existência. “Para a atual sociedade de consumo, contar histórias pode ser interpretado como perda de tempo. É só observar a pouca paciência que se tem para ouvir o outro” (Busatto, 2013, p. 20). A narração de história ganhou perspectivas globalizantes, com recursos midiáticos, com conexões randômicas. Para Benjamin (2012, p. 214) a fonte que os narradores de histórias recorrem é a literatura oral, aquela experiência que passa de boca em boca. As trocas de conhecimentos presenciais são restritas a uma pequena rede de contatos humanos, locais, favorecida por um tempo de relação social consequente das atividades diárias. Para o cidadão do século XXI, a informação é aquela que passa de tela em tela. O tempo, senhor da atualidade, como se refere Glezer (1991), pouco permite esse gasto de instantes na troca presencial do conhecimento, ou da vivência de experiências. A sociedade insere no seu contexto o tempo virtual, veloz com interatividade digital, nesse sentido Busatto (2013) comenta que:

Vive-se um cotidiano tecnológico, e, nesse espaço telemático pleno de imagens eletrônicas e virtualidades, a dimensão real é reconfigurada. O tempo real abre espaço para o tempo virtual, para o tempo da interatividade, dos sons produzidos eletronicamente, dos gestos que são recriados e de uma realidade que se apresenta pelo meio (Busatto, 2013, p. 98).

O tempo saiu do trem de Maria Fumaça e embarcou no trem de Levitação Magnética, tudo ficou mais ágil, veloz, controlado segundo a segundo, no instante do toque digital, pelo *chronos*. Pensar no hoje é entender que nessa plataforma de embarque, dos trens, estavam juntos o tempo e o novo Coronavírus - COVID-19, que subverteu os conceitos sociais, que num só momento paralisou o tempo das ações e encontros, estagnando os contatos presenciais e disparando o tempo virtual num contexto jamais experimentado. “O ‘destino’ ataca sem aviso e é indiferente àquilo que suas vítimas fazem ou podem abster-se de fazer a fim de escapar aos seus golpes. O ‘destino’ está de acordo com a ignorância e o desamparo humanos” (Bauman, 2007, p. 16). Convivemos numa sociedade líquida, mutável e dinâmica. Interconectada globalmente com as tradições em liquefação com as bases da sociedade civil se desfazendo. Os seres humanos estão assustados e despreparados mediante a insegurança, medo e complexas relações sociais. O que no passado era proeminente, já não o é mais. A sociedade vive em rede, as repetições e rotinas não existem mais, a cada momento temos uma nova conexão e infinitas permutações. Dispositivos como internet, redes sociais, GPS do celular, câmeras de vigilância, drones, ..., toda gama de tecnologia a serviço do governo, em nome do combate à pandemia e prevenção à saúde. “Toda la infraestructura para la vigilancia digital há resultado ser ahora sumamente eficaz para contener la epidemia. Cuando alguien sale de la estación de Pekín es captado automáticamente por una cámara que mide su temperatura corporal”<sup>14</sup> (Han, 2020, p. 101).

Uma nova sociedade em construção, que comunica velozmente, que recebe a informação na palma da mão, mas que não aprendeu a digerir o volume das informações, que ainda não entende o que está acontecendo, que não sabe qual é a notícia verdadeira ou a notícia falsa, um mundo confuso, sobrecarregado de tecnologias. As redes sociais é um meio propagador de notícias que não oferecem confiabilidade, algo extremamente preocupante. Segundo Ochando (2019) os usuários dessas redes podem ser manipulados, induzindo seus pensamentos, crenças e conhecimento. Nossa contemporaneidade é um misto de realidade,

---

<sup>14</sup> Tradução nossa: Toda a infraestrutura para vigilância digital revelou-se agora extremamente eficaz em conter a epidemia. Quando alguém sai da estação de Pequim, é capturado automaticamente por uma câmera que mede sua temperatura corporal.

virtualidade, espaços e tempos. A pessoa contemporânea trafega na “Maria Fumaça” (ontem), passa pela estação (presente) e voa na “Levitação Magnética” (futuro imediato) é um ser atemporal e por isso mesmo contemporâneo. Agamben (2009) a esse respeito explica que o contemporâneo:

Não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de ‘citá-lo’ segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder (Agamben, 2009, p. 72).

O advento da escrita não sepultou a transmissão dos saberes pela oralidade, nem a internet com seu ciberespaço sepultará a escrita e a oralidade. São novos tempos, novos espaços, novos suportes, contextos ressignificados pela sociedade.

Mesmo nessa conjuntura, da sociedade da imagem, o ser humano procura o contato presencial, a troca física de informações, como um porto seguro – a estação, que traz a si o tempo da memória, a ligação com seu passado que assegura os passos para o futuro. Essa procura por casa acolhedora, por lazer, aflora sentimentos que altera o tempo e se gasta muitos minutos com reminiscências trazidas por fatos, objetos, fotos, gostos, cheiros, palavras, ... Bosi (2003, p. 11) explica que a memória trafega com muita liberdade e seleciona os fatos no tempo e no espaço, através de indicadores comuns, que se destacam por afinidades mesmo distanciadas temporalmente. O significado coletivo dá ânimo e vez a memória que se apresenta. É com essa força que o tempo de Luzia se apresenta, um tempo *adagio*<sup>15</sup>, um tempo de costumes e hábitos distanciados, feérico, um tempo fora do tempo.

Evidenciamos, nesta pesquisa, a contadora de história Luzia Teresa dos Santos (1911 – 1983), investigando por meio dos seus contos a tríade: **informação-memória-sociedade**. A memória é base, elemento primordial ao contador de histórias, ao narrador da literatura oral, que traz na sua locução, costumes, crenças e significações de um povo. Os contos populares, ou folclóricos, existem nas culturas das sociedades, em várias épocas, e são usados como referência de seu povo na educação, no divertimento e na preservação da cultura. Ao longo da história da humanidade se percebe a necessidade de registrar as informações. A literatura oral o faz, com o ser humano acessando a memória a partir de uma reconstrução do passado e, ao

---

<sup>15</sup> Refere-se ao tempo rítmico musical: suave, vagaroso e imponente (55-60 batidas por minuto/BPM).

mesmo tempo, imprimindo o presente. Numa ação que se representa pela coletividade da carga memorialística, de cada conto, imante a sua tessitura. Haurélio (2016) enfatiza que:

Uma coletânea de contos tradicionais, em qualquer época, será sempre um trabalho coletivo. Dos autores anônimos que, desde a aurora dos tempos, elaboram e reelaboram tais histórias, aos contadores (retransmissores) atuais que dão um toque particular à narrativa, a história percorre as veredas do tempo e do espaço, acomodando-se em ambiente os mais diversos (Haurélio, 2016, p.14).

Ao escavarmos os contos de Luzia Teresa, camada por camada, procuramos o fluxo infomemorial, trazendo do enunciado dito, e do não dito - que se encontra no limiar lacunar, significações para nosso contexto relacional. Para Cascudo (2014, p. 03), “de todos os materiais de estudo, o conto popular é justamente o mais amplo e mais expressivo. É, também, o menos examinado, reunido e divulgado. Para centenas de volumes de versos populares, possuímos três ou quatro coleções de contos tradicionais”. De tal forma, que tendo como escopo a informação, os contos, também, não aparecem como tema de estudo, nos trabalhos apresentados, anualmente, no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), dos últimos cinco anos.

As informações contidas nos contos de Luzia Teresa trazem o indício de um fluxo infomemorial e social, relacionando as informações (de vozes coletivas e autorais) contidas na obra da narradora em estudo. Neste sentido, questionamos: **Quais os vestígios infomemoriais contidas nos contos populares de Luzia Teresa e o que os tornam singular?**

Para responder ao questionamento da pesquisa, elaboramos o nosso objetivo geral: evidenciar o percurso literocultural e social da narradora Luzia Teresa com base nos vestígios infomemoriais contidas nos seus contos populares e em dispositivos informacionais que versam sobre a obra e trajetória de Luzia Teresa. E como objetivos específicos: a) identificar os vários enunciados sociais de sua narração; b) revelar o discurso da narradora aliados a uma rede de significados culturais e sociais; e c) sinalizar os aspectos culturais memorísticos dos contos populares de Luzia Teresa que a singulariza numa obra autorais.

Conforme os objetivos expostos, a pesquisa apresenta como tese: **os contos populares de Luzia Tereza, espelho de séculos de ressignificações, com elementos sociais e traços autorais próprios da contadora, são territórios memorialistas dos mundos: real e feérico, que trazem no seu escopo vestígios infomemoriais.**

O caminho selecionado para a abordagem estruturou o trabalho em 06 (seis) capítulos/contos, dispostos num percurso textual que escavou e envolveu os elementos primordiais da discussão proposta.

O **primeiro conto** nomeado: **O Começo do Reino**, que é este ao qual lemos, apresenta o itinerário, o desejo, a busca pela pesquisa, que caminhos foram percorridos e que paisagens/situações foram vivenciadas, com contextualização da temática, até chegar ao momento da escrita deste trabalho. Esse caminho é marcado pelas experiências/aprendizagens da pesquisadora, o envolvimento com o acervo de Luzia, as justificativas que originaram essa pesquisa, o objetivo geral, os objetivos específicos e a tese.

O **segundo conto: Escavando Histórias**, estabelece a trilha para o desenvolvimento da pesquisa com as escavações nas linhas e entrelinhas dos contos de Luzia Teresa. Para a observação do *corpus* nos aprofundando com o método da arqueologia – que investiga as margens, o limiar entre o real e onírico, o que não foi dito, os enunciados ocultados. Aliamos ao método indiciário – que procura os rastros infomemoriais priorizando a sensibilidade do pesquisador para o discernimento das questões e suas viabilidades.

Para apresentar Luzia Teresa e seus contos, abordar sobre memória, temos o **terceiro conto: O Reinado de Luzia**, que aborda sua trajetória e as discussões teóricas, partindo da discussão sobre: literatura oral, contos populares, contextualização da história de vida de Luzia Teresa e sua memória explicitada na narrativa de seus contos. Traz a informação contida nos contos de Luzia, como o elemento primordial; e a memória como o eixo organizador das ideias de Luzia, da rememoração e da seleção, dos indícios expostos nos contos populares.

**Conto por conto** é o **quarto conto** apresenta um panorama geral sobre os contos de Luzia Teresa, do material já publicitado, e o não revelado ao domínio público. Seguido da análise dos vestígios/indícios infomemoriais identificados.

No **quinto conto: O Livro Precioso**, traz as surpresas e os achados infomemoriais, com suas mensagens e significados relacionados ao contexto por ela vivenciado, sob o olhar da nossa contemporaneidade. Com relação ao material identificado no NUPPO, com a situação de guarda de seu acervo e com outros achados que estão espalhados no mundo.

Já, no **sexto conto: O Último Olhar**, está explicitado nossas inferências por toda escavação realizada nos contos de Luzia.

Este trabalho, foi afetado diretamente pela não presencialidade em três vertentes: por esses momentos de recolhimento ao lar, com as atividades acadêmicas *on-line*; pela impossibilidade de pesquisar no acervo alvo da pesquisa, que se encontra no NUPPO/UFPB; e pelo mergulho nas mídias digitais, nos caminhos que a internet nos mostrou e suas

possibilidades de conexões. O cronograma de trabalho foi reorganizado conforme os fatos, no primeiro e segundo anos realizamos as leituras mais intensamente e cursamos as disciplinas do programa; no terceiro ano consultamos o acervo de Luzia Tereza e iniciamos a escrita deste trabalho; no quarto ano de pesquisa destinamos às análises finais, às complementações, às inferências, à escrita final, à revisão e à defesa. A rememoração desse período é importante, pois revela as cicatrizes que ficaram na tessitura deste texto. A memória é uma substância viva nas nossas mentes, às vezes em estado latente, às vezes adormecidas, mas permanente no seu recôndito, de acordo com cada tempo.

**Luzia é assim ...**

A informação está viva,  
em mim, em você.  
A informação perdura no tempo,  
num instante que se foi,  
num instante que ficou,  
no instante do conto.

O dizer de Luzia, o som da sua voz,  
um corpo que fala.  
Ah! Como é bom ouvi-la,  
com seu conto ao vento.  
Cada trecho uma parte de vida.

Luzia é assim...  
memória da sociedade,  
da vida simples, do costume do viver.

Luzia é assim...  
Uma oralidade de herança popular,  
que fala do homem, da mulher, da criança.

Luzia é assim...  
um patrimônio sem tamanho,  
não se toca, não se vê, mas se sente  
na sua voz que traz a semente.

(Luciana Dias, 2022)

## 2 SEGUNDO CONTO – ESCAVANDO HISTÓRIAS

---

Esta pesquisa escava o *campo*<sup>16</sup> fantasioso do conto popular, da literatura oral, dos meandros da nossa cultura, sob o ponto de vista da informação e da memória. Na busca pelos indícios infomemoriais contidos nos contos, num discurso, que é ao mesmo tempo, um conjunto de coisa ditas e não ditas, aquelas que são dadas (retas) e as que estão encobertas (oblíquas). Elementos natos da autora e aqueles que transcendem a obra individual, num conjugado de relações que se estabelecem no discurso.

Para o estudo de um universo cheio de significados e valores, que busca esclarecer dinâmicas sociais, como esse trabalho, Richardson (2008) esclarece que a abordagem qualitativa se justifica por ser apropriada para a assimilação das questões de um fenômeno social. Minayo e Sanches (1993) corroboram expondo que o confronto da fala e da prática social é tarefa complementar e concomitante da investigação qualitativa, que, no entanto, em alguns casos, limita-se ao material discursivo.

Esse estudo é uma provocação instigadora, que acarreta a necessidade de uma teoria consistente, que possa encaminhar o fio do pensamento deste trabalho, na investigação, no esclarecimento da dúvida, na locação das ideias. Com isto, o rigor científico se impõe ao trabalho com teóricos que discutam informação e memória, nessa estrutura trazemos Le Goff (2013) e Assmann (2011), mais precisamente quando se referem a *monumentum*<sup>17</sup> como fonte de rememoração coletiva de uma sociedade. Alinhando o ato de narrar, dos contos populares, com o fator infomemorial.

Para o método, precisamos daquele que norteie com instrumentos que auxiliem nas inquirições, nos desvelamentos das informações, na seleção e no trato delas. Segundo Minayo e Sanches (1993, p. 239) “um bom método será sempre aquele, que permitindo uma construção correta dos dados, ajude a refletir sobre a dinâmica da teoria”, sendo operacionalmente exequível. De forma, a utilizarmos os meios necessários com vistas a alcançar os objetivos da pesquisa.

Ao escolhermos escavar os contos de Luzia Teresa, conhecer suas camadas, suas entrelinhas, pensar sobre as relações e provocações que seu discurso traz, vislumbramos a

---

<sup>16</sup> No sentido expresso por Bourdieu (2017) de um campo ser um microcosmo incluído no macrocosmo pelo espaço social global. Possuindo o microcosmo autonomia parcial, pois também é regido pelo macrocosmo.

<sup>17</sup> No sentido de fazer recordar, de iluminar, de instruir.

multiplicidade de conexões possíveis. Para isso, é preciso deter-se no seu acervo, que se constitui nos registros orais (em áudio) e nos transcritos (em livros) dos seus contos populares, em documentos sobre seu trabalho e em fotografias que aparecem a contadora narrando suas histórias.

## 2.1 MINICONTO – ENVEREDANDO NA PESQUISA

O universo da pesquisa compreende a documentação e as informações sobre Luzia Teresa que constam no acervo do NUPPO/UFPB, bem como material bibliográfico e todos os contos de sua autoria, acrescido de possíveis entrevistas com pessoas que a conheceram em vida. Para tanto, fizemos o registro da pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS, recebendo aprovação. No desenvolver do trabalho, percebemos que as entrevistas não seriam possíveis de serem realizadas.

O *corpus* da pesquisa é composto pelo conjunto dos contos populares de Luzia Teresa, escritos e/ou sonoros. Visto que a narradora em questão é falecida, e os registros de sua literatura oral estão em fitas magnéticas sob a guarda do NUPPO/UFPB.

Neste sentido a pesquisa é documental, bibliográfica e descritiva. Gil (2008, p. 26), afirma que a pesquisa documental: “é muito parecida com a bibliográfica. A diferença está na natureza das fontes, pois esta forma vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”. Conforme Gil (2008a), a bibliográfica devido à necessidade de se verificar material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos, leis, dentre outros; e a descritiva tem como escopo a descrição das características de determinada população ou fenômeno.

A pesquisa documental, nesse caso, visa a busca, pelos contos, fotos e dispositivos de Luzia que estão fora do domínio público, em estado latente, justamente por falta dessa organização.

A leitura da bibliografia tem auxiliado no conhecimento mais aprofundado do objeto em estudo, verificando os conceitos e reflexões que os teóricos explanam sobre os contos populares, em específico Luzia Teresa, e sobre memória. Marconi e Lakatos (2003) destacam que a pesquisa bibliográfica é a reunião dos principais estudos realizados, apropriados para prover dados pertinentes ao tema e fornecer uma abrangência dos fatos que já foram estudados.

Os dados coletados estão sendo trabalhados em três etapas básicas, estudo prévio – seleção do material e à definição dos procedimentos a serem seguidos; escavação – apreciação e implementação dos procedimentos de análise do material; e tratamento e interpretação – produção de inferências e dos resultados da investigação.

## 2.2 MINICONTO – O MÉTODO ARQUEOLÓGICO

Alguns saberes se consolidam na história, são explícitos, registrados, memorados, consagrados e outros são simplesmente esquecidos, ou postos de lado. Para Foucault (2016), o *saber* é um conjunto de elementos desenvolvidos na prática discursiva, na capacidade de utilização e de adequação ofertadas pelo discurso. Ele diz que o *saber* pode ser o “espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso”, ou também o “campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam” (Foucault, 2016, p. 220).

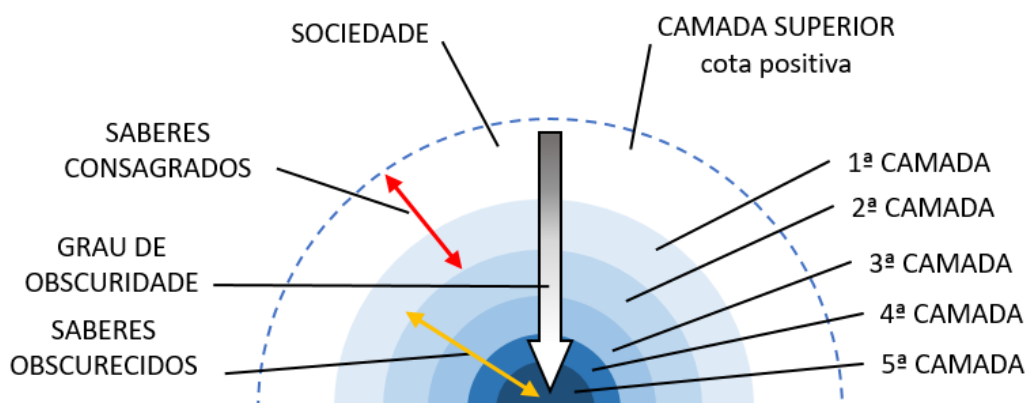
No direcionamento foucaultiano, o intuito é investigar de que forma os diferentes saberes se confrontam entre si. Nessa perspectiva, ele nomeia sua investigação teórico-metodológico de “arqueologia”, com foco de interesse nas relações entre os saberes e com atenção nos saberes obscurecidos.

Fazendo uma analogia com a prática do arqueólogo, que escava desvendando a terra, em primeira, segunda, terceira, ..., camadas, de quantas sejam necessárias, em busca dos indícios de civilizações, de culturas; pelos objetos que ajudem a construção de um cenário, da reconstrução da história. Benjamin (1987) diz que para se aproximar do passado é necessário proceder como o homem que escava, que revolve a terra.

Pois ‘fatos’ nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador (Benjamin, 1987, p. 239).

Vejamos as camadas de terra como os saberes que foram adormecidos no tempo, quanto mais profunda a camada, mais obscurecidos estão os saberes, mais distanciados da sociedade, da sua aceitabilidade (Ver Ilustração 1).

### Ilustração 1 – Analogia camadas de terra e saberes



Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora, 2022.

Os saberes estão disputando o seu reconhecimento, sua projeção na vida social, disputando o poder, mantêm-se o que dominam – a hegemonia. Da mesma forma, Le Goff (2013) abaliza que na memória coletiva existe um encadeamento de forças sociais pelo poder, que conduzem a memória e o esquecimento. Sendo uma das “preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (Le Goff, 2013, p. 390). Os saberes estão nas relações entre os discursos, eles se constituem e se relacionam uns com os outros de diversas formas. As relações não fazem parte do objeto, mas da sua exterioridade, da forma como interagem com o outro, como expõe sua diferença, sua irredutibilidade. “Essas relações caracterizam não a língua que o discurso utiliza, não as circunstâncias em que se desenvolvem, mas o próprio discurso enquanto prática” (Foucault, 2016, p. 56). Para isso, a análise discursiva aproveita o feixe de relações, que abarca as discontinuidades - as dispersões enunciativas.

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua discontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos (Foucault, 2016, p. 66).

O importante não é a identificação dos diferentes elementos, mas sim como ele se relacionam, em que ponto da dispersão eles se conectam. Cada enunciação traz em si elementos que configuram o campo enunciativo, este engloba tanto o campo da memória, como, também, o campo do esquecimento, com toda a (re)organização dos enunciados que os antecederam.

Para Candau (2011), esse jogo de recordar e olvidar está ligado ao mundo do sujeito e suas relações: o que ele traz do passado está recortado pela sua visão do presente, precisamente por sua posição social com o presente.

Na relação do sujeito com o discurso vale salientar, que na visão foucaultiana o sujeito não é o princípio, o fundamento do conhecimento, como explicita Rene Descartes<sup>18</sup>, mas ele é parte do conhecimento, é constituído historicamente por intermédio do conhecimento. “A arqueologia encontra o ponto de equilíbrio de sua análise no saber – isto é, em um domínio em que o sujeito é necessariamente situado e dependente, sem jamais possa ser considerado titular” (Foucault, 2016, p. 220). O sujeito é constituído pelas próprias práticas discursivas, ele pensa que é o senhor do discurso, mas é uma ilusão, o discurso se expressa pelo sujeito.

O discurso em linhas gerais é um fenômeno social. Podendo se consolidar de variadas formas tanto na fala (escrita e/ou oral), como em imagens, monumentos e arquitetura. É a linguagem que se está em uso. Revela concomitantemente o subjetivo (do sujeito que fala) com a voz social cheia de valores, posições sociais e políticas. No horizonte foucaultiano a relevância está pelas informações, pelas relações sociais.

A arqueologia pretende identificar em fenômenos diferentes, elementos comuns, com base na cisão de estudo de temporalidade linear utilizada por historiadores. São fatos ocorridos em tempos distintos, mas que trazem no seu seio recorrências. A história elaborada por fatos cronológicos e sucessíveis pode ser vista agora, diferentemente, a partir de suas dispersões, como a história do pensamento, dos saberes.

O problema para a arqueologia não é negar tais fenômenos, nem querer diminuir sua importância; mas, ao contrário, medi-los e tentar explicá-los: como pode haver permanências ou repetições, longos encadeamentos ou curvas que transpõem o tempo. [...] A arqueologia se propõe a inverter essa disposição, ou melhor, fazer atuar o contínuo e o descontínuo um contra o outro: mostrar como o contínuo é formado segundo as mesmas condições e conforme as mesmas regras que a dispersão; e que entra – nem mais nem menos que as diferenças, as invenções, as novidades ou os desvios – no campo da prática discursiva (Foucault, 2016, p. 220-221).

O método arqueológico não está abalizado no inerte, no estagnado, tem com o *monumentum*, sua ligação direta com o passado, com os enunciados consagrados e com as ausências dos enunciados, com a dinâmica da memória arqueológica, que para Benjamin (1987) “a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio.[...] Quem

---

<sup>18</sup> René Descartes (1596-1650) foi um filósofo, físico e matemático francês. Conhecido pela frase “Cogito, ergo sum” (penso, logo existo).

pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava solo.” A positividade de um discurso<sup>19</sup>; nesse contexto cumpre o papel do que se pode dizer um *a priori* histórico – que precisa ser capaz de constatar os enunciados em sua dispersão, de todo seu espalhamento. Um discurso tem vários sentidos ou verdades, uma história específica que lhe conduz a uma multiplicidade de práticas discursivas. “O *a priori* das positivities não é somente o sistema de uma dispersão temporal; ele próprio é um conjunto transformável” (Foucault, 2016, p. 156).

Todos esses sistemas de enunciados é o que Foucault nomeia de arquivo. Tratando-o como o sistema que direciona o surgimento dos enunciados como acontecimentos singulares, distinguindo os discursos de sua essência múltipla, os apontando em uma duração própria. Ele diz que o arquivo “define um nível particular: o da prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação. [...] É o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados” (Foucault, 2016, p. 159).

Para o deslindar do trabalho, adotamos o método arqueológico, explicitado por Foucault, na perspectiva de trabalharmos com o discurso de Luzia Teresa dos Santos e não com o sujeito que profere o discurso. Voltando no tempo, “sem temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo” (Benjamin, 1987, p. 239).

O *corpus* da pesquisa se constitui pela fala de Luzia, o que ela anuncia, aqui representado nos contos populares de sua autoria. Os “territórios arqueológicos podem atravessar textos ‘literários’ ou ‘filosóficos’, bem como textos científicos. O saber não está contido somente em demonstrações: pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas” (Foucault, 2016, p. 221).

Para aproximação com o objeto de estudo realizamos um levantamento dos contos de Luzia Teresa, reunindo-os numa perspectiva de conjunto, de contos entrelaçados, como uma grande teia, de um mesmo sistema discursivo. Metaforicamente, como uma grande árvore – a árvore dos contos de Luzia. Representação usada por Foucault quando se refere a *árvore de derivações de um discurso*, fala da força empregada pelas raízes, fortalecida no tronco, firmadas nos galhos, suavizados nos galhos delicados, até a fragilidade e dispersão das folhas. Sendo uma mesma árvore, os enunciados são do mesmo sistema.

---

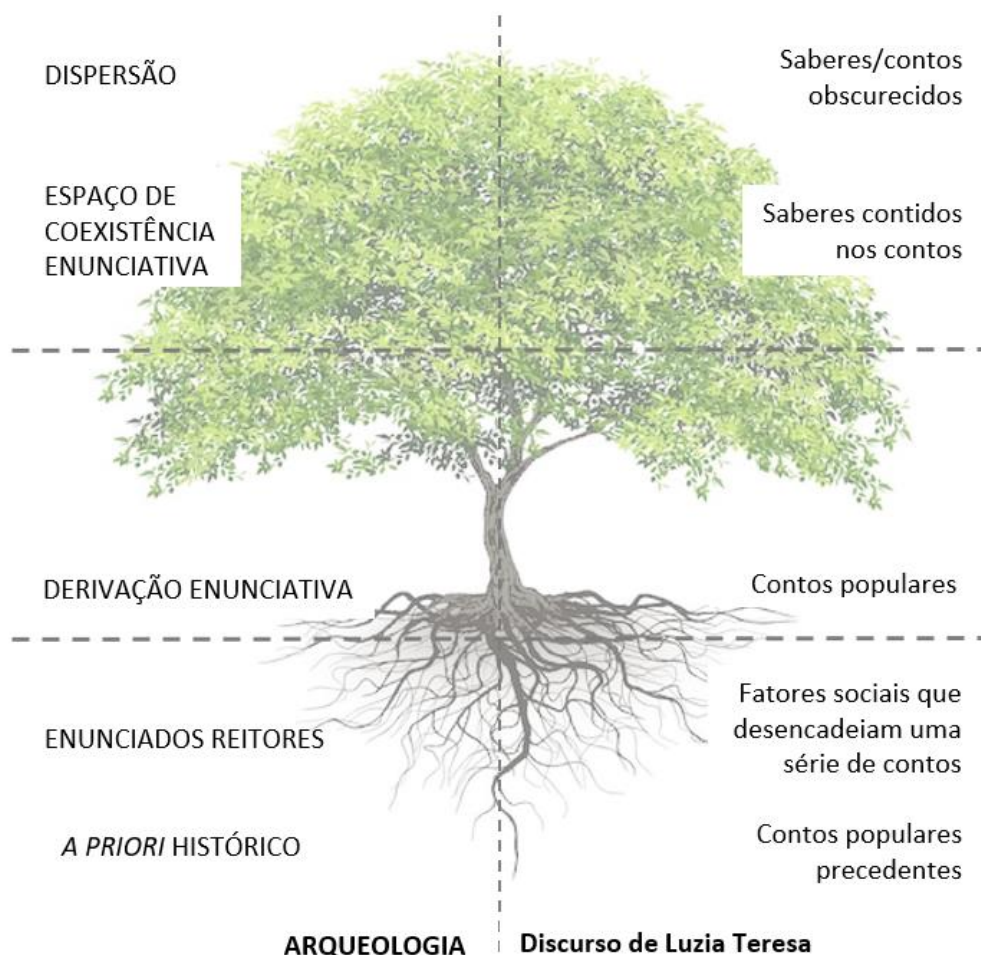
<sup>19</sup> Caracteriza a unidade através do tempo, vai além das obras individuais, ou de livros e textos (Foucault, 2018).

Assim, explana no livro: *A arqueologia do saber* a respeito da árvore de derivação enunciativa:

[...] em sua base, os enunciados que empregam as regras de formação em sua extensão mais ampla; no alto, e depois de um certo número de ramificações, os enunciados que empregam a mesma regularidade, porém mais sutilmente articulada, mais bem delimitada e localizada em sua extensão (Foucault, 2008, p. 180).

Na árvore dos enunciados, não existe o enunciado singular, já que todos estão interligados, ocupando espaços diferentes, sobre a mesma formação, em um mesmo sistema regular. Destarte, o universo do trabalho é a própria árvore - una, e o corpus da pesquisa está tanto nas raízes, no tronco, como em parte dos galhos e das folhagens. Salientamos que esse feitio exterioriza a forma do pensar, que necessariamente os elementos, fatores e objetos não são fixos. Lembramos a organicidade da árvore, com todos os níveis interligados, tendo simultaneamente: dispersões/convergências, obscurecimento/elucidação, contínuo/interrupto e heterogeneidade/ homogeneidade. Esse jogo representa “um relacionamento que caracteriza a própria prática discursiva; [...] um conjunto de regras que são imanentes a uma prática e a definem em sua especificidade” (Foucault, 2008, p. 56-57).

Começamos a destrinchar os contos de Luzia nessa árvore foucaultiana, verificando em qual galho estará tal conto, quais os galhos mestres, o que se localiza nas folhas mais altas. De forma, a identificarmos os enunciados nucleares, mais abrangentes, e os especializados. Segue o Ilustração 2, com a visão da *árvore de derivações do discurso*.

**Ilustração 2 – Árvore de derivações do discurso/Discurso de Luzia Teresa**

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora, 2022<sup>20</sup>.

Segundo Foucault (2008), alguns grupos de enunciados utilizam essas regras e na observação podemos enxergar como outros objetos, ou outras estratégias são formadas. Existem os enunciados que formam a base discursiva, são concentrados e abrangentes, consistindo no seu centro a origem de outros enunciados. Eles são os *enunciados reitores* que se localizam junto à raiz da árvore, com códigos que permitem várias possibilidades de conceitos a serem construídos. No florescimento da árvore, nas pontas dos galhos, “ela encontrará ‘descobertas’, transformações conceituais, emergências de noções inéditas, atualizações técnicas” (Foucault, 2008, p. 180).

O enunciado reitor não é a origem de um saber, mas a sua matriz. A partir dele teremos uma série enunciativa, funcionando diversos discursos. pela essa rede interligada, por esses galhos que se comunicam, não enfocando a sistematicidade, nem a sucessão cronológica. Nesse

<sup>20</sup> Imagem de fundo da árvore disponível no site <https://br.freepik.com/vetores/arvore-desenho>. Acesso em 27 ago. 2022. (Ilustração 2 e 4).

sentido, a decisão arqueológica é pelas relações de dependências, pelas diversas lembranças que são reconectadas, pela escavação no meio dos saberes.

São essas pistas, vestígios infomemoriais, contidas no arquivo, que observamos o objeto, no “domínio das coisas ditas”. Após as escavações das camadas, trazermos a cota zero – à superfície, desvelando-as à sociedade.

### 2.3 MINICONTO – O MÉTODO INDICIÁRIO

Vimos a possibilidade de caminhar, também, com o método indiciário, na observação do *corpus*, numa associação pela necessidade de escavar com desvelo, de desvendar os resquícios, indícios de dados marginais. Ginzburg (1989) nos fala de uma “realidade opaca”, de controle social, onde estamos envolvidos nas “névoas da ideologia”, mas no próprio paradigma indiciário é possível locais distintos, onde encontramos sinais e indícios. No sentido, de que com o rastreamento de sinais seja possível identificar eventos, sem a necessidade de vê-los como um todo. São conhecimentos, saberes, que estão na fronteira entre o rigor da ciência e as formas criativas, contidas em contos, mitos, poesia, literatura e outros.

Minúsculas particularidades paleográficas foram empregadas como pistas que permitiam reconstruir trocas e transformações culturais. [...] alguns indícios mínimos eram assumidos como elementos reveladores de fenômenos mais gerais: a visão de um mundo de uma classe social, de um escritor ou de toda a sociedade (Ginzburg, 1989, p. 177-178).

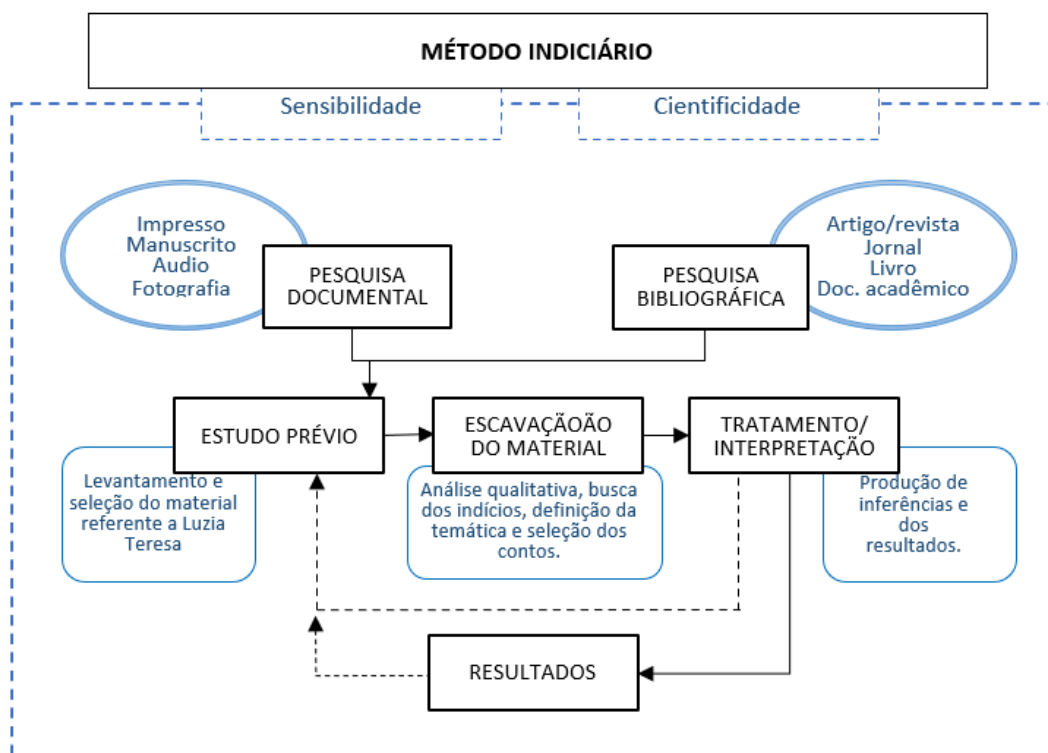
Ao referir-se ao método indiciário Ginzburg (1989) traz o exemplo do caçador a procura de sua presa, que rastreia as pistas, sendo necessário atenção e cuidado na identificação dos vestígios deixados pelo animal. É descortinando nessa procura, na exaustão das fontes, numa análise minuciosa, na interpretação dos vestígios infomemoriais, nos dados ocultados, pela hegemonia, que vemos o elo com o método foucaultiano. Os indícios se apresentam dispersos, mesmos num levantamento criterioso uma nova fonte pode aparecer no percurso do trabalho. Como um novo rastro que aparece ao caçador. São as fontes involuntárias, que chegam ao pesquisador e cabe a ele o discernimento para introduzir ou não na pesquisa. É preciso sensibilidade, intuição e trato para acomodar os novos vestígios, na construção da narrativa, na análise do discurso com base nos indícios infomemoriais.

É justamente, essa sensibilidade, que queremos ao lermos os contos de Luzia Teresa, para podermos ter a perspicácia de identificarmos o que deve ser alçado a pesquisa, o que vai fazer parte do recorte de estudo, dentro da grande massa de discursos – o arquivo de Luzia.

Como também, ter esse senso de direcionamento na realização das entrevistas e nos tratos das informações subjetivas. Essa pesquisa utiliza-se da abordagem qualitativa, compreendendo a realidade dos fatos, investigando um problema que não se pode quantificar, buscando esclarecer a dinâmica das relações sociais, trabalhando com um universo de significados e valores. Nesta perspectiva, Richardson (2008, p. 79) afirma que “a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”.

Firmando o caráter científico, no sentido de confirmar ou refutar a hipótese, com o apanhado dos fragmentos, das pistas, das relações contidas nos discursos de Luzia Teresa, com análise, organização e reflexão; a luz da nossa contemporaneidade. Mediante o volume de contos de Luzia Teresa, necessitamos abarcar as particularidades dos discursos, com sensibilidade, aguçando a intuição do pesquisador na trilha do objeto de estudo. Com esse panorama, apresentamos o fluxograma das etapas de pesquisa e o método indiciário (Ver Ilustração 3).

**Ilustração 3 – Diagrama das etapas da pesquisa/ Método indiciário**



Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora, 2022.

Trabalhar com o acervo de Luzia Teresa, na perspectiva desta pesquisa, é enxergá-lo com olhos premeditados, na busca dos vestígios infomemoriais, seguindo o método que direcione com segurança nessa busca. Podendo selecionar o material, classificar, examinar e fazer inferências sobre os saberes identificados nos contos.

#### 2.4 MINICONTO – OS MÉTODOS E OS CONTOS

Para a escavação e/ou caça dos indícios/rastros de saberes, iniciamos estabelecendo a seleção e análise do conjunto das obras de Luzia Teresa já publicados e de domínio público. Com a pesquisa bibliográfica enveredamos por títulos e teóricos que abordam sobre contos populares, literatura, memória (individual, coletiva, espaços, monumentos, esquecimentos), relações sociais e informação. Em seguida, passamos a pesquisa documental identificando alguns panfletos, fotos, manuscritos e material sonoro. Importante ressaltar, que referente as fitas de áudio (fitas de rolo) estavam muito deterioradas e sem equipamento apropriado para leitura. Utilizamos e ouvimos CD's que foram produzidos, há algum tempo, com reproduções dessas fitas de rolo e fitas cassetes. Fato que Ginzburg (1989) comenta sobre fontes que chegam ao processo, durante o percurso, e se faz necessário a sensibilidade do pesquisador em absorvê-las ou não.

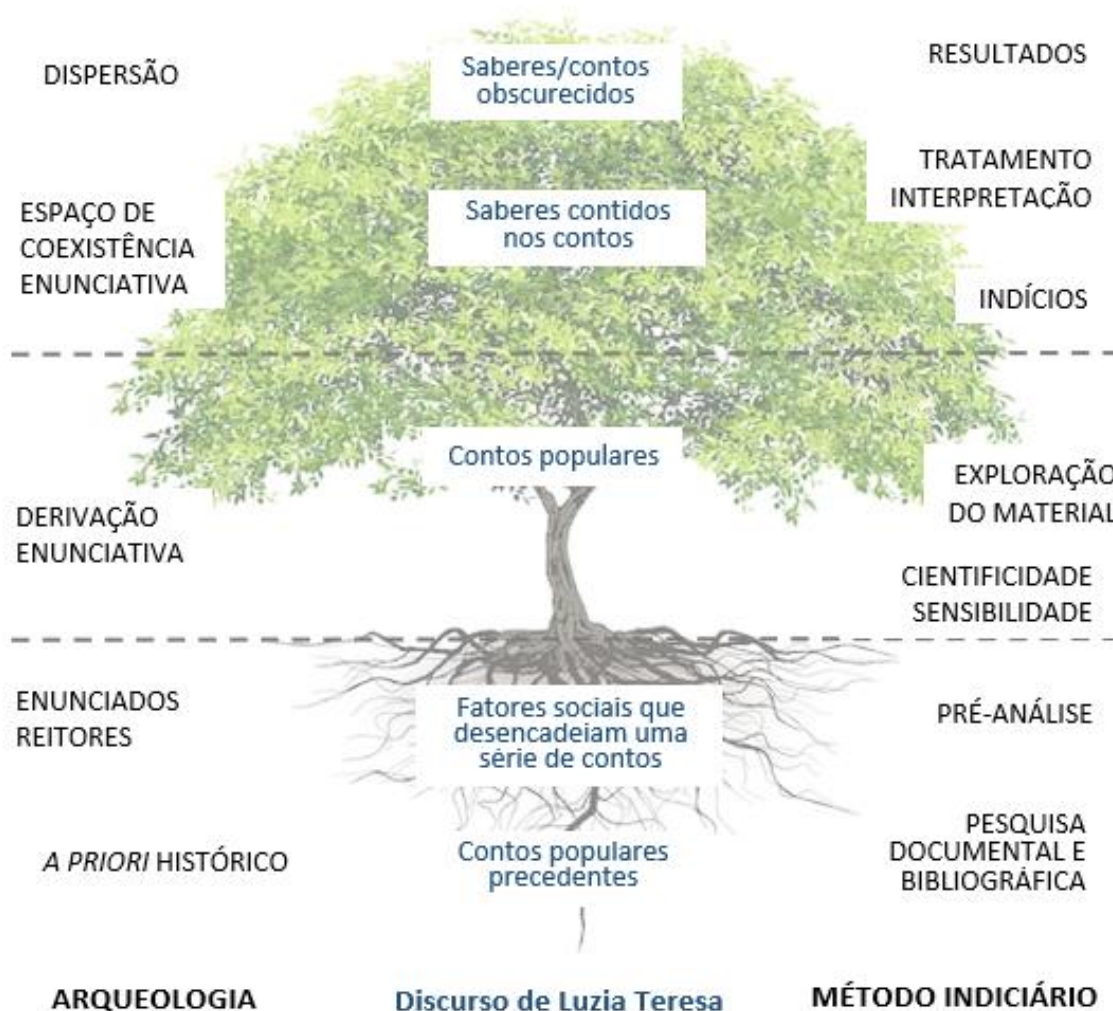
No segundo momento, passamos a estudar e a escrever sobre as questões que fundamentam este trabalho, estabelecendo um percurso de entendimento científico sobre as temáticas e o diálogo com os teóricos da área. Concomitantemente, enveredamos pelos contos de Luzia Teresa, que estão registrados por meio da escrita. Lê e reler, anotar e observar os indícios infomemoriais, que tratam de fenômenos sociais.

Selecionamos alguns contos para análise específica com o intuito de observar, que vestígios encontramos nos contos de Luzia, nos seus enunciados que versam sobre essa questão. Criando um cenário infomemorial, no qual procuramos analisar os discursos sob o conjunto da arqueologia do saber e do paradigma indiciário. Paralelamente ao processo de análise e inferências realizamos diversas visitas periódicas ao NUPPO/UFPB, para pesquisa no acervo.

Ainda sobre os métodos arqueológicos e indiciários, procuramos trabalhá-los com uma correlação de ideias que se somam no mesmo escopo. Trazendo encaminhamentos onde um ou outro se complementam. Os contos populares fazem parte de um campo de ideias atravessado pelas subjetividades, sendo necessário o pesquisador se fortalecer metodologicamente, para a identificação dos vestígios, como também no discernimento das análises e decisões. Assim,

apresentamos a Ilustração 4, o infográfico com a resultante da união dos métodos e do discurso de Luzia Teresa.

**Ilustração 4 – Abordagem Arqueciária**



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Tomamos a liberdade de nominar essa união de Abordagem Arqueciária, que não deve ser interpretada como perturbações teóricas metodológicas, de um apanhando de métodos; e sim como resolutividade para o acolhimento de diversos critérios no processo e para arrimo nas tomadas de decisões. Unindo os dois métodos – arqueologia e indiciário – para estudo do objeto da pesquisa. Desta forma, metodologicamente podemos falar de um método misto, uma forma de escolher melhor o caminho a ser seguido.

Tratemos adiante sobre o local de fala de Luzia, seu tempo, os contos e a **sociedade**. Enveredando, logo após, com questões de **memória**, literatura, contos populares, Luzia e vestígios **infomemoriais**.

### **Nasceu Luzia**

Lá vem o bebê,  
nascido no seio do campo,  
com bênçãos ancestrais.

Lá vem Luzia,  
que também é Teresa,  
que também é todos os Santos.

Menina em flor de terra,  
do serviço de capinagem, ao cozinhado,  
da vida dura, do trabalho sem fim.

Moça de alma brilhante,  
com rosto enluarado,  
cabelos encaracolados.

Mulher de força no olhar,  
de doçura na voz,  
de pequenina a gigante.

Luzia Teresa dos Santos.  
Encantadora misteriosa.  
Contadora de histórias.

(Luciana Dias, 2022)

## 3 TERCEIRO CONTO – NO REINADO DE LUZIA

O reinado de Luzia - seu local de fala, é o da narradora, contadora de contos populares, natural de Guarabira, Paraíba, que nasceu na primeira década do século XX, mas traz na sua memória as histórias que aprendeu na infância, sobre o mundo fantástico do ser humano do final do século XIX.

### 3.1 MINICONTO – O TEMPO DE LUZIA

Luzia Teresa, nome pela qual é conhecida, nasceu numa região rural próxima a cidade de Guarabira. Luzia Teresa dos Santos, filha de Teresa dos Santos, nasceu em 1911, como consta em sua carteira de identidade (Ver Ilustração 5), mas a mesma afirmava ter nascido em 1909 (dois anos antes), veio a falecer em 1983. Aos oito anos de idade, já trabalhava na roça e ajudava o pai na criação dos irmãos, visto que sua mãe falecera. Casou-se aos 25 anos e foi morar em João Pessoa, capital da Paraíba.

**Ilustração 5 – Carteira de Identidade de Luzia Teresa (frente e verso)**



Fonte: Acervo do NUPPO/UFPB, 2023.

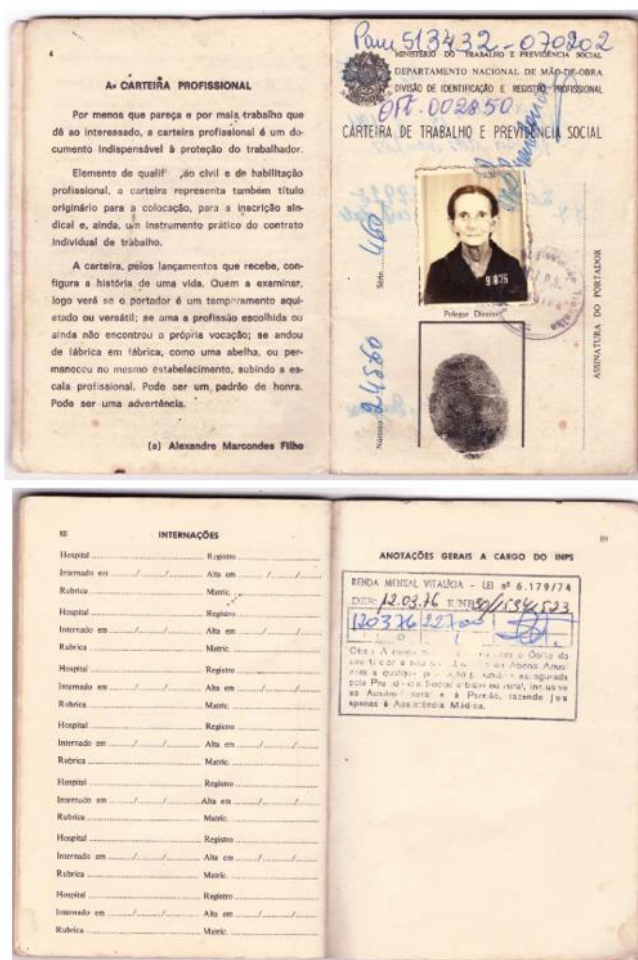
Sua rica memória com histórias vem desde criança, quando ouvia histórias nas vizinhanças, que se reuniam a noite e ficavam conversando; e nos trabalhos rurais coletivos, como as farinhadas e debulhas de feijão. Ela dizia que seu marido sabia muitos contos, que os

aprendeu com ele e com um velhinho, vizinho da casa onde morava em João Pessoa. Por ser iletrada, seus aprendizados e conhecimentos vêm da literatura oral e desta forma os passou adiante, a várias pessoas que lhe ouvia narrar suas histórias.

Parte da obra de Luzia Teresa foi publicada em livros, a outra parte continua em meios magnéticos, inéditas, ainda inexploradas e guardadas no Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular - NUPPO, da Universidade Federal Paraíba - UFPB. O acervo das histórias de Luzia conta com 242 (duzentos e quarenta e dois) contos populares. São gravações realizadas por pesquisadores do Núcleo durante seis anos. A última história gravada de Luzia Teresa foi “Menina do Cabelo de Ouro”, em janeiro de 1983, quando estava internada no Hospital Padre Zé. Veio a falecer em maio, do mesmo ano, com 74 anos de idade.

Em sua Carteira de Trabalho (Ver Ilustração 6) não encontramos registros, além das anotações da aposentadoria. Foi aposentada pela Lei nº 6.179/1974, com o amparo previdenciário chamado de renda mensal vitalícia, para pessoas maiores de 70 anos de idade.

**Ilustração 6 – Carteira de Trabalho de Luzia Teresa (frente e verso)**



Fonte: Acervo do NUPPO/UFPB, 2023.

A respeito dessas gravações, sobre a força expressiva em narrar história, do seu contar que carrega características de seu povo e sobre a própria Luzia, Altimar Pimentel faz um breve relato, registrado pelo Projeto de Disponibilização do Museu de Cultura Popular (PDMCP)<sup>21</sup>, este museu é integrante do NUPPO.

Naquela mulher, já chegada à velhice, mais ossos que carne, sisuda, sossegada, era impossível imaginar a força interior da narradora de memória privilegiada a guardar exemplares os mais expressivos da literatura oral de seu povo.[...]. Durante três anos vi-a narrar suas estórias, algumas, acredito, de sua criação; em todas, o guardado do povo nordestino, paraibano, repassadas por uma sensibilidade e formação religiosa bastante características. A experiência significou uma descoberta extraordinária para a minha compreensão do sentir e pensar da gente simples. Luzia Tereza dos Santos em aprendizado vindo da infância e somado aos saberes que seu marido legou, salvou do esquecimento total um acervo registrado em fitas magnéticas e deixou-nos sua voz e o cabedal único de suas estórias (Pimentel, 2001, *online*).

Luzia tinha esse poder de transmitir os textos de sua memória com vivacidade, com voz envolvente que cativava seus ouvintes. Sendo a literatura oral, meio de comunicação das suas histórias, do seu pensar, do seu saber, mais os diversos saberes que lhes atravessavam, fruto de suas relações sociais, fruto de sua vida.

### 3.1.1 – A literatura oral e o conto popular

O conto popular traz no seu seio a expressão do pensamento de uma época, indícios de um povo, de uma cultura e suas práticas. São histórias contidas na Bíblia, nas tramas de Shakespeare, nas fábulas populares de Esopo, no folclore africano, nas histórias indígenas, nas poesias de Cecília Meireles, nos textos de Ariano Suassuna, na dramaturgia de Lourdes Ramalho, nos contos de Luzia Teresa e de tantos outros autores/atores culturais. Desde a era primitiva à nossa contemporaneidade, em diversos locais do mundo oriental e ocidental, temos registros das histórias orais populares, cada um com suas características. São conservados até os dias de hoje, com renovação, enriquecimento, com enxertos de particularidades próprias de cada região onde são transmitidas.

Segundo De Nícola (1985, p. 12) o conto “apresenta-se como a novela, mas com uma narração mais densa e breve”. A novela é uma cena curta da vida, trazendo um conflito, mais

---

<sup>21</sup> Este projeto faz parte do Laboratório de Estudos Etnomusicológicas - LABEET, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes – CCTA/ UFPB. Disponível em <https://plone.ufpb.br/labeet/contents/paginas/acervo-pdmcp>. Acesso em: 28 ago. 2022.

plausível do que fantasioso, é uma “breve, mas viva narração de um fato humano notável” (De Nicola, 1985, p. 12).

Os contos populares do **tempo de Luzia** são recheados de casos extraordinários que seus personagens vivem. Narrativas fantásticas que trazem no seu arcabouço traços da realidade, misturando tempos, locais, pessoas, animais, seres mágicos, com cenas que trazem identificação para seu ouvinte. Luzia é uma pessoa do povo, vinda de zona rural, arraigada pelo costume de ouvir histórias sentada na soleira da porta de casa, prestando atenção nos causos que as pessoas contavam, nas rodas de conversas das noites de lua cheia, e desta forma passou a narrá-los. Para Rosa (2018) “as pessoas sempre se reuniram para contar e também ouvir histórias. Histórias que seguem para frente. Ou para frente, retornando. Variam de assuntos e nos modos de contar, mas não perdem sua força. Contar histórias se faz, permanecendo, através do tempo” (Rosa, 2018, p. 17).

Neste sentido Aragão (1992) comenta sobre a origem e permanência do conto popular na nossa sociedade. Esclarecendo que

É uma espécie de narrativa, com relato curto, número reduzido de personagens (pessoas ou animais), de esquema temporal restrito, ambiência normalmente lendária, unidade de espaço, técnica e tom. O conto popular tem suas origens no seio do povo, principalmente nas zonas rurais onde o "contar histórias" ainda resiste, não obstante a popularização dos meios de comunicação de massa (Aragão, 1992, p. 109).

O texto oral é fonte de conhecimento de um povo, nele temos a representatividade de suas ideias, do seu viver. Ele “mantém uma relação íntima com as pessoas, acompanhando o pulsar dos seus sentimentos, veiculando as suas emoções, participando do seu cotidiano” (Alcoforado, 2008, p.115).

Segundo Pimentel (1995), a recolha de contos dos irmãos Grimm, de vários narradores totaliza em 200 estórias. Luzia Teresa destaca-se no contexto, local, nacional e internacional por ter narrado 242 contos, superando sozinha os irmãos Grimm. A obra traz essa voz coletiva com uma grande variedade de contos. As informações contidas nessa vasta obra trazem o vestígio de um fluxo literocultural e social.

Luzia não só, apenas, narrava as histórias, mas as interpretava com variação de vozes, atraindo a atenção do seu ouvinte e o surpreendendo ao criar uma gestualidade que intensificava a narrativa. “Impressionava [...] a expressividade dos rostos, dos braços magros e longos, das mãos descarnadas que se erguiam ou que ela utilizava em gesticulações tão precisas” (Pimentel, 1995, p. 399). Alcoforado (2008) explica que o “efeito vocal e teatral que a presença física do

enunciador traz para o ato da performance imprimem um poder especial de persuasão, resultando em um maior envolvimento emocional da plateia” (Alcoforado, 2008, p.114). Podemos observar seu gesticular e expressões nas Ilustrações: 7 e 8, que nos traz à cena esses momentos de contação de histórias para crianças, na cidade de Bayeux, em 1979.

**Ilustração 7 – Luzia contando histórias para crianças (1979)**



Fonte: Acervo NUPPO/UFPB, 2022.

**Ilustração 8 – Gestualidade de Luzia Teresa ao contar histórias (1979)**



Fonte: Acervo NUPPO/UFPB, 2022.

As Ilustrações 7 e 8 são ambientadas no mesmo local e circunstância, no verso da foto 7, tem a seguinte anotação (Ver Ilustração 9).

**Ilustração 9 – Indicação sobre a foto (verso da foto 7)**

*Luzia Fuzza dos Santos (contadora de Estórias)  
Contando Estórias na casa do Mestre Raimundo  
(Suzoza Mestre do Cavalo Maniúcho de Bayeux)  
Bayeux/Pb. 1979*

Fonte: Acervo NUPPO/UFPB, 2022.

Essa anotação é um vestígio significativo para a pesquisa, no sentido de entendermos seu contexto, quem eram as pessoas com quem Luzia Teresa se relacionava. Neste caso, a indicação diz que ela contava histórias na casa do Mestre Gasosa, uma pessoa diretamente ligada à cultura popular, foi um dos maiores mestres do Cavalo Marinho. Ele, o dono da casa, José Raimundo da Silva viveu até o ano de 2003.

Ouvir/ler os contos populares de Luzia Teresa, guarabirense, paraibana, sob uma perspectiva social, é perceber que ela narra além de suas obras, é enxergar as entrelinhas do seu discurso, os costumes da região, a forma do seu povo agir. É observar o que foi dito, e não dito. É entender que seu discurso pode “revelar os movimentos da vida de um indivíduo e as alterações que ocorrem no tempo e no espaço” (Córdula, 2015, p. 78). A esse respeito Foucault (1992, p. 133) comenta que “a escrita transforma a coisa vista ou ouvida ‘em forças e em sangue’. Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de acção racional”. Esse teórico explica que a escrita<sup>22</sup> deixa transparecer o escritor, que se é possível enxergar o ser.

É a própria alma que há que constituir naquilo que se escreve; todavia, tal como um homem traz no rosto a semelhança natural com os seus antepassados, assim é bom que se possa perceber naquilo que escreve a filiação dos pensamentos que ficaram gravados na sua alma. Pelo jogo das leituras escolhidas e da escrita assimiladora, deve tornar-se possível formar para si próprio uma identidade através da qual se lê uma genealogia espiritual inteira (Foucault, 1992, p. 133).

Luzia Teresa possui sua escrita na literatura oral, meio que usou para suas narrativas. Salientamos que seus contos tanto trazem esse indício subjetivo do seu Eu, nas particularidades de sua pessoa, como dos vestígios sociais arraigados de sua cultura. Para Benjamin (2012), o narrador, pessoa como Luzia, é capaz de nas suas histórias ter o acervo de toda sua vida,

uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O Narrador infunde a sua substância mais íntima também naquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é conta-la *inteira* (Benjamin, 2012, p. 240).

A literatura oral é viva, é imanente a um povo, traz seus costumes, crenças e significações. Os narradores populares com seus contos populares expressam fatos de sua vida, como as relações de um viver social. Assim, “quem escuta uma história está em companhia do

---

<sup>22</sup> Em Luzia Teresa sua escrita é seu discurso, seus contos, seus enunciados.

narrador; mesmo quem lê partilha dessa companhia” (Benjamin, 2012, p. 230). Então ler, ouvir, tomar conhecimento dos contos de Luzia é mergulhar no tempo de Luzia.

### 3.1.2 – O conto, a memória e a vida em sociedade

Os contos populares, as fábulas, as trovas, as cantigas de roda, as crendices, as parlendas, e tantas outras formas de literatura popular são constituídos por essas memórias que formam a concepção de mundo, que “são transmitidas de geração a geração pela língua, falada e/ou escrita, tornando evidente que a língua representa e guarda as marcas sociais e culturais daquela comunidade que a utiliza” (Aragão, 2005, p. 05). Elas estão presentes em vários momentos da vida dos homens, às vezes de maneira mais acentuada e por vezes tênues. “O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mais medidas pelos mesmos padrões das verdades ocorridas. Portanto, a literatura é parte da vida” (Córdula, 2019, p. 55).

Os contos populares de Luzia Teresa são “uma verdadeira biblioteca da literatura oral brasileira, com suas heranças europeias, indígenas e africanas” (Pimentel, 2001, p. 10). A diversidade de sua obra guarda a memória social de sua época. Para Melo (2001, orelha do livro) não existe registro sobre uma narradora desenvolta e genial, “no Brasil ou no exterior do que essa mulher do povo da Paraíba”.

A literatura oral tradicional incita seus ouvintes a trabalharem a imaginação, mexe com o pensamento abstrato, procurando trazer visualidade das cenas ouvidas, a partir da experiência pessoal de cada um. Por isso, a literatura oral provoca reações particulares em cada ouvinte, sendo uma experiência única para cada pessoa. Essas experiências fazem parte do contexto social do ser, que refletem os costumes e tradições da sociedade. É por isso, que ao se ouvir uma história, mesmo que ela se passe em contexto diferenciado encontramos aspectos de identificação, sejam: sentimentais, sócias, culturais, econômicos e políticos.

O tempo de Luzia é o de contadora de histórias, que sabe parar para escutar e falar. Ela conta histórias de uma forma muito particular, unindo suas memórias, com suas vivências, num contexto de reelaboração e reinterpretação. “O patrimônio cultural, armazenado na memória coletiva, não tem dono, é propriedade de todos. Dessa forma, ao transmiti-lo como coisa sua, o transmissor se dá o direito de nele intervir” (Alcoforado, 2008, p. 112). Segundo Pimentel (1995), Luzia Teresa recria nos seus contos as estórias dos Grimm, de Perrault e de diversas localidades do mundo, que aqui chegaram por via transmissão oral, de povo a povo. Para esse teórico, Luzia Teresa se destaca não apenas por sua capacidade de memorização, mas pelo

fato de concentrar no *corpus* constituído pelos contos por ela narrados o saber, a psicologia, o modo de sentir e pensar da gente simples, iletrada, que tem na oralidade o seu meio de comunicação e que, na verdade, é o repositório das tradições mais legítimas de nossa nacionalidade (Pimentel, 1995, p. 01).

As histórias transmitidas por Luzia Teresa tanto possuem traços de verossimilhança, como de ficção. E esta, muitas vezes, traz no seu contexto fantástico indícios da realidade em uma roupagem diferenciada, fatos reais misturados ao mundo fictício. Para Coluccio (2001), quando essa contadora de histórias narra, não é sua voz que escutamos, e sim “a voz dos séculos sedimentados no coração e na alma desta mulher excepcional que pôde reter as palavras que a oralidade lhe ia transmitindo, dia a dia, com fadas boas e más, príncipes e aventureiros, reis e pajens, cavaleiros e escudeiros, ...” (Coluccio, 2001, p. 16). No meio de tantas histórias e peripécias dos contos populares Luzia Teresa se faz como pessoa simples. Nos seus contos percebemos indícios que compõem o contexto rural no qual viveu, expressões que não usamos atualmente e um tom moralizante. Aragão (2005, p. 01) explica que as “relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, muitas vezes, torna-se difícil separar uma da outra ou dizer onde uma termina e a outra começa”. Para Pimentel (1995) nas narrações de Luzia Teresa:

Observam-se não só construções frásicas bastante curiosas, como expressões, termos já em desuso ou desconhecidos, por ela empregados, como se fossem próprios da narrativa, a ela inerentes. Acrescenta-se a estes aspectos de coerência da fabulação, o encadeamento lógico dos episódios para que se aquilate a importância dessa narradora não apenas em transmitir estórias, mas em fazê-lo com segurança, expressividade, força e beleza” (Pimentel, 1995, p. 399).

O conto popular nascedouro no povo, como expressão da sua cultura traz implícito uma diversificada e densa gama de conhecimentos sobre ele mesmo. Assim, “revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos” (Cascudo, 2014, p. 05). Compreender a literatura oral é entender que ela faz parte da cultura do ser humano, como memória viva, que traz um horizonte com várias possibilidades, que transmite valores e conhecimentos para as gerações. Nessa perspectiva, a literatura oral anda passo a passo com as mudanças da sociedade nos seus diversos aspectos, cabendo a memória sua atualização.

A literatura oral nos remete a mais longínqua memória que podemos ter. O contador de histórias traduz na sua fala uma linguagem coletiva, são vozes de antepassados que vão se somando a sua voz, são reminiscências trazidas à tona, pelas várias memórias passadas de

legado a legado. Essa voz coletiva é singular, pois está na memória de quem fala, é transfigurada no ato da fala, é própria e autônoma. Pollak (1989, p. 03) comenta a teoria de Maurice Halbwachs no sentido que as memórias possuem pontos que se relacionam e que “a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum”.

A dinâmica memorista é diversa, ora integra, ora expõe, ora esconde fatos, ora os silencia. Bosi (2003) corrobora expondo que a “memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo” (Bosi, 2003, p. 11). Melo (2001, orelha do livro) relata que “essa mulher do povo foi um fenômeno incrível de memória e recriação de histórias infantis”. Consolidando esse pensar, Câmara Cascudo (2014) diz que o conto “é um vértice de ângulo dessa memória e dessa imaginação. A memória conserva os traços gerais, esquematizadores, o arcabouço do edifício. A imaginação modifica, ampliando pela assimilação, enxertias ou abandonos de pormenores, certos aspectos da narrativa” (Cascudo, 2014, p. 03).

As informações sociais que permeiam o tempo de Luzia, seu contexto de vida, sua visão de mundo e experiências estão refletidas nas suas histórias. Os contos de Luzia trazem uma carga de reminiscências e aspectos culturais. Luzia Teresa se destaca não só pela quantidade de histórias que lhe dá o devido destaque, mas, também, por sua capacidade memorialística e interpretativa que une nas suas narrações o passado e seu presente, sendo um registro de maior relevância no contexto de informações sociais.

Adentrar no tempo de Luzia, pelos seus contos é “ao mesmo tempo, ser ouvinte e narrador, possibilitando a passagem da memória para dar existência escritural à fala” (Oliveira, 2010, p. 93). Nesse sentido, percorremos os contos de Luzia Teresa não numa mera reconstituição de tentativa histórica memorialística, mas sobre o panorama da Ciência da Informação, trazendo luz aos indícios de informações, organizando-os e devolvendo-os à sociedade, num contexto infomemorial.

### 3.2 MINICONTO – NA CASA DE MNEMOSYNES

A memória é um elemento valioso da vida do ser humano. Como agir sem lembrar do que já fizemos? Como viver sem saber da nossa história? Vivemos no presente, mas carregamos uma ligação com o passado, pois é ele que substância nossas ações futuras. A memória é a rainha das recordações. “A memória é, acima de tudo, uma reconstrução atualizada do passado”

(Candau, 2011, p. 3). Na pré-história ágrafa a memória exercia papel fundamental, como força não só mantenedora, mas criadora, impulsionadora de novos agires, o início do pensar humano.

Os gregos percebiam isso quando reverenciavam a deusa Mnemosynes, que permitia que os poetas voltassem ao passado, e lembrassem através de sua arte fatos e feitos humanos notáveis. Ao serem destacados passavam a ser imortais, pois foram alçados do mundo do esquecimento para o mundo memorável.

Diz a lenda, que o poeta Simônides de Keos ao terminar de recitar seus versos, no palácio de Skopas, retirou-se do recinto e em seguida o salão desabou mutilando e sepultando todos os presentes. Graças a sua capacidade de memorização pode ajudar as famílias identificando os corpos pela localização em que se encontravam. Dois aspectos importantes chamam atenção nessa lenda, a utilização da mnemotécnica - técnica de memorização, escrita mental da imagem associada à sua localização - e a memorização dos mortos, só possível pela sua identificação, os parentes puderam ter certeza que estavam com o corpo correto e honrá-los com dignidade. A contribuição de Simônides foi “eternizada na lenda como o poder que a memória humana teria sobre a morte e à destruição” (Assmann, 2011, p. 40).

A mnemotécnica, como um procedimento mecânico que não utiliza a dimensão do tempo, caracteriza-se por trabalhar com a memória no sentido técnico. Diferentemente da memória como “potência”, em dimensão antropológica, que envolve ações culturais da recordação e do esquecimento. Numa memória que é dinâmica e não um simples receptor - um vaso que acomoda conteúdos, mas que é fluida em forças e leis próprias no ato de recordar ou não.

### 3.2.1 – Memória e informação

Vive-se numa sociedade permeada de informações que são constituídas como produto cultural das ações e fazeres humanos, que englobam determinada coletividade. A informação sendo fruto das ações sociais é dependente dos seus atores sociais, no tempo, no espaço e na sociedade. A informação é um artefato, é um produto social, assim sendo totalmente dependente da cultura. A memória exerce fundamental papel social na constituição da cultura de uma sociedade. É, sem dúvida, um elemento que caracteriza o ser humano. Ela é ativa, viva e atualizada no presente, no espaço temporal que traz o passado e presente o futuro. A cultura popular, baseada na oralidade demanda de seus agentes um imenso trabalho de memorização, “pois só quem tem uma boa memória é capaz de adquirir um repertório significativo dos saberes dessa cultura” (Bezerra; Sampaio; Rodrigues, 2018, p. 190).

Ouvir e narrar histórias fazem parte do cotidiano das pessoas. Desde cedo aprendemos a contar história, seja simples ou complexa. Pode ser em casa quando se pergunta à criança: O que fez? O que lanchou? Ou quando adulto: Como foi seu dia de trabalho? O que aconteceu no filme? Como foi o jogo? O que a vizinha disse? São inúmeras situações diárias que se narram a outrem sobre o dia (fatos que acabaram de ocorrer). Ou quando se pergunta por fatos passado (há mais tempo): - A festa do ano passado foi boa? Sabia que seu tio, quando adolescente, queria ser jornalista? Ou no desejo de um futuro: Vou mudar de cidade e estabelecer um negócio próprio! Refletir sobre as ações do hoje, olhar o passado e sonhar com o futuro são ações humanas que orientam o homem no seu agir. Trazem-lhe conhecimento sobre sua trajetória, orientando-o e imbuindo-o dos seus laços sociais. O homem é um ser social que vivencia sua cultura desde o seu nascimento, desde pequeno inicia-se no aprendizado do viver, nas regras sociais familiares e por decorrência do mundo exterior.

A memória é uma faculdade presente desde o nascimento e a aparição da espécie humana – torna-se difícil consentir sobre a preeminência de uma sobre a outra quando se considera o homem em sociedade. De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução (Candau, 2011, p. 19).

Os contos de Luzia revelam sua memória. Fatos e histórias que relembra desde quando trabalhava na roça de sua família, ou quando moça, fazendo parte dos trabalhos coletivos de farinhadas, de debulha de feijão e das rodas de conversas. Todo o seu viver repercutiu na sua memória, num uníssono inerente ao seu ser. Candau (2011, p. 36) explica que mesmo que uma sociedade comungue de um conjunto de lembranças, cada participante terá sequências diferentes de evocações de lembranças, pois cada cérebro pode fazer inúmeras combinações de sequências.

A cultura possui dimensão coletiva, mesmo em se tratando de cultura “individual” ou “local”, de uma determinada região. Ela expressa a língua, a crença, o costume, a arte, ..., o estilo/atitude própria de cada núcleo social, num fluxo que instiga a conduta dos viventes. Quando se fala de cultura reverbera uma polissemia de sentidos. Luzia nos conta histórias que trazem informações culturais, que se consolidam nas identidades coletivas e fazem parte do patrimônio cultural da sociedade. Ao se narrar um fato corriqueiro do dia a dia e recontá-lo inúmeras vezes, acrescentando e diminuindo informações, conforme as circunstâncias sociais do momento, este fato é ressignificado. “A informação implicará sempre em recontextualização, porque sua dimensão espacial é extremamente dinâmica” (Pacheco, 1995,

p. 21). O fato transformado em história, passado de geração a geração, sedimentado na memória cultural do seu povo, passa a pertencer ao patrimônio cultural de sua sociedade.

O processo informacional está ligado com memória produzindo novos contextos, saberes e ressignificações. “Os aspectos culturais [são] de importância vital na compreensão do fenômeno informação” (Souza, 1983, p. 76).

A informação, ou os processos significativos dela resultantes, traz, no seu âmago, a identidade.

Os significados de tempo, cultura, informação, comunicação, sociedade estão implícitos nas falas e práticas dos agentes sociais, daqueles que dão forma e conteúdo a um patrimônio que não se constitui apenas pelos objetos e documentos preservados nas instituições legitimadas de saber e de cultura. Tal patrimônio pressupõe uma internalidade de conhecimentos, saberes, práticas, falas e comportamentos que definem a identidade desses sujeitos como sujeitos sociais, agentes históricos e comunicativos (Teixeira, 1995, p. 43).

O contador de história, por meio do conto popular, cumpre esse papel de comunicar, de transmitir oralmente a cultura, de recordar e esquecer certos fatos. Nas suas histórias explora um diversificado conhecimento dos seus antepassados. Com sua narrativa ilude o tempo, misturando passado, presente e futuro, mostrando as heranças culturais em meio à realidade e fantasia. Pacheco (1995) diz que a narração oral por mais volátil que seja, ainda assim é um artefato pois se reveste da magnitude da tradição. Benjamin (2012) comenta que a experiência que é passada oralmente de pessoa a pessoa é a fonte a qual procuram todos os narradores. “A *rememoração* funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração” (Benjamin, 2012, p. 228).

Os contos que Luzia nos traz são os da narradora que escuta sua cultura e a reelabora conforme seus saberes, por intermédio da sua fala que ecoa história da sua infância, da sua comunidade, do mundo. Histórias como as dos irmãos Grimm, de Perrault, de diversas localidades que são transmitidas pela herança cultural, num misto verosímil e fantástico. Benjamin (2012, p. 217) explana que o narrador extrai sua história das experiências de vida das outras pessoas, que as mistura com a sua e repassa aos seus ouvintes.

Essa forma de contar repleta de experiências, acontecimentos constitui o *habitus*<sup>23</sup> de Luzia ao narrar, formado pela força dos seus antepassados, pela memória do povo, pelo saber popular. Alcoforado (2008, p.112) explica que todo esse patrimônio cultural, da memória coletiva é pertencente a todos, é propriedade do povo. O narrador possui a liberdade de

---

<sup>23</sup> Bourdieu, 1983.

transmiti-lo como sua, de modificar, de imprimir sua visão pessoal. Para Candau (2011), não existe uma necessidade premente de fazer uma distinção entre memória coletiva e memória individual. Pois a memória é pauta em relações com várias outras pessoas, é construída na relação social, e também na ilusão que ela sobrevém. Assim, a memória individual é forjada no meio de múltiplas memórias coletivas.

O ser humano necessita de informação, ouvir os contos de Luzia é uma forma de saciar, mesmo que momentaneamente, esse desejo. Ao narrar ela traz fragmentos da sua memória que se adequam às circunstâncias e proporcionam um sentimento de identificação. Ao emprestar sua voz à tradição, Luzia traz indicadores memorísticos, pontos de encontros na subjetivação do seu pensamento e na elaboração do seu discurso. Busca, na sua memória, elos da realidade em meio a lembranças dos fatos, brevemente, adormecidos e embaralhados.

Ao se ouvir uma história, mesmo que seu enredo seja numa outra época, noutro contexto, é possível encontrar elementos de identificação, sejam: sentimentais, sócias, culturais, econômicos e/ou políticos. Essas experiências fazem parte do contexto social do ser, que refletem os costumes e tradições da sociedade. Uma memória verdadeiramente compartilhada se constrói e reforça deliberadamente por triagens, acréscimos e eliminações feitas sobre heranças” (Candau, 2011, p. 47).

Esses resquícios, rastros memorísticos investigados nesse trabalho, são pontos de confluência de enunciados, são potencializadores de informação, são os vestígios infomemoriais. A memória aqui ressalvada não é histórica, explicativa de fato passado/tempo, mas uma “memória potencial”, organizada e trazida à sociedade, para seu acesso e uso da informação.

A memória potencial produzida da Ciência da Informação não estará interessada nas representações temporais do passado em seu sentido historiográfico de ofício do historiador. Essa memória vem metaforicamente compreender uma concepção de memória registrada, potencialmente construída pelos sujeitos da forma individual ou coletiva através dos traços e rastros das informações rememoradas nos contornos da representação da informação. Ela buscará fundir-se à organização da informação. (Silva; Oliveira, 2014, p. 140)

Como elucidam Silva e Oliveira (2014) a memória foco da CI não é aquela que foi produzida, mas que guarda um elo temporal com as representações infomemoriais, que foram sistematizadas potencialmente pela sociedade.

### 3.2.2 – Memória e oralidade – o conto de Luzia

Entre reis, rainhas, donos de terra, trabalhadores e animais (domésticos, selvagens e fabulosos) encontra-se a pessoa de Luzia Teresa. O seu conto retrata sua existência, referências espaciais, temporais e sociais. Luzia transita por diversos períodos históricos, por múltiplas narrativas (individuais e coletivas), por silêncios, por enunciados, por lembranças, por esquecimentos, que se cruzam num território único, no tempo da memória, na oralidade, no conto de Luzia. “Resgatar o tempo da palavra, da fala/discurso dos que integram uma comunidade narrativa é também resgatar a pluralidade do tempo, da cultura e da comunicação” (Teixeira, 1995, p. 43).

A capacidade memorialística é um elemento muito valorizado nas culturas orais. Ong (1998, p. 70) explica que a memória verbal é acionada diferentemente em pessoas pertencentes a uma cultura oral e a uma cultura escrita. Ele ilustra a situação falando dos bardos orais do século XX, como esse trabalho mnemônico é realizado sem a construção de um texto escrito, que é o caso de Luzia. Ela viveu no início do século XX, morou em comunidade rural e só adulta foi viver na cidade. No período de sua existência não foi alfabetizada, com isso todo o seu repertório se estabeleceu de forma oral e memorialística.

As façanhas mnemônicas desses bardos orais são notáveis, mas diferem daqueles associados à memorização de textos. Os pertencentes à cultura escrita ficam comumente surpresos ao saber que o planejamento do bardo para repetir a história que ouviu apenas uma vez deve muitas vezes esperar um dia ou dois após tê-la ouvido. Na memorização de um texto escrito, adiar sua recitação geralmente enfraquece sua lembrança. Um poeta oral não está trabalhando com textos ou uma moldura textual. Ele precisa de tempo para deixar que a história mergulhe em seu próprio estoque de temas e fórmulas, tempo para “se emprenhar” da história (...). O material fixo na memória do bardo é um veículo de temas e fórmulas com os quais todas as histórias são construídas de diferentes modos (Ong, 1998, p. 73).

A respeito de culturas orais, Ong (1998, p. 70) explana que elas podem produzir “organizações de pensamento e de expectativas incrivelmente complexas, inteligentes e belas”. O conto de Luzia apresenta elementos de vários tempos, com uma época entrelaçada na outra, misturando gerações, trazendo no seu discurso homogeneidades, heterogeneidades, presenças e estranhamentos.

Uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricas e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas,

de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra discursos. (Pêcheux, 2007, p. 56)

Luzia Teresa adquiriu seu conhecimento dos saberes do povo, da oralidade e assim o passou adiante, a várias pessoas que a ouviam narrar suas histórias. Além dessa fabulosa capacidade de memorização, Luzia possuía uma maneira singular e única de narrar suas histórias. Atraindo as mais diversas pessoas, idosos, adultos e em especial as crianças.

O interessante no trabalho de Luzia é que os contos são ambientados em outros mundos, reinos, muitas vezes com ações fantásticas, mas que não perdem o sentido com nossa realidade. São fatos que já conhecemos, que trazem identificação da vida em sociedade. “Pois cada cultura exprime à sua maneira um aspecto da humanidade” (Cuche, 1999, p. 27). No seu conto *A Rainha que botou chifre no rei*, já se percebe no título o desenrolar de uma história comum, mas traz as peripécias do narrador. Um conto noutra época, de rei, de rainha, de príncipe e de guerra, mas repleto de identificações com o tempo atual.

- Rainha minha senhora, a senhora está namorando com o filho do barão? Minha senhora, quando o rei meu senhor chegar que souber, ele manda degolar a senhora.

- Nada! Ele sabe nada.

Ela não tinha jeito: aquele moço muito bonito, ela simpatizou com ele. Não tinha jeito, não tinha conselho.

- Eu faço o que bem entender e quiser. É da minha vontade.

A vontade dela. Era mesmo. E ela continuou, continuou, continuou aquele namoro. Assim, difícilzinho para ninguém saber. Ela namorava oculto, mas o povo já estava batendo na cuia.

(Santos, 1995, p. 78).

No trecho acima, vemos os indícios da vida em sociedade, relações sociais, a quebra do matrimônio por adultério, do jogo escondido dos amantes, do olhar social, dos comentários da sociedade. Também se perceber peculiaridades da forma de falar, expressão em desuso, como: “batendo na cuia”, quer dizer “na boca do povo”, notícia espalhada para todos.

Luzia ao falar sobre sua história de vida relata seu contato com a roça, o trabalho e a forma como se alimentava. Da mesma forma, em *Princesa da pedra fina* a história é ambientada na roça, no trabalho familiar de cultivo da terra, na segregação do trabalho, os homens no cultivo e as mulheres nos trabalhos domésticos.

Olhe, estavam no roçado o pai com os três filhos. Às onze horas, o rapaz mais novo disse:

- Meu pai, eu estou com tanta fome. Agora se eu apanhasse um bocado de pipoca de milho para comer, num instante matava minha fome.

O outro rapaz disse assim:

- Ah! Eu também estou com fome. Mas o que matava minha fome agora era um prato de bredo.

Joaquim, o mais velho, disse:

- Eu, para matar a fome, bastava me deitar no colo da Princesa da Pedra Fina. Quando ele disse aquilo, o pai tirou o cinturão e deu uma surra em Joaquim. Daí a pouco chegou a mãe dos rapazes com um bocado de pipocas torradas e um prato de bredo.

(Santos, 1995, p. 62).

A história apresenta uma comunidade familiar com sua hierarquia, presente na fala dos três rapazes, que se inicia do mais novo ao mais velho. É, justamente, o mais velho que confronta o pai por mudanças, ele quer vida boa no colo da princesa, uma vida de sonhos. Logo a realidade é trazida à Joaquim por meio da surra, que afirma a autoridade paterna. O conto além de distrair ou ouvir, também serve a ideologia, quando reafirma preceitos que lhe é conveniente. É claramente perceptível nos contos de Luzia uma série de informações sociais sobre o modo de vida da época que retrata. “A comunidade familiar ou grupal exerce uma função de apoio como testemunha e intérprete daquelas experiências” (Bosi, 2003, p. 54).

Histórias de herança, de bens familiares que são passados entre gerações, de honra aos mortos, de casas mal-assombradas, de aparições de fantasmas, de almas de outro mundo - como em Hamlet (de William Shakespeare) que o fantasma do seu pai vaga pelo castelo, reclamando por justiça, pela traição que sofreu. Esse tipo de conto é bem comum nos causos contados nos interiores, nos sítios; e, também, fazem parte dos contos de Luzia. Vejamos *As Duas estátuas*.

Uma noite, o homem sonhou com uma alma que lhe dizia que de uma estátua para a outra – assim num valado – era cheio de dinheiro.

- Mulher, eu sonhei que de uma estátua para a outra tem muito dinheiro. Amanhã eu vou arrancar.

[...]

Danou a foice, a estátua estendeu-se no chão – encheu o chão de dinheiro.

- Estamos ricos, mulher!

Ficou rico que nem o tio. Então foi para a cidade para procurar saber de quem era aquela propriedade e descobriu que era do tio dele. Ficou por dono de tudo, que não tinha outro herdeiro.

O tio dizia que não tinha quem herdasse a riqueza – ficou para o sobrinho.

(Santos, 2001a, p. 130).

As histórias que envolvem almas penadas e botijas eram bem comuns. Elas remetem a uma situação sobre guarda de bens. Antigamente, em zonas rurais e pequenas cidades, tinham-se o hábito de guardar dinheiro em casa, ou escondido em lugar seguro. O proprietário das terras mantinha cuidado e segredo sobre o local da guarda dos seus valores. Assim, com o seu

falecimento várias histórias surgiam sobre botijas e a necessidade de dar descanso a alma do morto realizando o desenterro do tesouro.

A questão de moradia, de condições financeiras estão presentes nos contos de Luzia, por exemplo: *O Homem que morava numa casa de palha*.

Bem, um homem morava numa casinha de palha – pobrezinho! – do lado do palácio do rei. O palácio do rei era de um lado e a casa desse homem do outro. [...]

Aí, quando foi uns dias, a rainha mandou uma dama saber se a menina queria se empregar para ajudar às outras damas. A menina disse:

- Quero. Quero que meu paizinho é muito pobre. O que eu ganhar serve muito bem para mim. Serve muito bem para mim.

(Santos, 2001b, p. 155-157).

Os contos trazem situações que retratam a sociedade. Deve-se observar que além de reproduzir a realidade, eles ajudam na disseminação dos costumes, reforçando determinadas atitudes que podem não ser assim tão válidas.

A oralidade sendo um bem intangível é também um bem acometido pelo domínio do tempo, do instante que é proferido ao instante que se foi. Cabe à memória resguardá-la e repassá-la as gerações. É importante compreender que a memória e a identidade são unidas por uma relação, na qual cada uma exerce influência sobre a outra, de tal modo imbricadas que não se pode separá-las. O ser humano constrói sua memória elencando o que é lembrando e o que pode (deve) ser esquecido, por isso a memória é na verdade uma estratégia do viver em sociedade.

### 3.2.3 – Memória e esquecimento

Frisamos com maior evidência a memória, contudo ela está interligada diretamente ao esquecimento. Como a dualidade dia e noite, como o yin e yang - explícita na filosofia chinesa que versa de princípios fundamentais do universo, forças que são ao mesmo tempo antagônicas e complementares. A memória-esquecimento ou o esquecimento-memória estão presentes nas manifestações sociais do ser humano dessa mesma forma complementar. Os contadores de história exercem esse papel com a cultura popular, repassando seus contos, seus conhecimentos, esquecendo outros, deixando-os adormecidos, mantendo-os e sendo mantidos pela cultura.

Luzia é falecida, sua oralidade só a ela cabia. Quem a conheceu fala do seu brilho. Outros contadores virão, com outras histórias, com outros saberes..., com outras memórias.

Cabe aos atuais contadores, pesquisadores e outros interessados nas suas histórias populares retirar do *Léthê* (esquecimento) e alçar seus contos populares para Mnemósynes.

Atualmente, no nosso mundo tecnológico vivemos em meio a sistemas de bancos de dados, arquivos digitais, suportes midiáticos, voltados a guarda e preservação da memória, para que não se percam as informações. Existe uma nítida apreensão contra o esquecimento, mas nem tudo é alçado a lembrança, o esquecer é importante ao processo. É tanta pressão ao não esquecer, que nas mídias sociais quando uma pessoa é “apagada” de determinado aplicativo, naquele grupo/contexto é uma forma de eliminação terrível, ela, momentaneamente, não vê possibilidades de conexão em outras plataformas, está destinada ao esquecimento, tal qual Romeu foi banido em Verona:

Romeu – Exílio! Exílio! Sê clemente, dizendo logo “morte”, pois mais horror contém no olhar o exílio que a própria morte. Assim, não me repitas essa palavra: “Exílio”.

Frei Lourenço –Estás banido de Verona. Reveste-te de alma, pois o mundo é bastante grande e largo.

Romeu – Mundo não pode haver fora dos muros de Verona [...]  
(Shakespeare, 2000, Cena III).

Mesmo com todo o cuidado tecnológico com bancos de dados, programas contra invasões, barreiras de proteção, o esquecimento é fato. Nem tudo é guardado, nem tudo é lembrado. Na mitologia Lete ou *Léthê* é esquecimento. O Rio *Léthe* é destinado aos esquecidos, quem bebe da água desse rio tem a memória suprimida de toda e qualquer reminiscência. O esquecimento, na sociedade, é algo que enseja embaraços. Esquecer compromissos, documentos, trabalho não são atitudes benfazejas. Somos inquiridos a lembrar e repudiar o esquecimento. Desde o antigo testamento temos em Deuteronômio: “Será, porém, que, se de qualquer modo te esqueceres do Senhor teu Deus, e se ouvires outros deuses, e os servires, e te inclinares perante eles, hoje eu testifico contra vós que certamente perecereis” Bíblia (1969, Deuteronômio, 8:19).

Muitos são os navegadores do Rio *Léthe*. As falsas notícias, as mídias sensacionalistas, os boatos, o não registro proposital de fatos, certas ações governamentais excludentes, como o não investimentos na salvaguarda do nosso patrimônio histórico e cultural, a ação de doenças que acometem a memória, a deterioração cognitiva – Alzheimer, o infortúnio, a morte.

O esquecimento coletivo por infortúnio pode tanto ocorrer pela recusa de sua sociedade em lembrar, como por ordem impositiva de seus governantes. A exemplo, no século V a.C., em Atenas, quando Frinício escreveu e representou a tragédia “A Tomada de Mileto”, fez com

que os Atenienses relembassem, vivessem nos seus íntimos fatos que causavam sofrimento. Em vista disso, por decreto, a peça foi proibida de ser representada, esse assunto foi banido da rememoração. O registro ou não de um fato cívico é um ato de monitoramento. O episódio não registrado é condicionado ao esquecimento.

O fazer social/político de uma época cria processos de esquecimento, conforme seu poder/interesse, de acordo com seu espetáculo. “Mas é a especialização do poder, a mais velha especialização social, que está na raiz do espetáculo. O espetáculo é, assim, uma atividade especializada que fala pelo conjunto das outras” (Debord, 2003, p. 21). Mesmo assim, como toda força da supremacia política/econômica/social dominante, nem tudo pode ser apagado, nem tudo pode ser levado ao banho no Lete. O esquecimento deixa vestígios, são sentimentos de *déjà vu*, objetos abandonados, relíquias, lugares marcantes, sabores, cheiros, canções, ... O esquecimento é real, é lembrado na nossa história, está diretamente relacionado com a memória. O dizer “não esqueça” se conecta com o dizer “se lembre”, com os “lugares de memória”, com o *monumentum*.

De acordo com cada situação o esquecimento pode ser nocivo ou benéfico. Afinal, a falta do esquecimento, lembrança de tudo, tornaria nossas vidas insuportáveis como no conto de Jorge Luis Borges - *Funes el memorioso*<sup>24</sup>, que versa sobre um rapaz com uma memória incrível, tudo era capaz de memorizar, livros inteiros, diários, pormenores, tão grande era sua capacidade de guardar os fatos e histórias que não conseguia articulá-los, não sabia elaborar os conhecimentos. Tanto era os saberes que não tinha condições de fazer inferências.

Assim, Luzia revestida tanto de memória, como de esquecimentos transmitia suas reminiscências, a memória viva do patrimônio cultural do povo, da identidade do seu viver. Essa narradora popular, com o manto de si mesma, tinha seu *habitus* formado e formador do conto de Luzia. Vale ressaltar que o contador de história, ao narrar coloca em cena suas memórias, que são ao mesmo tempo individuais e coletivas, amalgamadas com os esquecimentos. Cada conto, além de nutrir e encantar a mente dos ouvintes, está sedimentando informações.

Prosseguimos com o estudo sobre os contos publicados e não publicados.

---

<sup>24</sup> Borges(1999).

## **O Tempo de Luzia**

Em tempos de Luzia  
A notícia corre de boca em boca  
A informação caminha na memória  
O mundo é o campo da imaginação  
Vozes que avançam nas ideias.  
Tempos de ressignificações  
Mixam o velho com o novo.

Em tempos globalizados  
A notícia corre o mundo  
As informações permeiam locais inimagináveis  
Um mundo veloz, prático, de zeros e uns  
Avanço, ciência, conexões, culturas deglutidas  
Tempos de recontextualização.  
Mixam o novo com o velho

Em tempos de Luzia  
A notícia voa além época  
A informação é um misto de realidades  
O mundo é o berço dos contos  
Vozes de todas as idades.  
Tempos de ressignificações  
Mixam o velho com o novo.

(Luciana Dias, 2024.)

## 4 QUARTO CONTO – O LIVRO PRECIOSO

---

**N**o meio de um emaranhado é sempre mais complicado achar o fio da meada, mas quando encontramos o desenrolar é bem mais fácil. Ao escavar um fato, um determinado vestígio pode ser a ponta meada. Benjamin nos fala que as escavações precisam ser cuidadosas e a terra revolvida. A cada achado arqueológico as informações são conectadas, por si, perante o meio, independente da camada.

E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originaram seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente. (Benjamin, 1987, p. 239).

É, com esse olhar, que iniciamos essa escavação. Procurando com atenção os diversos vestígios, esquadrinhando os fatos, os documentos, as informações, até que as surpresas e os achados infomemoriais vão aparecendo, sendo identificados, e por conseguinte as mensagens e significados relacionados ao contexto.

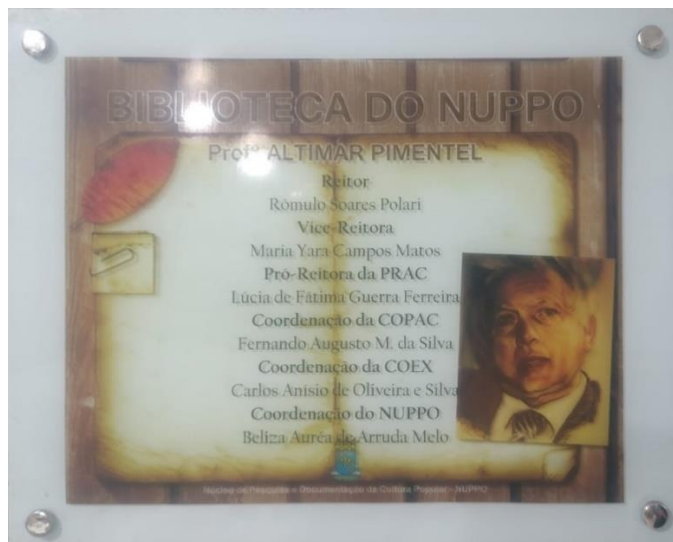
### 4.1. MINICONTO – PRECIOSIDADES DO NUPPO

O Núcleo de Documentação da Cultura Popular – NUPPO/UFPB, está localizado dentro do prédio da reitoria, sendo composto por um salão principal de exposição e oito salas (coordenação, audiovisual, auditório, biblioteca, secretaria, acervo, reserva técnica - museu, apoio/copa). Ele foi instituído em 1978, com o objetivo de realizar o registro, a preservação e a promoção do folclore regional. Neste espaço, temos os vestígios de Luzia Teresa dos Santos, local onde está seu acervo. Atualmente, é coordenado pela Profa. Dra. Bernardina Freire. Possui um Conselho Técnico-Científico do qual fazemos parte como membro discente (Ver Anexo 2).

O NUPPO disponibiliza para consulta fotos, folhetos, artigos, publicações, livros e material sonoro. E mantém no salão principal exposições regulares, com temática da cultura

popular, para apreciação e visitação pública. Presentemente, encontra-se com um número reduzido de funcionários e com reestruturação física do seu espaço, manutenção e renovação de materiais. O espaço da biblioteca foi denominada de “Biblioteca do NUPPO – Prof. Altimar Pimentel” (Ver Ilustração 10) em sua homenagem, pelo seu trabalho de pesquisa com a cultura popular.

#### Ilustração 10 – Placa da Biblioteca Prof. Altimar Pimentel/NUPPO



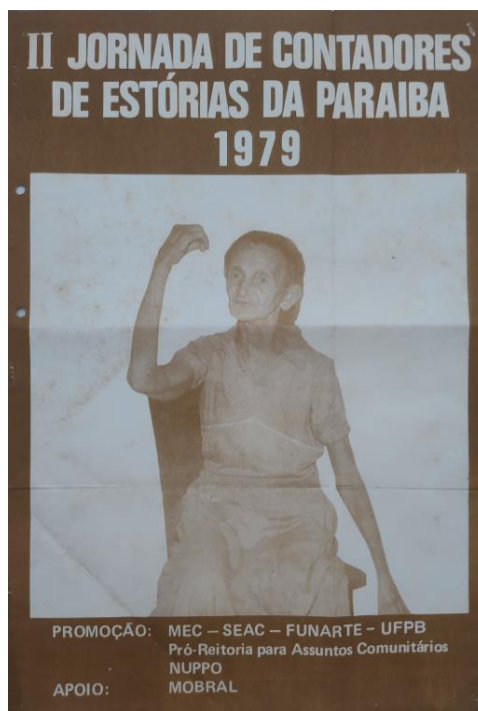
Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

No NUPPO, foi possível identificar fitas cassetes e de rolo com alguns áudios de Luzia, fotos, trabalho de transcrição em documento escrito e datilografado, cartazes, folders, anotações diversas, publicações que falam sobre a contadora. O material necessita de um tratamento arquivístico, com catalogação e guarda adequada.

Durante a pesquisa, visitamos diversas vezes o espaço e colhemos informações que são preciosas para esse trabalho. Além, da guarda do material o NUPPO produziu as Jornadas de contadores de histórias, documentação sobre seu acervo, exposições, relatórios e registros em que identificamos a contadora Luzia Teresa.

Observa-se que nas produções do NUPPO, as fotos de Luzia Teresa foram escolhidas para comporem seu material, mesmo que o assunto não fizesse relação direta com ela, mas com sua temática - contadora de histórias. Identificamos três materiais com sua foto: o cartaz da “II Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba - 1979”, o “Catálogo Prévio do Conto Popular da Paraíba – I Cabedelo” (Ver Ilustrações 11 e 12) e o folder sobre o “Projeto Disponibilização do Museu de Cultura Popular do NUPPO” que trazemos, mas a frente, nessa pesquisa.

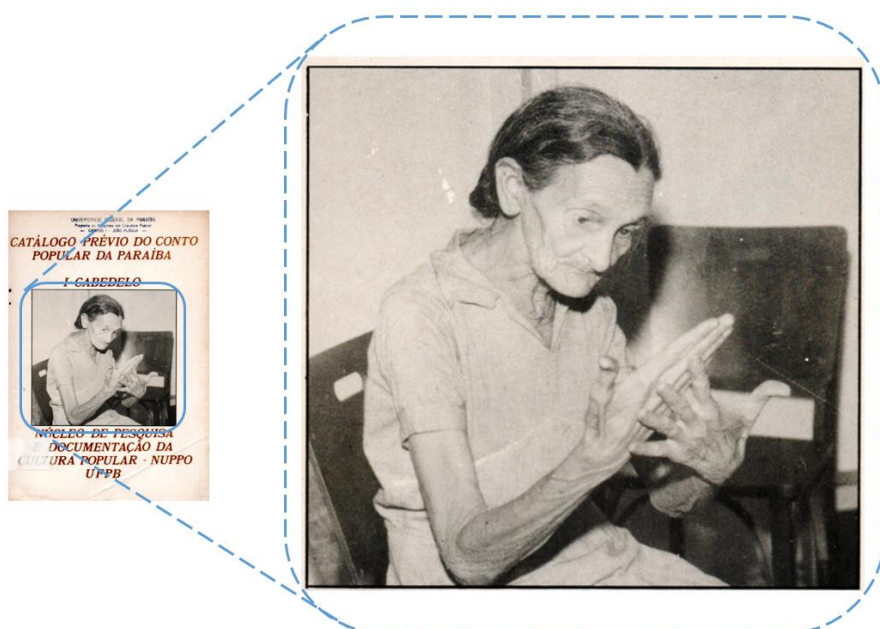
Ilustração 11 – Cartaz com foto de Luzia



Fonte: Acervo NUPPO, 2023.

No cartaz observa-se Luzia contando história, com um dos braços estendido, com mão na altura da cabeça, o outro ao lado do corpo e olhar para o público. A foto da capa do catálogo é magnífica. Pois fica claro a expressividade de Luzia ao narrar os contos, sua postura, gestualidade e o uso das mãos colorindo as histórias.

Ilustração 12 – Catálogo com foto de Luzia, NUPPO

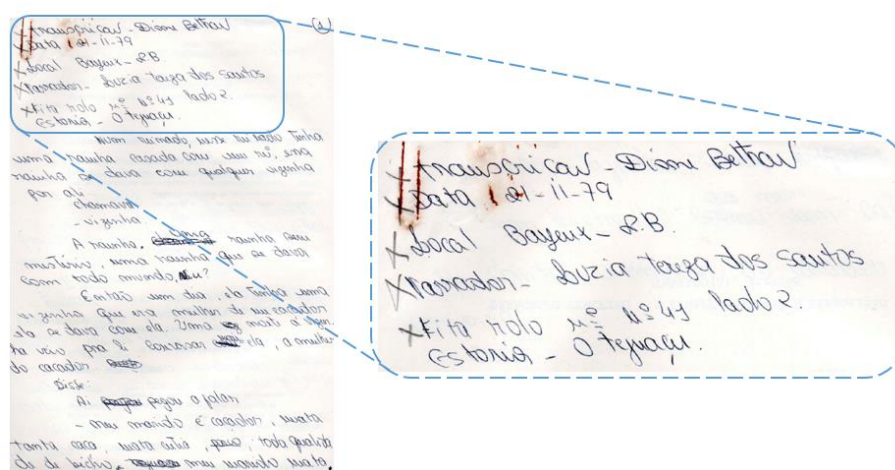


Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, 2023.

Sobre as citações de histórias Altimar (2001) comenta a ação de Luzia, dizendo que o “ato de narrar a transmudava. Perdia a quietude natural, erguia os braços longos de mãos descarnadas em gestos definitivos a acentuarem a dramaticidade da narração. A voz tomava acentos diversos, cada personagem distinguido pela carga emocional da cena descrita”.

O NUPPO realizava a recolha dos contos por etapas: primeiro - a gravação da voz da narradora; segundo - a transcrição manual; terceiro – a datilografia do conto; quarto – a revisão e nova datilografia. Seguem dois registros de transcrição (Ver Ilustrações 13 e 14).

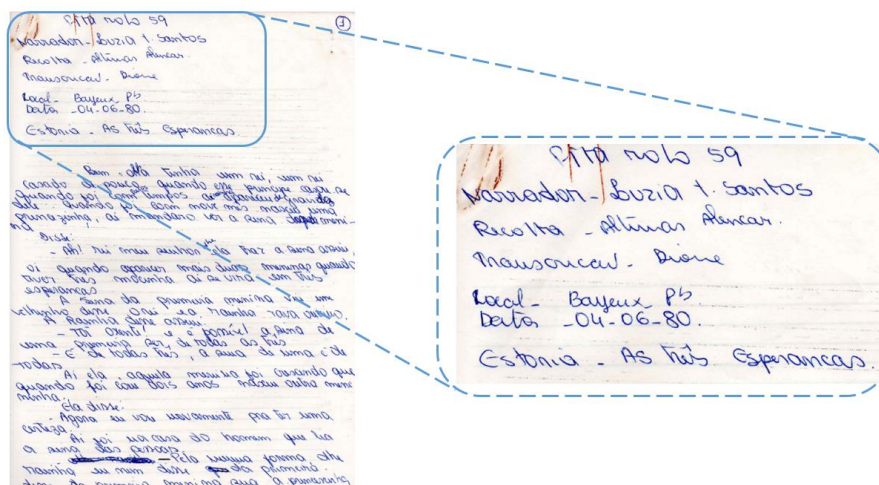
### Ilustração 13 – Transcrição manuscrita do conto “O Teju-Açu”(1979), NUPPO



Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, 2023.

Observa-se como era registrada, as informações, referentes as transcrições, com dados anotados antes do texto, do conto. Como um cabeçalho, contendo os seguintes tópicos: nome do narrador, da pessoa que fez a recolha, da cidade, a data, quem fez a transcrição e o nome do conto – o título da história.

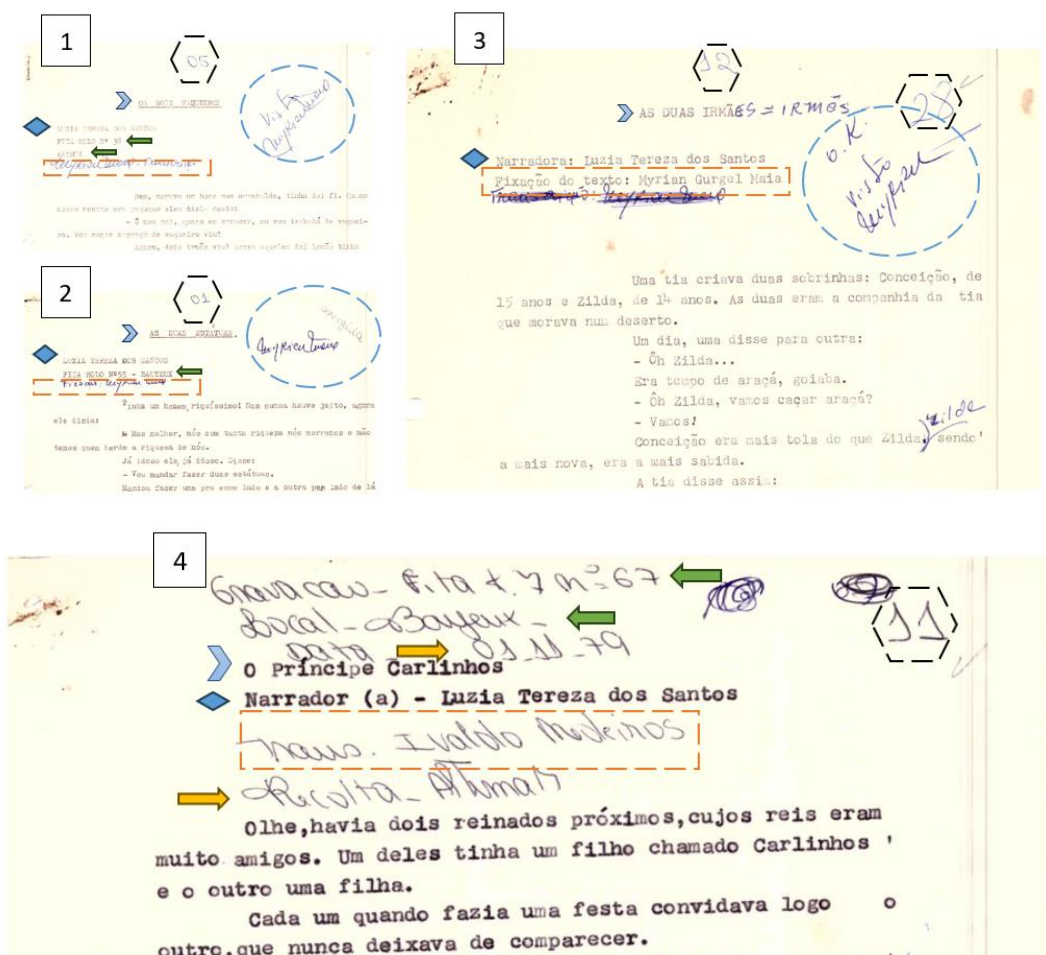
### Ilustração 14 – Transcrição manuscrita do conto “As Três esperanças”(1980), NUPPO



Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, 2023.

Em outros contos, datilografados (Ver Ilustração 15), verificamos a assinatura de Myriam Gurgel indicando que o conto estava revisado. Diferentemente dos contos manuscritos, os datilografados, não apresentam as mesmas informações para registro. Percebe-se a complementação manuscrita escrita ao lado.

Ilustração 15 – Contos datilografados, NUPPO



Fonte: Dados da pesquisa, destaques nosso, 2023.

Estampamos alguns marcadores gráficos para destaque dos tópicos, da Ilustração 15 e sua comparação no Quadro 01. Nos exemplos colhidos apenas o número 4, trouxe a informação de quem fez a recolha. Alguns com mais de um número, outros estão riscados, como se a ordem na pasta foi mudada. Mesmo tendo um padrão de registro das informações, percebemos que nem todas as transcrições mantêm a forma.

Quadro 1 – Identificação das informações de registro dos contos

	1	2	3	4
<b>NOME DO CONTO</b> ➤	<b>Os Dois Vaqueiros</b>	<b>As Duas Estátuas</b>	<b>As Duas irmãs</b>	<b>O Príncipe Carlinhos</b>
<b>NARRADORA</b> ◆	Luzia Tereza dos Santos	Luzia Tereza dos Santos	Luzia Tereza dos Santos	Luzia Tereza dos Santos
<b>RECOLHA E DATA</b> ➡	Não tem a informação.	Não tem a informação.	Não tem a informação.	Informação manuscrita: Altimar, 01/11/79
<b>FIXAÇÃO/ TRANSCRIÇÃO</b> □	Informação manuscrita: Myriam Gurgel Maia.	Informação manuscrita: Myriam Gurgel Maia.	Informação datilografada: Myriam Gurgel Maia.	Informação manuscrita: Ivaldo Medeiros.
<b>REVISÃO</b> ○	Assinatura de Myriam Gurgel, assinalado “visto”.	Assinatura de Myriam Gurgel, assinalado “corrigida”.	Assinatura de Myriam Gurgel, assinalado “o.k. visto”.	Não tem a informação.
<b>CAPTAÇÃO DA VOZ E CIDADE</b> ←	Fita rolo, nº 38, Bayeux.	Fita rolo, nº 55, Bayeux.	Não tem a indicação.	Fita K7, nº67, Bayeux.
<b>NUMERAÇÃO ORDEM DO NA PASTA</b> {}	05	01	12 e 28	11

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Salientamos que os contos estão em pastas, organizados da seguinte forma: A-D; E-G; H-L; M-N; O-P; R-S; T-X (Ver Ilustração 16).

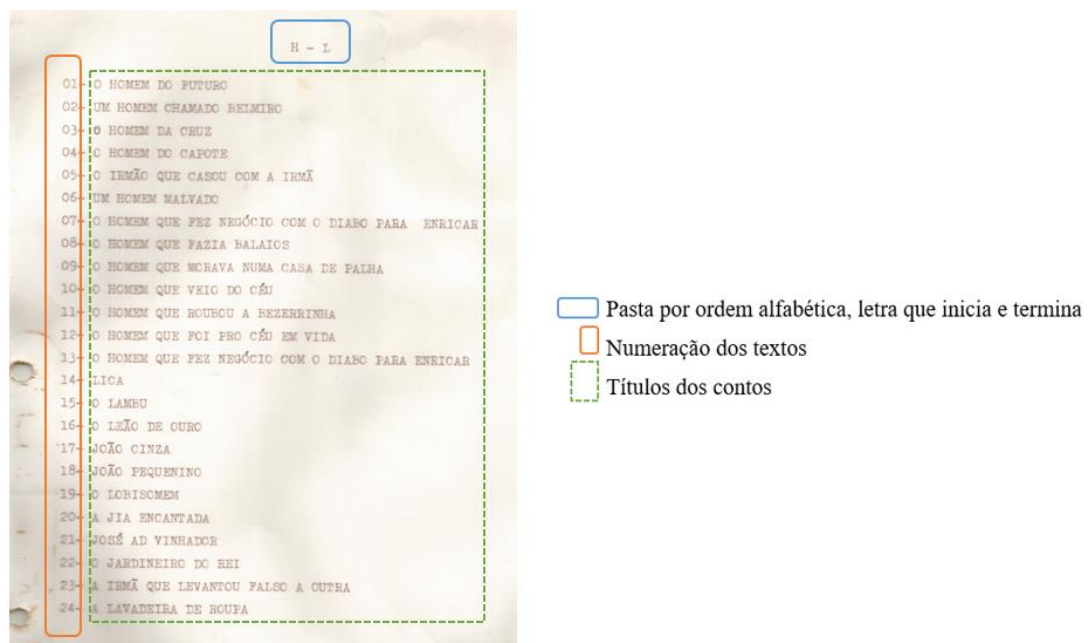
Ilustração 16 – Pastas com os contos de Luzia, acervo NUPPO



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Em cada uma delas, os contos estão guardados em ordem alfabética dos seus títulos, eliminando o artigo inicial. Por exemplo: “O Príncipe Carlinhos” – arquivar na pasta O-P. A primeira página da pasta tem a relação dos contos contidos nela (Ver Ilustração 17).

**Ilustração 17 – Contos datilografados**

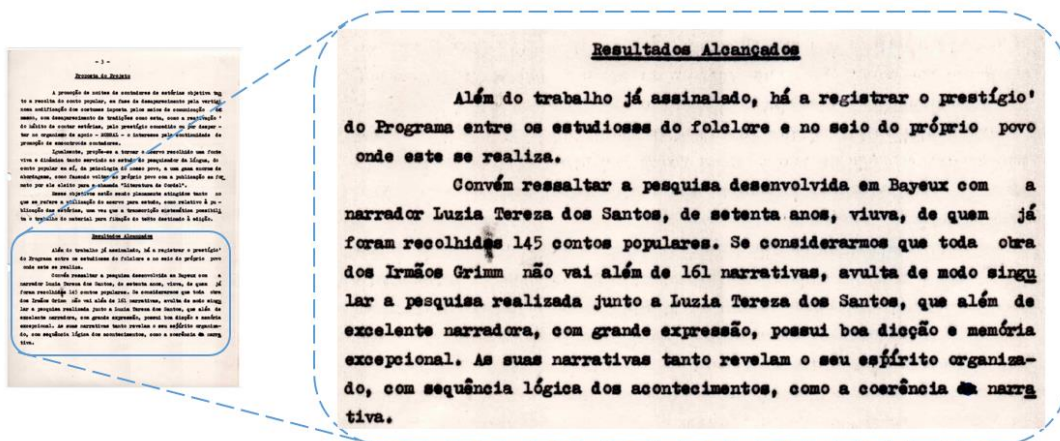


Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Não existe no acervo uma identificação ou separação de quais contos foram publicados e quais são os inéditos. Nem um estudo sobre os mesmos. Contudo, existem outros documentos que registram os contos de Luzia Teresa, como os relatórios das “Jornadas de Contadores de Estórias da Paraíba” (Ver Ilustração 18) e fichas cadastrais. As Jornadas tinham o objetivo de recolher contos populares em todo o Estado, trazendo uma amostragem significativa dos mesmos, tanto pelo quantitativo recolhido como pela variedade.

No relatório da Jornada de 1980, assinado por Altimar Pimentel, identificamos apontamento valioso sobre Luzia, fazendo um comparativa com o número de histórias dos irmãos Grimm e os colhidos por Luzia até então. Além, de explicar que os contos dela possuíam coerência na narrativa e sequência lógica dos fatos. Luzia era uma “excelente narradora, com grande expressão, possuía boa dicção e memória excepcional”.

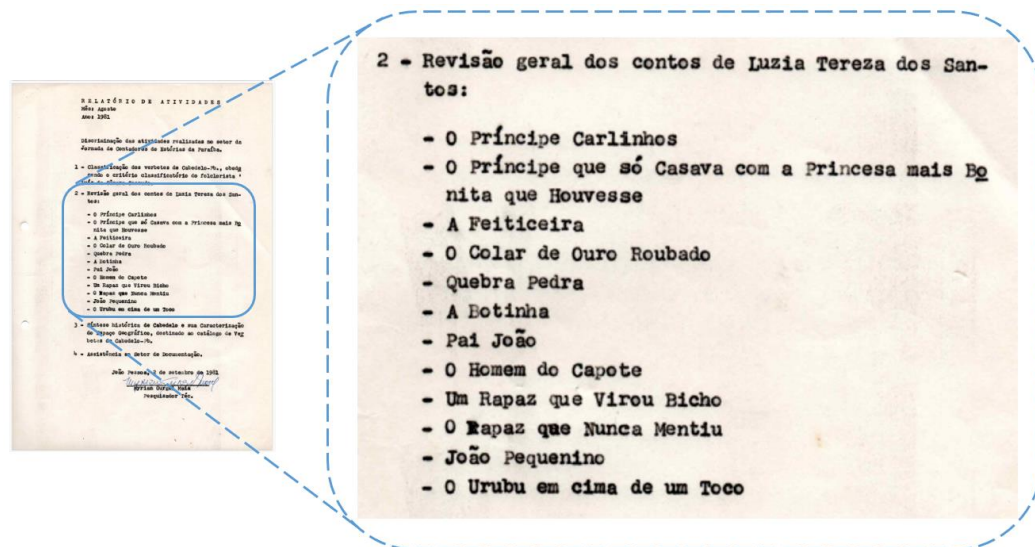
### Ilustração 18 – Relatório sobre a Jornada de Contadores, 1980, NUPPO



Fonte: Dados da pesquisa, destaques nosso, 2023.

Na Jornada do ano seguinte, o relatório (Ver Ilustração 19) é assinado por Myriam Gurgel Maia, nele consta o registro de atividade de revisão em 12 contos de Luzia. Em 1982, no relatório da Jornada da Luzia registra a “seleção de trinta (30) contos de Luzia Tereza dos Santos com reprodução em fitas rolo para gravadas em k-7 e recolha de novas estórias”. Com, também, a revisão das transcrições, resumo das histórias e confecção de fichas. O relatório traz outras atividades relacionadas as jornadas, ele é assinado por Iracema de Figueiredo Lucena.

### Ilustração 19 – Relatório sobre a Jornada de Contadores, 1981, NUPPO



Fonte: Dados da pesquisa, destaques nosso, 2023.

Fato interessante consta no Relatório da Jornada de 1983 (Ver Ilustração 20), sobre a elaboração do “Catálogo Prévio do Conto Popular da Paraíba II – Bayeux”, no qual deveria abarcar os contos de Luzia Teresa, pois o município do catálogo é Bayeux, local de sua

moradia, no qual foram realizadas diversas recolhas. No entanto, não localizamos esse catálogo no NUPPO, nem registro de sua publicação. Inclusive na Ilustração 15, dessa pesquisa, trazemos a capa do “Catálogo Prévio do Conto Popular da Paraíba I – Cabedelo” que traz informações dos contadores do município de Cabedelo, mas a foto da capa é da contadora Luzia Teresa dos Santos.

### Ilustração 20 – Detalhe Relatório sobre a Jornada de Contadores, 1983, NUPPO

Preparação do material para publicação do Catálogo Prévio do Conto Popular da Paraíba II - Bayeux.

João Pessoa, 14 de dezembro de 1983

*Lucena*

Iracema de Figueiredo Lucena  
Coordenadora

Fonte: Dados da pesquisa, recorte nosso, 2023.

Com relação as fichas cadastrais (Ver Ilustrações 21 e 22) encontramos dois tipos: a) com dados pessoais da contadora (nome, naturalidade, profissão, ...) e registro de alguns de seus contos e b) de registro do conto (nome do conto, narrador, local, data, tipo de registro). Encontramos diversas fichas dessas com diferentes contadores de histórias, do mesmo modo, com outros assuntos da cultura popular que foram motivos de investigação, guarda e pesquisa do NUPPO.

### Ilustração 21 – Ficha cadastral sobre a contadora Luzia Teresa, NUPPO

NUPPO - JORNADA DE CONTADORES DE ESTÓRIAS DA PARAÍBA	
Localidade	<i>Bayeux</i> Catolé de Rocha - Pb
Narrador	Luzia Tereza dos Santos
Local e data do nascimento	<i>Guarabira</i> 1909
Profissão	
Atividade Folclórica	Contador de Estórias
Outras atividades	
Estórias	<i>O Homem que Morreu No Centro do Sertão. - Dois Camaradas. - A Onça que Cargou o Homem Nas Costas. - O Corpo Sem Alma. - Estória da Costureira.</i>

NUPPO - JORNADA DE CONTADORES DE ESTÓRIAS DA PARAÍBA	
Localidade	Bayeux - Pb
Narrador	Luzia Tereza Dos Santos
Local e data do nascimento	<i>Guarabira</i> , 1909
Profissão	
Atividade Folclórica	Contador de Estórias
Outras atividades	
Estórias	<i>O Compadre Rico e o C. Pobre. - A Caixa Misteriosa. - O Soldado e a Irmã. - As Rosas Roubadas. - O Filho do Pescador.</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

### Ilustração 22 – Ficha cadastral dos contos de Luzia Teresa

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

No NUPPO, existem outros textos produzidos que estão datilografados e trazem informações sobre os contos populares. Fizemos o apanhado de dois textos que, especificamente, mencionam Luzia Tereza. Para tanto, segue o Quadro 2 com informações e após ilustrações com recortes do texto.

### Quadro 2 – Textos abordando contos de Luzia, NUPPO

	TEXTO	AUTOR	DATA	OBSERVAÇÃO
1	Fixação de textos de contos populares	Altimar Pimentel	Sem data	Traz explicações de como as transcrições foram realizadas. Aborda os seguintes tópicos: Título, universo verbal, pronomes, recorrências, lapsos de memória, enganos, repetições, ordem. Texto com 6 páginas. (Em anexo)
2	Morfossintaxe da fala dos contadores de estórias da Paraíba	João Soares Lôbo	1981	Dissertação, Mestrado em Letras. Analisa o conto “João Pequenim”, de Luzia Teresa.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

O recorte sobre o texto 1, trata sobre o “título” (Ver Ilustração 23), Altimar traz exemplos com Luzia, explicando como tratou a questão. Esse texto é bem interessante, pois trata das particularidades dos contos populares e como ele abordou a transcrição, da gravação oral para o texto escrito. Por essa importância, elegemos para ser um documento a compor na íntegra a pesquisa (Verificar Anexo 3).

### Ilustração 23 – Como fixar o título do conto, NUPPO

**1** Título - O título do conto é fornecido pelo narrador no ato da coleta. Ocorre que, no caso de Luzia Tereza dos Santos, narradora prodigiosa, com mais de duas centenas de narrativas, é perfeitamente normal que haja o mesmo título para diferentes estórias. Nesse caso procuramos dar ao conto um título que corresponda com o seu conteúdo narrativo e conserve o mesmo sabor popular daqueles oferecidos pelo narrador para as demais estórias.

Esta preocupação de interferir o mínimo possível sobre o material recolhido, no caso específico do título, conduz a problemas de outro nível, com a repetição de alguns títulos ( Os dois Compadres, os Dois Irmãos, Os Três Irmãos etc ),  
 Fonte: Dados da pesquisa, recorte nosso, 2023.

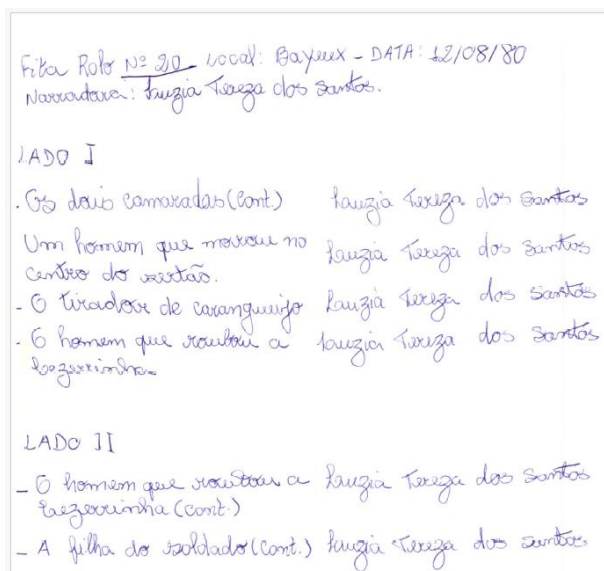
Já o texto 2 (Ver Ilustração 24), é um estudo aprofundado das questões da linguagem, dos termos empregado, dos costumes linguísticos e a forma do povo falar. Para exemplificar, esses fatos, o autor, utiliza o conto “João Pequenim”, de Luzia Tereza. E traz um adendo sobre a narradora, contendo nome, endereço, profissão e outros dados complementares.

### Ilustração 24 – Dados sobre Luzia, NUPPO

**2** I - B A Y E U X 60  
 II - LUZIA TEREZA DOS SANTOS - Viúva, doméstica. Narradora-símbolo da Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba, com mais de 200 estórias. Nasceu em Guarabira, Pb, 03-03-1908. Reside em Bayeux na Travessa 21 de Abril, s/n. Aprendeu com os mais velhos. Quando empregada em casas de família narrava e escutava estórias.  
 "JOÃO PEQUENINIM"

Fonte: Dados da pesquisa, recorte nosso, 2023.

Com relação as fitas cassetes e fitas de rolo encontramos dois tipos de registros: um manuscrito e outro datilografado. Percebe-se que os trabalhos eram realizados se forma manuscrita e após organização é que eram datilografados. Na forma manuscrita a identificação da fita, da narradora, do local e data ficou como um cabeçalho e os contos gravados abaixo, fazendo a distinção do lado A e B (Ver Ilustração 25).

**Ilustração 25 – Registros das fitas, manuscrito, NUPPO**

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Já, na forma datilografada (Ver Ilustração 26) utilizou-se um quadro, com colunas contendo: município, narrador, número de histórias narradas (títulos), fita, número e lado. Esse quadro, foi utilizado para diversos narradores, a pasta contém outras páginas com narradores de outros municípios.

**Ilustração 26 – Registros das fitas, datilografado, NUPPO**

fils. 14					
NICIPIO	NARRADOR	Nº DE ESTÓRIAS NARRADAS	FITA	Nº	LADO
BAYEUX	Luzia Tereza dos Santos	01. Estória de um doutor	Rôlo	58	01
"	"	02. Estória de um frade	"	"	"
"	"	03. As três princesas	"	"	"
"	"	04. A filha do fazendeiro	"	"	"
"	"	05. Um falso	"	"	02
"	"	06. Os dois irmãos	"	"	"
"	"	07. Estória de uma menina	"	59	02
"	"	01. O Príncipe Joãozinho	"	59	01
"	"	02. As Três Esperanças	"	"	01
"	"	03. O Tio e o sobrinho	"	"	01

Fonte: Dados da pesquisa, recorte nosso, 2023.

Outro documento do NUPPO, que de forma indireta é sobre Luzia Teresa, é a ficha do pesquisador, preenchida por pessoas que frequentam o Núcleo e vão a biblioteca fazer suas consultas. Por elas podemos identificar o interesse das pessoas em conhecer os contos e a vida

de Luzia Teresa. As fichas são mais recentes, por constar o conteúdo da pesquisa podemos selecionar aquelas relacionadas com Luzia. Apresentamos na Ilustração 27, por questão de privacidade omitimos os nomes e endereços das pessoas. As fichas 1 e 2 são do ano de 2017, as fichas 3, 4, 5 e 6 são do ano de 2022. Esclareço que a ficha 5 é dessa pesquisadora que vos escreve, a ficha 6 de uma pesquisadora brasileira que mora na Inglaterra. Tivemos a oportunidade de trocarmos ideias e informações sobre Luzia, quando ela estava no NUPPO pesquisando. Ficou aqui uma semana colhendo informações e nesse espaço de tempo foi a cidade de Guarabira para conhecer e procurar pessoas que pudessem lhe passar mais alguma referência. O interessante no seu trabalho é que além de contação envolvia, também, a temática do Cavalo Marinho, por isso estava interessada nos arquivos sobre Mestre Gasosa.

### Ilustração 27 – Ficha do Pesquisador

<p><b>1</b></p> <p>FICHA DO PESQUISADOR</p> <p>Nome: [REDACTED]</p> <p>Endereço: [REDACTED]</p> <p>Instituição de ensino: UFPB</p> <p>Data da pesquisa: 12-07-2017</p> <p>Assunto pesquisado: Contação do Mestre Gasosa</p>	<p><b>2</b></p> <p>FICHA DO PESQUISADOR</p> <p>Nome: [REDACTED]</p> <p>Endereço: [REDACTED]</p> <p>Instituição de ensino: Universidade Federal de Paraíba</p> <p>Data da pesquisa: 19/07/2017</p> <p>Assunto pesquisado: Contação do Mestre Gasosa</p>
<p><b>3</b></p> <p>FICHA DO PESQUISADOR</p> <p>Nome: [REDACTED]</p> <p>Endereço: [REDACTED]</p> <p>Instituição de ensino: UFPB</p> <p>Data da pesquisa: 13/01/2022</p> <p>Assunto pesquisado: Contação de Mestre Gasosa</p>	<p><b>4</b></p> <p>FICHA DO PESQUISADOR</p> <p>Nome: [REDACTED]</p> <p>Endereço: [REDACTED]</p> <p>Instituição de ensino: SECURTE</p> <p>Data da pesquisa: 02/09/2022</p> <p>Assunto pesquisado: Luzia Teresa</p>
<p><b>5</b></p> <p>FICHA DO PESQUISADOR</p> <p>Nome: [REDACTED]</p> <p>Endereço: [REDACTED]</p> <p>Instituição de ensino: PPQCI/UFPB</p> <p>Data da pesquisa: 06/04/2022</p> <p>Assunto pesquisado: Luzia Teresa - contadora de histórias</p>	<p><b>6</b></p> <p>FICHA DO PESQUISADOR</p> <p>Nome: [REDACTED]</p> <p>Endereço: [REDACTED]</p> <p>Instituição de ensino: Birkbeck, University of London</p> <p>Data da pesquisa: 13/12/2022</p> <p>Assunto pesquisado: LUZIA TERESA DOS SANTOS</p>

Fonte: Dados da pesquisa, sombreamento nosso, 2023.

O NUPPO realizou o Projeto Disponibilização do Museu de Cultura Popular (PDMCP) (Ver Ilustração 28), coordenado pela Profa. Alice Lumi Satomi, viabilizado pelo Ministério da Cultura (MINC), com o patrocínio do Programa Petrobrás Cultural, com o intuito dinamizar o acesso ao NUPPO, tanto fisicamente como pela internet. Para isso, foi necessário atividades de restauro, digitalização, atualização etnográfica e indiciamento catalográfico.

### Ilustração 28 – Página da UFPB com o Projeto PDMCP



Fonte: Sítio UFPB-LABEET- PDMCP (Acesso 2023, marcação nossa).

Graças a esse esforço foi possível guardar as locuções de Luzia em meio acessível. Pois foram copiadas das “fitas de rolo” e ‘fitas cassete” para o CD. Fato de extrema importância para a preservação. Atualmente, o NUPPO está impossibilitado de reproduzir as fitas, por não ter equipamento adequado, além da fragilidade do material e do desgaste do tempo. Nesse, sentido este projeto lançou o NUPPO, na internet (Ver Ilustração 29), disponibilizado parte do seu acervo no site <<http://plone.ufpb.br/labeet/contents/paginas/acervo-pdmcp>>, trazendo registros sonoros e visuais, organizados em cinco categorias, conforme Quadro 3.

**Quadro 3 – Organização do material do NUPPO pelo PDMCP**

<b>CICLOS DE VIDA</b>	Brinquedos, estórias, parlendas e cantigas de ninar, de roda, de trabalho, de lazer; artesanatos utilitários, religiosos e decorativos.
<b>PROSAS, VERSOS E DESAFIOS</b>	Literatura de cordel, contadores de estórias, cantadores, violeiros, repentes e emboladas.
<b>MÚSICA INSTRUMENTAL</b>	Pífanos, rabeca, pontões, tribo carnavalescas.
<b>BRINCANTES</b>	- Ciclo carnavalesco: caboclinhos - Ciclo junino: cavalo marinho, coco, ciranda; - Ciclo natalino: (pastoril, lapinha, boi - Irmandades negras: congos, espontões, barca, cambinda.
<b>MINORIAS SOCIAIS</b>	Juremeiros, negros Caianas, índios: Canela, Potiguara e Xucuru.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

No item “Prosas, versos e desafios” Luzia Teresa está registrada com um breve histórico sobre sua pessoa, foto e um áudio com a contadora narrando o conto “As três filhas do cangaceiro”, acessível no sítio. Para ouvir o áudio, localizar no sítio a imagem de Luzia, abrir e clicar no ícone “Tape 21”, conforme Ilustração 29.

**Ilustração 29 – Detalhe da página do PDMCP com Luzia**



14/04/2018  
17h27  
Notícia

SÉRIE BRINCANTES - FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO  
**Congos**

Audios  
Tape 21 A

N°	local	ano
AFPV 23	Bayeux	21/03/79

14/04/2018  
19h51  
Notícia

SÉRIE PROSAS E VERSOS - CONTADORES DE ESTÓRIAS  
**Dona Luzia Tereza, de Guarabira (Bayeux)**

14/04/2018  
20h23  
Notícia

SÉRIE MUSICAL INSTRUMENTAL - AUTOS E DANÇAS  
**Índios de carnaval ou tribos carnavalescas**

Fonte: Sítio UFPB-LABEET- PDMCP (Acesso em 28/01/2024, destaque nosso).

No folder sobre o “Projeto Disponibilização do Museu de Cultura Popular do NUPPO - PDMCP” existem dois registros de Luzia. O primeiro, bem importante, é a capa do folder que traz a foto da contadora, narrando suas histórias para um público de seis crianças e um adulto, no que se pode observar na foto. (Ver Ilustrações 30).

**Ilustração 30 – Capa do folder com foto de Luzia Teresa, NUPPO**



Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, 2023.

Identificamos que o ambiente como sendo a sala da casa de Mestre Gasosa. E na parte interna do folder, em “Publicações” diz que “o acervo reuniu 1600 narrativas de cerca de 300 narradores em 27 municípios da Paraíba, destacando-se a Coleção Trancoso, Cabedelo e Estórias de Luzia Teresa” (Ver Ilustrações 31).

**Ilustração 31 – Parte interna do folder, sobre livro “Estórias de Luzia”, NUPPO**



Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, 2023.

Na Biblioteca Altimar Pimentel, do NUPPO, encontram-se diversos livros que tratam de temas pertinentes a cultura popular. Nesse espaço podemos identificar livros e revistas que trazem informações sobre Luzia Teresa.

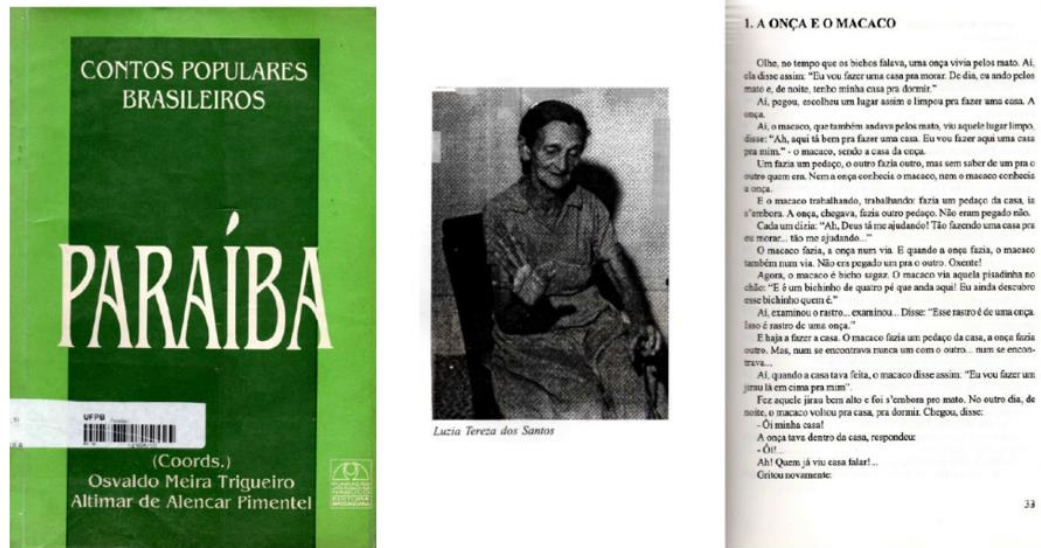
O livro “Contos Populares Brasileiros – Paraíba” (1996), de Osvaldo Trigueiro e Altimar Pimentel traz foto, contos, informações sobre Luzia Teresa e fala sobre a publicação dos livros de Altimar.

Merece registro especial uma raridade encontrada na Paraíba: a narradora Luzia Tereza dos Santos, falecida, que enricou o acervo do NUPPO com 236 versões. Altimar Pimentel organizou em três volumes as estórias de Luzia Tereza, que já começaram a ser publicados, com notas explicativas e bibliográficas correspondentes (Trigueiro; Pimentel, 1996, p. 18).

O primeiro conto a abrir o livro, que traz um total de 87 contos, de diversos narradores é de Luzia Teresa. No livro existe um índice com os narradores de histórias, e traz a seguinte informação: “Luzia Tereza dos Santos. Guarabira. 03.03.1909. Doméstica. Aprendeu boa parte das estórias com o marido. Nº 1, 14, 20, 36, 57, 58, 65, 69”. Essa numeração representa os contos de Luzia que estão no livro e podem ser localizados pelo índice de contos. Os contos da contadora que estão no livro são: “A onça e o macaco”, “A botinha”, “O homem e a morte”, “João Cinza”, “O homem que chamou Nossa Senhora para almoçar”, “O rapaz que nunca mentiu”, “Os três conselhos”, “O homem que fazia balaios” e “O homem que veio do Céu”.

Segue Ilustração 32, que traz respectivamente imagem da capa do livro, foto de Luzia e página contendo o conto “A onça e o macaco”, de sua autoria.

### Ilustração 32 – Livro com dados sobre Luzia Teresa (Capa, foto, conto)



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Excluindo os três volumes publicados por Altimar Pimentel, esse é o livro que mais traz contos de Luzia, até então identificados nessa pesquisa

Outro livro que faz referência a Luzia é “Estudos em literatura popular” (2004), de Maria de Fátima Barbosa, traz um parágrafo no qual faz questionamento sobre narração de histórias, o anonimato, a existente/permanência dos contos e sobre Luzia. Explanando sobre sua excelente memória, diz assim:

Narradores reconhecidos pela qualidade do seu contar, detentores de um saber de magia e de encantamento, mestres em construir com as palavras caminhos que conduziam à novidade, ao sonho, ao medo, ao riso, aonde o ouvinte nem esperava chegar, esses ainda existiriam? Além de contadores de histórias como Luzia Freira (Bibi), mencionada anteriormente, é possível que haja com memória prodigiosa, a exemplo de Luzia Tereza (Pimentel, 1995) que já em idade avançada detinha um repertório invejável de contos, tendo sido publicadas 64 histórias, em seu primeiro volume, que não pode comportar um acervo de 236 histórias registradas. Há contadores que não tiveram seus acervos de textos orais registrados por algum estudioso e mesmo não tendo oportunidade de contar suas histórias ainda detêm um bom acervo de contos. Estariam essas histórias fadadas a se desgastarem na memória até serem esquecidos, pela falta de ouvintes para esses artistas anônimos? Foram contadores como esses que motivaram personagens literários como a Velha Totonha dos engenhos da Paraíba de José Lins do Rego (1965), que emprestaram colorido à Tia Nastácia, personagem de Monteiro Lobato (Batista, 2004, p. 454).

Segundo Candau (2011) o tecido da memória é uma trama que traz fios do passado, do hoje e do provir, envoltos nos emaranhados que deixam o espaço do esquecimento. O ser humano constrói sua memória elencando o que é lembrando e o que pode (deve) ser esquecido, por isso a memória é na verdade uma estratégia do viver em sociedade.

Em busca dos vestígios de Luzia, identificamos a “Revista DF Letras – a revista cultural de Brasília”, ano III, nº 25/26” (Ver Ilustrações 33), que traz informações sobre ela. Trata-se de uma reportagem (pág. 6 e 7) com foto, dados sobre sua vida, sobre a publicação do livro com seus contos, por Altimar, na editora Thesaurus.

**Ilustração 33 – Capa da revista DF Letras, com foto de Luzia, NUPPO**



Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, 2023.

A reportagem deu o devido destaque a contadora, com foto central da mesma, ocupando espaço das duas páginas. O conteúdo desse registro difere das demais em dois aspectos. Além de falar sobre a contadora, traz na íntegra, um dos seus contos - “Os dois vaqueiros” (Ver Ilustrações 34). No conto, observa-se que mesmo sendo um conto popular (fadas) com encantamentos e desencantamento, reinado, príncipes e princesas existe uma aproximação com a região rural, por se tratar com elementos como cavalos, cabras, vaqueiros e fazendas. O próprio título do conto, já, anuncia os vaqueiros, profissão de destaque no conto.

O outro elemento é a evidência textual, apartada dos demais textos, graficamente em destaque contendo: “A maior contadora de **contos populares brasileira**: Luzia Teresa” (Grifo nosso). Até então, ainda não tinha se noticiado como contadora “brasileira”.

## Ilustração 34 – Reportagem sobre Luzia na revista DF Letras, NUPPO

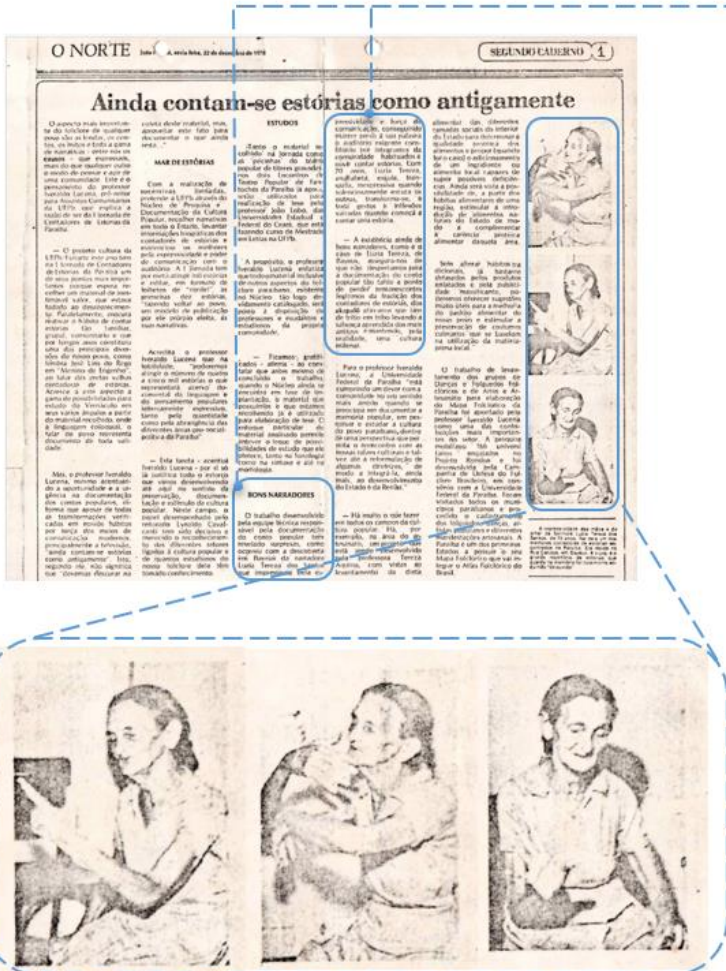


Fonte: Dados da pesquisa, destaques nossos, 2023.

No material do NUPPO, sobre a contadora, ainda, tem os jornais com reportagens que merecem ser expostas nesse trabalho.

O Jornal “O Norte”, de 22/12/1978 apresenta uma reportagem efetivada com o Prof. Iveraldo Lucena, atual Pró-reitor para Assuntos Comunitários da UFPB, ele enfatiza que as narrativas (lendas, contos, mitos, causos, entre outros) são muito importância para o folclore. Explica sobre o trabalho do NUPPO, a seriedade que as atividades são realizadas e sobre a “I Jornada de Contadores de Histórias”. Diz que a recolha dos contos, no município de Bayeux, foi uma grande surpresa, ao conhecer a narração de Luzia que é “esguia, tranquila, inexpressiva quando silenciosamente escuta os outros, transforma-se, é toda gestos e inflexões variadas quando começa a contar uma estória”. Destacamos as fotos da reportagem por trazer uma sequência de poses durante a contação, como as demais imagens aparece Luzia sentada. Por elas se percebe a gestualidade da contadora, braços, mãos, cabeça e olhar todos expressando o ritmo da história (Ver Ilustração 35).

Ilustração 35 – Reportagem sobre Luzia: Jornal O Norte, 22/12/1978, NUPPO



**BONS NARRADORES**

O trabalho desenvolvido pela equipe técnica responsável pela documentação do conto popular tem revelado surpresas, como ocorreu com a descoberta em Bayeux da narradora Luzia Tereza dos Santos que impressiona pela expressividade e força de comunicação, conseguindo manter preso à sua palavra o auditório exigente constituído por integrantes da comunidade habituados a ouvir contar estórias. Com 70 anos, Luzia Tereza, analfabeta, esguia, tranquila, inexpressiva quando soleniosamente escuta os outros, transforma-se, e toda gestos é inflexões variadas quando começa a contar uma estória.

— A existência ainda de bons narradores, como é o caso de Luzia Tereza, de Bayeux, assegura-nos de que não despertamos para a documentação do conto popular tão tarde a ponto de perder remanescentes legítimos da tradição dos contadores de estórias, dos akapalô africanos que iam de tribo em tribo levando a sabença aprendida dos mais antigos e mantendo, pela oralidade, uma cultura milenar.

Fonte: Dados da pesquisa, destaques nossos, 2023.

O título da reportagem parece evocar o passado distante: “Ainda contam-se histórias como antigamente”, como se o contar histórias fosse algo raro em 1978. A narração de histórias persiste e deverá se manter, pois é uma ação nata do ser humano, diálogo, o contar “como foi” contudo, a contação de histórias é dinâmica, ela se transforma de acordo com o tempo, com os hábitos e com os costumes de cada localidade.

Em 1980, Altimar Pimentel assina uma reportagem no Jornal “O Norte” sobre Luzia (Ver Ilustração 36). Ela traz imagens que já conhecemos da contadora, mas nos surpreende com a foto de sua residência e consta o endereço “travessa da Rua Carioca, Bayeux” diferentemente do endereço citado no trabalho do João Soares Lôbo. Contudo, na entrevista (Anexo 4) que Miriam Gurgel realizou com a contadora, fica claro que em determinada época ela mudou de residência. A reportagem é intitulada : “Luzia Tereza, A Sherazade Paraíba” (Ver Ilustração 36), fazendo uma alusão a uma outra mulher lendária, exímia contadora de histórias, narradora dos contos de “As mil e uma noites”.

**Ilustração 36 – Reportagem sobre Luzia: Jornal O Norte, 11/05/1980, NUPPO**

**O NORTE** João Pessoa, domingo 11 de maio de 1980

**LUZIA TEREZA, A SHERAZADE PARAÍBA**  
 Texto de Altimar Pimentel  
 Fotos: José Nilton

Luzia Teresa dos Santos já gravou mais 150 estórias para a Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba

Em os ditos fôcos da narrativa árabe criada pela fantasia que embute "As Mil e Uma Noites", Luzia Teresa dos Santos, viúva, viveira dois anos e mais impressionantes contadores de estórias que já vi. Mais de 150 contos populares ouvidos de sua boca, num total de mais de trinta horas de gravação e correspondente a dez por cento de todo o trabalho realizado até agora pela Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba em dois anos de peregrinação por vinte municípios do Estado.

Se a sua memória chama atenção, pois conta-me todas essas estórias, ao longo de quase dois anos de trabalho, sem repetir ou esquecer a qualquer, pois é analfabeta, igualmente impressionante a sua saúde - só agora está recorrendo a médicos em virtude de um problema na vista.

Outro aspecto que impressiona em Luzia Teresa dos Santos é as possibilidades narrativas que apresenta tanto na estrutura da narrativa, com encaixe lógico difícil de ser seguido na transcrição, como na força expressiva do seu modo, de sua maneira de usar o tempo, de tudo o que ocorre. A velhota casada, acanhada, transmuta-se narrando estórias de princesas, príncipes, fadas vivendo cada peregrinação e ficando exaustos locais para melhor visualização da narrativa.

**MUNDO MÁGICO**  
 Luzia Teresa nasceu em Guarabira e viveu sempre em ambiente rural, dedicando-se em a maioria dos tempos a atividades ligadas à agricultura. Católica praticante transmitiu em suas estórias essa formação rural e religiosa, dando preferência a narrativas de cunho mágico.

É a melhor narradora em todos os sentidos dentre as três centenas de contadores de estórias que já ouvi. Tanto pela impressionante memória como pelas qualidades histrônicas e consciência da arte de narrar Luzia Teresa representa com sobriedade e beleza tradição das mais antigas e gratas, registrada em África - com os *akapalôs* - e no Nordeste de Zé Lins do Rego, que nos fala em "Menino de Engenho" das pretas velhas contadoras de estórias, e presente em todos os povos.

Cria um mundo mágico e maravilhoso que contrasta com sua realidade de viúva paupérrima, vivendo de uma pensão insignificante deixada pelo marido e habitando com quarto de pouco mais de três metros quadrados, que é sua "casa", na travessa da rua Carioca, em Bayeux.

O tempo, na continuidade da fôca, segue em sua não só o ritmo, mas de que o ritmo e o conteúdo das narrativas, além de elaboração de contos, como registrar no Paraíba, necessitam ser avaliados que possam atingir o objetivo inicialmente estabelecido de documentar um processo histórico de todos os municípios paraibanos.

Estamos certos de que o diretor Milton Paiva e o professor José Maurício não medirão esforços para que este trabalho seja realizado na atual administração da UFPB, como nos que já adquirida até o presente apenas 20% dos municípios paraibanos e a documentação precisa ser feita em termos de métodos de narrativas populares de um mil e quinhentos anos de todos os trabalhos.

Concluído esse trabalho terá a Paraíba realizado a mais importante obra em termos de cultura popular em todo o País, não só no que se refere especificamente ao nosso Estado mas a qualquer um dos outros estados.

Concluído esse trabalho, por último, que de todas as manifestações folclóricas e narrativas em nosso Estado, ficando o mesmo em a considerada a mais importante expressão da criação, autêntica de cada povo, como sobre Cultura Popular e Contos, na página de "Criação Mágica", com Alex Santos, no Sesc de Caruaru.

Agora, acreditamos ser a hora de realizar filme, mesmo Super-8, sobre este trabalho e nada melhor para servir de modelo, de exemplo da arte de contar estórias do que Luzia Teresa dos Santos. Não basta preservar sua voz ou sua imagem em fotografia, é necessário vê-la em movimento, no ato de narrar, com toda sua força e expressividade.

**PIONEIRISMO**  
 Cabe à Universidade Federal da Paraíba a tarefa de estar realizando um trabalho pioneiro, com o intuito de preservar a memória dos contos populares, e que está servindo de modelo a instituições como São Paulo e Pernambuco. Esta comissão sobre a importância da Jornada de Contadores de Estórias do atual trabalho realizado como preservação sobremaneira dignidade de dar continuidade a uma obra que já se tornou e representa em nossa história.

Fonte: Dados da pesquisa, destaques nossos, 2023.

Ainda, traz a comparação do narrar de Luzia com os *akapalôs* africanos e com as velhas contadoras, das histórias de José Lins do Rego, coo a velha Totonha. Ressalta a importância dessa narradora e a necessidade de registrá-la com audiovisual, para que possa ser captado sua voz, juntamente, com os movimentos, expressões e trejeitos do ato de narrar.

Com o título "Paraibana entre os maiores narradores populares do mundo" Luzia ganha uma reportagem, por Altimar Pimentel, de uma página no Jornal Correio da Paraíba, em 1982 (Ver Ilustração 37).

Ilustração 37 – Reportagem sobre Luzia: Jornal Correio, 20/06/1982, NUPPO



Em Israel, estudiosos do conto popular empreenderam singular esforço de coleta e estudo das narrativas judaicas ainda persistentes na tradição oral, ao lado do acervo compilado e publicado e que constitui valioso documento da vida daquele povo. O maior contador de histórias de Israel chegou a narrar mais de duzentos contos. A imprecisão sobre o número exato de contos narrados pelo campeão israelense de narrativas leva-nos a supor que esta quantidade não se afasta muito das duas centenas, pelo contrário, exceda-a timidamente.

Como o contador israelense é o maior contador de história de que tenho notícia, e é apontado como verdadeiro fenômeno, permito-me supor que a paraibana Luzia Tereza dos Santos, de que recolhemos 226 narrativas, superou-o, ou seja, coloca-se entre os mais fecundos narradores populares do mundo.

Está, pois, Luzia Tereza a amargar a falta de espaço e audiência, num flagrante exemplo de como temos descuidado da preservação dos nossos valores culturais mais expressivos e que nos concedem identidade com o povo. A peregrinação dessa velhinha septuagésima a procura de local e auditório para transmitir a sua sabedoria, o mundo mágico e maravilhoso que está na sua cabeça, medindo forças em luta desigual com a televisão é um exemplo flagrante da própria condição da cultura brasileira, principalmente da literatura infantil — exatamente aquela que vai influir com mais força na formação das gerações — que não encontra espaço no seu próprio espaço geográfico, no seu próprio país.

Convém assinalar um aspecto que me parece digno de menção e de todo interesse para o estudo da estrutura narrativa dos contos folclóricos que é a presença, principalmente nas histórias de Luzia Tereza dos Santos, de expressões e termos não só em desuso na linguagem popular de um modo geral, como no falar da própria narradora. São expressões e termos inerentes às histórias, a ela pertencentes, como se sua permanência devesse apenas à tradição, uma vez que perdesse sentido o seu uso cotidiano, mesmo porque caíram em desuso até na linguagem coloquial, pois pertenciam a um tempo perdido de reis e fadas ou a uma realidade distante no tempo e no espaço, sempre imprecisos nos contos populares.

Fonte: Dados da pesquisa, destaques nossos, 2023.

Justificando o título da reportagem, o primeiro parágrafo, esclarece que o maior contador de histórias, que ele tem conhecimento, é de Israel e narrou mais de 200 contos, sem

saber exato o quantitativo. Faz um comparativo com Luzia que até essa data, já tinha sido contabilizado 226 narrativas. “Superou-o, ou seja, coloca-se entre os mais fecundos narradores populares do mundo”. Continua dizendo que seus contos excedem em números dos irmãos Grimm, que ela é um prodígio, “que se constitui expressivo repositório de cultura popular”.

É uma das reportagens mais completa com informações da contadora, além de fazer uma análise sobre sua narrativa e expressividade, traz seu percurso de vida. Acentua a presença do linguajar próprio, com termos pertencente ao mundo de fadas, à tradição oral e que estão em desuso, como: arrabalde, arremediado, desencantou, desse tamanho, fez assim, entre outros.. Aborda questões sobre a negligência com a preservação dos valores culturais, que nos trazem identidade com o povo, e com as dificuldades de Luzia em encontrar ambientes adequados para contar sus histórias. “A peregrinação dessa velhinha septuagésima a procura de local e auditório para transmitir a sua sabença, o mundo mágico e maravilhoso que está na sai cabeça, medindo forças em luta desigual com a televisão”. É uma reportagem rica em detalhes e fatos sobre Luzia. Ao final, registra sobre o “Encontro de Cabedelo” que tratou nomeadamente sobre o conto popular, promovido pela UFPB. Conclui expondo as atividades do NUPPO.

Em 1983, temos outra reportagem de página (Ver Ilustração 38), intitulada “Era uma vez...”, assinada por José Carlos dos Anjos, que traz um duplo sentido: o primeiro o do conto dos contos populares, das histórias de trancoso, de reinados, rei, princesas, ...; o segundo por Luzia ter falecido (31/05/1983). A reportagem é escrita dois meses e meio após seu falecimento.

Inicia falando sobre diversos contos, o trabalho do NUPPO em fazer a recolha dos mesmos e sobre a importância do hábito de narrar histórias. Traz relatos de Ivaldo Nobrega sobre a atividade de recolha dos contos: como deve se comportar o pesquisador, sua interatividade, roupas a usar, maneira de agir. Ressalta sobre a influência da TV na cultura, sobre a existências de contadores no interior do estado da Paraíba e destaca Luzia Teresa como sendo a contadora que mais contribuiu com contos para o acervo do NUPPO. Explica que os narradores populares se destacam na sua comunidade, justamente, por causa de suas narrativas, que conseguem atrair as pessoas para as calçadas da rua, mas são pessoas comuns. “São estudantes, estivadores, carpinteiros, funcionários públicos, artesãos, domésticas, lavradores, etc”.

Outro item, da reportagem, que merece atenção é foto com legenda: “a coleta da estória é feita *in loco*, com gravadores de rolo ou em fitas K-7”, nela destaca-se Luzia narrado estórias

para a recolha e o seu gestual característico. Foto que até então não foi vista em outros documentos.

**Ilustração 38 – Reportagem sobre Luzia: Jornal A União, 14/08/1983, NUPPO**

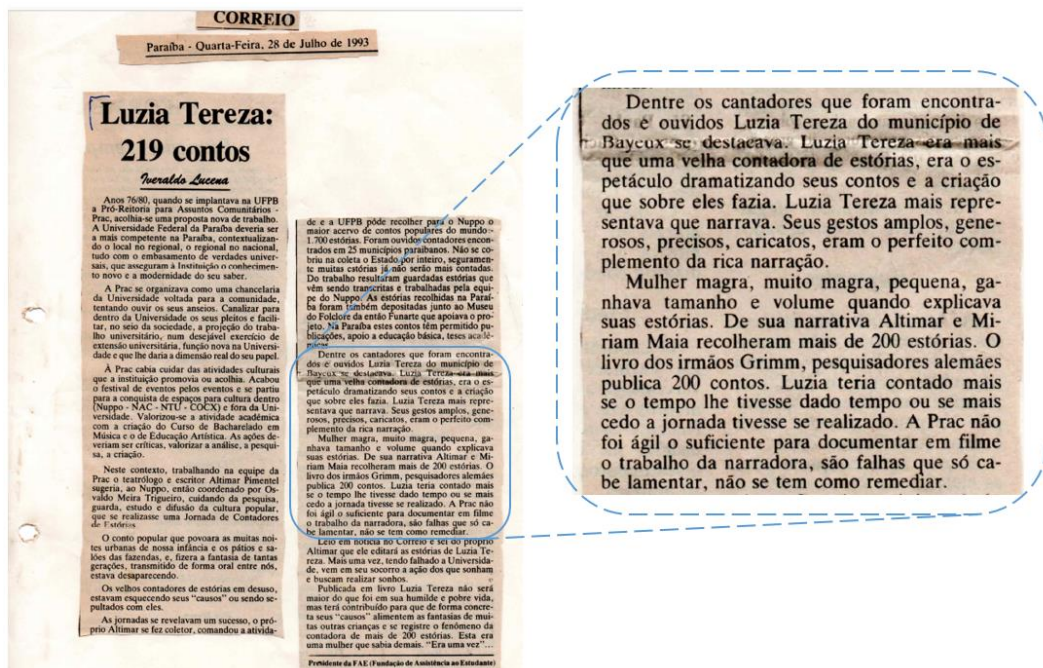


Fonte: Dados da pesquisa, destaques nossos, 2023.

Em reportagem assinada por Iveraldo Lucena, no Jornal "Correio", em 1993, ele inicia articulando sobre a UFPB e a implantação da Pró-Reitoria para assuntos Comunitários

(PRAC), as atividades do NUPPO e a pesquisa desenvolvida por Altimar Pimentel. Ao falar sobre contadores de história, ele enaltece Luzia Teresa dizendo que “seus gestos amplos, generosos, precisos, caricatos, eram o perfeito complemento da rica narração”. E ao final, lamenta que PRAC/UFPB não tenha, em tempo hábil, gravado em vídeo Luzia contando história (Ver Ilustração 39).

### Ilustração 39 – Reportagem sobre Luzia: Jornal Correio, 28/07/1993, NUPPO



Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, 2023.

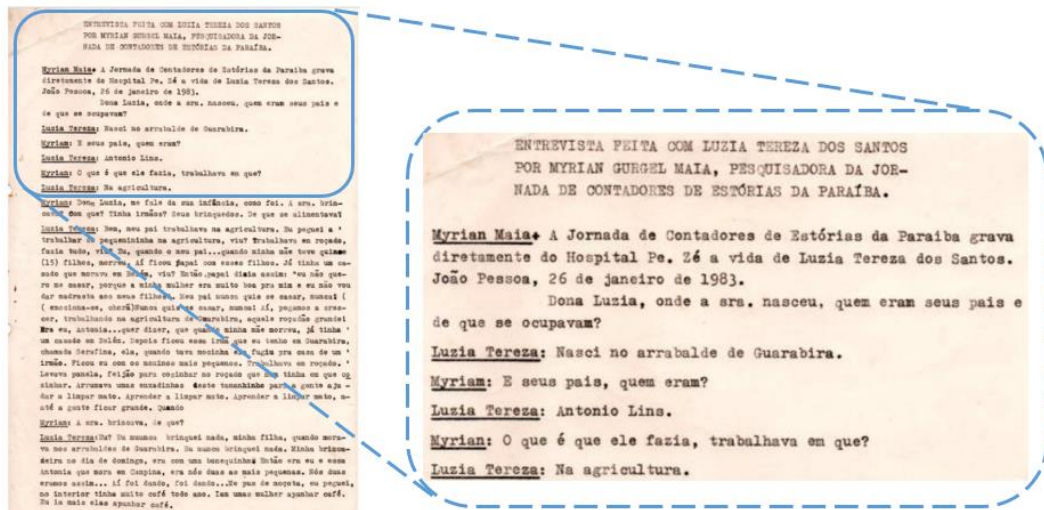
Para fechar esse miniconto “Preciosidades do NUPPO” trazemos dois documentos tipo entrevista. Em primeiro, a “Entrevista feita com Luzia Tereza dos Santos, por Myriam Gurgel Maia, pesquisadora da Jornada de Contadores de Estória da Paraíba, em João Pessoa, 28 de janeiro de 1983”. Em segundo, revelamos a “Entrevista com José Raimundo da Silva, vulgo Gazona<sup>25</sup>, o amigo de Luzia Tereza dos Santos, em João Pessoa, 29 de janeiro de 1983” entrevista em que o Mestre Gasosa comentando sobre a vida de Luzia.

Evidenciamos que muitas informações, da entrevista com Luzia, foram utilizadas no corpo deste trabalho, e que a mesma está publicada no livro “Estórias de Luzia Tereza”, vol. 1, de Altimar Pimentel. Como este é o único documento que se tem com a narrativa da própria Luzia, falando de cenas e fatos da sua vida, trazemos o recorte de algumas falas importantes e anexamos o documento, na íntegra, ao final deste trabalho (Anexo 4).

<sup>25</sup> Mantemos o nome Gazona grafado com “z”, quando assim está no original. Entretanto, quando a redação é nossa, utilizamos o “s”, ficando Gasosa.

Na ilustração 40, vemos a primeira página datilografada da entrevista (total de 12 páginas), com o recorte da parte inicial, que consta as seguintes informações: entrevistada (Luzia Tereza dos Santos); pesquisadora (Myriam Gurgel Maia); motivo (registro para a Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba); local (Hospital Padre Zé/ João Pessoa – onde ficou interna até seu último dia de vida) e data (26/01/1983 – a no do falecimento de Luzia). De início, sabemos o local de seu nascimento (arredores de Guarabira), nome do seu pai (Antônio Lins) e que o mesmo trabalhava na agricultura. Fato que comprova sua ligação com o campo, período quando viveu com seu pai.

#### Ilustração 40 – Detalhe da entrevista com Luzia Teresa, em 26/01/1983, NUPPO



Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, 2023.

Myriam Gurgel faz diversas perguntas sobre sua vida quando criança, irmãos/irmãs, pai/mãe, namoro/casamento, família, alimentação, trabalho, moradia, contação de histórias, renda, amigos, situação no hospital, entre outras. Durante a entrevista é perceptível a preocupação de Luzia com seus bens, seus objetos – “os troços”, pois durante sua ida ao hospital sua enteada jogou no lixo, mas isto não foi esclarecido a Luzia. Registramos algumas partes da entrevista em sete tópicos (Ver Ilustração 41).

Tópico 1 - Como contadora de histórias, Luzia poderia ter uma preferência por alguma em específico, mas apenas esclarece que acha “bonitinha”, o conto “O príncipe encantado num pombinho”.

Tópico 2 – A carteira de identidade de Luzia registra seu ano de nascimento como 1911, mas ela afirma ter nascido em 1909. O que pode ter sido um equívoco, por ser natural, naquela época, o pai não ter pressa em registrar o filho. Como moravam nos arredores da cidade – sítio, o registro só poderia ser realizado na ida a cidade.

## Ilustração 41 – Trechos da entrevista com Luzia, em 26/01/1983, NUPPO

1 Myrian: Ó, dona Luzia, qual é a estória que gosta mais de contar? A estória que prefere? Tem estória que a gente gosta mais.  
Luzia Teresa: Eu gosto delas todinhas. Eu acho muito bonitinha a do "Príncipe encantado num Pombinho", é uma estória muito bonitinha.

2 Myrian: Por que acha bonitinha?  
Luzia Teresa: Por que acho bonitinha.  
Myrian: A parte mais emocionante da estória, qual é? Por que é?  
 Era um príncipe, era um pombinho. Ele se desencanta? Ele sofre?  
Luzia Teresa: Desencanta! O príncipe sofre não. Agora a princesa sofreu. Essa estória Sr. Altinar mandou eu repetir duas vezes, na casa de Gazona.

3 Myrian: Que idade a sra. tem, dona Luzia?  
Luzia Teresa: Dona Myrian, eu nasci em nove (1909). +

4 Myrian: E o que Gazona representa para a sra.?  
Luzia: Gazona é um conhecido, muito caridoso, devo muito favor a ele.

5 Myrian: Desde quando conhece Gazona?  
Luzia: Desde de muitos anos. Desde o Finado Luis! Ela fazia muita caridade a mim, então dona Myrian, vou dizer uma coisa a senhora, agora em conversa, quando eu morrer, que a covinha do meu velho, é conservada por mim. Quando eu morrer, se for pra enterrar aqui, é aqui, se for pra Bayeux bota pra onde está a cova do meu velho.

6 Luzia: Ó dona Myrian, eu queria contar uma estória ( a voz já está muito fraquinha, mas insiste em contá-la) que eu não contei, é tão bonitinha!...  
Myrian: Tem uma estória para contar?  
Luzia: Tem!!! A estória da Menina do Cabelo de Ouro!  
Myrian: Pois vamos contar!  
Luzia: Anuncie, dona Myrian, para eu contar!  
Myrian: Pronto, dona Luzia, conte a estória.  
 + Luzia- Conta a estória da MENINA DOS CABELOS DE OURO

7 Myrian: Fim a estória. X  
 :X:X:X:X:X:X:X:X:X:X:  
 Continua a entrevista.

8 Luzia: Que hora é?  
Myrian: 11:00 - 11:30, viu?  
Luzia: Virgem, dona Myrian, vá embora minha filha.  
Myrian: Quer mandar algum recado para o pessoal?  
Luzia: O que... o recado... já disse tudo.  
Myrian: Então dona Luzia, vou desligar, vou trazer o que a sra. me pediu, não lhe vai faltar nada, se Deus quiser.  
Luzia: SE DEUS QUISER!

9 João Pessoa, 28 de janeiro de 1983  
 Recolta de: Myrian Gurgel Maia.

Obs. A gravação continua com Gazona, o maior amigo de Luzia Teresa, o cabra da sua fiança?

Fonte: Dados da pesquisa, marcações nossas, 2023.

Tópico 3 e 4 – Myriam procura esclarecer qual a relação do Mestre Gasosa com Luzia. Sendo ele, morador da mesma rua de Luzia, muito conhecido na região por ser o Mestre do Cavalo Marinho. Em algumas fotos Luzia, aparece contando histórias na residência do mestre.

Tópico 4 – Luzia está ciente de sua situação de saúde e faz uma solicitação para que seja enterrada junto com seu esposo Luís. Em outras partes da entrevista ela fala do seu marido.

Tópico 5 – Com sua verve de contadora de história, Luzia quer narrar mais um conto e solicita a Myriam. Então narra a estória da “Menina cabelo de ouro” - último conto seu recolhido pelo NUPPO, antes do seu falecimento.

Tópico 6 – É o registro que ela finalizou a história, mas que a entrevista continuou.

Tópico 7 – O fim da entrevista, traz a hora e a preocupação de Luzia, por ser o final da manhã e Myriam ainda está lá com ela. Luzia é católica no percurso da entrevista percebe-se que é temente a Deus. E desta forma finaliza “Se Deus quiser!”.

Após, tem a data (28/01/1983 - que diverge da do cabeçalho, com mais dois dias de diferença), o nome de Myriam como responsável pela recolha e uma observação valiosa “A gravação continua com Gagoza, o maior amigo de Luzia Tereza, ‘o cabra da sua fiança’ ”.

Nas publicações contidas no NUPPO e em demais buscas por reportagens, livros e ou outros documentos não encontramos registro dessa entrevista com o Mestre Gasosa falando sobre Luzia Teresa, exceto nos originais datilografados que estão no acervo do NUPPO. Por tanto, tomamos a liberdade de dizer que são inéditos. Assim, da mesma forma que abordamos a entrevista com Luzia, faremos a seguir com a do Mestre Gasosa.

Esta entrevista está datilografia em 7 páginas (Ver Anexo 5), discorre sobre Luzia, seu marido, família, moradia/despejo, alimentação, amizades, igreja, enteada/”troços”, contação de história, doença e pedido de Luzia. No final da sétima página, não existe uma anotação sobre a finalização da entrevista. É possível que exista mais alguma página trazendo esse desfecho, tal qual observamos na entrevista com Luzia. Contudo não localizamos.

No início da entrevista consta as seguintes informações: entrevistado (José Raimundo da Silva – vulgo Gagoza); esclarecimento (o maior amigo de Luzia Tereza dos Santos) e a data (29/01/1983 – posterior a entrevista de Myriam com Luzia). A Ilustração 42 tem essa abertura e mais dados iniciais de como Mestre Gasosa conheceu Luzia e seu relacionamento com os vizinhos. Após o falecimento do esposo, Luzia perdeu a casa, numa reforma realizada pelo seu enteado deixando-a apenas com um quarto. Foram seus amigos da igreja – Legionários de São Vicente<sup>26</sup> que a ajudaram a finalizar o acabamento do quarto. Luzia terminou perdendo sua

---

<sup>26</sup> Pessoas que servem de forma voluntária com a finalidade de contribuir para a ação evangelizadora da Igreja e ajudar ao próximo.

morada quando se hospitalizou. E, conseqüentemente, os seus bens – “os troços”. Como esse assunto é bem recorrente nas duas entrevistas, pinçamos um trecho que fala o que foi feito com eles e o que foi dito a Luzia.

**Ilustração 42 – Início da entrevista com Mestre Gasosa, em 29/01/1983, NUPPO**

ENTREVISTA COM JOSÉ RAIMUNDO DA SILVA, VULGO GAZOZA, O  
MAIOR AMIGO DE LUZIA TEREZA DOS SANTOS.

João Pessoa, 29 de janeiro de 1983

Myrian: A Jornada de Contadores de Estórias continua gravando, agora entrevistando, José Raimundo da Silva, que vai falar sobre ' dona Luzia. Gazoza, quero adiantar, é o maior amigo de dona Luzia. É, como ela diz: "O cabra da fiança". Ele tem muito o que contar. O Sr. Gazoza, eu queria saber como senhor conheceu dona Luzia.

Gazoza: Eu conheci porque ela mora perto de mim. Antes ela não tinha quase nada para comer. Chegava o pessoal e dava uma coisinha ' a ela... Tinha dia que ela ia com dois quilômetros de distância ' buscar lenha na cabeça mais dois rapazes. Hoje um é sargento do E xército, outro é mecânico de rádio. Moravam vizinhos.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Mestre Gasosa nomeia quais eram os poucos bens de Luzia: roupas, lençóis, pratos, vasilha de mantimentos, panelas, um tamborete, uma mesa e uma cadeira. Após explica o que foi feito com eles (Ver Ilustração 43).

**Ilustração 43 – Sobre os bens de Luzia**

(Entrevista com Mestre Gasosa, em 26/01/1983, NUPPO)

Myrian: O senhor viu esses troços no caminhão do lixo?

Gazoza: Não, eu não vi. Os vizinhos foram que viram. Eu não vi não, ' não cheguei a ver, quando eu fui saber foi o pessoal dizendo a mim. Os vizinhos contando esse fim, entendeu? Eu não cheguei a avistar, até que eu falei com uma mulher. Na feira falei com o enteado de dona Luzia, ele falou que não sabia de nada, que eu fosse conversar com a mulher. Cheguei lá ela disse-: "pronto! Joguei tudo no mato". Foi jogado tudo no caminhão da Prefeitura, quebrei o resto, mesa, tamborete, cadeira, avoeei tudo no mato".

Myrian: Hoje dona Luzia não está sabendo e chora porque não sabe aonde está.

Gazoza: Não está sabendo. Então para consolar ela disse lá, a irmã falou: seu Zé não diga nada não, senão ela vai chorar muito. Então eu ' disse: dona Luzia, seus pertences tá lá tudo acumulado, em um canto ' guardado. Para ela não se aperrear. - Mas não existe nada mais lá. So mente a casa.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Na conversa/entrevista de Myriam com o Mestre ela esclarece que Luzia tinha problemas na vista e que fez uma operação de catarata. Gasosa concorda dizendo que Luzia pediu sua ajuda, pois não estava enxergando. Importante essa informação sobre a saúde de Luzia e como ficou fragilizada, vindo a falecer com um tumor (CA) da qual fez cirurgia no Hospital Laureano (Ver Ilustração 44).

**Ilustração 44 – Sobre a doença de Luzia**  
(Entrevista com Mestre Gasosa, em 26/01/1983, NUPPO)

Myrian: Dona Luzia foi operada de catarata ( a la. vez) – na Clínica São Camilo – e já era portadora de CA. Ela foi operada no Laureano, de um tumor, por sinal eu peguei a ficha, o laudo médico que constava de : Carcinoma Espinocelular- epidermóide. Este é o diagnóstico da doença de dona Luzia. E ela, durante esta doença foi operada de Catarata. Ela tem uma vista muito ruim, só vê o vulto, vê pessima – mente mas toda vida insistiu em fazer as coisas só. Querer andar só não gosta nem que pegue nela.

Gazoza: Aí ela começou dizer que não estava mais vendo. Eu disse: dona Luzia, quando a sra. precisar de mim, você disponha. Ela ia lá pra casa, almoçava lá em casa comigo e minha mulher. Depois começou com aborrecimento com a mulher também ( a minha), se aborreceu disse+ "eu não vou mais lá". Brigou com minha mulher. Brigou por besteira.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Sobre as amigas de Luzia, Gasosa realça que ela tinha muitas amigas da Igreja Coração de Jesus, que iam juntas para a missa, mas após saberem da sua doença pararam de vê-la e não foram visitá-la no hospital. Myriam diz: “Dona Luzia não recebe visita de ninguém no hospital. As únicas pessoas que a visitam sou eu e Gazoza”.

Fato curioso, que não se tinha conhecimento, foi como Luzia Teresa ficou conhecida por Altimar e passou a fazer parte das entrevistas realizadas pelo NUPPO, no projeto “Jornadas de Contadores de Estórias”. Gasosa elucida, explicando que foi por meio dele, que esse contato se realizou. Ainda afirma que Altimar não aceitou outras pessoas da região para fazer as entrevistas e procurava Luzia por ter um encadeamento lógico na cotação, uma história completa e não fatos curtos. Isso ocasionou uma certa inveja por parte dos outros (Ver Ilustração 45).

**Ilustração 45 – Sobre a ida de Luzia ao NUPPO**  
(Entrevista com Mestre Gasosa, em 26/01/1983, NUPPO)

Myrian: Diga mais alguma coisa sobre dona Luzia? Alguma passagem assim ... da vida dela.

Gazosa: Eu fui convidado por Sr. Altimar, né? Lá no Nuppo, ele tava lá falou comigo. Ele disse assim: "Você não sabe contar estória não?"

Myrian: Você foi quem apontou dona Luzia, seu Gazosa? Foi? Foi sr. quem apontou dona Luzia para a Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba. Gazosa trabalha, é participante de um grupo folclórico: O Cavalo Marinho. É o maior amigo de dona Luzia.

Gazosa: É- Sr. Altimar disse: "Gazosa, esses jornais, sai de casa em casa procurando, sabe? Quem sabia contar estórias. Eu sai entregando. Dona, Luzia, Sr. Apolinário, Zé...lá em baixo na Treze de Maio, eu sai por aí, entreguei um bocado. Onde entregava aquele papael vinha contar. Sr. Altimar foi, pegou todo mundo, sabe? Aí o pessoal em cima, em cima, em cima. Aí com muitos tempos, aí sr. Altimar descobriu que a única que sabia contar estória era ela. Aí foi dispensando aquele pessoal, dispensando, dispensando, até ficar somente nela. Aí o pessoal tinha raiva dela por causa disso; porque Sr. Altimar enfeitava tanta gente para só ouvir dona Luzia. "Sabe por que é?" - dizia ele - / "Vocês contam estórias pequenas demais, não dá pra mim, e a velha aqui sabe contar estórias."

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Mestre Gasosa pontua que Luzia lhe fez um pedido, sobre seu falecimento e o desejo de ser enterrada junto do seu esposo. A mesma solicitação que tinha feito a Myriam. Ele, já, tinha resolvido a questão, acertou os detalhes com Sr. Apolinário que cava a cova no cemitério. A amizade dos dois foi reafirmada pelo Mestre, quando Myriam lhe pergunta: "Tem mais alguma coisa?" (Ver Ilustração 46).

**Ilustração 46 – Sobre a amizade de Gasosa e Luzia**  
(Entrevista com Mestre Gasosa, em 26/01/1983, NUPPO)

Myrian: Tem mais alguma coisa?

Gazosa: Somente isso dona Myrian, a não ser dizer que ela era muito minha amiga. Gosto muito dela.

Myrian: Há quantos anos, conhece dona Luzia?

Gazosa: Vinte anos.

Myrian: Vinte anos de convivência! Nunca houve uma rixa, uma queixa?

Gazosa: Não senhora. Nunca, nunca!

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Estes fragmentos das duas entrevistas deixam transparecer relacionamentos, sentimentos, vida cotidiana, costumes, linguajar simples do povo; tanto de Luzia Teresa com do Mestre Gasosa. Como, também, demonstram o conhecimento, livre acesso e carisma, que a pesquisadora Myriam Gurgel tinha. Pelo percurso da entrevista dialogada percebe-se o respeito e a confiança dos entrevistados por sua pessoa. Esses registros conseguem trazer um pouco sobre a vida de Luzia, com informações sobre sua maneira de ser e viver, relatando fatos e experiências. Em determinados contos narrados por ela podemos, fazer uma correlação com sua vida. Traçar um paralelo entre o real e o imaginário de Luzia.

Durante o período pandêmico, o NUPPO, tendo que seguir as orientações de cuidados com a saúde precisou se reinventar. Passou a trabalhar de forma *on line* com o projeto “Mulheres em Cena: protagonismo das mulheres da cultura popular” (Ver Ilustração 47). O projeto tem o objetivo de divulgar, valorizar, informar e sugerir a produção de autoria feminina no espaço da cultura popular. Utilizando a rede social Instagram, com o endereço “@mulheresemcena”, trabalhando com podcasts, entrevistas, indicações de obras femininas, vídeos, conferências e outros. Sendo elaborado para cada dia da semana uma ação específica a ser divulgada. Há época faziam parte do projeto: Luciana Calado (coordenadora), Bernardina Freire (vice-coordenadora), Israela Rana (bolsista), Yasmin de Andrade, Carina Gomes e Luciana Dias (colaboradoras).

#### Ilustração 47 – Identidade visual do projeto do Mulheres em Cena/NUPPO



Fonte: Dados da pesquisa, acesso 2023.  
(Sítio: @mulheresemcena)

Bem, Luzia Teresa se encaixa perfeitamente com os objetivos desse projeto. Desta forma, tivemos a oportunidade de colaborar, falado sobre a contadora Luzia Teresa em dois momentos. O primeiro foi na ação “Um dedo de prosa”, no 04/julho/2020, com tema “Memória fantástica da vida: Luzia Teresa e seus Contos populares”, por meio de vídeo, divulgado no @mulheresemcena, falamos um pouco sobre a contadora (Ver Ilustração 48).

#### Ilustração 48 – “Um dedo de prosa” sobre Luzia Teresa, com Luciana Dias, em 2020



Fonte: Dados da pesquisa, acesso 2023.  
(Sítio: @mulheresemcena)

O segundo momento, foi durante a ação de “Minicursos: Cultura popular e autoria feminina”, realizada no período de 01/10 a 19/11/2020 (Ver Ilustração 49). O evento foi bem organizado, com inscrições, lista de presença e certificados. Tudo de forma *on line*, por meio de sala de reunião virtual, interação ao vivo e uso de slides quando necessário. Para cada dia se tinha um tema diferenciado dentro da cultura popular de autoria feminina.

#### Ilustração 49 – Minicurso: “Mulheres contadoras de histórias”



Fonte: Dados da pesquisa, acesso 2023.  
(Sítio: @mulheresemcena)

Juntamente com a contadora de histórias paulista Emilie Andrade, participamos no dia 29/10/2020, desse encontro virtual, falando sobre a vida e os contos de Luzia (Ver Ilustração 50).

**Ilustração 50 – Minicurso com participação de Emilie Andrade e Luciana Dias”**



Fonte: Dados da pesquisa, acesso 2023.  
(Sítio: @mulheresemcena)

Com o trabalho do NUPPO, registrando, divulgando, valorando, Luzia e seus contos ficaram conhecidas. Nesse sentido, algumas pessoas desenvolveram trabalhos, registros, falas e homenagens sobre a contadora e seus contos. Benjamin (1987, p. 268) diz que o escritor, no nosso caso a contadora de histórias, “nunca diz mais do que pensou. Por isso, o seu escrito não reverte em favor dele mesmo, mas daquilo que quer dizer”. Os contos de Luzia continuam proliferando o seu pensamento, em termos locais, no Brasil e no mundo, pois ao entrar na rede (www) está disponibilizado para todas as pessoas que a acessem essas informações.

O livro “Estórias de Luzia Teresa” foi uma boa fonte de disseminação, com informações sobre ela e o registro dos contos, na íntegra. O que atraíram os leitores e pesquisadores. Assim, Luzia ultrapassou as barreiras físicas do NUPPO, ganhou espaço noutras cidades, estados e países. Ao constar na *internet*, fazer parte da rede mundial de computadores interligados, ela entra na teia do mundo. É, justamente, isso que veremos no Miniconto - Preciosidades espalhas no mundo.

#### 4.1. MINICONTO – PRECIOSIDADES ESPALHADAS NO MUNDO

A evocação do nosso primeiro contato sobre os contos de Luzia Teresa, foi quando participamos do Curso Formação para Contadores de Histórias, iniciado em 2018 e concluído em 2019, com três módulos, promovido pela Biblioteca Juarez da Gama Batista, na Fundação Espaço Cultural de, em parceria com o Centro Estadual de Arte (CEARTE), com a professora Emannelle Coutinho, conhecida como a contadora de histórias Manu Coutinho (Ver Ilustração 51). A sala de aula era na própria biblioteca, os estudantes eram formados por um grupo, majoritariamente de mulheres, professoras e pedagogas, que queriam aprender ou aperfeiçoar sua prática de contar histórias. Foi durante o módulo dois, que uma das integrantes da turma, informou sobre uma oficina em contação de história, que aconteceria no final de semana com a contadora paulista Emilie Andrade.

#### Ilustração 51 – Participação no curso Formação para Contadores de Histórias



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Na sexta-feira anterior a oficina, à noite, ocorreu um encontro motivacional, com roda de conversa sobre a prática da contação de história, no qual participamos. O curioso é que essa contadora vinha de São Paulo para pesquisar e saber sobre “Luzia Teresa a maior contadora de histórias do mundo”. Como assim? Aqui na paraíba? E desconhecida? Foi assim, surpresa e perplexa que conheci a história de Luzia e seus contos. É bem verdade, que daquele grupo, muitas pessoas ficaram admiradas ao ouvir falar de Luzia. Obstante, saber dessa informação, foi como uma semente que estava adormecida e desabrochou. Foram lembranças de histórias ouvidas quando crianças, momentos em família, fatos relembrados com vivacidade - lembranças preciosas para nós. Candau (2011) esclarece que um apanhado de lembranças

compartilhadas por um grupo, nem sempre são iguais. “As sequências individuais de evocação dessas lembranças serão possivelmente diferentes, levando em consideração as escolhas que cada cérebro pode fazer no grande número de combinações da totalidade de sequencias” (Candau, 2011, p. 36).

A contadora Emilie Andrade (Ver Ilustração 52) estava em busca das informações sobre Luzia Teresa e sua prática de contar histórias. Ela veio a procura dos vestígios de Luzia Teresa e seus contos, entender quem era aquela mulher, que Altimar Pimentel tanto exaltava nos seus livros. Foi visitar o NUPPO, conhecer mais sobre Luzia e ouvir sua voz gravada nos documentos do acervo. Como também, conhecer a cidade de Guarabira, procurar os rastros deixados por Luzia. Sendo pesquisadora, contadora de histórias, terapeuta narrativa, artista, ela procurava se familiarizar com todos os aspectos relacionados com Luzia Teresa dos Santos, para poder criar um e montar um espetáculo sobre ela e seus contos.

**Ilustração 52 – Oficina de contação de história**  
(Luciana Dias, Emilie Andrade e Djanilda Barros)



Fonte: Acervo pessoal de Djanilda Barros, 2019.

Desse contexto, nasceu nosso interesse sobre a contadora de histórias guarabireense e seus contos, subsequentemente a pesquisa abarcando a temática da memória e da informação. Assim, começamos a desenterrar os vestígios sobre Luzia Teresa e seus contos. No próprio curso de contação de histórias e na mídia local. Informações segmentadas, soltas do contexto, mas que indicavam o potencial da narração de Luzia Teresa. “Nas sociedades modernas, o pertencimento de cada indivíduo a uma pluralidade de grupos torna impossível a construção de uma memória unificada e provoca uma fragmentação de memórias (Candau, 2011, p. 172).

Vamos elencar os vestígios de Luzia Teresa identificados em diversos dispositivos e camadas distintas.

Nesse mesmo ano, foi realizado na cidade de Guarabira, região do nascimento de Luzia Teresa, o “Festival das Mulheres Artista”, denominado de “Elas” por ser destinado as mulheres artistas, com programação composta, unicamente, por mulheres. Trazendo como homenageada, de destaque, a contadora Luzia Teresa. Observa-se nas reportagens sobre o evento, a ênfase dada a ela, como no site (brejo.com) de notícias da região de Guarabira e Brejo paraibano, que traz a informação que Luzia é falecida e é “uma das maiores contadoras de histórias do mundo” (Ver Ilustração 53).

### Ilustração 53 – Lançamento do Festival das Mulheres Artistas

**brejo.com**

CIDADES FILMES EM CARTAZ FOTOS GUARABIRA POLICIAL POLÍTICA SAÚDE VARIEDADES

**CIDADES**

## ELAS: Prefeitura divulga propostas e programação do Festival das Mulheres Artistas

Publicado 5 anos atrás em 11 de março de 2019  
Da Redação Brejo.com

**Elas**  
FESTIVAL DAS MULHERES ARTISTAS  
20 A 23 DE MARÇO

Secretaria Especial de Políticas Públicas para a Mulher  
GUARABIRA  
Secretaria de Cultura e Turismo

Mais de 60 mulheres artistas, através de grupos ou com atividades individuais, inscreveram-se no site da PMG com várias propostas de participação. Evento acontecerá no período de 20 a 23 de março, em vários locais da cidade.

A Prefeitura Municipal de Guarabira divulgou nesta sexta-feira (08), por intermédio da Secretária da Mulher e Secretária de Cultura, a relação de todas as propostas selecionadas que irão integrar a programação do Festival das Mulheres Artistas (ELAS), evento que acontecerá no período de 20 a 23 de março, em vários locais da cidade.

Mais de 60 mulheres artistas, através de grupos ou com atividades individuais, inscreveram-se no site da prefeitura com várias propostas de participação. Foram selecionadas atividades em música, teatro, dança, oficinas, artes plásticas, contação de histórias e rodas de conversa com importantes artistas femininas.

O Festival das Mulheres Artistas (ELAS) é um evento inédito de artes integradas, na Paraíba, envolvendo atrações culturais produzidas apenas por mulheres. O evento vai homenagear a artista guarabirense Luzia Teresa, já falecida, considerada uma das maiores contadoras de histórias do mundo.

**Abaixo, a programação do evento conforme a seleção de propostas inscritas no último mês de fevereiro.**

**20 de março (Quarta-feira)**

19:00h. – Abertura oficial. Solenidade e homenagem à contadora de histórias Luzia Tereza, artista guarabirense homenageada do evento. Local: Teatro Municipal Geraldo Alverga

19:30h. – Espetáculo teatral “Violetas”, da Amora Produções (João Pessoa). Direção: Eleonora Montenegro. Local: Teatro Municipal Geraldo Alverga.

21:00h. – Lançamento da exposição “Mulheres que Pintam” – pintoras de Guarabira e região do Brejo. Local: Galeria de Artes Antônio Sobreira.

22:00h. – Show musical de Cumadi – dupla de Eletrococo da Paraíba. Local: Praça João Pessoa.

**21 de março (Quinta-feira)**

09:00h. – Oficina de Teatro para Jovens. Ministrante: Patrícia de Aquino (Campina Grande). Local: Piso superior da Galeria de Artes Antônio Sobreira. Inscrições abertas no Centro de Documentação/SECULT.

10:00h. – Contação de Histórias com Emílie Andrade (São Paulo), incluindo Roda de Conversa em torno da homenageada Luzia Tereza. Local: Teatro Municipal Geraldo Alverga.

14:00h. – Oficina de Iniciação à Produção Musical para Mulheres. Ministrante: Luana Flores (João Pessoa). Local: Auditório do Casarão da Cultura. Inscrições abertas no Centro de Documentação/SECULT.

17:00h. – Apresentação de danças ciganas com o grupo 5A Cia de Dança (J. Pessoa). Local: Calçadão do Casarão da Cultura.

**10:00h – Contação de Histórias com Emílie Andrade (São Paulo), incluindo Roda de Conversa em torno da homenageada Luzia Teresa. Local: Teatro Municipal Geraldo Alverga.**

**O Festival das Mulheres Artistas (ELAS) é um evento inédito de artes integradas, na Paraíba, envolvendo atrações produzidas apenas por mulheres. O evento vai homenagear a artista guarabirense Luzia Teresa, já falecida, considerada uma das maiores contadoras de histórias do mundo.**

Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, acesso 2023.  
(Sítio: brejo.com)

A abertura do festival ELAS, foi realiza no Teatro Geraldo Alverga – Guarabira, no dia 20 de março, que é o Dia Nacional do Contador de Histórias, com a homenageada Luzia Teresa, recebendo *In Memoriam* as devidas deferências. Neste ato foi apresentado ao público um vídeo

que narra sua história, conforme consta na página oficial da Prefeitura de Guarabira, sítio <https://www.guarabira.pb.gov.br/noticia/apresentacoes-musicais-visuais-e-teatrais-marcam-abertura-do-festival-das-mulheres-artistas-elas> (Ver Ilustração 54). Fizemos contato com a Secretaria de Turismo e Cultura do município solicitando acesso a esse documento. Recebemos resposta positiva, contudo ainda aguardamos.

### Ilustração 54 – Abertura do Festival das Mulheres Artistas

**100** **PREFEITURA DE GUARABIRA**  
CIDADE DO TRABALHO

A Cidade ▾ A Prefeitura ▾ Legislação ▾ Publicações ▾ Links Úteis ▾ Carta de Serviços

Início / Notícias / Geral / Apresentações musicais, visuais e teatrais marcam abertura do Festival das ...

**NOTÍCIA**

**Apresentações musicais, visuais e teatrais marcam abertura do Festival das Mulheres Artistas - ELAS**

Publicado em 21/03/2019 às 12:16

A Prefeitura de Guarabira realizou, na noite desta quarta-feira (20), a abertura do Festival de Mulheres Artistas - ELAS, com três atrações que encantaram o público no centro da cidade. O ELAS é fruto da parceria das secretarias de Cultura e Turismo e de Políticas Públicas Para a Mulher. O Festival ELAS tem o objetivo de comemorar o Dia Internacional da Mulher. No entanto, foi aberto no dia em que se comemora os contadores de história. Dessa forma, o evento presta uma homenagem a guarabirense Luzia Tereza (In Memoriam), considerada a maior contadora de histórias do mundo. O Teatro Geraldo Alverga foi o palco da abertura do evento, onde o prefeito Zenobio Toscano agradeceu a todos pela presença ao mesmo tempo em que ressaltou a importância em promover este evento, que tem como objetivo propagar o talento da mulher brasileira por meio de diversas vertentes culturais. Após o discurso do chefe do Executivo, o público prestigiou o vídeo que conta a história de Luzia Tereza seguido da peça teatral "Violetas", da Cia Violetas de Teatro. Dando prosseguimento, foi aberta a exposição "Mulheres Que Pintam" na Galeria de Artes Antônio Sobreira, com obras de dez artistas de Guarabira e demais cidades do Estado. Por fim, o público dançou ao som da dupla de electrococo Cumadi, tal como a dupla Nathanna & Marylanne. Ambas realizadas na Praça João Pessoa. Confira mais imagens das atrações que marcaram a abertura do Festival ELAS. [ÁLBUM 1](#) - [ÁLBUM 2](#) - [ÁLBUM 3](#)

Após o discurso do chefe do Executivo, o público prestigiou o vídeo que conta a história de Luzia Tereza seguindo da peça teatral "Violetas".

Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, acesso 2023.  
(Sítio: Guarabira.pb.gov.br)

Verificamos que em demais notícias veiculadas na mídia, sobre o festival e a homenageada, as informações sobre ela resumia-se a “ser uma das maiores contadoras de histórias do mundo”. No Jornal A União (23/março/2019) encontramos referência sobre sua: naturalidade, falecimento (data e causa), labor, como seus contos foram colhidos e divulgados. Além de esclarecer quem a titulóu com “uma das maiores contadoras de histórias do mundo”. Trata-se da reportagem a respeito do encerramento do festival ELAS, que traz um trecho sobressaído sobre a homenageada, detalhando sua vida (infância, adulta e velhice) e sua importância para a cultura popular como contadora de histórias (Ver Ilustração 55).

## Ilustração 55 – Término do Festival das Mulheres Artistas

**12 AUNIÃO** | João Pessoa, Paraíba - SÁBADO, 23 de março de 2019

**2º Caderno**  
Edição: Araceli Magalhães  
Ilustração: Mariana  
Foto: Thaisa Silva

# Termina hoje em Guarabira o Festival das Mulheres Artistas

Programação terá peças 'O Último Assalto de um Casamento' e 'Joanas do Brasil' e show de Val Donato

**Guilherme Cabral**  
gcabral@parabimpb.com.br

O Festival das Mulheres Artistas (Elas), na cidade de Guarabira, termina neste sábado, no Teatro Municipal Geraldo Azevedo e também na Praça João Pessoa e no Calçadão do Casarão da Cultura. Abertura foi na última quarta-feira (20), com solenidade que prestou homenagem póstuma para a guarabirense Luzia Tereza (1909 - 1983), uma das maiores contadoras de histórias do mundo.

Neste sábado (23), último dia do evento, a programação do Festival será a seguinte: às 9h, oficina "Danças Ciganas com Método de Expressão Artística" com a ministrante Andréa Monteiro Diniz (JP) na Sala de Dança do CRAS. Às 10h, haverá o Projeto Iaras, roda de conversa com a cantora Val Donato sobre o tema "Mulheres na música: mercado e desafio", no Teatro Municipal.

Às 14h, "Palco Coletivo Elas" ação interativa com grafiteiras guarabirenses. Às 17h, a Cia Anne Mel (JP) apresentará o espetáculo de dança de rua intitulado DNA no Calçadão do Casarão da Cultura. À noite, às 18h, o Grupo de Teatro Fragmentos (JP) encenará a peça O Último Assalto de um Casamento, dirigido por João Costa, no Teatro Municipal Geraldo Azevedo, onde também haverá, a partir das 20h, o espetáculo Joanas do Brasil, direção de Roberto Cartano (JP).

E, na Praça João Pessoa, a programação será encerrada a partir das 22h com a cantora Val Donato (CC) realizando show de homenagem às compositoras paraibanas. E, em seguida, às 23h, haverá uma atração local, a Loirinha dos Teclados. Desde quarta-feira, mais de 60 mulheres artistas já passaram pelos palcos do evento.

"O Festival é um evento importante porque, além de movimentar a cidade, vai incentivar, acima de tudo, a produção artística feminina. Antes só se realizavam eventos em torno de uma área, como a música. Mas este evento em Guarabira vai reunir, dentro da programação em homenagem ao mês da Mulher, uma ação integrada de artes produzidas apenas por mulheres, o que é um aspecto pioneiro", ressaltou para o jornal A União o secretário de Cultura e Turismo, escritor e dramaturgo Silvério Pereira. "Nesse sentido, o Festival será uma grande vitrine para a produção feminina", prosseguiu ele, acrescentando

do esperar que o Elas possa continuar sendo realizado e, assim, contar do calendário dos eventos da cidade.

A programação do Festival inclui diversas atividades, a exemplo de música, teatro, dança, oficinas, artes plásticas e rodas de conversa. Já na solenidade de abertura do evento foi exibido vídeo em homenagem póstuma para Luzia Tereza, cujo tributo prosseguiu na quinta-feira (21), no Teatro Municipal Geraldo Azevedo, com a atriz paraibana Emília Andrade realizando contação de história. E, na ocasião, ainda houve uma roda de conversa em torno da saudosa artista guarabirense.

Após a solenidade de abertura, a programação do Teatro Geraldo Azevedo prosseguiu com a apresentação do espetáculo intitulado Violetas, da Cia Violetas de Teatro e dirigido por Rogério Scotti Himm (LuznyTeatro). No palco, a atriz Mayra Montenegro. Também teve, na Galeria de Artes Antônio Sobrinho, a abertura da exposição Mulheres que Pintam, coletiva que reúne artistas de Guarabira e região de Brejo. O show de encerramento da noite foi com Cuzadi, dupla de Electroac do Paraíba, e Natana Marlene, ambas na Praça João Pessoa.



Val Donato (em primeiro plano) fará show hoje na Praça João Pessoa, em homenagem às compositoras da Paraíba

**Sobre a homenageada**

Dotada de uma capacidade inventiva para narrar lendas, a guarabirense Luzia Tereza dos Santos será a homenageada - em caráter póstumo - do Festival das Mulheres Artistas (Elas). Mulher humilde, não sabia ler e nem escrever e viveu 74 anos. O falecimento, em decorrência de câncer, ocorreu em 1983, na cidade de João Pessoa. Na época ela morava no Município de Bayeux. Quando era criança em sua terra natal, Guarabira, Luzia Tereza trabalhou na roça e, mais tarde, já crescida, como doméstica. Entre os anos de 1977 e 1983, gravou uma série de contos populares para o projeto "Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba", desenvolvido pela Universidade Federal da Paraíba através do Núcleo de Pesquisa e Documentação de Cultura Popular, na época coordenado pelo saudoso professor e escritor Altimar Pimentel, que publicou pela Thesaurus Editora três livros de contos intitulados Estórias de Luzia Tereza e a considerava "a maior contadora de histórias do mundo".

Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, acesso 2023.  
(Sítio: <https://auniao.pb.gov.br>)

Esse festival potencializou o nome da contadora Luzia Tereza, chamando atenção para o seu feito de narrar 242 histórias de memória. Dois meses após, o deputado Raniery Paulino, da região de Guarabira, foi autor da Lei 11.331, de maio de 2019, que institui o Dia Estadual do Contador de Histórias, que passou a integrar o Calendário Oficial de Eventos do Estado. (Ver Ilustração 56)

Ilustração 56 – Dia Estadual do Contador de Histórias (Lei 11.331/2019)



Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, acesso 2024.  
 (Sítio: <https://auniao.pb.gov.br/servicos/doe>)

Por decisão política, o dia 18 de março foi escolhido para ser o Dia estadual do Contador de Histórias, em homenagem a narradora Luzia Teresa dos Santos, por ser a data do seu nascimento (Art.1, parágrafo único, da referida Lei). Destacamos o Art. 2, por focar na importância da preservação e difusão dos saberes populares, oriundos da oralidade. “São considerados Contadores de Histórias os profissionais cuja construção do saber seja

desenvolvida no cotidiano de suas comunidades, em que a oralidade exerça papel fundamental na preservação e transmissão do saber da cultura popular”.

Descortinamos um artigo acadêmico abordando Luzia Teresa, no XI SELIMEL – Seminário Nacional sobre Ensino de Língua Materna, Estrangeira e de Literaturas, realizado no período de 04 a 06 dezembro de 2019, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Diferentemente, dos demais registros encontrados, fora do espaço físico do NUPPO, este é um estudo acadêmico, com produção de artigo, com o conto de Luzia Tereza “A Menina dos Cabelos de Ouro” e a ‘Madrasta de Monteiro Lobado. Traz passagens sobre a vida de Luzia Teresa, contextualizando a narradora e, em seguida, realiza uma análise sobre o conto, observando as igualdades e divergências entre os contos, verificando a sequência da história, os personagens, a letra das canções, e o uso de construções frasais típicos da oralidade. O artigo é intitulado “Monteiro Lobato e Luzia Teresa: construindo sentidos na relação de ‘A Madrasta’ e ‘A menina dos cabelos de ouro’”, das autoras Rocha; Coutinho e Souza (Ver Ilustração 57).

#### Ilustração 57 – Recorte de artigo sobre Luzia, apresentado na XI SELIMEL



ISSN 2357-9765

##### MONTEIRO LOBATO E LUZIA TERESA: CONSTRUINDO SENTIDOS NA RELAÇÃO DE “A MADRASTA” E “A MENINA DOS CABELOS DE OURO”

Maria Betânia Peixoto Monteiro da Rocha\*  
Emmanuelle Ferreira Coutinho\*\*  
Renata Junqueira de Souza\*\*\*

A contadora paraibana de histórias, Luzia Teresa (2001), tinha gravadas na cabeça mais de duzentas narrativas da tradição oral. Essas histórias foram recolhidas pelo projeto “Contadores de histórias da Paraíba” (Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular - UFPB), entre os anos de 1977 e 1983. As narrativas de Luzia Teresa foram transcritas em livro, de modo que não apenas a sua dicção fora preservada, também a crueza na descrição dos eventos, despertando uma sensação de ter sido ela, testemunha dos acontecimentos. A última história contada pela paraibana foi “A menina dos cabelos de ouro”, em 26 de janeiro de 1986, que elegemos para análise, ao lado do conto “A madrasta”, um dos que consta no livro “História da Tia Nastácia”, de Monteiro Lobato (1988). A aproximação entre as duas narrativas aponta para semelhanças significativas no enredo, também para um distanciamento em relação à moralidade empregada muito mais no texto de Lobato. Entendendo que outros aspectos das narrativas são percebidos

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.<sup>27</sup>

As autoras Rocha; Coutinho; Souza (2019, p. 2) justificam que “pela escassez de pesquisas realizadas sobre a obra da contadora de histórias paraibana, e por reconhecer a sua importância dentro da tradição oral de contar histórias é que fazemos alguns apontamentos sobre vida e obra

<sup>27</sup> Artigo cedido pela autora Coutinho. O sítio dos Anais do XI SELIMEL não estava acessível durante nossa pesquisa.

dessa autora e contadora”. E, registram que “quando Luzia Teresa encontrava-se internada no hospital. Lá, entreteinha pacientes, médicos e enfermeiros com suas contações, o que aconteceu até o final de sua vida, em 31 de maio de 1983. A paraibana teve as histórias como suas companheiras até o fim de sua vida” (Rocha; Coutinho; Souza, 2019, p. 4).

Novamente, por meio, de Emilie Andrade, a contadora Luzia Teresa foi enaltecida no 10º Encontro de Contadores de Histórias de Londrina – ECOH, realizado de forma *online* (de 31/outubro a 30/novembro), por ser o ano pandêmico de 2020. Luzia foi apresentada no tópico do encontro denominado de “Pesquisa em narração de história II – Histórias de Luzia Teresa. Conforme Ilustração 58 abaixo e podendo ser acompanhado no sítio: [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=3613920771979056](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=3613920771979056).

### Ilustração 58 – 10º Encontro de Contadores de Histórias de Londrina



EVENTO

10º ECOH - Encontro de  
Contadores de Histórias de  
Londrina

Edição especial - Totalmente online



#### Descrição Curta:

Chegamos ao 10º ECOH

A décima edição do Encontro de Contadores de Histórias de Londrina será realizada totalmente online entre os dias 31 de outubro e 30 de novembro de 2020.



[facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=3613920771979056](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=3613920771979056)

Fonte: Dados da pesquisa, acesso 2023.  
(Sítio; 10 ECOH)

Fato interessante, pois por ser online, o evento extrapola a localidade física, e ganha as redes de conectividade digital, ficando registrado e ainda podendo ser acessado tempos depois. Ocorrência que facilita a divulgação e interatividade de diversas pessoas discutindo um mesmo tema. Assim, levando Luzia Teresa ao mundo. Nos comentários da sala temos o registro de Andresa Giacomini que diz “estou sentindo esse chamado, ouvir as vozes da minha cidade, conhecer pessoas que narram no seu cotidiano e que não são conhecidas pelas mídias”. Tal qual, Luzia, que passou a vida narrando para quem estava ao seu entorno, sem mídia. Só nos seis últimos anos de sua vida, foi que se reconheceu seu trabalho, por meio das pesquisas na área de cultura popular, nas “Jornadas de Contação de Estórias da Paraíba”, realizadas pelo NUPPO. Importante salientar, a forma como esses contos foram colhidos. Altimar Pimentel explica:

A narradora paraibana, que nasceu em Guarabira a 15 março de 1909 e faleceu em João Pessoa a 31 de maio de 1983, durante seis anos (1977 a 1983) gravou contos populares para o projeto “Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba”, através do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular, sob minha coordenação. A quase totalidade das estórias foram narradas nos dois primeiros anos de trabalho, quando o projeto desenvolveu a fase de coleta, mas a pesquisa com Luzia Tereza prosseguiu até seus últimos dias de vida (Pimentel, 1995, p. 13).

Identificamos os vestígios de Luzia Teresa no “Boca do Céu” <https://bocadoceu.com.br/>, que realiza encontros bienais, denominado Encontro Interacional Boca do Céu, primando pela arte da palavra, favorecendo um espaço para reflexão, criação e ação cultural. Para tanto, reúne diversos contadores de história brasileiros e convidados internacionais, com atividades registradas desde 2006. Enfatiza “a importância das narrativas no mundo de hoje”. Está registrado no site “Boca do Céu”, o conto popular, de Luzia Teresa, “Mané Nu”, por Emilie Andrade, ver registro na Ilustração 59.

Este conto de Luzia “Mané Nu” possui enredo simples, mas inusitado, com encadeamento lógico progressivo atraindo o ouvinte. Segue um breve resumo: conta a história de uma criança, que desde pequena, só andava nu. Quando foi ficando adolescente, aquela situação começou a incomodar as pessoas da cidade. Ele não aceitava roupas de forma alguma. Ficou rapaz feito, desta forma. Uma série de situações acontece, até sentença de morte recebeu, mas com a ajuda de um objeto encantado, tudo se resolve.

### Ilustração 59 – Conto “Mané Nu”, no Boca do Céu



Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, acesso 2024.  
(Sítio: [https://www.youtube.com/watch?v=trbDuhT\\_7H4](https://www.youtube.com/watch?v=trbDuhT_7H4))

Emilie Andrade, abre espaço, no seu sítio *on line* <https://www.sementeira.art/>, para Luzia, com página intitulada “A Casa de Luzia”, com uma foto e texto explicativo dizendo que está montando um espetáculo, com narração artística, com alguns contos e histórias da vida de Luzia (Ver Ilustração: 60).

### Ilustração 60 – “A Casa de Luzia”



Fonte: Dados da pesquisa, acesso 2024.  
(Sítio: <https://www.sementeira.art/>)

Quando Luzia deixou o município de Guarabira e veio morar em João Pessoa, em seguida Bayeux, de certa forma cortou relações com seu povo. Fincando raízes no novo local e fazendo sua história de vida. Após, tantos anos, poucas pessoas em Guarabira sabiam da sua origem e tinham conhecimento de sua história. Após o Festival ELAS, esse fato mudou, Luzia passou a ser comentada e divulgada. No projeto “Rota Cultural Raízes do Brejo”, em Guarabira, em 2022, Luzia aparece na programação (Ver Ilustração 61).

**Ilustração 61 – Programa “Rota Cultural Raízes”**

DATA	HORARIO	ATIVIDADE	LOCAL
25	8h	Trio de Rarrê – Amoral e Biogago de Costa Bela Cabocera Embaixada de Cêco Companhia de Arte Cênica Eliza	Estadão de Cultura Bela Cabocera
	14h	Boda de Conversa: "Turismo antigo e experiências de negócios" com Jaime Sousa (Pres. Fórum de Turismo) e Maria João (Folha Areópago) inscrições: guarabira.pb.gov.br/inscricoes	Teatro Teatro Teatro
	16h	Apresentação do Coral Infantil Municipal	Estadão de Cultura Bela Cabocera
	19h	Comitê de <b>Abertura Oficial</b> Parabéns Especialmente de Paróquia Espetáculo Teatral: "A Lagoa de São Bento"	Parque Teatro Teatro
26	7h	Alvorada	Parque Teatro
	8h	Reabastecimento das Bradeiras de Guarabira	Estadão de Cultura Bela Cabocera
	9h	Mostra gratuita dos Escavamentos Culturais de Guarabira, culminando com a inauguração aberta <a href="https://www.guarabira.pb.gov.br/">https://www.guarabira.pb.gov.br/</a>	Teatro Teatro
	10h 30	Espectáculo Teatral "A Viagem do Tempo - Histórias de Luzia Tereza" - Grupo de Estudantes de Teatro da Rede Municipal de Ensino. Direção: Vando Farias.	Teatro Teatro
27	10h	Atraição de culinária: Trio Machucão	Teatro Teatro
	14h	Fôr do Sol no Cruzeiro de Bernard com Adriano do Sola	Teatro Teatro
	18h	Ângela (Momento religioso com a cantora Celiana David)	Teatro Teatro
	20h	Apresentação do Museu Musical (Harmoniosa/Estar)	Teatro Teatro
28	2h	Rachel Costa	Teatro Teatro
	21h	Adrião Mendes Sandra & Sandra	Teatro Teatro
	6h	O Guarabira Especial Raízes do Brejo	Teatro Teatro
29	10h	Missa do Romariz	Teatro Teatro
	19h	Procissão de Santidade	Teatro Teatro
30	20h	Festival Nordestino de Separamentos	Teatro Teatro

**10h 30** Espetáculo Teatral "A Viagem do Tempo - Histórias de Luzia Tereza" – Grupo de Estudantes de Teatro da Rede Municipal de Ensino. Direção: Vando Farias

Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, acesso 2024.  
(Site: f5online.com.br)

Ela está presente, com um espetáculo teatral abordando suas histórias, intitulado: “A Viagem do Tempo: histórias de Luzia Tereza”, direção Vando Farias, com um grupo de estudantes da rede municipal de ensino, a ser apresentado. Verificar na reportagem de jornal, da época do evento, que registra o fato (Ver Ilustração 62).

**Ilustração 62 – Reportagem “Rota Cultural Raízes”  
(A União, 25/11/2022)**

EDM. ART. J. S. Angelo  
EDITORAÇÃO Paulo Sérgio

Diversidade

A UNIÃO – João Pessoa, Paraíba - SEXTA-FEIRA, 25 de novembro de 2022 19

## EM GUARABIRA

# Rota Cultural Raízes do Brejo acontece neste fim de semana

Foto: Colômbio Prefeitura de Guarabira

Mayra Nantas  
mayra.nantas@uniao.pb.gov.br

A Rota Cultural Raízes do Brejo acontece neste fim de semana, no município de Guarabira, pela primeira vez, cujo tema é “Cultura, Fé e Poesia na Rainha do Brejo”. Prestes a celebrar 135 anos, Guarabira inicia as festividades com a Rota na sexta-feira (25) e se estende até o domingo (27). Durante a Rota, no sábado (26), também será celebrada a emancipação política da cidade, destacando as potencialidades da “Cidade Luz” como turismo, lazer e cultura.

Em sua quarta edição, a Rota Cultural Raízes do Brejo vem sendo realizada desde setembro, passando por alguns municípios que constituem o Brejo paraibano, promovendo uma imersão cultural e turística aos visitantes. A Rota é uma organização do Fórum de Turismo do Brejo Paraibano com as prefeituras locais.

A abertura oficial da Rota Cultural Raízes do Brejo, em Guarabira, acontece na sexta-feira (25), às 19h, com o espetáculo teatral “A saga de Dom Beiriz” e participação especial de Oliveira de Pánelas, na Praça João Pessoa, no centro da cidade. No mesmo dia, mais cedo, ocorrerá atrações musicais, às 8h, com muito forró e embolada de coco. Além disso, às 14h, haverá uma roda de conversa cujo tema será “Turismo Criativo e experiências de negócios” com o Jaime Souza, presidente do fórum.

Nos demais dias, haverá atrações com espetáculos culturais a exemplo de “O Pavão Misterioso e o Romance da Donzela” - Cia. Cênica Torre de Papel, no Teatro Geraldo Alverga, apresentação faz alusão ao famoso cordel “Pavão Misterioso” que este ano completa cem anos. Como atração principal, a programação conta com a dupla Siriano e Sirino que tem como objetivo animar a festa. Além disso, haverá apresentação de fanfarras, atividades ecológicas como a Guarabira e festival de repentistas.

De acordo com o prefeito de Guarabira, Marcus Diogo, a Rota Cultural Raízes do Brejo na cidade será uma belíssima festa. “Trata-se de um evento importantíssimo que reúne hoje dez cidades da região e Guarabira, que faz parte da região, está associada ao Fórum de Turismo do Brejo Paraibano há um ano e este é o primeiro ano que integra a Rota Cultural Raízes do Brejo. O presidente do Fórum de Turismo do Brejo Paraibano, Jaime Souza, afirmou que a roda de conversas vai proporcionar um olhar ainda maior para o trade turístico de Guarabira que, pela primeira vez, inicia um trabalho turístico como política pública, entrando para o mapa do turismo brasileiro, fomentando políticas públicas na área, o que faz com que região cresça ainda mais. “Com isso, temos mostrado nessa conversa um pouco do nosso trabalho, para que o trade turístico tenha interesse de investir no turismo de Guarabira, porque agora somos sucesso nacional, uma vez que estamos participando de um evento em Brasília como case de sucesso, por meio do Ministério do Turismo, mostrando como funciona a dinâmica no Brejo paraibano, sendo este um exemplo para o Brasil”, ressaltou.

A Rota Cultural Raízes do Brejo 2022 se estenderá até o dia 11 de dezembro e passará ainda pelos municípios de Belém, Lagoa de Dentro, Serra da Raiz, Borborema e Dona Inês. Desde 2017, a Rota Cultural Raízes do Brejo vem desenvolvendo atividades turísticas e socioculturais com o objetivo de inserir moradores e turistas em uma vivência profunda que desperte a história.

Dez cidades, diferentes programações, muitos dias de imersão cultural e uma verdadeira vivência da região do Brejo paraibano com roteiros de experiência de setembro a dezembro.

### Raízes do Brejo

Durante as festividades da Rota Cultural Raízes do Brejo, a prefeitura local organizou, em parceria com os leigos da Rua Costa Beiriz, o “1º Feira Guarabira Raízes do Brejo”, nos dias 25 e 26 de novembro.

Com o objetivo de fomentar o comércio local, o “feirão” contará com descontos especiais de produtos e serviços das lojas parceiras a todos os visitantes. As lojas ficarão abertas até as 22h, na sexta-feira (25) e das 17h às 22h, no sábado (26).

De acordo com a prefeitura local, a ação tem por finalidade fomentar o potencial da cidade que sempre foi voltado ao comércio e não poderia ficar de fora deste evento. “O objetivo é promover momentos de lazer à população e assim fomentar o crescimento nas vendas dos produtos e serviços das nossas empresas locais”, destacou o prefeito.

**10h30 - Espetáculo teatral “A Viagem do Tempo – Histórias de Luzia Tereza” - Grupo de estudantes de Teatro da Rede Municipal de Ensino.**  
Direção: Vando Farias  
Local: Teatro Geraldo Alverga

**10h30 - Espetáculo teatral “A Viagem do Tempo – Histórias de Luzia Tereza” - Grupo de estudantes de Teatro da Rede Municipal de Ensino.**  
Direção: Vando Farias  
Local: Teatro Geraldo Alverga

**11h - Atração de esmalteiros: Trio Malão**  
- Praça Antônio Guedes (em frente ao teatro)

**11h - Pôr do Sol no Cruzeiro de Bonassand com Adriano do Saz**  
- Local: Cruzeiro Bonassand

**11h - Ângela (Momento religioso com a cantora Celso David)**  
- Local: Cruzeiro Bonassand

**11h30 - Espetáculo “O Pavão Misterioso e o Romance da Donzela” - Cia. Cênica Torre de Papel. Direção: Maria Rodrigues**  
- Local: Teatro Geraldo Alverga

**20h - Aposentação do músico musical (Farmacêuticos/EESAP)**  
- Local: Consórcio da Cultura Rua Sólides de Lacerda

**21h - Rachel Costa**  
- Local: Praça Lima e Moura (Centro)

**22h - Adalberto Mendes**  
- Local: Praça Lima e Moura (Centro)

**01h - Siriano & Sirino**  
- Local: Praça Lima e Moura (Centro)

**Dia 27 (Domingo):**

**08h - II Guarabira Especial: Rota do Brejo**  
- Local: Parque do Povo

**10h - Mito do Romário**  
- Local: Memorial Frei Damiano

**15h - Encontro de Fanfarras**  
- Local: Av. Dom Pedro II

**20h - Festival Bandeirista de Repentistas**  
- Local: Teatro Geraldo Alverga

Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, acesso 2024.  
(Sítio: <https://auniao.pb.gov.br/>)

No seguir da trilha de Luzia, voltamos a Emilie Andrade, que montou um espetáculo teatral tendo como tema Luzia Teresa. O espetáculo “A Casa de Luzia” é fruto de sua visita ao NUPPO (2019), estreou em São Paulo, na Casa da História, em 15/julho/2023. No seu Instagram (@\_sementeira) ela conta o que sentiu quando leu a primeira vez sobre Luzia e convida o público para o espetáculo:

Lembro do dia lá em 2013 quando peguei o livro que chegou pelo correio “estórias de Luzia Teresa volume I”...

Lembro de pensar “como que eu não sabia da existência dessa pessoa, como que a gente não conta essa história?”

Alguma coisa em mim, que eu não sei de onde veio, quis pegar essa tarefa pra si... 10 anos depois tô eu aqui com ela, me preparando pra fazer essa travessia junto com o público... Quando eu falo “o público” parece uma coisa fria, chapada, mas quem conta histórias sabe que a presença do público é essencial nessa arte-ofício e que é só entre nós que as histórias podem existir.

Eu espero que vocês possam estar, que a gente faça uma boa visita e que Luzia, e todas as mestras das histórias que foram, que são e que serão, nos acompanhem.

É sábado que vem, dia 15/07 às 19h na @casadahistoria em São Paulo. é gratuito. ingressos pelo @sympla tem link no perfil. chamem amigues. venham! (Emilie Andrade, 2023, *online*).

O espetáculo (Ver Ilustração 63) é um monólogo com texto e encenação da própria Emilie, traz uma trilha sonora original com criação da cantora/DJ Luana Flores. No enredo, Luzia e Emilie se encontram num diálogo imaginário sobre contação de histórias, e daí o espetáculo evolui com quatro histórias de Luzia e mais uma outra, para o fechamento do espetáculo. Sobre Luzia, a contadora paulista, diz que “apesar de não saber ler nem escrever, Luzia tinha uma memória prodigiosa e alta qualidade na contação de histórias”.

**Ilustração 63 – Cartaz do espetáculo “A Casa de Luzia”**



Fonte: @\_sementeira, 2023.

Na reportagem do Jornal A União (20/08/2023), Emilie pondera que Luzia é uma “mulher extraordinária, pessoa humilde com imenso talento” (Ver Ilustração 64).

**Ilustração 64 – Espetáculo Teatral “A Casa de Luzia”**  
(A União 20/08/2023)



Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, acesso 2024.  
(Sítio: <https://auniaio.pb.gov.br/>)

Luzia Teresa foi homenageada no GECIMP TALK, evento acadêmico presencial, envolvendo as temáticas de cultura, informação, memória e patrimônio, realizado no dia 27/07/2023, no Centro de Ciências Jurídicas - CCJ/UFPB, o evento foi promovido pelo GECIMP, do Departamento de Ciência da Informação – DCI/UFPB. A palestra “Reinado de Luzia, um tempo adagio” foi apresentada por nós, no Bloco Temático 2 – Arquivos Pessoais e de Família, intitulada “Reinado de Luzia, um tempo adagio” (Ver Ilustração 65).

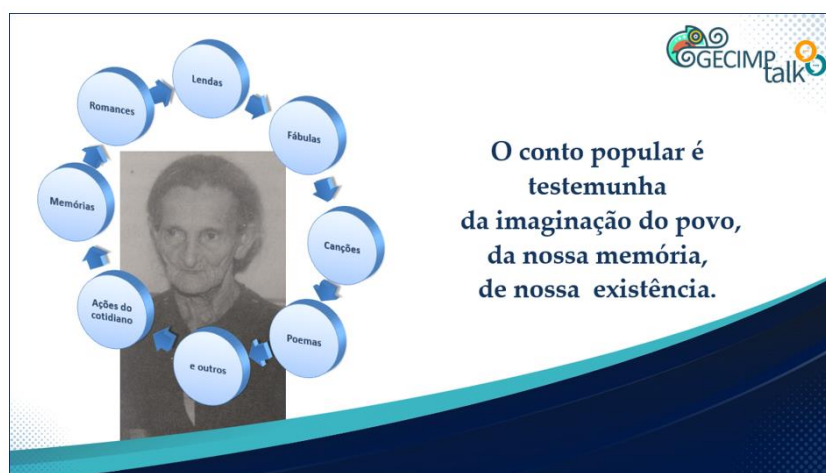
### Ilustração 65 – Palestra “Reinado de Luzia: um tempo adágio”, GECIMP TALK



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Na palestra a narradora Luzia Teresa do Santos foi apresentada com fotos e explanação sobre sua pessoa, quem era, o que fazia, qual sua origem, a importância dos seus contos e sobre a guarda do seu acervo no NUPPO. Abordando diversos aspectos do conto popular narrado por Luzia (Ver Ilustração 66).

### Ilustração 66 – Slide da palestra sobre Luzia, no GECIMP TALK



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Muito importante momentos como este de debate e discussões, valorizando a narradora Luzia Teresa. Ao final do evento, duas contadoras de histórias e pesquisadoras dialogaram sobre a importância dos contos de Luzia e sua divulgação.

Desta forma, escavamos a internet e trazer os vestígios de Luzia Teresa lá registrados. Os sítios pesquisados foram sendo colhidos ao longo dessa pesquisa, mas todos foram acessados e verificados se estavam ativos em fevereiro/2024. Observa-se que o material

apresentado nos sítios possui a roupagem de cada sítio e forma de apresentação, mas trazem o material contido nos livros “Estórias de Luzia Teresa”, com as mesmas informações e reprodução das fotos contidas nos livros. Destacamos o endereço na internet e o conteúdo específico de cada um (Ver Quadro 4).






**Quadro 4 – Sítios pesquisados**

	<b>Conteúdo</b>	<b>Sítios</b>
1	<b>Paraíba criativa</b> Bio resumo da vida de Luzia, fotos, vídeo sobre Luzia com o pesquisador José Paulo Ribeiro, bibliografia e dicas de outros sítios.	<a href="https://paraibacriativa.com.br/artista/luisa-teresa/">https://paraibacriativa.com.br/artista/luisa-teresa/</a>
2	<b>Contos e fábulas do Brasil</b> Bio resumo da vida de Luzia, fotos e bibliografia.	<a href="https://contos-fabulas.blogspot.com/2014/03/a-extraordinaria-luzia-teresa.html">https://contos-fabulas.blogspot.com/2014/03/a-extraordinaria-luzia-teresa.html</a>
3	<b>Editora Thesaurus</b> Venda on-line da coleção “Estórias de Luzia Teresa”, por Altimar Pimentel.	<a href="https://www.thesaurus.com.br/folclore/estoria-de-luzia-tereza-vol-i">https://www.thesaurus.com.br/folclore/estoria-de-luzia-tereza-vol-i</a>
4	<b>Amazon</b> Venda on-line da coleção “Estórias de Luzia Teresa”, por Altimar Pimentel (não disponível no momento).	<a href="https://www.amazon.com.br/Est%C3%B3rias-Luzia-Tereza-Maior-Contadora/dp/8570622805">https://www.amazon.com.br/Est%C3%B3rias-Luzia-Tereza-Maior-Contadora/dp/8570622805</a>
5	<b>Biblioteca Digital da Câmara Legislativa do Distrito Federal</b> Com a Revista DF Letras, já citado nesse trabalho (Ver ilustração 38 e 39).	<a href="https://biblioteca.cl.df.gov.br/dspace/handle/123456789/739">https://biblioteca.cl.df.gov.br/dspace/handle/123456789/739</a>
6	<b>Quindim</b> Texto de Marco sobre Luzia, Haurélio. Bio resumo da vida de Luzia, foto e bibliografia.	<a href="https://quindim.com.br/blog/conto-popular-no-brasil/">https://quindim.com.br/blog/conto-popular-no-brasil/</a>
7	<b>FolkMídia</b> Bio resumo sobre Luzia, as atividades do NUPPO e as Jornadas de Contadores de Estórias	<a href="https://meiratrigueiro.blogspot.com/2014/05/altimar-um-garimpeiro-de-estoria.html">https://meiratrigueiro.blogspot.com/2014/05/altimar-um-garimpeiro-de-estoria.html</a>
8	<b>Vila do Porto</b> Bio resumo sobre Luzia, as atividades do NUPPO e foto.	<a href="https://www.facebook.com/restauranteviladoporto/photos/a.573117586055980/3040618699305844/?type=3">https://www.facebook.com/restauranteviladoporto/photos/a.573117586055980/3040618699305844/?type=3</a>

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.






Ainda, no processo de escavação, no território da virtualidade verificamos as indicações de livros que trazem informações sobre Luzia Teresa dos Santos, verificando as duas formas de escrita do seu nome “Tereza” e Teresa”, com a plataforma Google Livros (Ver Quadro 5).

Quadro 5 – Livros com informações sobre Luzia Teresa

	Imagem	Google Livros
1		<p>books.google.com.br › books</p> <p><b>Estórias de Luzia Tereza: Volumell - Página 13</b> ✓</p> <p>Altmar de Alencar Pimentel · 2001</p> <p>ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 13</p> <p>... Luzia Teresa dos Santos . No volume I , escrevi Tereza ( com z ao invés de s ) . Somente agora tive acesso à Cédula de Identidade de Luzia Teresa dos Santos , expedida pelo Departamento de Polícia Técnica da Secretaria de Segu- rança ...</p>
2		<p>books.google.com.br › books</p> <p><b>Contos Populares de Brasília - Página 20</b> ✓</p> <p>ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 20</p> <p>... Luzia Tereza dos Santos . Também o deus Dionísio , filho de Zeus e Sêmele , quando sua mãe morre vítima de ma incêndio , o pai retira - o do ventre materno e conclui - lhe a gestação em sua coxa , de onde ele nasce . Os contos do ...</p>
3		<p>books.google.com.br › books</p> <p><b>Histórias de boca: O conto tradicional na educação infantil</b> ✓</p> <p>Cristiane Velasco · 2018</p> <p>ENCONTRADO NO TEXTO</p> <p>... Luzia Tereza , o pesquisador brasileiro Altmar Pimentel (1995) apresenta a versão "Maria Três Olhos", informada por Luzia Tereza dos Santos , extraordinária contadora popular da Paraíba. INSTANTE DO CONTO: MARIA DOIS OLHOS Maria Dois ...</p>
4		<p>books.google.com.br › books</p> <p><b>Meu avô, os livros e eu ou como resistir em tempos incertos</b> ✓</p> <p>Camila Tardelli · 2021</p> <p>ENCONTRADO NO TEXTO</p> <p>... Luzia Tereza dos Santos , grande contadora de histórias paraibana? Ou Maria Cecília de Jesus , contadora de histórias mineira? Ou a baiana vovó Cici , contadora de histórias iorubá? anos em José sugere Drummond , Carla sugere Clarice ...</p>
5		<p>books.google.com.br › books</p> <p><b>Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil - Página 136</b> ✓</p> <p>Maria Inês de Almeida, Sônia Queiroz · 2004 - Ver trechos</p> <p>ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 136</p> <p>... Luzia Tereza dos Santos , essa " magnífica contadora " que ascen- de , assim , mais definitivamente à condição de autora ( lembro aqui Michel Foucault : " Se um indivíduo não fosse um autor , o que ele escreveu ou disse , o que ele ...</p>


Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

**Quadro 5 – Livros com informações sobre Luzia Teresa  
(Continuação)**

	<b>Imagem</b>	<b>Google Livros</b>
6		<p>books.google.com.br › books</p> <p><b>Literatura folclórica - Página 16</b> ✓</p> <p>Américo Pellegrini Filho · 2000 · Ver trechos</p> <p><b>ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 16</b></p> <p>... <b>Luzia Tereza dos Santos</b> , ve- lha senhora nascida em Guarabira ( PB ) , agora viúva e com uma porção de netos e bisnetos , que se deliciam em ouvir e reouvir suas narrativas . Uma excelente portadora da cultura folk nordestina , isto é ...</p>
7		<p>books.google.com.br › books</p> <p><b>Antologia de folclore brasileiro - Página 302</b> ✓</p> <p>Américo Pellegrini Filho · 1982 · Ver trechos</p> <p><b>ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 302</b></p> <p>... <b>Luzia Tereza dos Santos</b> , branca , cerca de 73 anos , viúva , sem profissão , e cujo texto ( inédito ) , fica incluído neste trabalho como Anexo ; ambos informantes apresentam cultura acentuadamente rural , embora residam em cidades ...</p>
8		<p>books.google.com.br › books</p> <p><b>Euro-América: uma realidade comum? - Página 39</b> ✓</p> <p>Braulio do Nascimento · 1996 · Ver trechos</p> <p><b>ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 39</b></p> <p>... <b>Luzia Tereza dos Santos</b> ( inédito ) . Também o deus Dioniso , filho de Zeus e Sêmele , quando sua mãe morre vítima de uma incêndio , o pai retira - o do ventre materno e conclui - lhe a gestação em sua coxa , de onde ele nasce . Os ...</p>
9		<p>books.google.com.br › books</p> <p><b>XI Congresso Brasileiro de Folclore: Metodologia da pesquisa ...</b> ✓</p> <p>2005 · Ver trechos</p> <p><b>ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 57</b></p> <p>... <b>Luzia Tereza dos Santos</b> , infelizmente já falecida , de que já saíram dois tomos ; além de volumes específicos de municípios . Ainda na área universitária , Roberto Benjamin desenvolveu com seus alunos da Universidade Rural Federal de ...</p>
10		<p>books.google.com.br › books</p> <p><b>Revista lusitana: Nova série - Edições 12-16 - Página 78</b> ✓</p> <p>1994 · Ver trechos</p> <p><b>ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 78</b></p> <p>... <b>Luzia Tereza dos Santos</b> - de quem foram registradas 220 estórias , que vêm sendo publicadas por Altmar Pimentel , além de Estórias da Boca da Noite ( 1976 ) e Estórias de Cabedelo ( 1987 ) ; Maria do Socorro Silva de Aragão et al . O ...</p>

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

**Quadro 5 – Livros com informações sobre Luzia Teresa**  
(Continuação)

11		<p>books.google.com.br &gt; books  <b>Parahyba 400 anos - Página 42</b> ✓            1985 - Ver trechos</p> <p><b>ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 42</b></p> <p>... <b>Luzia Tereza dos Santos</b> maior narradora do mundo . Só a citação desses números seria suficiente para justificar o trabalho desse organismo , que resgatou para o futuro um acervo de valor imensurável . Sabe - se que a importância do ...</p>
12		<p>books.google.com.br &gt; books  <b>Contos e fábulas do Brasil</b> ✓            Marco Haurélio · 2018</p> <p><b>ENCONTRADO NO TEXTO</b></p> <p>... <b>Luzia Tereza</b>. Brasília: esaurus, 1995. _____. Estórias do Diabo. Brasília: Tesaurus, 1995. , Vladimir. As ... <b>santos</b>. Tradução de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. , Oswaldo Elias. Narrativas pias ...</p>
13		<p>books.google.com.br &gt; books  <b>História da literatura brasileira - Página 206</b> ✓            Luiz Carlos Guimarães Costa · 2005</p> <p><b>ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 206</b></p> <p>... <b>Luzia Tereza</b> . 95 ; Estórias do Diabo . 95 ; Contos Populares de Brasília , 98 . Uiquende no Pacífico , 71 ; Os ... <b>Santos</b> 25.03.76 Brasília DF 206.</p>

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Os livros contidos no Quadro 5 foram identificados acessando a plataforma <https://books.google.com.br/>, que processa livros que estejam escaneados no Google, por reconhecimento ótico dos caracteres, formando um grande banco de dados.

Percebe-se que o material de Luzia, que está na internet, ganha cada vez mais espaço; a divulgação do seu trabalho por pesquisadores da cultura popular, em específico, pelos contos populares, só contribuem para a propagação do seu nome e seus contos.

No Quadro 6, trazemos o indicativo de três vídeos sobre Luzia Teresa, que estão acessíveis na internet. Seguem o sítio, com comentário sobre o conteúdo e o Código QR para acesso. O vídeo 1 é uma reportagem de Leandro Pedrosa, com o tempo de 5m22s, realizada, em parte na cidade de Guarabira, sobre Luzia Teresa, ele traz diversas imagens dos livros, da coleção “Estórias de Luzia”, por Altimar Pimentel. Além de narração sobre a vida de Luzia, intercalado com entrevista, com o pesquisador José aulo Ribeiro e com partes da contação de história do grupo Contos da Carochinha, contando o conto de Luzia: “As Três Melancias”.

Os vídeos 2 e 3, já, foram comentados nesse trabalho.

O vídeo 4, trata do lançamento do projeto de *podcast*<sup>28</sup> sobre Luzia Teresa, é uma *live* realizada pela contadora de histórias Manu Coutinho, em 6 de set. de 2022, período de pandemia. O projeto consiste em produzir áudios com os contos populares de Luzia, divididos em quatro episódios, para tanto conta com o apoio financeiro da Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE), pela Lei Aldir. Traz informações importantes inclusive discussão sobre questões delicadas como o machismo e o preconceito racial, presente nas histórias de Luzia que trazem os registros de épocas passadas, no qual esses assuntos eram tratados com “normalidade”, sem o devido respeito e proteção das leis.

**Quadro 6 – Vídeos sobre Luzia Teresa, disponibilizados na internet**

	<b>Imagem sítio</b>	<b>Referência e conteúdo</b>	<b>Código QR</b>
1		<b>Programa diversidade</b> - Vídeo sobre Luzia e entrevista com o pesquisador José Paulo Ribeiro. (Tempo:5m52s)	
2		<b>10º EcoH - Encontro de Contadores de Histórias de Londrina</b> Pesquisa em Narração de Histórias II – Histórias de Luzia Tereza (Tempo:1h25m56s)	
3		<b>Mulheres em Cena</b> Um dedo de Prosa, “Memória fantástica da vida: Luzia Teresa e seus contos populares”, Por Luciana Dias (Tempo: 9m50s)	
4		<b>Manu Coutinho</b> O mundo de Luzia Teresa - A maior contadora de histórias do mundo (Tempo: 49m30s)	

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Registramos que o projeto dos *podcasts* “O Mundo de Luzia Teresa: a maior contadora de histórias do mundo!” foi realizado, sendo disponibilizado na internet o áudio de doze contos

<sup>28</sup> Difusão de repertório multimídia na Internet, para assistir ao vivo, ou descarregar de forma imediata.

de Luzia Teresa, por Manu Coutinho. O projeto possui quadro eixos temáticos, com três contos cada, sobre o tema dos episódios. São eles: O fabulário de Luzia Teresa; As fadas de Luzia Teresa; O fantástico de Luzia Teresa e O medo de Luzia Teresa, respectivamente (Ver Quadro 7).

**Quadro 7 – Podcasts sobre Luzia Teresa, por Manu Coutinho**

	Imagem sítio	Referência e conteúdo	Código QR
1		1º Episódio (Tempo: 28m30s) <b>O Fabulário de Luzia Teresa - A maior contadora de histórias do mundo</b> Contos de Luzia: - A onça e o macaco (2m15s) - O burro e os macacos - Um homem que compreendia a conversa dos animais.	
2		2º Episódio (Tempo: 28m42s) <b>As Fadas de Luzia Teresa - A maior contadora de histórias do mundo</b> Contos de Luzia: - A Feiticeira - Maria da Vaquinha - O Rapaz que virou num bicho.	
3		3º Episódio (Tempo: 23m26s) <b>O fantástico de Luzia Teresa - A maior contadora de histórias do mundo</b> Contos de Luzia: - As Mil e Uma Noite - Os Noivos Santos - O Reinado das Caveiras.	
4		4º Episódio (Tempo: 23m26s) <b>O medo de Luzia Teresa. - A maior contadora de histórias do mundo</b> Contos de Luzia: - Casa de Farinha - A Mulher que enganou o Diabo - A Igreja Abandonada.	

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Os contos de Luzia Teresa são lidos/interpretados por Manu Coutinho e como cada contador, tem sua forma própria de contar, de se interiorizar com a história, Manu faz seus acréscimos e subtrações nas histórias de Luzia, de acordo, com o ritmo e a necessidade de contar as histórias. Já, tratamos desse aspecto falando da cultura oral, da memória, da seleção natural que o contador faz dos fatos, de acordo com seu contexto social, de vida, de reprodução dos hábitos, dos costumes e do repasse das informações.

Alguns contadores de histórias, os atuais narradores do mundo digital, se apropriam dessa ferramenta e a utilizam como meio de divulgação do seu trabalho. Em sendo assim, os que o fazem, com os contos de Luzia Teresa, estão ajudando-a na divulgação e perpetuação de sua vida, de sua história, dos seus contos populares (Ver Quadro 8).

**Quadro 8 – Contos de Luzia Teresa, disponibilizados na internet**

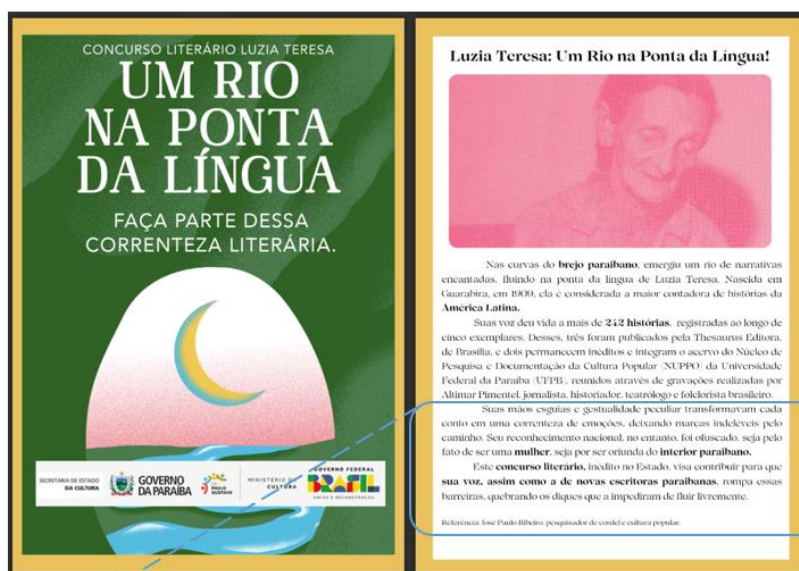
	<b>Imagem</b>	<b>Referência e conteúdo</b>	<b>Código QR</b>
1		<b>Programa diversidade</b> – Conto “As Três Melancias”, de Luzia Teresa, pelo Grupo Cantos da Carochinha. (Tempo: 17m55s)	
2		<b>Achadouro da infância</b> – Podcast sobre a vida de Luzia e seu conto “A onça e o macaco”, por Beatriz Almeida. (Tempo: 18m18s)	
3		<b>Boca do Céu</b> Conto “Manoel Nu”, de Luzia Teresa, por Emilie Andrade. (Tempo; 4m41s)	
4		<b>Encontro de contação de Histórias @_emcontos</b> sobre a vida de Luzia e seu conto “A onça e o macaco”, por Manu Coutinho. (Tempo: 10m28s)	
5		<b>Encontro de contação de Histórias @_emcontos</b> de Luzia o conto “O Menino que não tinha medo de nada”, Nara Santos, da Banda Meu Quintal. (Tempo: 9m53s)	
6		<b>Encontro de contação de Histórias @_emcontos</b> Homenagem a Luzia, por Miguel Lua e Leandro Luz, do Luul Duo. (Tempo: 11m13s)	

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Dentre os contos de Luzia Teresa, contidos no Quadro 8, o item 1, com o conto “As Três Melancias” faz parte do Programa Diversidade, já comentado no Quadro 6. Os itens 2 e 4, fazem uma introdução sobre a vida de Luzia e se referem ao mesmo conto “A onça e o macaco”, contidos no volume 3, conto 145, do “Estórias de Luzia Teresa”, por Altimar Pimentel. Aqui, são apresentados de duas formas: o item 2 em *podcast*, o item 4 em vídeo; narrados por contadoras distintas, trazendo, assim, um diferencial na forma de perceber o conto. Os itens 4, 5 e 6 além de homenagear Luzia Teresa, comemoram o dia do Contador de Histórias, na Paraíba, instituído pela Lei 11.331/2019, no dia 18 de março, data do seu nascimento, em sua honra.

Ainda, em homenagem a Luzia Teresa, está em vigor o “Concurso Literário Luzia Teresa: Um Rio na Ponta da Língua”, com inscrições de 20 de fevereiro até 18/março e lançamento presencial do livro em 30 de junho de 2024.

### Ilustração 67 – Concurso literário em homenagem a Luzia, 2024



Suas mãos esguias e gestualidade peculiar transformavam cada conto em uma correnteza de emoções, deixando marcas indelévels pelo caminho. Seu reconhecimento nacional, no entanto, foi ofuscado, seja pelo fato de ser uma **mulher**, seja por ser oriunda do **interior paraibano**.

Este **concurso literário**, inédito no Estado, visa contribuir para que **sua voz, assim como a de novas escritoras paraibanas**, rompa essas barreiras, quebrando os diques que a impediram de fluir livremente.

Referência: José Paulo Ribeiro, pesquisador de cordel e cultura popular.

Fonte: Dados da pesquisa, destaque nosso, acesso 2024.  
(Sítio: <https://concursoluzisateresa.my.canva.site/literatura>)

No texto do concurso, em destaque na Ilustração 67, aponta que o reconhecimento nacional de Luzia como contadora de história foi encoberto, justamente, por ser mulher e por ser paraibana. Desta forma, o concurso é destinado as novas escritoras, exclusivamente mulheres paraibanas, como incentivo e valorização da mulher, sendo ao final publicado uma antologia com 25 poemas e 25 contos.

No mundo digital as possibilidades de divulgação do trabalho de Luzia são inúmeras. Na procura desses vestígios recebemos da contadora Manu Coutinho, um trabalho realizado com as imagens de rosto de Luzia e o programa *MyHeritage*, de melhoramento de fotos antigas, através do aumento da resolução. Salientamos que as imagens de Luzia Teresa que estão no NUPPO, são todas fotografias, os pesquisadores da época não tiveram a oportunidade de fazer vídeos da contadora. As fotos, do núcleo de pesquisa, constam no Anexo 6 desse trabalho.

Com as duas imagens modificadas digitalmente (Ver Quadro 9 e 10) e cedidas para esse trabalho de pesquisa, podemos ver o rosto de Luzia se movimentando, virando de perfil, movendo o olhar e esboçando um leve sorriso. Oportunidade singular para se observar e perceber as feições de Luzia Teresa.

**Quadro 9 – Perfil de Luzia, movimentação digital**



Fonte: Imagem cedida por Manu Coutinho, 2023.

**Quadro 10 – Rosto com sorriso de Luzia, movimentação digital**

Fonte: Imagem cedida por Manu Coutinho, 2023.

O universo virtual trouxe surpresas ao verificar que o trabalho de Luzia está se propagando digitalmente, pelos pesquisadores, contadores de histórias e demais pessoas interessadas em contos populares e em literatura. Luzia Tereza dos Santos deixa de ser a contadora esquecida para ser reverenciada e divulgada.

### **Caminho de Luzia**

De gesto largo,  
Semblante enigmático,  
Voz penetrante.

Luzia ao contar... histórias de seu povo.  
Tinha fada, rei, princesa e gente.  
Bicho-bicho e bicho inteligente  
Animal encantado e imprudente.

Luzia ao contar... histórias de seu povo.  
Tinha casa, castelo e cidade,  
Gente com habilidade.  
E também com infantilidade.

Luzia ao contar... histórias de seu povo.  
Estende seu braço em caminho de rios  
Fala do malvado sombrio  
E do herói bravio.

Luzia tem um só caminho...,  
o que eterniza sorrisos.

(Luciana Dias, 2022.)

## 5 QUINTO CONTO – CONTO POR CONTO

Seguindo os vestígios deixados por Luzia Teresa dos Santos, trazemos apontamentos sobre os livros que Altimar Pimentel publicou exclusivamente sobre Luzia Teresa, na Editora Thesaurus, em três volumes (Ver Ilustração 68). E, sobre os textos não publicados por Altimar Pimentel.

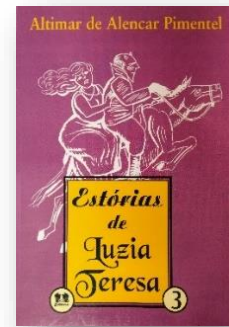
**Ilustração 68 – Livros com os Contos de Luzia Teresa dos Santos**



Volume 1 (1995).



Volume 2 (2001).



Volume 3 (2001).

Fonte: Acervo Luciana Dias, 2022.

Desencavando e espalhando a terra, como Benjamim diz ser necessário para uma busca primorosa e cuidadosa das informações, vamos seguir detalhando cada volume, atendo-se as informações gerais, sem entrar nas minúcias dos contos.

### 5.1 MINICONTO – “ESTÓRIAS DE LUZIA TERESA”

O mais volumoso livro da coleção “Estórias de Luzia Teresa” é o volume 1, com 64 contos. A capa traz uma foto de Luzia sentada em uma cadeira contando histórias e por trás algumas ilustrações características de contos de fada. Tanto a capa, contracapa, como os desenhos que abrem iniciam cada conto são da autoria de Tonio<sup>29</sup>.

<sup>29</sup> Antônio Gonçalves de Sá - artista plástico, pintor, caricaturista e ilustrador. Responsável por diversas ilustrações do Jornal “A União”.

O livro apresenta orelha com texto sobre Luzia, e na sequência: **sumário**, introdução assinada pelo autor, os **contos**, **notas do autor** sobre cada conto, contendo referências do mesmo conto e semelhantes encontrados e registrado em diversos países, em outras regiões do Brasil e na Paraíba. Como também, faz referência ao sistema de indexação de Aarne/Thompson, indicando qual é o “tipo” do conto. Dependendo de cada história e sua divulgação na cultura popular, traz para alguns mais informações. Em seguida, **texto** intitulado: “Luzia Tereza dos Santos” com particularidades de sua vida e sete fotografias (sentada contando histórias, sua casa, crianças e adultos a ouvindo). A parte central do livro com os **contos**. Após, **entrevista** com Luzia Teresa, realiza por Myrian Gurgel Maia, donde se estrai diversos pormenores da vida de Luzia, entendendo um pouco da essência dela. Informações preciosas e alguns trechos citados, aqui, nesse estudo. Finalizando o livro, temos a **bibliografia** que nos fez ver o profícuo trabalho de pesquisa de Altimar Pimentel, em contos populares e suas **notas** sobre cada conto.

As ilustrações são todas preto e branco, destacamos seis ilustrações para exemplificar como são, e são postas antes do texto de cada conto (Ver Ilustração 69).

#### Ilustração 69 – Desenhos de abertura dos contos, no volume 1



Fonte: Estórias de Luzia Tereza, 1995, vol. 1, (Desenhos de Tonio).

Importante frisar quando se trabalha com recolha de contos, quem participou e fez a transcrição do mesmo. Para tanto, abaixo, segue Quadro 11, contendo o nome dos responsáveis por esse trabalho.

**Quadro 11 – Responsáveis pela coleta e transcrição do volume 1**

<b>Coleta</b>	Altimar Pimentel Myrian Gurgel Maia
<b>Transcrição</b>	Myrian Gurgel Maia Maria José da Silva Figueiredo Ivaldo Nóbrega

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Ao se transcrever um conto, é de suma importância manter o linguajar próprio do contador, com seus trejeitos da cultura local, com as repetições que trazem um encadeamento à história, como as aberturas e os desfechos dados por cada contista (Ver Quadro 12). Não sendo necessário aparecer nos contos todos esses elementos, mas na sua maioria podemos identificá-los.

**Quadro 12 – Abertura, trejeitos e desfechos nos contos**

<b>Conto</b>	<b>O Caranguejinho de ouro<sup>30</sup></b>
<b>Abertura</b>	Bem, o caranguejinho de ouro foi assim... Um rapaz caçou uma moça e casou-se. Quando foi com os tempos a mulher apareceu de gravidez. Teve uma criancinha e morreu de parto.  Maria – este era o nome da menina – ficou só, no poder do pai.
<b>Repetições</b>	Maria foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo... Um dia, saiu atrás de Maria, saiu atrás, saiu se escondendo aqui, acolá para ela não visse.  Maria esteve, esteve, esteve lá, bem escondidinha no mato.

<sup>30</sup> Estórias de Luzia Tereza, p. 250-253, 1995, vol.1.

<b>Trejeitos</b>	O pai foi para a feira e trouxe uma cordinha de caranguejo. Ela foi tratar dos caranguejos, tinha um caranguejinho deste tamanhinho, de ouro. Aquele bichinho tão bonitinho!  E leva um negocinho de uma comidinha.
<b>Linguajar típico</b>	O rei botou voz de fama para todo canto.
<b>Desfecho</b>	A madrasta ficou zangada por causa de que nenhuma das filhas delas pegou a bandeira. Maria, a mocinha, foi quem pegou. A enteada. Pronto. Acabou-se.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Na abertura, em poucas linhas percebemos o contexto da situação e os personagens que se destacarão. Com relação as repetições, tanto pode ser de palavras na sequência, trazendo um encadeamento da ação, na perceptiva de movimento, de continuidade, ou de cenas completas que se repetem, com pequenas mudanças de objetos ou fazeres. Muito comum nos contos populares a repetição ser em número e três, com frases que dizem “por três noites”, por três dias”, “apareceu três vezes”, “com três banhos”, entre outros. Até nos títulos dos contos, por exemplo estes de Luzia contidos no volume1: “Maria Três Olhos”, “As três irmãs camponesas”, “As três rosas roubadas”, “As três bolinhas de ouro”, “Os três irmãos da fruta da vida”, “Os três soldados que fugiram da guerra”, e “As três moças roubadas”. O número três contido nos contos populares refletem a influência, do mesmo, no pensamento do povo, nas suas culturas e tradições, por isso mesmo, presente nas manifestações artísticas.

O volume 2 do livro Estórias de Luzia Tereza, de Altimar Pimentel, traz 39 contos. Na capa vemos o nome da contadora grafado de forma correta trazendo o nome Teresa escrito com a letra “s”, de acordo com sua carteira de identidade, que por sinal, conta nesse volume uma foto da mesma. A capa tem uma foto de Luzia sentada em uma cadeira contando histórias, de forma esmaecida, em segundo plano, tendo destaque para o título, autor e para a frase “a maior contadora de estórias do mundo”. Na contracapa temos um texto intitulado “A Voz dos

séculos”, por Félix Coluccio<sup>31</sup>, enaltecendo a contadora Luzia Teresa e o pesquisador Altimar Pimentel. As ilustrações e capa permanecem da autoria de Tonio.

O livro apresenta orelha com texto “Estórias de Luzia Teresa”, por Veríssimo de Melo<sup>32</sup>. Discorrendo sobre a importância dos contos folclóricos e reverenciando Luzia. Adentrando o livro temos o título “Obras do autor” e a sequência dos mesmos subdivididos em quatro tópicos: Teatro - peças publicadas; Peças encenadas; Peças inéditas e Folclore. Na sequência a **introdução**, escrita pelo autor esclarecendo sobre a grafia do nome da contadora, sobre a contagem dos seus contos, no total de 242 contos distintos. Sobre Luzia conclui:

A obra de Luzia Teresa avulta em importância não apenas pela quantidade de contos por ela guardados em sua excepcional memória – espécie de biblioteca humana – mas pelo que estas narrativas representam para a novelística popular universal. Luzia Teresa preservou para o futuro um conjunto de contos que abarca todas as categorias de qualquer classificação, o que quer dizer, uma obra completa, síntese do conhecimento universal na área da narrativa oral popular.

E isto compensa todo esforço na preparação e divulgação de sua obra, porque ela possui a marca forte que nos identifica como povo (Pimentel, 2001a, p.14).

Seguindo temos mais dois textos ante dos contos. O primeiro “Histórias de Luzia Teresa”, por Félix Coluccio e o segundo “As Estórias de Luzia Teresa”, por Bráulio do Nascimento<sup>33</sup>. Respectivamente, seguem comentários, dos escritores, sobre Luzia Teresa:

Luzia passa à história do Folclore como sujeito receptivo e ativo. Não é uma gravação o que se escuta quando ela narra. É a voz dos séculos sedimentada no coração e na alma desta mulher excepcional que pode reter as palavras que a oralidade lhe ia transmitindo, dia a dia, com fadas boas e más, príncipes e aventureiros, reis e pajens, cavaleiros e escudeiros, bons e maus, perversos e generosos, formosos e horríveis, diabólicos e santos (Coluccio, 2001, p.16).

Luzia Teresa, contando suas estórias, ilustradas por uma gestualidade peculiar, de que não se perde a imagem, teria surpreendido e tranquilizado Herder [Johann Gottfried] com uma recolha tão significativa, dois séculos depois do seu alerta. Era uma mulher frágil, que se transfigurava na companhia dos reis, rainhas, príncipes e princesas, num convívio natural, descrevendo palácios e carruagens, como de houvera circulado pelos salões ou passeando nas carruagens (Nascimento, 2001, p. 17).

---

<sup>31</sup> Félix Coluccio (1911-2005) escritor argentino, floclorólogo, professor de geografia, estudioso da cultura popular latino-americana, com extensa bibliografia, foi Diretor do Fondo Nacional de Las Artes Argentina, Secretário geral da Comisión Internacional Permanente de Folklore.

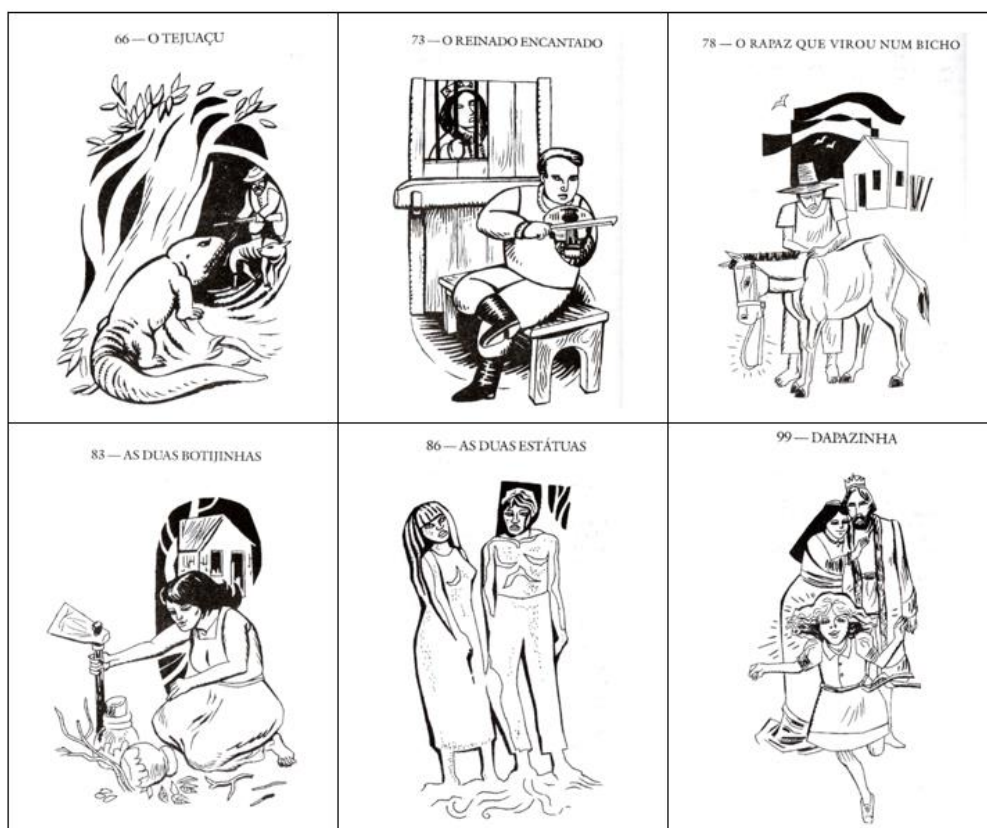
<sup>32</sup> Veríssimo de Melo (1921-1996) escritor brasileiro - natalense, professor de Antropologia e Etnografia do Brasil, estudioso de cultura popular, foi Presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras e membro do Conselho Estadual de Cultura.

<sup>33</sup> Bráulio do Nascimento (1924-2016) escritor brasileiro - paraibano, estudioso de cultura popular, autor de vários trabalhos sobre o romanceiro peninsular e o conto popular, foi Presidente do Instituto Nacional de Folclore e vice-presidente da Comissão Nacional de Folclore.

Continuando no livro, volume 2, temos os **contos, notas do autor** contendo inferências sobre cada conto e semelhanças com outros contos registrados em diversos países, em outras regiões do Brasil e na Paraíba e especificando o tipo do conto, de acordo com o sistema de indexação de Aarne/Thompson. Após, temos a **bibliografia, a relação** das estórias narradas por Luzia Teresa, divididas em 5 volumes e **fotos** de Luzia Teresa, sentada, contando histórias, num mesmo ambiente, numa sequência de posições que podemos observar sua gesticulação durante a narração.

Os desenhos de abertura de cada conto, merecem destaques, pois eles nos trazem visualmente antes da leitura dos contos, informações sobre o que se trata, como a presença de rei, rainha, fada, criança, animal, floresta, castelo e outros. Muito bem elaboradas por Tonio que consegue traduzir a essência do conto, com traço acertado, para um texto da cultura popular. Como no cabeçalho da página tem o título em realce, logo se faz a associação do título e da imagem, antes da leitura do conto, numa espécie de resumo visual. Destacamos alguns desenhos, do volume 2, para observação desses detalhes (Ver ilustração 70).

#### Ilustração 70 – Desenhos de abertura dos contos, no volume 2



Fonte: Estórias de Luzia Tereza, 2001, vol. 2, (Desenhos de Tonio).

Na coleta dos contos de Luzia Teresa dos Santos e na sua transcrição trabalharam cinco pessoas integrantes do NUPPO, verificar na Quadro 13.

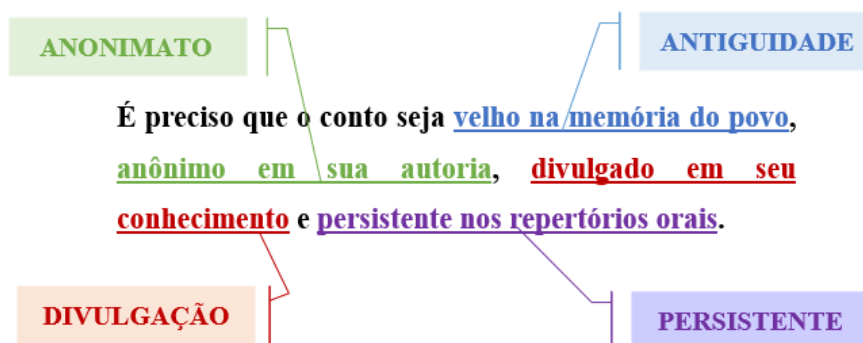
**Quadro 13 – Responsáveis pela coleta e transcrição do volume 2**

<b>Coleta</b>	Altimar Pimentel Myrian Gurgel Maia
<b>Transcrição</b>	Myrian Gurgel Maia Maria José da Silva Figueiredo Dione Beltrão

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Segundo Cascudo (2014) o conto para ser reconhecido como popular necessita de características essenciais. Ele diz que: “é preciso que o conto seja velho na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais. Que seja omissos nos nomes próprios, localizações geográficas e datas fixadoras do caso no tempo”. Então, vejamos no seu discurso esses elementos conforme esquema abaixo (Ver Ilustração 71).

**Ilustração 71 – Características essenciais para o conto popular, segundo a visão de Cascudo**



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Verificamos diversas vezes essas quatro características nos contos de Luzia Teresa: a antiguidade, o anonimato, a divulgação e a persistência. Assim, trazemos, abaixo, alguns trechos dos seus contos representativos de cada atributo deste (Ver Quadro 14).

Quadro 14 – Características do conto popular - Cascudo, nos contos de Luzia

Características	Exemplos com os contos de Luzia Teresa dos Santos	Observações de Cascudo (2014, p. 6-10)
<b>Antiguidade</b>	<p>“O reinado completo de gente, chegou Joana no salão com aquela trouxinha. - Oxente! O que é que essa moça vem ver com essa trouxa? O povo <i>dizeno</i>. - O que ela quer com essa trouxinha debaixo do braço”. (Conto: O Tejuacu, p.24-28, vol. 2).</p>	Atestam detalhes de ambiente, armas, frases, hábitos desaparecidos
<b>Anonimato</b>	<p>“Numa cidade tinha um rei que quando a rainha descansava de um filho ele fazia festa para todo mundo de alegria, [não sabe?]. Aquele rei fazia aquela festona de alegria. Ou macho ou fêmea. Dessa vez nasceu a princesinha, o rei fez uma grande festa. Então, tinha uma fada que esse rei não convidou para a festa do nascimento da princesa” (Conto: A Princesa encantada, p.61-69, vol. 2).</p>	Omisso nos nomes próprios, localizações geográficas e datas fixadoras do caso no tempo.
<b>Divulgação</b>	<p>“Tinha um rapaz que andava muito de noite. E a mãe dele dizia: - Meu filho, deixe de andar tanto de noite! Você sabe que naquela encruzilhada aparece um padre... - Minha mãe, eu não tenho medo não. - Meu filho!... Não tomou o conselho da mãe dele” (Conto: O Padre na encruzilhada, p.105-110, vol. 2).</p>	“Usus”, regras de vida diária, legalizados em sua ancianidade histórica.
<b>Persistência</b>	<p>“Nunca tomou. Andava, andava. Quando foi uma noite, ele saiu. Foi a um baile muito longe. Nunca tomou. Andava, andava” (Conto: O Padre na encruzilhada, p.105-110, vol. 2).  “Andaram, andaram, chegaram na beira da maré. Aquela marezona! Os homens, pou – dentro da canoa! Nunca tomou. Andava, andava” (Conto: O Caixão de dinheiro, p.111-115, vol. 2).</p>	O nosso andou-andou-andou está nas porandubas amazônicas: uatá-uatá-uatá. Nos misoso que Chatelain ouviu em Luanda vinha o uende-uende, walked, walked, andou-andou, como os meus amigos sertanejos usavam, descrevendo os longos dias de caminhada.

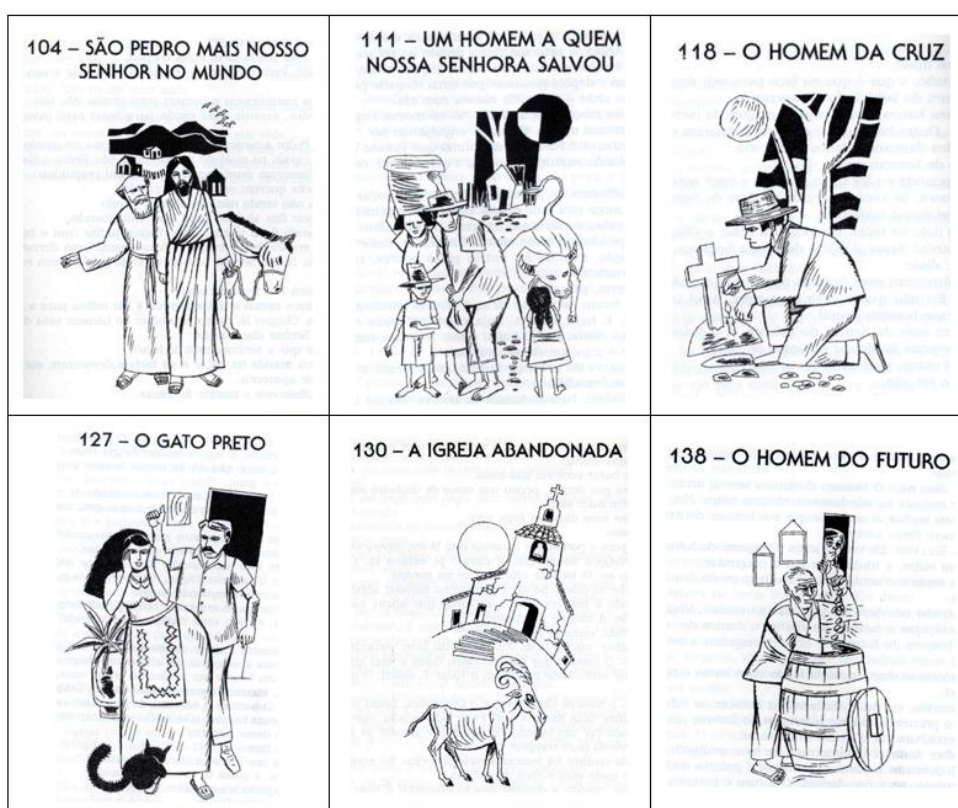
Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Os contos populares possuem uma variedade infinita, pois existem indefinidas combinações, motivos, locais, circunstâncias psicológicas, detalhes, “mas os fios são os mesmos. A ciência popular vai dispendo-os diferentemente. E são incontáveis e com a ilusão

da originalidade” (Cascardo, 2014, p. 14). Tal qual descreve Cascardo verificamos esse fato nos contos de Luzia Teresa.

O último volume publicado por Altimar Pimentel, sobre Luzia Teresa, tem um total de 43 contos. A capa traz uma ilustração e a contracapa uma foto de Luzia sentada em uma cadeira contando histórias e o texto “Luzia Teresa foi a maior contadora de estórias de que se tem notícia. Narrou 242 contos populares”. As ilustrações do livro permanecem da autoria de Tonio (Ver Ilustração 72).

**Ilustração 72 – Desenhos de abertura dos contos, no volume 3**



Fonte: Estórias de Luzia Tereza, 2001, vol. 2, (Desenhos de Tonio).

O livro apresenta orelha com texto de Altimar Pimentel intitulado “Canção para Luzia Teresa” que diz “durante três anos vi-a narrar suas estórias, algumas acredito, de sua criação; em todas, o guardado do povo nordestino, paraibano, repassadas por uma sensibilidade e formação religiosa bastantes características”. Na sequência temos: **sumário**, **texto** do autor com o título “O Editor e a narradora”, seguido dos **contos**, das **notas** sobre cada conto, e a **bibliografia**.

Luzia traz nos seus contos a raiz da ancestralidade, com o misto de sua origem nordestina e da originalidade da sua pessoa, com os acréscimos e esquecimentos da seletividade da memória. Pollak (1989, p. 8) nos articula sobre o processo das lembranças que ficam

impressas no cérebro e as que são rejeitadas. “A seleção dessas memórias se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas”. As memórias pertencem ao passado, mas estão a todo instante no limiar do presente e do futuro. Nesse sentido, apartamos algumas notas do autor, deste volume 3, para observação da universalidade dos contos de Luzia (Ver Quadro 15).

**Quadro 15 – Notas sobre os contos de Luzia Teresa, volume 3**

Contos	Notas (Altimar Pimentel)	Observações:
<b>Um Homem a quem Nossa Senhora Salvou</b> (Estórias de Luzia Tereza, 2001, p. 44-48, vol. 3).	“Temos aqui o motivo central do Tipo 839 – <i>One Vice Carries Other with It</i> de Aarne/Thompson, com versões na Estônia, Lituânia, Islândia, Irlanda, França, Espanha, Rússia e Índia. De evidente preocupação religiosa, catequética, o conto objetiva estimular a devoção à Virgem Maria”.	Conto relacionado a religiosidade com estrutura similar a diversos contos da cultura popular presentes em vários países.
<b>Polegada, o filho do diabo</b> (Estórias de Luzia Tereza, 2001, p. 102-106, vol. 30).	“O desejo de dar à luz um filho, mesmo que seja do Diabo, é o motivo central da lenda medieval ‘Roberto do Diabo’. A gestação na coxa é motivo do mito de Dionísos, filho de Zeus e Sêmele. Esta mortal, amante de Zeus, desejou recebê-lo em toda sua plenitude e foi abrasada pelo Deus. Como estava grávida, Zeus colheu a criança do ventre da mãe e concluiu-lhe a gestação em sua perna. O dramaturgo grego Aristófanes descreveu, sob o nome de Óaco um Dionísio infernal, responsável pela direção da dança dos iniciados, dos mortos em meio às pradarias do Inferno”.	Este conto traz o motivo principal “dar à luz à um filho” que, também, aparece em dois outros contos de Luzia, mas com fatos e estruturas diferenciadas: - A Filha da baronesa; - A Assistente do filho do Diabo. Chama atenção a origem mitológica.
<b>A Princesa advinha</b> Estórias de Luzia Tereza, 2001, p. 164-167, vol. 3)	“Tipo 851 – <i>The Princess who Cannot Solve the Riddle – I. The Riddle Contest. A princess is offered in marriage to the Youth who can propose a riddle which she cannot solve.</i> Versões na Finlândia, Suécia, Estônia, Lituânia, Noruega, Dinamarca, Islândia, Escócia, Irlanda, Inglaterra, França, Espanha, Catalunha, Alemanha, Áustria, Itália, Sicília, Romênia, Hungria. Grécia, Eslovênia, Croácia, Rússia, Tchecoslováquia, Turquia, Índia, Indonésia, América francesa, Hispnoamérica (Argentina, Chile, República Dominicana, porto Rico), Cabo Verde, América Indígena, África”.	Muitos contos possuem como mote a questão da adivinhação. Conquistas, sucessos, casamentos, livramento da morte, entre outros fatos, todos relacionados com a solução do enigma. Elemento presente em vários contos populares do mundo.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Temos, ainda, que nos atermos sobre uma evidência pertinente a respeito do trabalho de recolha e pesquisa científica na cultura popular os contadores de histórias da Paraíba, realizada pelo do NUPPO, e aqui em específico de Luzia Tereza dos Santos. No início, do livro temos o seguinte registro:

Os contos desta coleção integram o acervo do Núcleo de pesquisa e Documentação da Cultura Popular, da Universidade Federal da Paraíba. Foram cedidos para esta publicação pelo Conselho Técnico-Científico do órgão, constituído pelos professores Oswaldo Meira Trigueiro, Iveraldo da Costa Lucena, Maria do Socorro Aragão, Ivaldo Nóbrega, Iracema Figueiredo Lucena e Francisca Neuma Fachine Borges (Pimentel, 2001).

Na coleta dos contos de Luzia Teresa dos Santos e sua transcrição, deste volume 3, participaram cinco pessoas integrantes do NUPPO, conferir no Quadro 16.

**Quadro 16 – Responsáveis pela coleta e transcrição do volume 3**

<b>Coleta</b>	Altimar Pimentel Myrian Gurgel Maia
<b>Transcrição</b>	Myrian Gurgel Maia Maria José da Silva Figueiredo Ivaldo Nóbrega

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Os três volumes publicados das “Estórias de Luzia Teresa”, por Altimar Pimentel englobam o número de 146, dos 242 contos registrados no NUPPO. Percebe-se que o autor ao organizar os três volumes, separou os contos por temática. Algo complicado de se conseguir, pois os contos, na maioria das vezes, possuem mais de uma temática, com uma perpassando a outra. Contudo se elegendo o motivo central essa organização pode ser realizada.

Assim, no volume 1, encontramos contos que tratam sobre: reinos do “vai-não-torna; lutar/vencer bicho feroz; madrasta; questões de relação irmã com irmã, irmão com irmão; noivo-animal; busca de noiva; atividades domésticas - ciclo da borralheira; objetos mágicos, ação de encantamento e desencantamento – sofrimento físicos do herói por 3 vezes/dias.

O volume 2 traz casos com: noiva prometida a mostro; plebeu/plebeia premiado com casamento real; homem-bicho, bicho-homem; botijas e alma penada; tesouro-dinheiro.

No volume 3, Altimar Pimentel reuniu contos que envolve questões de religiosidade (Nosso Senhor, Nossa Senhora, Santos, Diabo); céu-inferno; astúcia-sabedoria; animais falantes e moralidade.

Ressaltamos que muitas temáticas podem ser percebidas, já, durante a leitura do título. Para registro, conhecimento e identificação dos contos publicados e não publicados, seguem as listas nominiais dos títulos dos contos impressos em cada volume. (Ver Quadros 17, 18 e 19).

**Quadro 17 – Contos publicados por Altimar Pimentel, volume 1**

1	Os dois irmãos	33	O pente de ouro da princesa
2	Zezo	34	O colar de ouro roubado
3	A Serra do Sino	35	O touro azul
4	As duas bandeiras	36	O papagaio encantado
5	A princesa mascarada	37	As duas irmãs
6	A princesa que só se casava com o rapaz que se escondesse e ela não visse	38	Os dois irmãos gêmeos
7	A princesinha roubada	39	O caçador
8	O reinado das Limeiras	40	A cidade dos macacos
9	O príncipe Louro do meio baralho de ouro	41	João Cinza
10	Princesa da pedra fina	42	Maria da vaquinha
11	O reinado dos leões	43	O caranguejinho de ouro
12	A rainha que botou chifre no rei	44	Aa fada malvada
13	O menino que não tinha medo	45	Pedra mármore
14	O veadinho com as pontinhas de brilhante e com a estrela de ouro na testa	46	A caixinha encantada
15	Os dois vaqueiros	47	O preguiçoso
16	O corpo sem alma	48	Manoel Nu
17	A botinha	49	A moça da chave de ouro
18	A feiticeira	50	Manoel da Beira da Lagoa
19	A abelhinha encantada	51	A jia encantada
20	A águia luminosa da ilha encantada	52	As três irmãs camponesas
21	A moura torta	53	As mil e uma noites
22	As melancias	54	Espelho cristalino
23	A amiga discreta	55	As três rosas roubadas
24	O pato velho	56	O carrasco do rei
25	A cabecinha de boi	57	O príncipe dormedário
26	O camaleão encantado	58	Mané cambadinho
27	Maria três olhos	59	As três bolinhas de ouro
28	O caçador de pássaros	60	Os três irmãos da fruta da vida
29	Maria come bredo	61	Os três soldados que fugiram da guerra
30	O Rei dos pássaros	62	As três moças roubadas
31	A rainha soberana	63	A pedra sem fim
32	O príncipe virado num burrinho	64	O reinado das caveiras

Fonte: Estórias de Luzia Tereza, 1995, vol. 1.

**Quadro 18 – Contos publicados por Altimar Pimentel, volume 2**

65	O príncipe lagartão	85	O homem que morava no centro do sertão
66	O tejuacu	86	As duas estátuas
67	O príncipe Joãozinho	87	Um urubu em cima dum toco
68	O irmão corajoso e o irmão medroso	88	Um homem chamado Bernardo
69	O reinado de Lagoa de Campos Verdes	89	O pinto pelado
70	As três esperanças	90	A princesa do barro branco
71	As três princesas	91	A afilhada da morte
72	A princesa encantada	92	A menina dos cabelos de ouro
73	O reinado encantado	93	O rapaz que carregou um morto nas costas
74	Estória de uma menina	94	O piolho do rei
75	A caixinha misteriosa	95	Quebra pedra
76	Maria Garrancho	96	A estória do menino chamado torce coqueiro
77	O lobisomem	97	Um rapaz chamado Gonçalão
78	O rapaz que virou num bicho	98	A princesa dos cabelos de ouro
79	O padre na encruzilhada	99	Dapazinha
80	O tirador de caranguejo (O tacho de Ouro)	100	Manoel e Maria
81	O caixão de dinheiro	101	A montanha dourada
82	Casa de farinha	102	A beata
83	As duas botijinhas	103	O senhor dos macacos
84	A botija	--	---

Fonte: Estórias de Luzia Tereza, 2001, vol. 2

**Quadro 19 – Contos publicados por Altimar Pimentel, volume 3**

104	São Pedro mais Nosso Senhor do Mundo	126	A assistente do filho do Diabo
105	Nosso Senhor quando andava pelo mundo	127	O gato preto
106	Um homem que chamou Nosso Senhor para almoçar	128	O homem que desejou comer o fígado do Diabo
107	O compadre de Nosso Senhor	129	O tocador que foi tocar no inferno
108	Compadre que mandou o pobre comer bode no inferna	130	A igreja abandonada
109	O rapaz abandonado na montanha	131	O amigo rico e o amigo pobre
110	A devota de Nossa Senhora da Conceição	132	Um falso
111	Um homem a quem Nossa Senhora salvou	133	O molequinho
112	O afilhado de Nossa Senhora	134	O homem que morava numa casa de palha
113	A afilhada de Santo Antônio	135	O caboclinho
114	O devoto de Santo Antônio	136	A princesa advinha
115	A cruz da paciência	137	O veado
116	Os noivos santos	138	O homem do futuro
117	O homem que foi para o céu em vida	139	O homem que veio do céu
118	O homem da cruz	140	Pedro Malazarte
119	O noivo da dentadura de ouro	141	Camonge
120	Um homem malvado	142	José adivinhador
121	A mulher que enganou o diabo	143	Um homem que compreendia a conversa dos animais
122	O homem que fez negócio com o Diabo para enricar	144	A onça e a vaca
123	O afilhado do Diabo	145	A onça e o macaco
124	Polegada, o filho do Diabo	146	O burro e os macacos
125	A filha da baronesa	--	---

Fonte: Estórias de Luzia Tereza, 2001, vol. 3

A impressão desses livros foram fundamentais não só para a preservação dos contos, mas, da mesma forma, para sua divulgação. Foram através deles que algumas pessoas tomaram conhecimento sobre a contadora de histórias guarabirenses. Como, por exemplo, a contadora paulista Emilie Andrade que ao ler a obra passou a buscar mais informações sobre Luzia, difundir seu nome e seus contos no Brasil e no exterior, ao participar de encontros e festivais sobre contação de histórias. Ela diz que seu primeiro contato com a obra de Luzia foi em 2012, “naquele ano comprei três livros reunindo os contos narrados por Luzia, organizados pelo professor, historiador, escritor e dramaturgo alagoano Altimar Pimentel (1936-2008) e publicados pela editora Thesaurus”.

Além dos 146 contos publicados, existem 96 contos, que foram recolhidos sob guarda do NUPPO e ainda não possuem visibilidade, necessitando de reconhecimento e divulgação. A seguir, expomos a relação nominal dos contos, que Altimar Pimentel preparou para fazer parte dos volumes 4 e 5, mas que não foram impressos. Está descrita conforme consta no volume 2 da coleção. (Ver Quadros 20 e 21).

**Quadro 20 – Contos não publicados por Altimar Pimentel, volume 4 (Inéditos)**

147	João Pequenino (1)	172	O príncipe ladrão (26)
148	O filho do pescador (2)	173	O príncipe jogador (27)
149	O rapaz feio (3)	174	A sina do príncipe (28)
150	Com amor tudo se vence (4)	175	O príncipe Roberto (29)
151	Homem não se experimenta (5)	176	O filho da lavadeira do rei (30)
152	O menino que fugiu de casa (6)	177	A moradora do rei (31)
153	Clister de pimenta (7)	178	O rapaz que trouxe a sina de casar com a princesa (32)
154	O menino malvado (8)	179	A princesa que prendeu um rapaz (33)
155	O couro de bode (9)	180	Pirão de prego (34)
156	A comadre que conquistava o compadre (10)	181	O homem que foi carregado por uma onça (35)
157	Os cativos (11)	182	O negro que se casou com uma moça boa (36)
158	A bola de ouro (12)	183	A mocinha dos quinhentos reis de tempero (37)
159	O afilhado do rei (13)	184	O encontro de Antônio Silvino com Negrão (38)
160	Xanxo (14)	185	As três filhas do cangaceiro (39)
161	Os três conselhos (15)	186	Pedra Susana (40)
162	O frade (16)	187	Manoel João (41)
163	Os três carneiros de ouro (17)	188	A moça que obrava nos panos (42)
164	A irmã do soldado (18)	189	O missangueiro (43)
165	O rei que se perdeu na mata (19)	190	O leão de ouro (44)
166	O rei orgulhoso (20)	191	Um morto carregando 28 vivos (45)
167	A vigarista da raposa I (21)	192	O jardineiro do rei (46)
168	A vigarista da raposa II (22)	193	O homem que pediu uma graça a Deus (47)
169	O rapaz que nunca mentiu (23)	194	A moça feia e moça bonita (48)
170	O rapaz que abraçou uma moça nua (24)	195	Mão, Pé e Barriga (49)
171	O príncipe Carlinhos (25)	--	---

Fonte: Estórias de Luzia Tereza, 2001, vol. 2

**Quadro 21 – Contos não publicados por Altimar Pimentel, volume 5 (Inéditos)**

196	O caboclo (50)	220	A princesa enterrada viva (74)
197	O moço ciumento (51)	221	O pé de goiaba (75)
198	O irmão que casou com a irmã (52)	222	Pai João (76)
199	O homem do capote (53)	223	A mulher que deu para ladrona (77)
200	A princesa que queria casar com um homem casado (54)	224	A mulher que traiu o marido (78)
201	A irmã que levantou falso à outra (55)	225	A princesa caridosa (79)
202	A moça que fugiu com o estrangeiro (56)	226	Dona Vinte (80)
203	Estrela que brilha no firmamento (57)	227	Maria das Oliveiras (81)
204	Francisquinha (58)	228	Lica (82)
205	O homem que roubou a bezerrinha (59)	229	As três mocinhas pobres (83)
206	A filha do marceneiro (60)	230	O balão do destino (84)
207	Jovina (61)	231	A fome de 77 (85)
208	O anão (62)	232	O homem que fazia balaio (86)
209	A Freira (63)	233	A lavadeira de roupa (87)
210	A costureira (64)	234	A filha do fazendeiro (88)
211	Bastiana (65)	235	O príncipe que só casava com a princesa mais bonita eu houvesse (89)
212	A afilhada de um padre (66)	236	A rainha que só dava esmola de um ovo gouro (90)
213	A viúva do barão (67)	237	Estória de um doutor (91)
214	O usineiro (68)	238	Estória de um frade (92)
215	Os três galos (69)	239	A princesa Aparecida (93)
216	O tio que queria casar com a sobrinha (70)	240	Eugênia (94)
217	A moça que se perdeu na mata (71)	241	O tio e o sobrinho (95)
218	O príncipe que morreu envenenado (72)	242	Um rapaz chamado Cadete (96)
219	O rei e a moça pobre (73)	--	---

Fonte: Estórias de Luzia Tereza, 2001, vol. 2

Passemos a conhecer três contos inéditos de Luzia Tereza. Varemos sua apreciação na integridade e depois discorreremos pontualmente sobre informações contidas nos contos. Do mundo fictício ao real, realçando elementos infomemoriais.

## 5.1 MINICONTO – CONTOS INÉDITOS

Adentramos nos mistérios de Luzia Teresa. São os vestígios desencavados. Trazemos para análise três contos inéditos. Considerando que não foram publicados por Altimar Pimentel, nos três volumes do “Estórias e Luzia Teresa” nem pelo NUPPO, local de guarda do seu acervo. Seguem os contos: “A Estória de Caboclo”, “O Couro de bode” e “A Rainha que só dava esmola de um ovo gouro” com numeração de cada linha para melhor identificação dos trechos

realçados. Vamos detalhar cada conto segundo as características do conto popular, exposta por Cascudo, conforme, já, explicitado no Quadro 4. E, trazer os vestígios infomemoriais contidos no conto.

O conto “A Estória de Caboclo” (Ver Quadro 22) traz algo inusitado nos contos de Luzia, que é, justamente, o nome dos personagens, mas como apelido.

### Quadro 22 – Conto “A Estória de Caboclo”, NUPPO

1	A ESTÓRIA DE CABOCLO
2	
3	Era um menino e uma menina que pegaram a se amar desde cedo. Eles iam para a escola juntos
4	e quando um não ia, o outro não ia também. Moravam num lugar só.
5	Foram crescendo, crescendo... um botou o apelido no outro: a menina chamava ele de Coco
6	Verde, e ele chamava a menina de Melancia. Era um apelido só para os dois. Ficaram com aquela
7	grande amizade... pegaram desde pequeninos.
8	Foi crescendo Melancia, foi crescendo Coco Verde. Quando o Coco Verde estava já
9	grandinho, menino de uns dez anos... sim quando eles vinham da escola, tinham uma Matriz da
10	Conceição e atrás tinha um curral de gado, onde eles conversavam. Aquele gado ia, o gado
11	chocalhando ia-se embora com os vaqueiros e eles conversando naquele cantinho. Pois sim,
12	quando esse menino estava com dez anos, o pai dele foi embora e Coco Verde também, para um
13	lugar bem longe. Foram embora.
14	Antes de sair Coco Verde disse:
15	- Ô Melancia, olha quando eu chegar lá, que eu vou-me embora com meu pai você, fica aqui
16	esperando por mim, que quando eu me formar de rapaz, eu venho para me casar com você.
17	- Tá certo o Coco Verde, eu espero por você. Eu espero.
18	Foi-se embora Coco Verde com a família. Ficou Melancia.
19	Coco Verde tinha uma tia que ficou lá.
20	Passaram muitos anos. Sim, quando o pai de Coco Verde chegou lá, arrumou um serviço, um
21	trabalho. Pegou a trabalhar até Coco Verde se formar de rapaz.
22	Um dia Coco Verde disse:
23	- Agora eu vou na terra onde nasci para ver se Melancia está me esperando para eu casar com
24	ela.
25	Era longe! Coco Verde selou um dia um cavalo. Ele era um moço bonito! Veio embora à
26	procura de Melancia:
27	No caminho encontrou um caboclo.
28	- Ô meu amo, para onde meu amo vai?
29	- Eu vou caboclo, atrás de uma menina. Eu vou atrás de Melancia para me casar com ela. Ela
30	disse que esperava por mim... eu vou ver se ela está esperando por mim.
31	- Meu amo! Meu amo! Eu vou mais meu amo!
32	Caboclo abestalhado. O caboclo montou-se no cavalo do amo e foi-se embora para terra de
33	Melancia.
34	Quando chegou lá, a moça havia se casado com outro naquele dia que é Coco Verde chegou.
35	Nem esperou.
36	Ele chegou ocultamente, foi na casa da tia para saber notícia de Melancia;
37	- Ô Coco Verde, Melancia se casou hoje! A festa está na casa da mãe dela.
38	Coco Verde disse:
39	- Ô caboclo o que é que tu podes fazer para roubar a noiva?
40	- Meu amo, eu vou fazer um meio para roubar a noiva e lhe entrego.
41	Ninguém sabia que ele tinha chegado, viu? Quando foi a noite:
42	- O caboclo vai lá, compra um bocado de chocalho, amarra na cintura e fique com um assim
43	para balançar quando chegar lá.
44	Ele amarrou um bocado na cintura e levou um para balançar assim. Quando foi de noite,
45	chegou no festim, estava Melancia, mas o noivo, assentada.
46	- Ô chegou um caboclo!
47	Disseram assim:
48	- Caboclo, diga uma loa!
49	Deem uma bicada ao caboclo!
50	Deram uma bicada ao caboclo - caboclo não gostava de beber hein?
51	O rapaz dissera a caboclo se ele roubasse a noiva daria muito dinheiro a ele.
52	Caboclo pegou a dançar e sapatear e o chocalho tilinlingo, tilulingo, na cintura.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

**Quadro 22 – Conto “A Estória de Caboclo”, NUPPO**  
(Continuação)

53 - Olha Melancia Coco Verde mandou de um recado: lá detrás da Conceição, seu Diabo, ele  
54 está te esperando lá no curralzinho... tu sabes onde é o cantinho, seu Diabo.  
55 Dizendo essa loa para noiva.  
56 - Oh caboclo, que loa bonita! Diz de novo caboclo! De uma bicada a caboclo!  
57 E o chocalho: tilulingo, dando sinal para ela conhecer, se lembrar quando eles conversavam  
58 no curral de gado, num sabe? Ela se balançando:  
59 - Olhe, seu Diabo, eu já lhe disse que é Coco Verde mandou te muito recado: lá detrás da  
60 Conceição, o seu Diabo, ele está te esperando. Tu sabes onde é o cantinho.  
61 Só quem sabia eram eles dois  
62 Aí a noiva compreendeu essa loa e disse:  
63 - Caboclo diz de novo!  
64 - Eu já disse duas vezes, torno a dizer seu Diabo!  
65 E disse outra vez. Três vezes.  
66 Ela dançava e sapateava. Ela compreendeu que era Coco Verde que tinha chegado.  
67 - E agora! Vocês todos fiquem no festim que eu vou trocar de roupa e vou descansar um pouco.  
68 Mais tarde eu volto, prá festa.  
69 Ela entrou. Ela foi lá descansar coisa nenhuma! Ela arribou no meio do mundo! Foi bater lá  
70 de trás da Conceição.  
71 Coco Verde já estava esperando por ela. Só foi montar no cavalo e queimou o chão mais ela.  
72 Ele disse:  
73 - Ô Melancia, você não teve coragem de esperar por mim e se casou logo. Você se vexou  
74 muito. Você se casou com ele, mas você não gosta dele não.  
75 Carregou ela e foram embora. Quando chegaram lá, por certo casaram. Era um lugar longe.  
76 Pois sim, ficou lá a festa rolando, quando passou muito tempo, viram que a moça não voltava.  
77 - Ah, foi e caboclo!  
78 Caboclo sapateou e foi embora.  
79 - Foi caboclo quem carregou a noiva.  
80 Foram caçando... tinha um rio e o caboclo estava lá, caído, bêbado.  
81 - Ah, não foi caboclo não! Olhe, o desgraçado caído, bêbado!  
82 Caboclo no outro dia:  
83 - Agora eu vou atrás do meu amo para receber o dinheiro. Ele disse que se eu roubasse a moça  
84 me dava muito dinheiro!  
85 No outro dia, curtiu a cachaça e foi-se embora.  
86 Com muitos dias de viagem chegou lá a pé.  
87 - Pronto, meu amo! Eu vim buscar meu dinheiro. Você não disse que me pagava bem pago!  
88 Eu quero meu dinheiro.  
89 O rapaz passou as notas para ele:  
90 - Caboclo, fique morando aqui!  
91 - Não. Quero não. Vou andar!

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

O conto mantém o anonimato, mas surpreende com o apelido dos personagens, que recebem o nome de frutas: “Melancia” e “Coco Verde”. A não identificação está presente em todos os personagens pai, Caboclo, tia, noivo, como, também, no local: “quando esse menino estava com dez anos, o pai dele foi embora e Coco Verde também, para **um lugar bem longe**. Foram embora” (Linhas: 12-13, grifo nosso). Os apelidos são *sui generis*, comparado aos demais contos da autora. Evocam frutas que são cultivadas no Nordeste, fazem parte do cotidiano das pessoas nordestinas e são presentes na localidade que Luzia morava.

O parágrafo terceiro (Linhas: 8-13) contém diversas informações referentes a vida do nordestino, registrando locais marcantes de uma cidade do interior, como: a escola, a igreja e o curral. Descrevendo cenas como: “o gado chocalhando ia-se embora com os vaqueiros” (Linha: 11). A igreja é a “Matriz da Conceição” (Linhas: 9-10) fixando no conto a referência de

religiosidade; um dos muitos pontos de convergência entre o mundo irreal, dos contos populares, e o mundo real de Luzia, católica praticante. O conto tem muitas palavras populares e regionais, como: abestalhado, bicada, bocado, loa, festim, arribou, vexou. Utiliza um linguajar sem erudição, a voz do povo simples, a comunicação da cultura oral, por exemplo: “e queimou o chão mais ela” (Linha: 71).

Particularidade, sutil, presente no conto é a repetição em número de três da loa que o Caboclo diz na festa, para todos, mas só Melancia consegue decifrar a mensagem oculta (Linhas: 53-66). O número é três, como repetição, é bastante usado para reafirmar a intenção da ação. Tanto um mesmo fato sendo repetido, ou a repetição com acréscimo de detalhes e/ou, objetos, como de questões mágicas como quebra de feitiço (desencantamento), como de encantando, provas a qual personagem precisa passar,

Registra cenas da cultura popular de noivas/noivos que fogem do casamento ou são raptados. Traz um elemento marcante e muito presente nos contos populares que é o personagem com as características de: artiloso, inventivo, daquele que se esquia-se de situações difíceis, mas ao final demonstra ter boa índole, sendo humano e corajoso. Na maioria das vezes, é de camada social oprimida, trazendo ao contexto as marcas e a exploração da sociedade. Aqui, representado pelo personagem “Caboclo”. Semelhante ao “João Grilo” personagem esperto dos Contos Populares Portugueses e Brasileiros.

No conto, Caboclo se dirige a Coco Verde como “meu amo” numa referência a subserviência (Linha: 28), prestação de serviço e diferenciação de classe social. Oferece seus préstimos na jornada que se principia. A situação do conto foi posta, inicialmente, trazendo o contexto da situação, apresentando os personagens, fatos e início da trama. Mas é justamente, na chegada do Caboclo, que a trama do conto começa sua reviravolta. É ele que trará a solução para as questões que seu amo precisa resolver. Quando o Caboclo chega na festa, todos querem rir com sua pessoa, logo o convida (Linha: 44-50), oferecem bebida e se divertem. A primeiro sinal de problema, a culpa recai, imediatamente, sobre ele. Existe uma procura/perseguição até que a questão seja esclarecida, ver Linhas: (76-81). Ao final, do enredo (Linhas: 87-91), Caboclo cobra do amo sua palavra empenhada, mas nega permanecer com seu mestre. Fica subentendido que vai à procura de novas peripécias, por ser característico do seu personagem e conhecido na cultura popular. Registramos a analogia com o personagem, “João Grilo”, do “Auto da compadecida”, de Ariano Suassuna, que passa por situações similares.

Seguido Cascudo (2001), com alusão as quatro características dos contos populares, passamos a examiná-las neste conto de Luzia, extraindo passagens do texto que comprovam esses atributos, verificar no Quadro 23.

**Quadro 23 – Características do Conto: “A Estória de Caboclo”**

<b>Características Conto Popular</b>	<b>Trechos do conto</b>	<b>Observação</b>
<b>Antiguidade</b>	Pegou a trabalhar até Coco Verde <b>se formar de rapaz</b> (Linha: 22).	Expressão em desuso. Significa: crescer até ser rapaz.
<b>Anonimato</b>	Era um <b>menino</b> e uma <b>menina</b> que pegaram a se amar desde cedo. Eles iam para a <b>escola</b> juntos e quando um não ia, o outro não ia também. Moravam <b>num lugar</b> só (Linhas: 2-3).	Não se identifica quem são, nem o local.
<b>Divulgação</b>	Antes de sair Coco Verde disse: - Ô Melancia, olha quando eu chegar lá, que eu vou-me embora com meu pai você, <b>fica aqui esperando por mim</b> , que quando eu me formar de rapaz, <b>eu venho para me casar com você</b> . - Tá certo o Coco Verde, eu espero por você. Eu espero. Foi-se embora Coco Verde com a família. Ficou Melancia. (Linhas: 14-19).	Um costume que é repetido e passado adiante: jovens prometidos em casamento quando crianças.
<b>Persistência</b>	Foram <b>crescendo, crescendo...</b> (Linha: 5).	Repetição indicando uma ação contínua.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

As características do conto popular, apontadas por Cascudo (2001) são facilmente identificadas como elementos que fazem parte dos contos de Luzia Teresa. Ademais, Cascudo no seu livro **Contos Tradicionais do Brasil; confronto e notas** (1946), num estudo contendo 100 (cem) contos, os separou, sistematizando por temáticas; totalizando em 12 (doze) agrupamentos por similaridade do tema (Ver Quadro 24). Resolvendo de forma prática e coerente a classificação dos contos, com base no assunto tratado, sem se ater a análises mais profundas e detalhadas.

**Quadro 24 – Agrupamento temático dos contos populares**

Contos de encantamento	Contos religiosos	Natureza denunciante
Contos de exemplo	Contos etiológicos	Contos acumulativos
Contos de animais	Demônio logrado	Ciclo da morte
Facécias	Contos de adivinhação	Tradição

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Nesse contexto, o conto “A estória de Caboclo”, com personagem popular, se enquadra na categoria das Facécias, que reúne os contos, que trazem os seguintes elementos temáticos: troça, desdenho, personagem popularesco e ridicularização.

O segundo conto inédito, de Luzia Teresa, que trazemos para estudo é “O Couro de bode”(Ver Quadro25).

### Quadro 25 – Conto “O Couro de bode”, NUPPO

1	O COURO DO BODE
2	
3	Bem, um homem pobrezin, morava num canto... disse:
4	- Muié, amanhã não tem nada para dá a essa fiarada, nada o que é que se faz?
5	Tinha uma cabrinha, um casal de bode.
6	- Muié amanhã eu vou matar aquele bodin. Vou tirar o couro e levo pá rua, fica a cabrinha e a
7	cabritinha, mato o bode macho e deixe a feme.
8	Aí ...
9	- Está certo, marido, tá bem.
10	Ele matou o bode, no outro dia de manhã. Matou o bode, espichou ... escorreu o sangue do
11	couro.
12	- Muié, eu vou vender esse couro rua pá comprar farinha.
13	Pá comprar farinha pá comê cum o bode.
14	- A carne do bode, fica e eu vou vender o couro pá comprar farinha.
15	Que um tinha farinha.
16	- Muié eu vou vender o couro.
17	Saiu, foi vender o couro. Era um pouco longe, a cidade era um pouco longe. Aí ele andou,
18	andou, andou. Antes dele chegar na cidade, antes tinha uma casona desse lado, uma casona dum
19	grande velho rico, um velho muito rico desse lado. Casona rica! Aí quando ele chegou, igual com
20	aquela casa, igual a casa cá porta, caçou o couro de bode, passou o couro de bode disse:
21	- Pronto, perdi o couro de bode! Eu não vou voltar mais, agora eu não vou voltar mais.
22	Voltar atrás pra achar o couro de bode.
23	- Eu não volto mais não.
24	Aí nessa casa nessa casa rica, ele viu um velho. Agora aquele velho saiu daquela casona rica,
25	saiu assim pelo quintal, pelo muro, viu aquele velho amontado no boi, o velho amontado num
26	boi; aquele velho amontado num boi com um pacote deste tamanho, aquele pacotão deste
27	tamanho.
28	- Oxente, pra onde vai aquele véi...
29	Era um velho, morava com uma fia casada. Era uma fia casada e um genro e esse véi, rico!
30	O homem disse assim:
31	- Agora eu vou espiar para onde vai esse véi...
32	Aí saiu, ganhou o mato. A casa desse lado, o mato desse lado. Aí o homem botou de bode.
33	- Agora eu vou ver pra onde vai esse véi... pra onde vai, com aquele pacote deste tamanho.
34	O homem montado num boi... Aí saiu, saiu, saiu... andou, andou, andou ... andou, andou,
35	andou... O homem, o véi amontado num boi e o homem atrás devagarinho sem ele ver, sem ele
36	ver.
37	Aí... se foi de manhã, isso foi cedo. Foi de manhã, viu? E deu 10:00 e deu 11 horas E quando
38	foi meio-dia, ele chegou numa serra. Ele chegou numa serra, o homem do boi, viu? O véi, chegou
39	numa serra e o homem escondido, vendo. Amontou-se do boi (o homem) amarrou o boi, aí foi
40	fazer um lanche e o homem vendo. Ele levava comer para comer lá, comer pá comer nos matos
41	ele fez um lanche bom bebeu água fumou descansou passou um pedaço bom descansando o velho
42	o velho e o homem escondido vendo o homem do couro de bode escondido vendo. Aí teve, teve,
43	teve ... quando ele fumou descansou.
44	Aí ele foi lá, ele andou assim... tinha aquele lajeirão de pedra e tinha um tanque deste tamanho,
45	um tanque. Sabe o que? Ele levou aquele volume de dinheiro, fez: tililingo... despejou dentro do
46	tanque, o véi. Aí ele disse assim:
47	Era sexta-feira se enterra muito dinheiro.
48	- Bem, quando for sexta-feira, eu venho, para acabar de entestar.
49	Faltava uma sexta-feira, viu?
50	- Que eu já tinha feito duas com essa.
51	Agora na outra sexta-feira, com oito dias ele vinha que era para entestar.
52	- Bem, quando for sexta-feira eu venho pá acabar de entestar a botija
53	Ele falando e o homem vendo. (Se enterra botija na sexta-feira). São três sexta-feira seguida é
54	que encanta.
55	- Tá certo.

**Quadro 25 – Conto “O Couro de bode”, NUPPO**  
(Continuação)

56      Aí cobriu o dinheiro, veio cá para baixo, pra onde tá o boi. Aí ele bebeu água, fumou,  
57      descansou, aí tava sentado, dentro dos matos e o homem vendo. Aí quando foi por volta de 2  
58      horas. Ele disse:  
59      - Ih, ... (ele espiou pro sol)  
60      Que era longe.  
61      Disse assim:  
62      - Ih, iuh, tá hora de eu ir.  
63      Que era longe, viu?  
64      Aí o homem vendo. Ele amontou-se no boi, foi-se embora.  
65      Que fez o homem: o homem levava o saco que era pá trazer a farinha da rua, viu? O homem  
66      foi lá, no tanque, arrimou as peda, encheu o sacão de dinheiro, carregou o dinheiro todinho. E, foi  
67      lá no tanque, arribou assim, encheu aquele saco de dinheiro; ficou que nem podia levantar o saco  
68      de dinheiro.  
69      - Arra véi, tu ajuntasse pra mim! O dinheiro.  
70      Aí, aí, lá vai o homem com aquele sacão de dinheiro na cabeça, disse:  
71      - Agora, quando passar perto da casa, eu não vou passar na frente da casa, não, eu vou por  
72      dentro dos matos.  
73      Homem sabido, viu? Quando ele chegou... que deu na casa... a casa ficava como ali, a estrada  
74      como aquele... ele foi beirando, olhe. Ele saiu, lá na frente ele saiu na estrada pra ir pra casa, viu?  
75      Ele foi beirando, beirando, ... quando chegou na frente, saiu na estrada, foi simhora pra casa, viu,  
76      que já tinha passado a estrada do véi. Aí foi se embora pra casa:  
77      - Muié, me acode aqui, muié que eu estou para morrer de cansado e fome!  
78      Aí chegou ele com aquele sacão na cabeça.  
79      - Homem, tudo é um saco de farinha!  
80      - Me deixa, muié! Isso aqui num é farinha não, me ajuda aqui.  
81      A mulher botou o saco no chão levou lá para dentro. De noitão.  
82      - Mulher me acode que eu tô morto de fome sede.  
83      O dia todinho! A muié foi dá o bode que ele tinha deixado.  
84      Muié... o que foi que tu fizeste com a farinha?  
85      Homem, eu fui no roçado, arranquei mandioca, fiz farinha de caco e deu comer aos meninos.  
86      - Muié, ainda tem farinha?  
87      - Tem.  
88      Aí, ela fazia café po o marido, foi dá uma ceia a ele.  
89      Muié, amanhã nós vamos simhora pra rua. Nós vamos simhora prum canto bem longe, nós  
90      vamos ficar bem longe. Amanhã, eu vou comprar um cavalo, vender essa cabrinha.  
91      Aí no outro dia, bem cedinho, ele saiu, foi vender a cabrinha, lá na casa do velho, que tinha  
92      carregado o dinheiro dele. Foi vendeu a cabrinha ao velho, aí foi-se embora para a rua comprar o  
93      cavalo. Comprou o cavalo; aí quando foi ... anoiteceu, não amanheceu, foi se embora com  
94      dinheirão, o homem.  
95      Aí, ficou o véi. Quando foi na outra sexta-feira, o véi foi, botar o dinheiro, para acabar de  
96      entestar, como ele disse. Foi lá, arrumou-se, o véi foi-se embora, com a parcela do dinheiro. O  
97      homem no mundo já dia ... Aí ele foi, foi, andou, andou, quando chegou lá, arribou assim ...  
98      - Oh! Roubaro o meu dinheiro!  
99      O véi disse. Aí caiu pá trai morreu!  
100     Aí a fia dele, viu quando ele saiu pá essa viagem, mas não sabia. Quando foi mais tarde,  
101     chegou, deu a hora dele chegar da serra e nada do véi chegar.  
102     - Marido, e cadê meu pai? Meu pai, uma hora dessa e ainda não chegou?  
103     Aí passou a noite, ele lá morto dentro da mata. No outro dia, a fia mandou caçar ele. Achou  
104     ele morto. O boi amarrado e ele morto.  
105     Aí, mulher, espia lá! Teu pai, tava enterrando dinheiro naquele tanque.  
106     - Tá, acabou-se! Ele foi quem perdeu a vida.  
107     E o trouxero o véi numa rede, fizeram o enterro, acabou-se!

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Este conto, começa apresentando um problema simples, no meio tem uma mudança com novos fatos que surgem, inclusive com questão de encantamento, ao final nos surpreende pela forma que o conto termina. O texto, oriundo da oralidade, apresenta várias palavras coloquiais, com formas reduzidas das palavras, diminutivo e expressões sem o cuidado com o singular e plural, como: pobrezin, bodin, muié, fiarada, feme, véi, peda, oxente, arribou, acode,

“Pá comprar farinha pá comê cum o bode” (Linha:13), “Morava com uma fia casada” (Linha: 29), “- Oh! Roubaro o meu dinheiro!” (Linha: 98) e outras. Entre as expressões, tem um que aparece em diversos contos seus: “A fia **mandou caçar** ele” (Linha: 103, grifo nosso), no caso: a filha mandou localizar seu pai; o termo caçar é utilizado diversas vezes no sentido de procurar algo, ou alguém. Elucidamos que os textos publicados na coleção “Estórias de Luzia Tereza” passaram por uma correção, com o cuidado com o português e, ao mesmo tempo, com a garantia de zelar por termos e expressões populares.

A ambientação da história, seguindo os vestígios do linguajar, dos animais (cabrinha, bode, boi e cavalo), da alimentação (farrinha), do contesto social, da história de vida da contadora, indica ser uma região nordestina. O que prende a atenção nessa história é o caso da “botija”, nas linhas: 44-64 e 95-99. Luzia explica o passo a passo de fazer uma botija, o que as credices, a cultura popular propaga nesses casos para “entestar a botija” (Linha:52). Esse é o termo utilizado, no momento que se guarda o dinheiro na botija, existe dia certo e hora. Uma botija é revestida de encantamento, de força ocultas, sobrenaturais relacionadas ao dono da botija, após sua morte. Por isso, todo o preparo.

Em muitas histórias de Luzia, tomamos conhecimento da botija que é “desenterrada”, com o sonho do personagem, da visita de alma penada, de ambiente de mal assombro, todos relacionados após a botija concretizada. Por essa razão, esse conto é inusitado ele nos revela a fase anterior, o preparo da botija. Inclusive faz referência ao número de vezes necessária para “entestar a botija”, que são três, como nos demais procedimentos, já explicados, nos casos de encantamento e provas/desafios do personagem. Informações preciosas para conhecimento da cultura popular do povo nordestino, dos nossos antepassados.

Luzia quando narrar suas histórias, em determinados trechos, expõe sua opinião, e/ou explicação própria. Fato perceptível em várias histórias, momento em que a narradora faz uma observação sua sobre a história, da seguinte forma: “Se enterra botija na sexta-feira” (Linha: 53), “Homem sabido, viu?” (Linha: 73).

O desfecho da história é singular: homem que roubou a botija e sua família fogem para local longínquo, resolvendo a questão a pobreza e alimentação dos filhos, apresentada no início do conto. O dono da botija falece e a história se encerra. Vejamos: “Aí, mulher, espia lá! Teu pai, tava enterrando dinheiro naquele tanque. - Tá, acabou-se! Ele foi quem perdeu a vida. E o trouxero o véi numa rede, fizeram o enterro, **acabou-se!** (Linhas: 105-107, grifo nosso). Luzia encerra a história com “acabou-se” deixando claro o seu fim. Após, verificar as minúcias do conto constatamos que o título não expressa a realidade da trama, que aborda mais questão da

botija, do que “o couro de bode” que foi citado como elemento motivador inicial e depois perdido pelo personagem, sem maiores atenção ao fato.

Realçamos no conto “O Couro do bode” as quatro características do conto popular na perspectiva de Cascudo (2001), ver Quadro 26.

**Quadro 26 – Características do Conto: “O Couro de bode”**

<b>Características Conto Popular</b>	<b>Trechos do conto</b>	<b>Observação</b>
<b>Antiguidade</b>	- Bem, quando for sexta-feira eu venho pá acabar de <b>entestar a botija</b> (Linha: 52).	Expressão e hábito em desusos.
<b>Anonimato</b>	Bem, um <b>homem</b> pobrezin, <b>morava num canto...</b> disse: - <b>Muié</b> , amanhã não tem nada para dá a essa <b>fiarada</b> , nada o que é que se faz? Linhas (3-4).	Não se identifica as pessoas, nem o local.
<b>Divulgação</b>	Faltava uma sexta-feira, viu? - Que eu <b>já tinha feito duas</b> com essa. Agora na outra sexta-feira, com oito dias ele vinha que era para entestar. - Bem, <b>quando for sexta-feira eu venho pá acabar de entestar a botija</b> Ele falando e o homem vendo. ( <b>Se enterra botija na sexta-feira</b> ). São três sexta.-feira seguida é que encanta (Linhas: 49-54).	Costume que é repetido e passado adiante: botija. Existem muitas histórias com botija, em “desenterrar” a botija. Essa, em especial, fala como deve ser feita uma botija, com os costumes e credences da cultura popular.
<b>Persistência</b>	a cidade era um pouco longe. Aí ele <b>andou, andou, andou</b> (Linha: 17 e 18). O homem montado num boi... Aí <b>saiu, saiu, saiu... andou, andou, andou ... andou, andou, andou...</b> (Linhas: 38-39). Aí <b>teve, teve, teve ...</b> quando ele fumou descansou (Linha: 47).	Repetição indicando uma ação contínua.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Neste conto, em diversos momento, se verifica a característica da “persistência”, sendo intensificada, justamente, pela repetição de uma ação/ato. Na classificação do conto, verificamos os indícios do encantamento, mesmo ele não sendo concretizado com o estabelecimento da botija. E, também, pela credence do “véi”, dono das terras, do dinheiro, por acreditar no “entestamento da botija”. Neste sentido, indicamos para classificação Cascudiano as temáticas de: “contos de encantamento” (episódios mágicos, sortilégios, transformações súbitas, magias, contos de fadas, sobrenatural) e “contos religiosos” (intervenção divina, fé, credences e superstição).

O terceiro conto inédito “A Costureira” (Ver Quadro 27) trata de uma trama simples, pela classificação de Cascudo (2001), está inserido na temática “contos de exemplo”, no qual se estabelece o antagonismo Bem versus Mal, o Certo e o Errado, intrigas, inversões, desfecho com lição de moral. Mantem-se o anonimato, presente nas histórias populares, os personagens são: pai, mãe, filha (fulana), noivo (fulano), sem referência ao local.

### Quadro 27 – Conto “A Costureira”, NUPPO

1	A COSTUREIRA
2	
3	Essa moça costurava toda a qualidade de roupa pra fora. Tinha pai e mãe. Nesse tempo
4	pagaram a usar um vestido que o povo chamava rabo de pavão, a cauda era como pavão. Ela
5	fazia aquele vestido com aquela caudona prá trás; para todo mundo ela fazia: pra mulher casada,
6	pra moça, tudo.
7	Ela disse:
8	- Aí que eu vou fazer um vestido desse para mim, que vai ter uma festa aqui na cidade. E eu
9	preciso fazer um vestido! E eu vou fazer esse que eu acho muito bonito!
10	Comprou a fazenda e fez o vestido que queria. Aí começou a festa. Ela pegou guardou o
11	vestido. Quando foi no dia, à noite, chamaram ela:
12	- Fulana, tu não vais para festa, não?
13	- Vou, eu vou pra festa.
14	Ela chegou, trajou-se naquele vestido e se apresentou ao pai. Vestidão caro.
15	- Minha filha, que vestido é esse? Você não vai pra festa com esse vestido não! Eu não quero
16	ocê com esse vestido! Ele tá imoral, indecente para você. Pode tirar esse vestido.
17	Mas, meu pai, será possível! Eu fiz esse vestido com tanto gosto para eu ir pra festa e o
18	senhor dizendo que o tire esse vestido! Não quer eu vestida com ele!
19	Disse:
20	- Tire o vestido e depois vem aqui.
21	Ela tirou o vestido.
22	- Se quiser ir pra festa, tire o vestido e volte com outro porque com esse você não vai não!
23	Ela era opiniosa, chegou tirou o vestido aí disse:
24	Tai meu pai, o vestido.
25	Ele pegou picou de faca, fez aquele monte e tocou dentro do fogo.
26	-Agora você tem roupa pra ir pra festa!
27	Aí ela disse assim:
28	- Vou o que! Eu não vou pra festa não.
29	Disse:
30	-Você pode ir pra festa com isso aí.
31	- Eu não vou não. Se vocês quiserem ir pode ir, mas eu não.
32	Por opinião não foi porque não ia com vestido de cauda.
33	Aí passou-se, passou-se uns tempos, ela pegou a namorar um rapaz pra se casar. Ficou
34	satisfeita toda a família, tanto era bem satisfeita a família dela como a dele também.
35	O rapaz botou o roçado e preparou tudo: casa, arrumou tudo esse rapaz. E ela também. Aí se
36	casaram.
37	Com uns dias ela disse assim:
38	- Ô Fulano, vamos na casa de papai que derna que casemos eu não fui mais lá. Eu quero ir.
39	A opinião dela. o rócio! Sabe o que ela fez? Ela vestiu o vestido de cauda. Fez outro. Já que
40	tinha se casado, o pai não tinha mais conta com ela não. Então vestiu vestido e veio amostrar o
41	pai.
42	O marido disse:
43	- Fulana, tu vai chegar lá com esse vestido? Teu pai vai achar ruim...]
44	- Nada! Meu pai não tem conta comigo não que eu estou casada com você. Meu negócio é
45	com você e você não se importa com isso não.
46	Aí viajaram. Quando chegaram no meio do caminho... a mulher na frente e ele atrás... aí ela
47	sentiu aquele negócio pisar, pisar naquele vestido e ela não podia ir nem pra diante e nem pra
48	trás.
49	-Fulano, tu tas pisando no meu vestido!
50	- Eu não!
51	Era ele nada. Era aquele Bichinho que tava pisando porque ela ia amostrar aquele vestido só
52	por opinião, rócio com o pai que não queria. Aí pegaram a andar de novo. Quando ela pegava
53	andar que pisava na cauda ela ficava parada.
54	- Fulano, tu tas pisando na cauda do meu vestido!
55	- Eu não!

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

**Quadro 27 – Conto “A Costureira”, NUPPO**  
(Continuação)

56 - Fulano, agora tu passes pra frente que eu quero só ver uma coisa.  
 57 Foi a mesma coisa.  
 58 - Você não disse, mulher, que eu estava pisando na cauda do seu vestido! Você não vai na  
 59 frente? Como é que eu posso pisar!  
 60 E andando para casa do pai, andando para casa do pai. Quando chegou muito na frente que  
 61 avistou a casa do pai, parou: nem pra frente, nem pra trás. E era gritando, aos gritos, um bicho  
 62 preto agarrado com ela, um bicho preto.  
 63 - Ai marido, me acode! Me acode que tem uma sombra preta agarrada comigo! Uma sombra!  
 64 Disse:  
 65 -Mulher, eu não tenho o que fazer.  
 66 Ai deu aquele grito bem forte de alarme que o pai dela ouviu de lá, correu com toda a  
 67 família.  
 68 - O que é isso aqui, minha filha?  
 69 - Papai, é um negócio que tá agarrado comigo que eu não posso ir nem pra frente nem  
 70 pra trás, me arrastando querendo me afogar de chão abaixo!  
 71 - Ah, minha filha, já sei, já sei o que é isso! Ah, você tá com esse vestidinho... Eu não queria  
 72 que você usasse quando solteira e agora depois de casada você foi usar! Isso deu muito ruim pra  
 73 você: essa sombra preta queria lhe carregar.  
 74 Ele pegou naquele rabo do vestido pá, pá, cortou. Quando tirou aquele caudão, ela foi seguiu  
 75 pra casa do pai.  
 76 Ele disse:  
 77 - É minha filha, você fez esse vestido só por rócio, só por opinião, opinião. Minha filha você  
 78 já viu ter rócio de pai e de mãe? Se não fosse eu você tinha se subvertido. Minha filha, isso é um  
 79 exemplo!  
 80 Ela voltou pra nunca mais usar um vestido daquele.  
 81 Quando uma pessoa ia encomendar um vestido, ela dizia:  
 82 Não, Fulana, olhe, eu não faço mais daquele vestido pra ninguém! Mais nunca! Eu escapei  
 83 de uma sombra me carregar por causa dele. Eu não quero, nem faço pra ninguém, enquanto vida  
 84 eu tiver.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Este conto, possui um diferencial, a começar do título que registra uma profissão. A história se desenvolve com uma trama que envolve relacionamento, família, desobediência/obediência entre pais e filhos, orgulho e costumes. Nesse contexto, a atividade profissional da costureira é registrada, com as encomendas, com sua capacidade de fazer os vestidos complexos da moda, valorizando a profissão.

Essa moça costurava toda a qualidade de roupa pra fora. Tinha pai e mãe. Nesse tempo pagaram a usar um vestido que o povo chamava rabo de pavão, a cauda era como pavão. Ela fazia aquele vestido com aquela caudona prá trás; para todo mundo ela fazia: pra mulher casada, pra moça, tudo (Linhas: 3-6).

Apresenta, também, uma estrutura familiar patriarcal, com a presença marcante do pai, nas decisões e nas realizações das atitudes/ação. “Ele [o pai] pegou naquele rabo do vestido pá, pá, cortou. Quando tirou aquele caudão, ela foi seguiu pra casa do pai (Linhas: 74-75, destaque nosso). A relação da serventia e obediência das mulheres ao dono da casa, ao pai ou marido, hábito da cultura nordestina, do patriarcado, é reafirmado nas passagens: “Fez outro. Já que tinha se casado, o pai não tinha mais conta com ela não” (Linhas: 39-40); “- Nada! Meu pai não tem conta comigo não que eu estou casada com você. Meu negócio é com você e você não se

importa com isso não” (Linhas: 44-45). A mãe é apenas citada nesse conto. As filhas, as donas de casa, as mulheres são submissas as vontades e direcionamentos dos homens. Essa estrutura pode ser observa em diversos outros contos de Luzia Teresa.

O final da história, mostra a filha resignada, aprendeu a lição de obediência ao pai, após passar grande sufoco por não seguir sua orientação, como pai, pessoa mais velha, conhecedora da situação e bem querer pela filha. Termina a filha, no caso a costureira, dizendo que não tomará mas tal atitude: “Não, Fulana, olhe, eu não faço mais daquele vestido pra ninguém! Mais nunca! Eu escapei de uma sombra me carregar por causa dele. Eu não quero, nem faço pra ninguém, enquanto vida eu tiver” (Linhas: 82-84).

No Quadro 28, apresentamos as características do conto popular, segundo Cascudo (2001), com exemplificação de trechos do conto “A Costureira”.

**Quadro 28 – Características do Conto: “A Costureira”**

<b>Características Conto Popular</b>	<b>Trechos do conto</b>	<b>Observação</b>
<b>Antiguidade</b>	- Ô Fulano, vamos na casa de papai que <b>derna</b> que casemos eu não fui mais lá. (Linha: 38). Minha filha você já viu ter <b>rócio</b> de pai e de mãe? Linhas (77-78).	Expressão e hábito em desusos. (Derna = desde e Rócio = avaliação lisonjeira de si mesmo; orgulho, prosápia, roço).
<b>Anonimato</b>	Tinha <b>pai e mãe</b> (Linha: 2). - <b>Fulana</b> , tu não vais para festa, não? (Linha: 12).	Não se identifica as pessoas, nem o local.
<b>Divulgação</b>	Se não fosse eu você tinha se <b>subvertido</b> . Minha filha, isso é <b>um exemplo!</b> Ela <b>voltou pra nunca mais usar um vestido</b> daquele. (Linhas: 78-80).	Histórias com lição de moral, com exemplos, obediência/respeito dos filhos aos pais. Temática com hábitos e costumes passados de geração em geração.
<b>Persistência</b>	- Ah, minha filha, <b>já sei, já sei</b> o que é isso! Ah, você tá com esse vestidinho... (Linha: 71). Ele pegou naquele rabo do vestido <b>pá, pá</b> , cortou (Linha: 74).	Repetição indicando uma ação contínua.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Nos contos de Luzia, identificamos os quatro elementos: antiguidade, anonimato, divulgação e persistência que os caracteriza no grupo dos contos populares. Esses elementos são identificáveis após leitura dos contos, sendo o anonimato das pessoas e lugares o item

primeiramente perceptível, geralmente, nos primeiros parágrafos introdutórios que trazem a contextualização do local e das pessoas que fazem parte do conto. Exemplificando essa situação, trazemos o início do conto “Os Cativos”- inédito, vejamos o Quadro 29.

### Quadro 29 – Trecho do conto: “Os Cativos”, NUPPO

	OS CATIVOS
1	
2	
3	Tinha um homem, pai de família que morava num canto e tinha muitos filhos; um deles já
4	rapaz.
5	Ele disse:
6	- Eu já estou abusado de tanto filho, tanto menino, sem ter nada, sem ter um meio de vida.
7	Que faz o homem: saiu pelo mundo.
8	- Agora eu vou vender Benedito ao senhor dos cativos sem ele saber.
9	Benedito era um rapaz já formado.
10	Saiu o pai de Benedito, foi a uma viagem e não disse para ondeia. Saiu, saiu...

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Esse trecho, inicial, traz informações que contextualiza o conto na sociedade da época, da história. São vestígios que os contos trazem em meio da trama, detalhes que nos conduzem a uma leitura que supera o texto em si, ultrapassa o conto, a trama e o mundo mágico. Verificar detalhamento do trecho no Quadro 30.

### Quadro 30 – Vestígios infomemoriais no conto “Os Cativos”, NUPPO

Trecho Linha	Texto	Observação
3-4	Tinha um <b>homem</b> , pai de família que <b>morava num canto</b> e tinha muitos <b>filhos</b> ; um deles já <b>rapaz</b> .	Identificação como: homem, filhos, rapaz; sem maiores detalhes. O local de moradia é vago: um canto.
6	- Eu já estou abusado de tanto <b>filho</b> , <b>tanto menino</b> , sem ter nada, sem ter um meio de vida.	Reforça a informação, mantendo o anonimato.
8-9	- Agora eu vou vender <b>Benedito</b> ao <b>senhor dos cativos</b> sem ele saber. <b>Benedito era um rapaz já formado</b> .	Benedito – nome usual, muito utilizado em personagens de cordel e conto. Conhecido popularmente. Senhor dos cativos – pessoa que escraviza outro. Conjuntura a situação existente na região: escravidão. Rapaz formado – menino que deixou de ser criança, jovem apto. Informação que a criança já pode trabalhar.

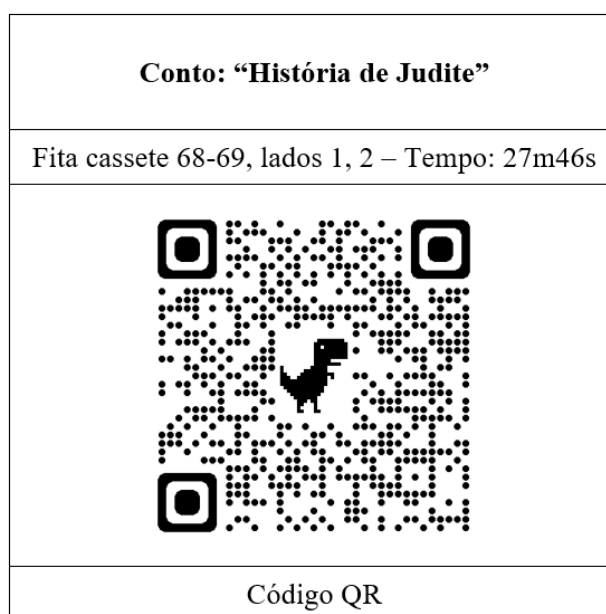
Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Interessante observar, que mesmo o personagem recebendo nome, de “Benedito” o anonimato se mantém. Os contos de Luzia Teresa dos Santos trazem informações, sementes da realidade, fatos e circunstâncias revestidos de vestígios infomemoriais.

Além do registro nos textos transcritos, o NUPPO guarda os originais de áudios com a narradora Luzia Teresa dos Santos, alguns em fita rolo, em fita cassete e outros que foram digitalizados em disco compacto (CD). Este material necessita de acompanhamento de técnicos da área, para o devido trato dos áudios, tanto no acondicionamento, restauro, como para realizar cópias de segurança em outro tipo de armazenamento.

No sentido de aprofundamento do estudo nos contos, e do conhecendo sobre Luzia Teresa, trazemos a narração da própria contadora, em áudio, do acervo de Luzia, no NUPPO. Estes três áudios foram disponibilizados para esse trabalho, fizemos a cópia em arquivo MP3<sup>34</sup> e editamos para que cada arquivo contivesse na íntegra, apenas, um conto da narradora. Consideramos os áudios inéditos, mesmo tendo o segundo áudio com texto publicado. As gravações são antigas, com ruído ao fundo e vozes de pessoas que estão próximas. Registram os ruídos do ambiente com sons de crianças falando, animais, carro e outros. Ouvir a própria voz da narradora nos traz uma experiência *sui generis*. Segue código QR<sup>35</sup> para acesso ao áudio 1 – o conto “História de Judite” (Ver Quadro 31).

**Quadro 31 – QR Code – Áudio 1, de Luzia Teresa dos Santos, NUPPO**



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

<sup>34</sup> O mesmo que mpeg-layer 3, que é uma denominação criada pela Moving Picture Experts Group (MPEG). Forma de compressão de dados de áudio muito usada atualmente.

<sup>35</sup> É a abreviação de Quick Response Code, que em português significa Código de Resposta Rápida.

O conto “História de Judite” tem como cenário, fazenda, plantações, coronel, capangas, serviçais, romance, costumes locais e o personagem principal se caracteriza por ser “esperto”, ele consegue se livrar das armadilhas e rouba a donzela. Possui palavras em desuso e linguajar simples.

Importante observar, que este conto não foi identificado, com esse título na relação dos 242 (duzentos e quarenta e dois) contos registrados por Altimar Pimentel, como sabemos que alguns contos receberam outro título similar na publicação de Pimentel, fizemos uma busca procurando por semelhança no título e pela temática do conto, mas até o momento do encerramento desse trabalho não identificamos. Podendo esse conto ser mais um na contagem dos contos de Luzia Tereza dos Santos. Ao longo da pesquisa, outras situações análogas a essa surgiram e foram sendo sanadas, contudo ainda existem outros títulos para verificação. Necessitando de um trabalho mais profícuo, com mais horas de dedicação junto a uma equipe multidisciplinar.

Segue o código QR para acesso ao áudio 2 - o conto “O Compadre que mandou o pobre comer bode no inferno” (Ver Quadro 32).

**Quadro 32 – QR Code – Áudio 2, de Luzia Teresa dos Santos, NUPPO**

<b>Conto: “O Compadre que mandou o pobre comer bode no inferno”</b>
Fita de Rolo 31, lado 2 – Tempo: 11m35s

Código QR

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

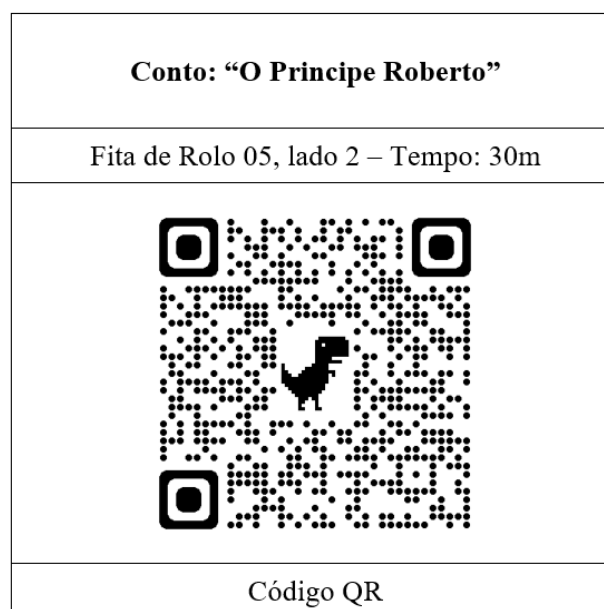
Este conto, inédito enquanto áudio, está publicado no livro “Estória de Luzia Teresa”, vol. 3, organizado por Altimar Pimentel, com ordem de sequência numérica: 108. Interessante que no meio da narração Luzia anuncia: “Essa estória é comprida”. A contadora não, apenas,

se limita a contar a história e interagir com as pessoas, mas ela esclarece fatos e opina sobre a história.

O conto “O Compadre que mandou o pobre comer bode no inferno” traz o contexto de dois mundos: o real e o irreal; na fazenda/sítio e no inferno. Na jornada até os portões do inferno os personagens precisam passar por três rios (de sangue, de água –mar, de leite), que só conseguem com a ajuda de objeto mágico, dado por ser místico. Muito comum nas histórias que possuem encantamento ter um ser que auxilia com orientações o personagem principal. Nesse caso, pode-se ouvir o áudio e acompanhar o texto do conto publicado, percebendo as correções textuais que foram feitas para publicação, e reconhecendo as locuções que Luzia utiliza ao narrar as histórias, típicas de pessoas simples do povo. Por exemplo: da linguagem oral o “tá” para a escrita do “está”.

O conto “O Príncipe Roberto” está registrado na relação de Altimar Pimentel, como o 175, para o volume 4, que não foi publicado. Este conto traz o registro o povo cigano, com informações que eles estavam de passagem no reinado, são andarilhos e que sabem ler a mão das pessoas. “Ah, rainha vamo chamar aquele homem pra ler a mão da minha princesa pra ver se ela tem a sorte boa, uma sina boa.” A trama do conto traz algumas semelhanças com a peça grega “Édipo Rei”, de Sófocles, com relação ao “destino previsto ao filho” que o pai não aceita, e, ao final, o que está escondido é revelado. Segue código QR para acesso ao áudio 3 o conto “O Príncipe Roberto” (Ver Quadro 33).

**Quadro 33 – QR Code – Áudio 3, de Luzia Teresa dos Santos, NUPPO**



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Além dos contos de Luzia Teresa, em texto e em áudio, existem documentos sobre a narradora que foram produzidos pelo NUPPO e por pesquisadores que se interessaram pela temática. São vestígios de informações identificados em relatórios, revistas, jornais e outros. Assim, fazemos um apanhado desse material, detalhando e comentando no capítulo seguinte.

### **A canção de Luzia**

Luzia em magia,  
Dos contos encantados.  
Fala diversas línguas,  
narra com maestria.

Seus contos são como arvoredos,  
cada pé um conto,  
com enredo inusitado,  
palavras só suas,  
vocabulário nato.

Contos com medo,  
Outros com boa-fé.  
Tudo muito acertado,  
Rapaz, moça, princesa, rei, rainha,...  
Padre, santo, alma penada e diabo.

Luzia é transluzida  
Em inspiração.  
Sua vida,  
Verdadeiramente,  
Uma canção.

(Luciana Dias, 2024)

## 6 SEXTO CONTO – O ÚLTIMO OLHAR

---

**C**aminhando pelos contos populares, esta pesquisa procurou expor e investigar os contos da narradora Luzia Teresa dos Santos na particularidade infomemorial. Trazendo as informações (de vozes coletivas e autoral) compreendidas na obra da narradora. Trilhamos pelos contos publicados na coleção “Estórias de Luzia Teresa”, nos três volumes, organizados por Altimar Pimentel; e pelo material contido no seu acervo, sob a guarda do Núcleo de Documentação e Pesquisa da Cultura Popular – NUPPO.

Luzia utilizada da oralidade para transmitir suas histórias, era analfabeta, por isso mesmo, não tinha como registrá-las, sabia todas as histórias de memória. Os contos são repassados de geração em geração, pela oralidade, por narradores que reproduzem da sua forma. Alguns contos terminam ficando no esquecimento. Já, no caso de Luzia, nos seus últimos seis anos de vida (de 1977 a 1983), o NUPPO, com o projeto “Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba” fez a recolha dos seus contos. Graças a esse trabalho de pesquisa do NUPPO, os contos de Luzia e sua história de vida foram preservados; hoje o seu acervo possui documentos, ainda, inéditos.

Luzia Teresa dos Santos é paraibana, de Guarabira, é uma das principais contadoras de histórias do Brasil. Destacando-se por seu vasto repertório, com 242 (duzentas e quarenta e duas) histórias registradas, pela aptidão expressiva na narração, e pela capacidade memorialística. Os contos de Luzia além de levar o divertimento/distração a quem os ouvia, também disseminava e preservava a cultura, por meio das informações repassadas no conteúdo da história.

Este trabalho nasceu do desejo de conhecer e divulgar o trabalho dessa narradora de histórias, que foi uma mulher simples, do povo, pobre e analfabeta. Assim, iniciamos discutindo a tríade: **informação-memória-sociedade** junto aos contos da cultura popular, que trazem na sua verbalização os hábitos, as crenças e as significações da sua comunidade.

Nossa propositura foi enveredar pelos contos de Luzia, num percurso literocultural e social, verificando os vestígios/rastros infomemoriais deixados pela narradora. E ao identificá-los, revelar os enunciados sociais da sua narração, como também evidenciar as marcas que a singulariza como contadora de histórias. A princípio, imaginávamos podermos realizar

entrevista com pessoas que a conheceram em vida, mas este fato não se concretizou. Os indivíduos mais próximos a Luzia, que identificamos ao longo da pesquisa, já eram falecidos.

A história de vida de Luzia é transluzida por meio dos seus contos, suas vivências pessoais, aparecem no mundo fantasioso dos contos de fadas. Seus contos fornecem um amplo registro de fatos, credices e costumes dos povos: europeus, indígenas e africanos. O *modus vivendi* das pessoas de sua época, dos antepassados, dos nordestinos são características que se fazem presentes nos contos nas informações literoculturais. A tessitura dos contos de Luzia evoca a carga memorialística de uma coletividade.

Como explicitado, no trabalho, a abordagem arqueológica, que une método arqueológico com o indiciário, nos conduziu no trilhar dos vestígios documentais, dos “enunciados reitores” de Luzia, até sua dispersão. No caminho de identificar, analisar e revelar os achados infomemoriais dos seus enunciados. Assim, compreendemos o papel social de Luzia e seus contos, um condicionamento de superação das incertezas, da vida simples e difícil. O conto que traz um equilíbrio na medida certa, revelando os atributos infomemoriais e memorialísticos. Ora distraindo as crianças com o fantasioso, ora reafirmando aos adultos o conceito da vida em sociedade na reprodução do *habitus*.

O conto popular tem seu nascedouro na oralidade do povo, trazendo consigo as marcas sociais e culturais. Para se destacar como narrador de histórias é necessário primeiro ser um bom ouvinte. Luzia relata que aprendeu suas histórias ouvindo as pessoas nas farinhadas, nas debulhas de feijão, no trabalho na roça e com seu esposo Luiz, que era bem mais velho. Precisa cativar seu público com a oralidade, entonação, expressividade, gestualidade, ... Além de ter todos esses predicados, Luzia imprimia vozes diferenciadas aos personagens. Ela tinha um encantamento próprio. Altimar Pimentel (1995), que a conheceu em vida, dizia que ela utilizava expressões em desuno ou desconhecidas como se fossem próprias da narrativa, que eram inerentes a sua pessoa.

Percebemos que Luzia Teresa é uma narradora das melhores, seus contos remetem a lembranças, situações, casos de vida em sociedade e ao onírico. Expõe casos de relacionamento pai/filho, empregado/patrão, noivos/noivas, promessas/não cumprimento da palavra, verdade/mentira, céu/inferno, Deus/Diabo, tradição/novidade, príncipes/princesas/reis/rainhas; e temas como: profissões, costumes, religião, comida, moradia, superstição, encantamentos e outros. Luzia Teresa, em vida, foi guardiã da memória social de seu povo. Trazendo ao presente as suas reminiscências, e sob o viés de sua memória exaltava determinados costumes e outros não. Uns sendo rememorados e outros deixados ao esquecimento, conforme o seu pensar, o seu viver em sociedade.

Importante destacar, que Luzia Teresa dos Santos sendo uma das maiores contadoras de histórias do mundo, em número de contos registrados e de saber narrá-los todos de memória, ainda é pouco conhecida. A respeito dessa questão, podemos inferir sobre quatro aspectos que, notoriamente, ajudou nessa propagação, mesmo que insuficiente. Primeiro na importância do trabalho do NUPPO, com a recolha, registro e guarda das informações. Segundo pela publicação dos três volumes da coleção “Estórias de Luzia Teresa”, por Altimar Pimentel que promoveu o registro e divulgação do livro com pesquisadores interessados e público em geral. Terceiro pela Lei 11.331/2019, que instituiu o dia Contador de Histórias, na Paraíba, em sua homenagem. E, o quarto aspecto, mais recente, é a divulgação e propagação de seus contos e informações sobre a narradora no território da virtualidade. Fazendo com que Luzia possa chegar a lugares não antes imaginados.

Seguindo a proposição desse trabalho, ponderamos que o conto popular é um artefato apropriado para ressignificar a memória sociocultural de um povo. E que os vestígios de Luzia, encontrados durante a escavação desse trabalho, nos jornais, relatórios de jornadas, nos contos e demais documentos identificados no NUPPO, revelam que Luzia era única no que fazia. Deste modo, os contos de Luzia Teresa, por serem celeiro de elementos infomemoriais, trazem consigo os enunciados das memórias evocadas e as particularidades de sua narração tornando-os singulares. Luzia é rica em sabedoria, em conhecimento, com uma memória complexa, na pluralidade das histórias, no encadeamento lógico das cenas, na intensidade, graça e segurança da sua narração. Ela faleceu afirmando: “Tanta estória que sei, minha filha! ... Sei tanta estória para contar...”.

Com isto, afirmamos que os contos populares de Luzia Tereza, são espelhos de séculos de ressignificações, com elementos sociais e traços autorais próprios da contadora, são territórios memorialistas dos mundos: real e feérico, que trazem no seu escopo vestígios infomemoriais.

Sugerimos que dado a importância da contadora na cultura popular, na área de Memória e Informação, que os documentos contidos no NUPPO, que tratam da sua pessoa, possam constar num espaço único, próprio, só para seu acervo, com um tratamento arquivístico apropriado. Essa reorganização, com identificação dos documentos, pode desencadear várias pesquisas. Com o grande volume de contos, da contadora, estudos podem ser desenvolvidos a partir da análise dos contos por temáticas próprias, como: as minorias sociais, inclusão/exclusão social, linguística, representação da informação, o mundo onírico/real e outros.

Recomendamos que outros estudos e projetos sejam desenvolvidos seguindo o traçado dessa tese, tendo em vista a riqueza do conteúdo informacional de vida e obra de Luzia Teresa

dos Santos, aqui apresentados. Propomos que novas pesquisas sejam desenvolvidos à luz do acervo dos contos inéditos da narradora, sob vários aspectos: a) campo arquivístico – tratamento técnico especializado em áudio (fitas de rolo, cassetes e CD's), nos documentos manuscritos e datilografados; b) campo educacional – observar as questões literárias e culturais, trabalhando a contação de suas histórias incentivando a leitura, a discussão das informações contidas nos contos numa perspectiva de valorização das questões regionais e conhecer a vida e obra de Luzia divulgando a contadora de história mulher e paraibana; c) campo das artes – criar espetáculos artísticos, em diversas linguagens, inspiradas em suas narrativas. O trabalho com o acervo de Luzia é vasto, podendo abranger diversas áreas de estudo, como: sociologia, letras, ciência da informação e outras.

Esta pesquisa não se esgota aqui. Acreditamos que esse estudo traga contribuições na perspectiva infomemorial, sendo o conto popular, notadamente de Luzia Teresa, um artefato de memória.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo?** E outros ensaios Chapecó: Argos, 2009.

ALCOFORADO, D. Literatura oral e popular: um grupo de trabalho e de intercâmbio. *In: Boitató – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL*, ago-dez de 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/30952/21774>. Acesso em: 02 set. 2019.

ARAGÃO, M. S. S.; *et al.* **O conto popular na Paraíba - Um estudo linguístico-gramatical.** João Pessoa: UFPB, 1992.

ARAGÃO, M. S. S. **O Linguístico e o cultural nos contos populares paraibanos.** *In: Anais/Resumos da 57ª Reunião Anual da SBPC.* Fortaleza: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 2005. Disponível em: [http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF\\_SIMP/textos/mariaaragao.htm](http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/mariaaragao.htm). Acesso em: 04 set. 2019.

ASSMANN, A. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Ed Unicamp, 2011.

BATISTA, M. F. B. M.; *Et al.* **Estudos em Literatura Popular.** João Pessoa: Universitária/UFPB, 2004.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos.** Rio de Janeiro. Zahar, 2007.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e cultura:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIM, W. Rua de Mão Única. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BEZERRA, K. G. C. S.; SAMPAIO, M. L. P.; RODRIGUES, L. O. Memória e identidade na literatura de tradição oral. **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S.l.], v. 17, n. 27, p. 189-204, dez. 2018. ISSN 1809-3507. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/38381>. Acesso em: 09 set. 2019.

BÍBLIA. Deuteronômio. Português. *In: A Bíblia sagrada:* antigo e novo testamento. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BORGES, J. L. Funes, o memorioso. *In: BORGES, J. L. Ficções.* São Paulo: Ed. Globo, 1999.

BOSI, A. **Considerações sobre o tempo e a informação.** São Paulo: IEA/USP, 1995. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/bosiinternet.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2020.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória:** ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

- BOURDIEU, P. **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BUSATTO, C. A Arte de contar histórias no século XXI. 4a. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução: Maria L. Ferreira. São Paulo. Contexto, 2011.
- CASCUDO, L. C. **Contos tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2014.
- COLUCCIO, F. Histórias de Luzia Teresa. *In*: PIMENTEL, Altimar. **Estórias de Luzia Teresa**. Brasília: Thesaurus, 2001. (Vol. 2).
- CÓRDULA, A. C. C. **Memórias em crônicas**: itinerários da cidade João Pessoa na produção de Gonzaga Rodrigues. 2019, 209f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.
- CÓRDULA, A. C. C. **Políbio Alves entre contos e encantos**: o fascínio do vivido na perspectiva da escrita de si. 2015. 262f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.
- CUCHE, D. **A Noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DE NÍCOLA, J. **Literatura Brasileira**: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione Autores Editores, 1985.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. 1ª. Coletivo Periferia. 2003. Versão eletrônica: Coletivo Periferia [www.geocities.com/projetoperiferia](http://www.geocities.com/projetoperiferia).
- FOUCAULT, M. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, M **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universidade, 2016.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas. 2008a.
- GINZBURG, C. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GLEZER, R. **Tempo e o os homens: dom, servidor e senhor**. São Paulo: IEA/USP, 1991. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/>. Acesso em: 30 jun. 2020.
- HAN, B. La emergencia viral y el mundo de mañana. *In*: AGABEM, G. et al. **Sopa de Wuhan**. [S.l.]: Aspó, 2020.
- HAURÉLIO, M. **Contos e fábulas do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2016.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

LEITE, A. **Poesia ou morte**. João Pessoa: Ideia, 2006.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, V. Estórias de Luzia Teresa. *In*: PIMENTEL, Altimar. **Estórias de Luzia Teresa**. Brasília: Thesaurus, 2001. (Vol. 2).

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? *In*: **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993. (Versão on-line ISSN: 1678-4464). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/i/1993.v9n3/>. Acesso em: 22 set. 2020.

NASCIMENTO, B. As Estórias de Luzia Teresa. *In*: PIMENTEL, A. **Estórias de Luzia Tereza**. Brasília: Thesaurus, 2002, p. 17-18. (Vol. 1).

OCHANDO, M. B. O problema das notícias falsas: detecção e contramedidas. *In*: TORRES VARGAS, G. A.; FERNANDEZ BÁJON, M. T. (Orgs.). **Verdad y Falsidad de la information**. UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2019.

OLIVEIRA, B. M. J. F.; ROSA, M<sup>a</sup> N. B.; ABREU, T. L. **Afonso Pereira e o Teatro do Estudante da Paraíba**: educando pela arte dramática. João Pessoa: Ideia, 2010.

ONG, W. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas, SP: Papirus, 1998.

PACHECO, L. S. A Informação enquanto artefato. *In*: **INFORMARE**. Rio de Janeiro: IBICT, V.1, N. 1, p. 20-24, 1995. (Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação).

PÊCHEUX, M. O Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre. O papel da memória. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

PIMENTEL, A. **Estórias de Luzia Teresa**. Brasília: Thesaurus, 2001a. (Vol. 2).

PIMENTEL, A. **Estórias de Luzia Teresa**. Brasília: Thesaurus, 2001b. (Vol. 3).

PIMENTEL, A. **Estórias de Luzia Tereza**. Brasília: Thesaurus, 1995. (Vol. 1).

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudo Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3, 1989, p. 3-15.

RICHARDSON. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ROSA, M. N. B. Os Fios da memória. *In*: OLIVEIRA, B. M. J. F. **José Simeão Leal**: primeiro editor público brasileiro. João Pessoa: Mídia Gráfica e editora, 2018.

SANTOS, L. T. A Rainha que botou chifre no rei. *In: PIMENTEL, A. Estórias de Luzia Tereza*. Brasília: Thesaurus, 1995, p. 77-86. (Vol. 1).

SANTOS, L. T. As Duas estátuas. *In: PIMENTEL, A. Estórias de Luzia Teresa*. Brasília: Thesaurus, 2001a, p.129-130. (Vol. 2).

SANTOS, L. T. O Homem que morava numa casa de palha. *In: PIMENTEL, A. Estórias de Luzia Teresa*. Brasília: Thesaurus, 2001, p.155-158. (Vol. 3).

SANTOS, L. T. Princesa da pedra fina. *In: PIMENTEL, A. Estórias de Luzia Tereza*. Brasília: Thesaurus, 1995, p.62-66. (Vol. 1).

SHAKESPEARE, W. Romeu e Julieta. *Ridendo Castigat Moreas*: eBooks Brasil, 2000. (Cena III). Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/romeuejulieta.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2022.

SILVA, L. E. F. da; OLIVEIRA, B. J. F. de. Mnemosyne infor-comunicativa: a possibilidade axiomática de construção de um conceito de memória para a Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, [S. l.], v. 24, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/17658>. Acesso em: 9 ago. 2022.

SOUZA, A. A. C. M. Barreiras Culturais à Transferência de Informação: formulação preliminar do problema. *In: Ciência da Informação*, Brasília, IBICT, V. 12, N. 1, p. 75-82, 1983.

TEIXEIRA, C. H. Onde os intérpretes da informação? *INFORMARE - Cad. Prog. Pós-Graduação em CI*. Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.37-44, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/40905>. Acesso em: 10 ago. 2020.

TRIGUEIRO, O. M.; PIMENTEL, A. **Contos populares Brasileiros**: Paraíba. Recife: FUNDAJ/ Massangana, 1996.

## ANEXOS

### ANEXO 1 – TRECHO DO E-MAIL DO PPGCI/2020.

Prezadas(os) docentes, discentes e servidores(as) técnicos(as).

(...)

#### 4 DO INÍCIO DO SEMESTRE LETIVO E DAS AULAS

- Considerando que o calendário acadêmico **não foi suspenso** pela Portaria 90/GR/REITORIA/UFPB de 17 de março de 2020, o calendário acadêmico do semestre letivo 2020.1, aprovado na 33a. Reunião Extraordinária do Colegiado do PPGCI/UFPB, está mantido.

- As aulas devem ser realizadas utilizando as estratégias on-line do SIGAA, dispensando a necessidade de reunir presencialmente docentes e discentes. Também recomendamos o uso de ferramentas para reuniões on-line como complemento ao SIGAA. Também sugerimos, neste momento, o uso do Google Hangouts (<https://hangouts.google.com/>) que permite videochamadas com até 10 pessoas gratuitamente (usando Gmail ou GSuite Basic), neste caso adequado para turmas pequenas.

(...)

**Estamos em um momento muito difícil que desafia todos(as) nós, temos empreendido um esforço árduo para atender as demandas de trabalho da forma eficiente e institucional. Tem sido necessário construir soluções criativas neste momento de crise mundial, nem sempre é possível dar respostas tão rápidas pois, dependendo da demanda, temos que nos aconselhar com a PRPG e/ou com a Procuradoria Jurídica. Contamos com a compreensão e empenho de todas(os) docentes, discentes e servidores(as) no enfrentamento a pandemia.**

Atenciosamente,

Dr. Henry Poncio Cruz de Oliveira

Dra. Gracy Kelli Martins

(PPGCI, 2020)<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação UFPB. E-mail: <ppgci.ufpb@gmail.com>, em 19/mar/2020.

**ANEXO 2 – PORTARIA Nº 1/2022 – PROEX (11.00.49)****MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA****PORTARIA Nº 1/2022 - PROEX (11.00.49)**

Nº do Protocolo: 23074.043021/2022-72

João Pessoa-PB, 16 de Maio de 2022

A PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, no uso de suas atribuições,

Considerando o Art. 8º da Resolução Nº 24 de 2018 do Conselho Universitário que define a constituição do Conselho Técnico Científico do Núcleo de Pesquisa e Extensão,

Resolve:

I -Designar para comporem como membros do Conselho Técnico-Científico do Núcleo de Documentação e Pesquisa da Cultura Popular (NUPPO), durante a gestão de 2021/2023 os seguintes servidores e discentes:

**HERMANO DE FRANÇA RODRIGUES**, SIAPE 3567041, professor do magistério superior, com lotação no CCHLA - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, como Presidente do conselho;**BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA**, SIAPE 3116045, professora do magistério superior, com lotação no CCSA - Departamento de Ciência da Informação, como Vice-presidente do conselho;**ALICE LUMI SATOMI**, SIAPE 338386, professora do magistério superior, com lotação no CCTA - Departamento de Educação Musical, como representante de departamento;**ALYERE SILVA FARIAS**, SIAPE 1859272, professora do magistério superior, com lotação no CCHLA - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, como representante de departamento;**EMMANUEL FERNANDES FALCAO**, SIAPE 332725, Técnico Administrativo com lotação na PROEX, como representante de Pro Reitoria de Extensão;**JOÃO DE LIMA GOMES**, SIAPE 336609, professor do magistério superior, com lotação no CCTA - Departamento de Comunicação, como representante de departamento;**LUCIANA ATAÍDE DIAS SANTIAGO**, Matrícula: 20201008842, Doutoranda em Ciência da Informação PPGC/UFPB, como Represente discente.**MARIA CELESTE LIBERALQUINO**, SIAPE: 333416, Técnico Administrativo com lotação no NUPPO como Assistente em Representante dos técnicos-administrativos.**MARIA CLAUERENIA ABREU DE ANDRADE SILVEIRA**, SIAPE 1070829, professora do magistério superior, com lotação no CE - Departamento de Metodologia da Educação, como representante de departamento;**MARIA ELIZABETH BALTAR CARNEIRO DE ALBUQUERQUE**, SIAPE 337145, professora do magistério superior, com lotação no CCSA - Departamento de Ciência da Informação, como representante de departamento;**REJANE MEDEIROS BORGES**; SIAPE: 1465396, Técnico Administrativo com lotação no NUPPO como Suplente do representante técnico-administrativo.

II - Esta Portaria entra em vigor a partir desta data.

*(Assinado digitalmente em 16/05/2022 11:33)***BERLA MOREIRA DE MORAES**

PRO-REITOR(A)

Matricula: 1860347

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: 1, ano: 2022, documento (espécie): PORTARIA, data de emissão: 16/05/2022 e o código de verificação: 6b876a70e4

## ANEXO 3 – FIXAÇÃO DE TEXTOS DE CONTOS POPULARES

## FIXAÇÃO DE TEXTOS DE CONTOS POPULARES

Altimar de Alencar Pimentel

1. Preliminar - A preparação de texto de conto Popular, recolhido por meio mecânico, para publicação apresenta uma série de dificuldades que merecem análise demorada e cuidada.

Em primeiro lugar, temos um texto básico que procura traduzir gratificamente os sons existentes na gravação: sons articulados, com significação (palavras); sons onomatopáicos; ruídos diversos produzido pelo narrador. Este texto básico, transcrito segundo O Projeto de Normas de Transcrição Fonética de fins Folclóricos elaborado por Antonio Houaiss, em nosso entender, presta-se para o estudo do especialista em contos populares interessado particularmente na linguagem do narrador. Mesmo neste caso, torna-se indispensável a consulta à gravação, pois determinados sons e inflexões do narrador são intradutíveis. Já para o estudioso de linguística essa transcrição é destituída de qualquer valor, pois a ciência adota a transcrição fonética, que dispõe de símbolos próprios para traduzir os sons contidos na gravação.

Sabemos, que por outro lado, é arbitrária a tentativa de reproduzir graficamente a pronúncia das palavras, notadamente quando não há correspondência precisa entre os sons emitidos pelo indivíduo e aqueles sinais convencionais chamados fonemas. Esta dificuldade cresce quando o emissor não pertence ao grupo social para o qual tal sistema fonético é dirigido, levando-o a alterar-lhe os valores infinitamente.

O estudo puro e simples do conto popular, pelo exegeta preocupado em decifrar-lhe o conteúdo antropológico, psicológico, psicanalítico etc, embora de toda importância não esgota as suas possibilidades nem a finalidade da coleta. É

## ANEXO 3 - continuação

necessário que o conto volte ao povo e ocupe um espaço atualmente tomado por publicações estrangeiras, como foi observado em recente pesquisa realizada pelo Ministério da Educação e Cultura relativa ao hábito de leitura entre os estudantes de 1º grau, que constatou excepcional preferência por revistas em quadrinhos produzidas por Walt Disney.

Nesse sentido, entendemos ser necessário, para publicação, respeitar a linguagem e o estilo do narrador, mas evitar os erros de concordância e a grafia incorreta das palavras, além de outros tipos de imperfeição comuns à narração oral, objetivando atingir o leitor universal, máxime aquele que atualmente prefere as revistas em quadrinhos de origem estrangeira.

2 . Observações Gerais - Na fixação do texto para publicação vimos observar algumas "regras" que estabelecemos visando escoimar do conto imperfeições sem prejuízo do seu sabor popular tanto de conteúdo como de forma. Analisamos a seguir os casos que ocorrem com mais frequência.

Título - O título do conto é fornecido pelo narrador no ato da coleta. Ocorre que, no caso de Luzia Tereza dos Santos, narradora prodigiosa, com mais de duas centenas de narrativas, é perfeitamente normal que haja o mesmo título para diferentes estórias. Nesse caso procuramos dar ao conto um título que corresponda com o seu conteúdo narrativo e conserve o mesmo sabor popular daqueles oferecidos pelo narrador para as demais estórias.

Esta preocupação de interferir o mínimo possível sobre o material recolhido, no caso específico do título, conduz a problemas de outro nível, com a repetição de alguns títulos ( Os dois Compadres, os Dois Irmãos, Os Três Irmãos etc ), um mesmo título para estórias diferentes (Maria Borracheira) , por exemplo, intitula o conto mais conhecido como "O Figo da Figueira", diferentes títulos para a mesma estória ("Maria Cara de Pau" recebe vários títulos), entre outros.

Mesmo assim, preferimos conservar o título dado pelo narrador por entendermos que devemos preservar também esta ligação do conto com a camada social de onde proveio e que o

## ANEXO 3 - continuação

conhece por tal designação.

Universo Verbal - Todos os vocábulos empregados pelo narrador devem ser preservados. Quando ocorrer pronúncia incorreta do vocábulo deve-se grafá-lo corretamente ou reproduzi-lo como é pronunciado pelo narrador e proceder a anotação ao pé da página. Vejamos alguns exemplos: arremediato - remediado; Campineiro - capineiro; estinhoradas - deterioradas, estragadas; carqueijo - encarquilhado, encurvado; cevado - porco; desenlinhar - desenliçar, desembaraçar.

Observa-se, por vezes, a utilização de um vocábulo com significado completamente diversos daquele com que está dicionarizado. Cumpre aqui também conservá-lo e, em chamada de pé-de-página, fazer as observações necessárias. Exemplo: Se amarrando - encolhendo-se, protelando.

Pronomes - O emprego dos pronomes pessoais oblíquos o, a, os, as - (acusativo) jamais ocorre no falar popular. Pelo menos é o que pudemos observar em cerca de trezentas horas de gravação de contos populares. E, se por caso vir a ocorrer tal emprego, constituirá exemplo fortuito e raro, assim evitamos, sistematicamente, utilizar estes pronomes.

Também evitamos o emprego dos pronomes pessoais do caso reto (nominativo) muito comum na linguagem popular. Ex: o rapaz viu ela e ficou apaixonado = o rapaz viu-a e ficou apaixonado = o rapaz viu a moça e ficou apaixonado. Neste exemplo substituímos o pronome pessoal do caso reto -ela- erradamente empregado pelo substantivo correspondente - moça.

Ocorre também, no falar popular, o emprego dos pronomes pessoais oblíquos indiretos (dativo) - lhe, lhes - em lugar dos pronomes pessoais oblíquos diretos (acusativo) - o, a, os, as. Neste caso procedemos da mesma maneira, isto é, substituímos o pronome pelo substantivo correspondente.

Há no entanto, uma forma de uso pronominal incorreto que conservamos, procedendo anotação ao pé da página para justificar tal emprego. Trata-se do uso da 3ª pessoa do singular do pronome pessoal do caso reto - ele, ela - em lugar da la, eu. Isto ocorre quando o personagem que se encontra em desgraça ou dialoga com o Diabo, a Morte etc. e o narrador

## ANEXO 3 - continuação

evita utilizar o pronome na 1ª. pessoa a fim de não ser identificado com ele, temeroso, talvez de atrair as desgraças que sobre este pesam. Conservamos esta forma por entendermos que ela revela a psicologia do narrador, suas crenças e seus temores, constituindo portanto um elemento propositalmente por ele utilizado e com finalidade e não um erro gramatical. O mesmo processo observa-se com relação dos pronomes possessivos em tais circunstância, empregando-se dele, dela em lugar de meu.

Recorrências - A transmissão oral das narrativas leva o narrador a recorrer a imagens ligadas à sua realidade espaço-temporal imediata, x como exemplo: "desse tamanho", "como daqui para ali", "limpinho como isto aqui", "dessa altura", "estava tudo que nem isso aqui: limpinho", "fez assim", "passou a faca assim", "bem assim". Essas comparações são acompanhadas dos respectivos gestos que complementam o seu conteúdo icônico.

Evidentemente é impossível, ao fixar o texto de um conto que não acompanhamos a gravação nem dispomos de anotações relativas a tais gestos tentar descrevê-los, tarefa, aliás que nos parece dispensável e até redundante, senão cansativa ao leitor. Assim, pura e simplesmente, respeitamos a construção e a conservamos, por entendermos, inclusive, que ela reflete o processo oral de transmissão, constituindo, portanto um recurso de estilo do narrador.

Lapsos de memória - Ocorrem, com certa frequência, lapsos de memória do narrador, que ora confunde um conto com o outro e interrompe a narrativa com a expressão: "Ah A estória não era essa não, era outra", ora deixa de narrar determinada sequência no lugar próprio prejudicando o desenvolvimento da estória.

No primeiro caso, o narrador retoma a narrativa e deve-se desprezar a parte anteriormente narrada, que, naturalmente, pertence a outro conto. No segundo caso, procuramos pôr a informação, a sequência narrativa no lugar próprio, reproduzindo o conto no seu desenvolvimento normal, como se tal lapso de memória não houvesse ocorrido.

Agimos assim por entendermos que tal processo, em bora possa eventualmente interessar a especialistas do

## ANEXO 3 - continuação

comportamento, a psicológicos, psicanalistas, não constitui uma figura de estilo, mas um erro, um lapso, um engano que, conservado, só contribui em prejuízo do texto como expressão literária.

Enganos - É conveniente - e sempre o fazemos - corrigir os enganos cometidos pelo narrador relativos a nomes e condições dos personagens ou outros de natureza diversa.

Há contos em que, inicialmente, o nome do personagem é enunciado, mas ao longo da narrativa o narrador modifica sem qualquer razão ou explicação. Por exemplo: inicialmente, ele domina o personagem Daniele mais adiante chama-o Rafael. x em tais circunstâncias mantemos o nome que primeiro foi enunciado.

A condição do personagem é por vezes modificada pelo narrador inopinadamente. O personagem, por exemplo, por exemplo, no início é apresentado como príncipe depois como barão ou com outro qualquer título. Procuramos, no caso observar se ele pode acumular os diferentes títulos, caso contrário conservamos apenas aquela a que o personagem melhor se adequa dentro do contexto narrativo. Ocorre também que atributos próprios de um determinado personagem, que inclusive se relaciona ao seu nome, são transferidos a outro, resultando confuso o texto e tornando-se necessária a intervenção do estudioso para a correção de tal engano.

Repetições - Há dois tipos de repetição: as de estilo e as muletadas. As primeiras objetivam enfatizar o prolongamento de uma ação através da repetição de uma palavra - tempo verbal - que a indique - andou, andou, andou ... comeu, comeu, comeu... dormiu, dormiu, dormiu ... As segundas constituem recursos de apoio de que lança mão o narrador e são representadas pelos vocábulos aí, quando, então etc.

No caso da repetição de estilo convém que seja conservada porque é a expressão da linguagem do narrador, a sua forma de comunicar a dimensão de um ato. Mas, a repetição das muletadas é melhor que sejam evitadas, porque só empobrecem o estilo, tornando a estória cansativa, pois o texto para ser lido requer cuidados perfeitamente dispensáveis à transmissão oral.

## ANEXO 3 - continuação

Ordem - A disposição dos vocábulos na frase e das frases no período composto devem ser respeitadas sempre que possível, pois constitui recurso estilístico. Mas, convém ter o cuidado de observar se tal disposição não prejudica a clareza ou a beleza do texto.

Sabemos, por exemplo, que a alteração na ordem das palavras, pode, em alguns casos, modificar o sentido da frase. Quanto à frase, é necessário atentar para o seu conteúdo ideológico, para a informação que presta, a idéia que expõe a sua colocação do ponto de vista estilístico para constatar se a alteração de sua disposição no período resulta em beleza, clareza e congruência da narrativa.

3 . Exemplo de fixação de um texto - O texto que se segue, evidentemente, não é muito característico, porque o narrador é alfabetizado, já foi presidente do Sindicato dos Arrumadores de Cabedelo, portanto é um homem de certo nível de informação, e, podemos notar, narra com fluência e, relativamente, poucos erros gramaticais. Escolhemos este conto, no entanto, pelo seu interesse como narrativa e pelo emprego da terceira pessoa em lugar da primeira, que desejávamos evidenciar.

De qualquer forma, o conto em si e a narração conservam as características folclóricas que os credenciam como exemplo bastante representativo do nosso trabalho.

## ANEXO 4 - ENTREVISTA COM LUZIA TERESA, POR MYRIAN GURGEL

ENTREVISTA FEITA COM LUZIA TEREZA DOS SANTOS  
POR MYRIAN GURGEL MAIA, PESQUISADORA DA JORNADA DE CONTADORES DE ESTÓRIAS DA PARAÍBA.

Myrian Maia: A Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba grava diretamente do Hospital Pe. Zé a vida de Luzia Tereza dos Santos. João Pessoa, 26 de janeiro de 1983.

Dona Luzia, onde a sra. nasceu, quem eram seus pais e de que se ocupavam?

Luzia Tereza: Nasci no arrabalde de Guarabira.

Myrian: E seus pais, quem eram?

Luzia Tereza: Antonio Lins.

Myrian: O que é que ele fazia, trabalhava em que?

Luzia Tereza: Na agricultura.

Myrian: Dona Luzia, me fale da sua infância, como foi. A sra. brincava? Com que? Tinha irmãos? Seus brinquedos. De que se alimentava?

Luzia Tereza: Bem, meu pai trabalhava na agricultura. Eu peguei a trabalhar de pequenininha na agricultura, viu? Trabalhava em roçado, fazia tudo, viu? Eu, quando o meu pai...quando minha mãe teve quinze (15) filhos, morreu. Aí ficou papai com esses filhos. Já tinha um casado que morava em Belém, viu? Então, papai dizia assim: "eu não quero me casar, porque a minha mulher era muito boa pra mim e eu não vou dar madrasta aos meus filhos". Meu pai nunca quis se casar, nunca! (emociona-se, chorã) Nunca quis se casar, nunca! Aí, pegamos a crescer, trabalhando na agricultura de Guarabira, aquele roçado grande! Era eu, Antonia...quer dizer, que quando minha mãe morreu, já tinha um casado em Belém. Depois ficou essa irmã que eu tenho em Guarabira, chamada Serafina, ela, quando tava mocinha ela fugiu pra casa de um irmão. Ficou eu com os meninos mais pequenos. Trabalhava em roçado. Levava panela, feijão para cozinhar no roçado que num tinha em que cozinhar. Arrumava umas enxadinhas deste tamanhinho para a gente ajudar a limpar mato. Aprender a limpar mato. Aprender a limpar mato, até a gente ficar grande. Quando

Myrian: A sra. brincava, de que?

Luzia Tereza: Eu? Eu nunca brinquei nada, minha filha, quando morava nos arrabaldes de Guarabira. Eu nunca brinquei nada. Minha brincadeira no dia de domingo, era com uma bonequinha. Então era eu e essa Antonia que mora em Campina, era nós duas as mais pequenas. Nós duas eramos assim... Aí foi dando, foi dando...Me pus de moçota, eu peguei, no interior tinha muito café todo ano. Iam umas mulher apanhar café. Eu ia mais elas apanhar café.

## ANEXO 4 – Entrevista com Luzia Teresa, por Myrian Gurgel (continuação)

Lá era dois tostão a cuia de café. Eu apanhava três cuias de café por dia. Faz muitos anos isso... havia muito café! Havia muita coisa!

Myrian: Quando aprendeu a primeira estória. Quando foi assim? Tem noção? Quem foi que lhe ensinou a primeira estória?.

Luzia Tereza: As estórias? Dona Myrian, eu... casei-me com um viúvo que sabia de muitas estórias.

Myrian: Que idade tinha quando se casou?

Luzia Tereza: Tinha... tinha uns vinte e cinco anos. Casei-me com um viúvo, ele sabia de muitas estórias, aprendi muitas estórias com ele. A gente foi morar num lugar chamado Tambauzinho e lá ele se dava com um velhinho que sabia muita estória, eu aprendi muita estória com ele, muita! Aprendi muita estória com ele. Quando foi em 30, na revolução de João Pessoa, papai morreu. Fiquei sem pai. Já era casada, viu?

Myrian: Mas, seu pai morreu brigando?

Luzia Tereza: Na guerra de 30, da morte de João Pessoa, meu pai morreu ( não explicou). Eu fiquei sozinha sem pai. Essa Antonia fugiu mais um rapaz de Campina, casou-se com ele em Campina. Mora com ele em Campina. Agora essa irmãa que mora em Guarabira, ela é mais velha do que eu. Cria uma sobrinha, é quem sustenta ela, é aposentada dá as coisas a ela e ela vive direitinho, viu? Ela é muito educada, direita, essa minha sobrinha. Ela disse: "Tá luzia, se você morasse mais perto,.. que eu não posso, com essa tia velha não posso andar." ( Por certo dar assistência) Quando eu vou, tempos em tempos. Aí cheguei... nunca mais fui ve-la . Nunca mais fui lá. Quando Deus quiser...

Myrian: O, dona Luzia, qual é a estória que gosta mais de contar? A estória que prefere? Tem estória que a gente gosta mais.

Luzia Tereza: Eu gosto delas todinhas. Eu acho muito bonitinha a do "Príncipe encantado num Pombinho", É uma estória muito bonitinha.

Myrian: Por que acha bonitinha?

Luzia Tereza: Por que acho bonitinha.

Myrian: A parte mais emocionante da estória, qual é? Por que é? Era um príncipe, era um pombinho. Ele se desencanta? Ele sofre?

Luzia Tereza: Desencanta! O príncipe sofre não. Agora a princesa sofreu. Essa estória Sr. Altimar mandou eu repetir duas vezes, na casa de Gazoza.

Myrian: Dona Luzia, como a sra. conheceu seu marido?

Luzia Tereza: Olhe, ele veio morar... Eu morava em Bananeiras, ele veio morar em Guarabira. Aí nós peguemos um namorzinho... Disseram assim : "Tá, dona Luzia, tá bom da senhora se casar com aquele velhinho". Um velhinho. Ele tem quatro filhos. Já tem dois casados e tem aqueles dois meninos. Pode se casar com ele. Eu não dei o sim nem não. Eu vi-

## ANEXO 4 – Entrevista com Luzia Teresa, por Myrian Gurgel (continuação)

via trabalhando. Em tempos em tempos eu ia para o Abiá, apanhar mandioca; achava bom trabalhar! Eu não dei o sim. Depois foi que dei o sim de me casar com ele. Casei com o viúvo.

Myrian: E foi seu único namorado?

Luzia Tereza: Foi!

Myrian: Foi o primeiro e último namorado?

Luzia: Foi. Foi. Nunca achei graça em ninguém para me casar não. Aí quando foi, passei muitos anos casada com ele, muitos anos, nesse Tambauzinho e viemos morar em Bayeux. Ele morava lá na terra, o homem ignorou ele e ele trouxe um dinheiro, comprou umas telhas pra fazer uma casa perto do filho. Essa casa que foi tomada agora. Minha casinha foi tomada...(chora).

Myrian: Não fale nisso agora não. A sra. se emociona. A sra. teve filhos, dona Luzia?

Luzia Tereza: Um só. Ele foi se embora pra São Paulo. Eu não sei se é morto ou vivo.

Myrian: Quando a sra. se casou não tinha pai nem mãe e a sra. vivia por onde? Vivia nas casas dos irmãos?

Luzia Tereza: Eu vivia empregada nas casas, trabalhando. Era ama de menino, arrumadeira, tudo isso eu fazia.

Myrian: A sra. trabalhava aqui em João Pessoa? Qual foi a casa que demorou mais?

Luzia Tereza: Na Casa de dona Antonia...passei três anos.

Myrian: Antonia de quê?

Luzia Tereza: Era uma professora que morava pra banda da Torre.

Myrian: Ela era boa pra sra?

Luzia Tereza: Era! Era, dona Myrian, era; Faz muitos anos, isso.

Myrian: Dona Luzia, qual é o maior sonho da sua vida. Era ter o que? O que a sra. desejaria ter na sua vida?

Luzia Tereza: Nesse tempo? ...Nesse tempo que eu não tinha ninguém, eu desejava assim...que Deus me mostrasse uma pessoa boa para me casar, para ter um amparo, para não viver pelas casas dos outros. Apareceu esse, seu Finado Luis. Casei-me com ele. Só deixei ele por morte.

Myrian: Era bom pra senhor?

Luzia Tereza: Era! Era muito bom! Ele sabia muita estórias. Eu vivia muito bem com ele. Só deixei ele por morte.

Myrian: A sra. acredita muito em Deus?

Luzia Tereza: Eu acredito; Ave Maria!

Myrian: Tem muita fé?

Luzia Tereza: Tenho.

Myrian: E seus enteados, dona Luzia?

Luzia Tereza: Dona Myrian, quando o finado era vivo, não havia nada con

## ANEXO 4 – Entrevista com Luzia Teresa, por Myrian Gurgel (continuação)

- 4

tra mim. Depois que ele morreu. Depois que Sr. Altimar mandou eu alugar um quarto, - a sra. sabe disso - para botar uma pessoa pra tratar de mim. Aí eu fui morar num quarto e depois o homem pediu o quarto. Quando eu cheguei depois, que vinha do hospital, lá não tinha água, não tinha luz, não tinha nada. Entrei pra dentro' assim mesmo. Era um quarto largo. Quando foi...aí ele pediu o quarto. Pediu o quarto. O dinheiro que Sr. Altimar deu para pagar o quarto o aluguel, ele ficou com dois contos. - Gazona sabe disso, - que era o chefe dessas coisas. Ficou com dois contos para desentupir o aparelho e alugou o quarto a outro. Agora, quando eu cheguei lá na minha casinha a mulher do meu enteado disse: "você aqui não entra, você saiu daqui, você não tem nada aqui. Tire seus troços". - A mulher do meu enteado. Tomou minha casinha. Agora dona Myrian, fiquei sem a minha casinha. O que é que a sra. faz? Dona Myrian, né, ...o dinheiro meu não é pra toda vida?

Myrian: É.

Luzia Tereza: Viu, dona Myrian, tem esse PS (INPS). Né dois emprego? <sup>Grças a Deus.</sup>

Myrian: É. ( confirmando o que ela percebe pela UFPB.)

Luzia Tereza: Pois, dona Myrian, eu não me incomodo com casa. Se eu ficar boa alugo um quarto pra mim. O negócio é meus trocinhos, mulher...Meus trocinhos ficou tudo...(emociona-se, chora)

Myrian:Mas não vai faltar nada. A sra. tem o amparo da gente. Não vai faltar, pode confiar. (Obs. A enteada botou tudo de Luzia no lixo)

Luzia Tereza: Eu sei. Deus é Pai, não é Padrasto! Deus e Nossa Senhora. (Obs. D. Luzia não sabe que fim levou os "troços" dela)

Myrian: Dona Luzia; a sra. teve amigos, amigas? Cadê seus amigos?

Luzia Tereza: Tinha! Os amigos moram em Bayeux, não vem nem aqui. Dona Myrian!...A pessoa só tem amigos camarada, na saúde!

Myrian: Na saúde... E a sua irmã, por que não lhe visita?

Luzia Tereza: A minha irmã de Guarabira? Mulher é doente, pior do que eu, tá bem velhinha...É mais velha, coitadinha.

Myrian: Que idade a sra. tem, dona Luzia?

Luzia Tereza: Dona Myrian, eu nasci em nove (1909). +

Myrian: O que a sra. acha dos homens, da humanidade? A sra. acha que a humanidade é boa? É ruim?

Luzia Tereza: Dona Myrian, eu vou dizer uma coisa; curta e certa a senhora, tem muitas pessoas boas e muitas pessoas ruins.

Myrian: Tem mais gente boa, ou mais gente ruim?

Luzia: Tem mais gente boa do que ruim. Em toda parte do mundo tem bons e ruins.

Myrian: E o que Gazona representa para a sra.?

Luzia: Gazona é um conhecido, muito caridoso, devo muito favor a ele.

## ANEXO 4 – Entrevista com Luzia Teresa, por Myrian Gurgel (continuação)

- 5 -

Myrian: Desde quando conhece Gazoza?

Luzia: Desde de muitos anos. Desde o Finado Luis! Ela fazia muita caridade a mim, então dona Myrian, vou dizer uma coisa a senhora, agora em conversa, quando eu morrer, que a covinha do meu velho, é conservada por mim. Quando eu morrer, se for pra enterrar aqui, é aqui, se for pra Bayeux bota pra onde está a cova do meu velho.

Myrian: Pois não. Pra ficar junto do velho. Na cova dele mesmo.

Luzia: Lá tem a pedra com o letreiro dele mesmo, pago por mim. E eu não sei, dona Myrian, o que será de mim, só Deus é quem sabe.

Myrian: Nada. A gente cuida disso. E a sra. tem medo, receio assim da outra vida? A sra. tem medo?

Luzia: Tem não, dona Myrian. Tem não. Oi tenho dito assim: meu bom Jesus, eu não tenho ninguém nesse mundo. Só tenho três pessoas. Se eu morrer, não deixo falta a ninguém. Eu sei que é pecado pedir a morte. É pecado! É pecado pedir a morte.

Myrian: A sra. espera a morte com toda resignação?

Luzia: É. Com fé em Deus. Graças a Deus.

Myrian: O dona Luzia, eu vejo que a sra. não reclama. A sra. sente dor? Sente dor?

Luzia: Sinto, dona Myrian, umas dorzinhas. Dorzinha.

Myrian: Dorzinha, não é? É mais enfraquecimento...

Luzia: Enfraquecimento? Não! ...

Myrian: Nem dor de cabeça?

Luzia: Nada.

Myrian: Há quantos anos a sra. está doente?

Luzia: Dona Myrian, desde do finado Luis que vinha adoentada, mas a doença não empatava eu fazer nada. Nada. Eu contei estória uma porção de tempo lá, não foi? Muita estória!

Myrian: Foi. Foi mais de dois anos. (Comigo)

Luzia: Naquele tempo eu tinha muita saúde, fazia tudo na vida. Foi depois que apareceu esse negócio, foi em outubro pra cá...daquela hemorragias. que me deu. - Acabou-se -

Myrian: Acabou-se as hemorragias?

Luzia: Bem, o que é que quer que eu diga mais?

Myrian: Dona Luzia, a sra. passou fome na vida?

Luzia: Fome, eu nunca passei não. Toda vida eu fui prevenida, gostava de trabalhar, guardar meu dinheiro para as precisões.

Myrian: A sra. tem alguma coisa a pedir? Tem alguma coisa a desejar pedir a Universidade, Altimar, a mim? Tem algum pedido a fazer, dona Luzia?

Luzia: Algum pedido? O pedido que tenho que fazer a sra. e a sr. Altimar só é nunca faltar com o meu dinheirinho até eu morrer... (chora)

Myrian: Não, não falta não. Isso a gente cumpre, viu? Não faltará nunca.

## ANEXO 4 – Entrevista com Luzia Teresa, por Myrian Gurgel (continuação)

- 6 -

A Universidade vai dar toda cobertura a sra., pode ficar tranquila.  
Luzia: O dona Myrian, eu queria contar uma estória ( a voz já está muito fraquinha, mas insiste em contá-la) que eu não contei, é tão bonitinha!...

Myrian: Tem uma estória para contar?

Luzia: Tem!!! A estória da Menina do Cabelo de Ouro!

Myrian: Pois vamos contar!

Luzia: Anuncie, dona Myrian, para euc contar!

Mirian: Pronto, dona Luzia, conte a estória.

+ Luzia- Conta a estória da MENINA DOS CABELOS DE OURO

Bem, <sup>de</sup> oi, morava uma menina numa cidade, muito distante. Um homem casado, aí então ele veio morar aí de outra cidade. Quando ele veio morar nessa cidade, já trazia essa menina nova, de um ano de idade. A menina tinha os cabelos de ouro. A menina mais linda do mundo. Ele queria muito bem aquela menina! Queria muito bem aquela menina! Nessa cidade muito distante embarcava um navio, soltava em terra e vinha para esse lugar, veio um pessoal muito rico, muito rico. Veio morar nessa outra cidade. Quando ele chegou já trazia a menina do cabelo de ouro, com um ano. Aí comprou muita coisa, estábulo de gado, comprou muita riqueza, casa boa, tudo. Ele era muito rico! Ele só tinha ele e a mulher e trouxe uma empregada, da terra dela, dessa terra bem distante que ~~ela~~ morava. Quando foi. Passou-se ...quando essa menina tinha três anos, a mãe da menina morreu. Ah, que esse homem só faltou endoidecer. Ele queria muito bem aquela menina! Quando ele chegava dos cantos dizia: Cadê minha filhinha dos cabelos de ouro! Ela agarrava nas perninhas dele, abraçava o pai, a bichinha com três anos, sabida! Sabida a menina. A mãe dela morreu, ficou esse homem, quase enloquece porque a mulher dele morreu.

- Minha filhinha agora vai ficar sem mãe. O que é que eu faço da minha vida? Só no poder dessa empregada.

Aí passou-se, passou-se. Aí o pessoal consolava ele. As empregadas, os empregados, consolava<sup>o</sup> ele. Ele só faltava endoidecer. Quando foi:.. ele chegou e disse:-

- Eu não vou me casar. Eu não vou dar madrasta a minha filha.

Aí quando foi com mais dois anos, a menina já estava com cinco anos, ele foi andar num arrabalde de uma cidade, e deu com uma moça. - Olha lá o serviço! - Ele se deu com a moça e pegou a namorar com a moça. Moça ricaça. Não era rica que nem ele não. Pegou a namorar:

- Fulana, eu sou viúvo, tenho uma filhãinha. Se você se casar comigo, num queira bem a mim, queira a minha filhinha.

## ANEXO 4 – Entrevista com Luzia Teresa, por Myrian Gurgel (continuação)

- 7 -

- Tá certo, Fulano. Eu quero bem a você e a essa menina dos cabelos de ouro.

Todo mundo chamava ela de Cabelos de Ouro.

- Está certo.

Aí cuidaram do casamento, se casaram. A madrasta quando se casou a menina já tinha quatro anos (?). Aí quando foi com nove pegou a nascer filho dessa mulher. Mulher perversa e malvada. Perversa e malvada. Pegou a nascer, aí ela pegou a criar aquela raiva da menina.

- Fulano, você, parece que você que bem essa menina mais do que seus outros filhos? de nós dois?

- Não, mulher,!. Porque minha filhinha não tem mãe e elas tem ' mãe. para consolar elas.

- Nada!

Essa mulher pegou a se enraivar, pegou a se enraivar, criar ódio da menina. A menina com quatro anos. Pegou a tomar ódio dessa criança. Com inveja porque a menina era bonita. Os filhos dela nasciam e não era nenhum bonito que nem a menina.

- Fulano, você não quer bem a meus filhos!... Você quer bem a essa menina dos cabelos de ouro!

Ela pegou, ficou com ódio da menina. Dava beliscão na menina. Mandava a criada dar na criança com quatro anos, quando o pai não tava aí, viu?

- Se você disser, a surra é maior, viu? Você não diz nada a seu pai.

Dizia a menina. A bichinha com quatro anos. Dava beliscão chega ficava aquelas ronchas. Aí o pai dizia:

- Mas menina, o que foi isso na minha filhinha?

- Nada. Foi ela que se arranhou-~~a~~.

Ela dizia. Aí passou-se. Aí chegou cinco anos, seis anos, ela criando a menina. Aí, foi que a raiva dela cresceu da menina. Era um ódio. Danou-se pra ter raiva da menina, ódio. Ele viajava, o marido dessa mulher, viajava para comprar gado, e vender.

El<sub>a</sub> tinha uma criada de fiança, essa malvada, disse assim:

- Fulana, eu vou te dizer um negócio, quando Fulano for comprar gado, a meia-noite nós vamos matar a menina. Você não diz nada a ninguém. Se você disser, mato você também. Eu mato a menina e mato você.

Ela dizendo a criada.

- Fulana, você matar a criancinha...

- Nada! Quando ele fizer uma viagem, a meia-noite nós duas vamos matar ela.

E num foi não? Aí o homem foi fez a viagem...passar uns quatro,

## ANEXO 4 – Entrevista com Luzia Teresa, por Myrian Gurgel (continuação)

- 8 -

cinco dias vendendo gado. Aí ela se aproveitou da ocasião. Quando foi a meia-noite, a bichinha estava dormindo ela pegou uma toalha, oi, atacou na guelinha da bichinha, arrolou outra para ela não gritar, Mandou cavar uma cova primeiro, uma cova no quintal e botou a menina dentro. Matou botou a menina dentro. Quando acabar aplainou tudinho, ficou que nem uma cova de gente grande, para ninguém saber. Não tinha quem soubesse, só quem sabia era essa criada. Aplanou tudo e mandou plantar capim. no lugar da cova da menina. Ah, quando foi com uns quatro, cinco dias, chegou o homem,..

- Oh, mas cadê a minha filhinha que não chega onde tá eu?

Ela ia encontrar ele no caminho.

- Cadê a minha filhinha...

- Nada! Ela está por aí andando.

E a malvada tinha matado a criança. Calada sem dizer nada.

- Fulana, cadê a minha filhinha? Cadê Cabelo de Ouro?

- Eu não sei não. Tava aí brincando. Não sei que fim levou não.

Disse que a menina tinha fugido, ido embora. O homem ficou doído procurou por todo canto, não tinha quem desse notícia. - A menina morta enterrada, quem era que dava notícia? - Aí quando foi com os tempos...quando o capim tava grande, ele tinha um criado da fiança dele que era quem cortava capim para fazer ração pro gado. Quando foi com uns dias, o capim tava grande, aí o rapaz, o homem fez uma viagem e o rapaz foi cortar o capim. Quando foi cortar o capim, uma voz falou debaixo do chão, disse assim:

- Criado do meu pai, não me corte o meu cabelo, que a minha madrasta me matou e me enterrou nesse buraco. A terra tá me comendo os meus restinhos mortais.

Tá compreendendo? Pois bem. Aí o criado assombrou-se.

- Oxente, mas o que é isso aqui? Embaixo da terra falar?

Ele calou-se. Quando o patrão voltou da viagem, disse:

- O meu patrão, eu vou dizer uma coisa, venha cá, eu vou dizer uma coisa curta e certa. Quando eu for cortar o capim, o senhor vai comigo.

Aí quando foi na hora, de tarde foram cortar o capim. E ela toda cheia de vida! Foram cortar o capim. Aí quando ele baixou a serra, aí aquela voz disse assim:

- Criado de meu pai não me corte o meu cabelo que a minha madrasta me matou e a terra tá me comendo os meus restinhos mortais.

Os ossos dela. Aí o homem disse assim:

- Oxente! Ah! Então quem foi que matou a minha filha? Ah!... esse negócio vai dar muito ruim. Ah que vai ser descoberto. Aí disse ao criado:

## ANEXO 4 – Entrevista com Luzia Teresa, por Myrian Gurgel (continuação)

- 9

- Olhe, essa conversa, você n̄o trate a ninguém. A ninguém daqui,

Na casa da mãe dela ia se dar um festim. Um festim! A culpa condena. Ia se dar um festim.

- Fulano!

Ele ficou calado, com aquela raiva dentro. Com aquela raiva enterrada dentro.

- Bem, você vai pra casa de sua mãe, quando for tarde da noite eu vou lhe buscar. Você leve os meninos, quando for tarde da noite, eu vou assistir o resto do festim.

- Tá certo.marido, muito bem!

Foi-se embora com os meninos dela. Ele disse:

- É hoje! É hoje que eu me vingó!

Esse homem pegou, dona Myrian, vendeu tudo quanto tinha no correr do dia, vendeu tudo quanto tinha, a riqueza todinha quanto tinha. Quando foi tarde da noite, ele foi buscar ela. Os meninos tavam dormindo, os meninos dele. Ele trouxe ela. Ela e ele, pra casa dele.

- Fulana, vamos aqui atrás...

- Que é que vai ver aqui atrás? Atrás de que?

- Atrás de casa para lhe perguntar uma coisa...

Ele e o criado de fiança.

- Me diga uma coisa, você... Por que você matou a minha filhinha? E enterrou aqui?

- Eu não!

- Enterrou. Eu já mandei desenterrar os ossinhos dela, mandei lavar, mandei passar um remédio. Você agora, você agora vai me dizer porque foi que matou...

- É porque você só tinha amizade aquela menina.

- Fulana, você acabe, pra que você fez uma coisa dessa? Matar minha filhinha!

Aí, bem. Matou ela do mesmo jeito que ela matou a menina. Arrochou uma toalha. O buraco já estava cavado. Depois que ele enterrou a mulher disse:

- Bem, eu matei do jeito que ela matou a minha filhinha.

Mandou o criado soltar dentro do buraco e aplainou e acabar palntou capim. Qí foi arribou no navio, foi embora. Quando foi no outro dia chegou os meninos. A criada veio trazer os meninos, tava as portas todas fechadas. Tava as portas fechadas.

- E cadê Fulana?

As criadas voltaram.

- Dona Fulana não está aí, as portas estão fechadas. Elas estão dormindo. Ou tão dormindo, ou ela foi lá dar um passeio nessés lugares. desconhecido que ela não conhece.

## ANEXO 4 – Entrevista com Luzia Teresa, por Myrian Gurgel (continuação)

10 -

Quando foi mais tarde vieram cá...

- Oxente esse homem foi-se embora! A

Acharam foi outro morador com outra mobília, tudo diferente, que ele tinha arribado no meio do mundo. Quando ele chegou lá na terra dele, na casa da mãe dele:

- Tá, minha mãe, agora eu estou contrariado do juízo, muito contrariado.

- Por que meu filho?

- Porque cheguei lá naquele lugar desconhecido, me casei com uma moça e ela chegou matou a minha filhinha. dos Cabelos de Ouro. Agora a morte que ela fez eu fiz nela, deixei ela enterrada no quintal e vim me embora pra minha terra.

- Tá certo, meu filho. Não tem nada com isso. A morte foi uma pela outra.

Ele disse assim:

- Pra mais nunca mais eu querer me casar com nenhuma! Se eu não tivesse me casado com aquela malvada, ela não tinha matado a minha filhinha. do cabelos de ouro.

Aí esse homem ficou com a mãe dele, não quis casar mais nunca. E esse criado da fiança ficou lá.

Fim a estória. X

:X:X:X:X:X:X:X:X:X:X:X:

Continua a entrevista.

Myrian:ô dona Luzia eu queria que a sra. me contasse a maior amargura, o maior aperreio que a sra. passou na vida. Maior tristeza.

Luzia:Dona Myrian, é essa agora. Por uma parte, por outra não.

Por uma parte, eu sofrendo essas coisas...assim...mas, ou boa ou ruim eu tou comendo.

Myrian:Mas a sra. tem muita queixa, alguma coisa a se queixar? Se '' queixa de alguma coisa?

Luzia: Me queixo não. Eu só me queixo da mulher do meu enteado. Fui casado com o sogro dela muitos anos e tomaram minha casinha pra dar os filhos dela. ( emociona-se).

Myrian: A sra. toda vida se incompatibilizou ... toda vida a sra. teve essa desavença? Toda vida foi assim?

Luzia Tereza: Nunca tive, dona Myrian, desavença com ninguém.

Myrian: Vivia bem com ela?

Luzia: Era minha comadre, dona Myrian!

Myrian: E a sra. não quer que mande chamá-la, para vê-la?

Luzia: Quero não, dona Myrian. Um dia desse disseram que ela queria vir aqui... se quiser vir, venha.

## ANEXO 4 – Entrevista com Luzia Teresa, por Myrian Gurgel (continuação)

11 -

Myrian: Quer dizer que sua enteada tirou a sra. da casa, tirou seus trocinhos - ou melhor, a mulher do seu enteado.

Luzia: Não sei aonde estão esses troços, Agora seu Gazona disse, ele veio um dia aqui e ia saber aonde tinham botado.

Myrian: Pegaram tudo de dona Luzia, tiraram da casinha que ela morava que era da enteada dela (ela diz que é de sua propriedade) e jogaram fora. Jogaram no meio da rua. Ninguém sabe aonde está.

Obs. Todos os pertences de dona Luzia, foram levados pelo caminhão do lixo. Não levei ao conhecimento da mesma a fim de poupar os seus sofrimentos.

Então a sra. anda muito preocupada com isso.

Luzia: Muito apereada. Eu nunca paguei aluguel de casa.

Myrian: Agora está aqui no Hospital Pe. Zé, esperando a vontade de Deus.

Luzia: Esperando a vontade de Deus: ou ficar boa...ou, ou...Deus é '' quem sabe.

Myrian: Tem mais alguma coisa a dizer, dona Luzia? Alguma mensagem? Alguma mensagem lá para o pessoal, para Altimar...

Luzia: O que tinha a dizer ao seu Altimar, eu já disse pra senhora: que ele não deixe de dar meu dinheirinho não, enquanto vida eu tiver.

Myrian: Tem alguma mensagem para sua irmã?

Luzia: Tem não. Isso eu mando dizer por carta. Mando Gazona dizer por carta, ele escreve pra essa irmã minha. ... Siim, naquele dia que seu Gazona veio aqui eu disse: O seu Gazona, o senhor diga a dona Myrian que compre um pedacinho de queijo pra mim... Quando a senhora vier traga, dona Myrian.

Myrian: Pois não, dona Luzia, vou comprar. E bolo? O que a sra. quer mais comer?

Luzia: Não quero nada! Quero não.

Myrian: Enjouo tudo? Enjouo tudo.

Luzia: Viu dona Myrian, um pedacinho de queijo que eu como com a farinha seca.

Myrian: O que é que a sra. está comendo aqui? Está se alimentando?

Luzia: A carne que a sra. está mandando, acho bom, acho. Guaraná que eu gosto de tomar.

Myrian: O bolo enjouo e aquelas geléias de mocotó, a sra. quer?

Luzia: Quero não, minha filha, quero não.

Myrian: Está faltando alguma coisa aqui? Tá tudo bem? Tá bem assistida?

Luzia: Tá tudo bem, viu. Eu acho muito bom aquela carne com feijão. (carne de sol)

Myrian: E a xarque?

Luzia: Xarque mais não, quando vier traga a carne de sol que é muito boa.

## ANEXO 4 – Entrevista com Luzia Teresa, por Myrian Gurgel (continuação)

12 -

Um pedacinho de queijo é muito bom. N-ao traga grandão não. Q ue cai ba numa latinha assim ( dá a dimensão da lata com as mãos). Um pesacinho de queijo com uma farinhazinha. Tem vezes que dá uma fomizinha eu faço um lanchinho.

Myrian: Tem dinheiro aí? Tem dinheiro?

Luzia: Tem, tem dona Myrian, dá bem. Dá para esperar o outro. O outro ainda está custoso

Myrian: Tá perto, daqui a dez dias, recebe. Olhe, não vai faltar nada a sra., nós estamos tomando conta, e vamos dar conta do recado até o fim. Eu me responsabilizo pela senhora.

Luzia: Tanta estória que eu sei minha filha. Sei tanta estória para contar.

Myrian: Ainda tem estória para contar, dona Luzia?

Luzia: Minha Nossa Senhorã! Sei! Virgem!

Myrian: Quais são as estórias, diga aí outras que tem? E a senhora não se cansa?

Luzia: Não, dona Myrian, não senhora.

Myrian: Qual seria a estória?

Luzia: Tem umas poucas de estórias.

Myrian: Então a senhora vai se lembrar para gente gravar outro dia.

Luzia: TÁ CERTO!

Myrian: A sra. está muito cansada, puxei muito pela senhora, já é tarde...

Luzia: Q ue hora é?

Myrian: 11:00 - 11:30, viu?

Luzia: Virgem, dona Mirian, vá embora minha filha.

Myrian: Quer mandar algum recado para o pessoal?

Luzia: O que... o recado... já disse tudo.

Myrian: Então dona Luzia, vou desligar, vou trazer o que a sra. me pediu, não lhe vai faltar nada, se Deus quiser.

Luzia: SE DEUS QUISER!

João Pessoa, 28 de janeiro de 1983

Recolta de: Myrian Gurgel Maia.

Obs. A gravação continua com Gazona, o maior amigo de Luzia Tereza, "o cabra da sua fiança"

**ANEXO 5 – ENTEVISTA COM JOSÉ RAIMUNDO DA SILVA (GAZOZA), POR MYRIAN GURGEL**

ENTREVISTA COM JOSÉ RAIMUNDO DA SILVA, VULGO GAZOZA? O  
MAIOR AMIGO DE LUZIA TEREZA DOS SANTOS.

João Pessoa, 29 de janeiro de 1983

Myrian: A Jornada de Contadores de Estórias continua gravando, agora entrevistando, José Raimundo da Silva, que vai falar sobre ' dona Luzia. Gazoza, quero adiantar, é o maior amigo de dona Luzia. É, como ela diz: "O cabra da fiança". Ele tem muito o que contar. O Sr. Gazoza, eu queria saber como senhor conheceu dona Luzia.

Gazoza: Eu conheci porque ela mora perto de mim. Antes ela não tinha quase nada para comer. Chegava o pessoal e dava uma coisinha a ela... Tinha dia que ela ia com dois quilômetros de distância buscar lenha na cabeça mais dois rapazes. Hoje um é sargento do Exército, outro é mecânico de rádio. Moravam vizinhos.

Myrian: Ela apanhava lenha, pedia esmola?

Gazoza: Não! Ajudava o pessoal e o pessoal o que comer a ela e ao marido dela. O filho do velho era muito ruim. Não ajudava o pai. morava no fundo do quintal, entendeu? E lá não ajudava o velho em nada.

Myrian: O marido dela, era bom?

Gazoza: O marido dela? Era sim. Não agravava a ninguém, era um velho bom, calmo, trabalhador.

Myrian: Trabalhava em que?

Gazoza: Ah, num sei...Sei que ele recebia uma pensão. Então, depois deisso a velha era muito religiosa. Só vivia na igreja, no domingo, no sábado, missa de oito horas, no sábado e mesmo ao domingo ela ia também, a de sete horas. Acompanhada de vários amigos que ela tinha. O pessoal que era da Irmandade de São Vicente. Depois que o marido dela faleceu, aí os irmãos de São Vicente começaram a auxiliar ela, até que chega o tempo de removerem a casa (demolir) a mulher do filho do marido dela. Removeram a casa, botaram a casa dela abaixo.

Myrian: Esse casebre era do marido dela?

Gazoza: Era. Botaram abaixo e remodelaram tudinho. Tiraram a casinha dela e botaram outra.

Myrian: Derrubaram a casa que era do marido e fizeram o quarto, uma casinha.

Gazoza: Fizeram só armar, somente. Tapar, quem tapou foi a turma de São Vicente. Eles fizeram somente armar e cobrir, pronto. Pra

## ANEXO 5 – Entrevista com José Raimundo da Silva, por Myrian Gurgel (continuação)

-2

tapar foi a turma de São Vicente, legionário, entendeu?

Myrian: E à respeito do enteado, o que é que o senhor diz?  
Era muito ruim?

Gazozza: Sim. Ele não ajudava. Era ruim que só cocceira.

Myrian: Era ruim que só cocceira.

Gazozza: Era ruim mesmo, porque o velho morreu lá e nem sequer ele foi lá ver o velho, na casinha dele. Era vasolha muito ruim e são ainda, porque se ele fosse bom não consentia a mulher destruir os móveis de dona Luzia, né, porque ela tinha lençóis que a sra. deu a ela, não foi ela tinha caçarola, caldeirão, escorredeira, pote, esses negócios de de... botar feijão, farinha, ...

Myrian: Gazozza vai dar a relação dos pertences de Luzia, do que foi jogado fora, que foi no caminhão do lixo. ( todo patrimônio) Todo patrimônio que ela chora porque não sabe onde está.

Gazozza: 1º - Uma mesa

2º - Uma cadeira

3º - Um tamborete

Agora vamos pros outros:

- A roupa que ela tinha, 4, 5 vestidos

- uma mala, uns lençóis que a sra. deu, os camizolas (X).

- Caldeirão, caçarola, escorredeira, umas latas de botar feijão, arroz, farinha, açúcar, café.

Lá não existe mais nada. Não tem mais nada. Jogaram tudo no mato.

Myrian: O senhor viu esses troços no caminhão do lixo?

Gazozza: Não, eu não vi. Os vizinhos foram que viram. Eu não vi não, não cheguei a ver, quando eu fui saber foi o pessoal dizendo a mim. Os vizinhos contando esse fim, entendeu? Eu não cheguei a avistar, até que eu falei com uma mulher. Na feira falei com o enteado de dona Luzia, ele falou que não sabia de nada, que eu fosse conversar com a mulher. Cheguei lá ela disse-: "pronto! Joguei tudo no mato". Foi jogado tudo no caminhão da Prefeitura, quebrei o resto, mesa, tamborete, cadeira, avocei tudo no mato".

Myrian: Hoje dona Luzia não está sabendo e chora porque não sabe aonde está.

Gazozza: Não está sabendo. Então para consolar ela disse lá, a irmã falou: seu Zé não diga nada não, senão ela vai chorar muito. Então eu disse: dona Luzia, seus pertences tá lá tudo acumulado, em um canto guardado. Para ela não se aperrear. - Mas não existe nada mais lá. So<sub>o</sub>mente a casa.

Myrian: O sr. Gazozza, dona Luzia me falou que tinha quinze irmãos. Que fim levaram esses irmãos?

## ANEXO 5 – Entrevista com José Raimundo da Silva, por Myrian Gurgel (continuação)

- 3

Gazona: Eu não sei. Eu não sei...

Myrian: Ela só fala em Antonia, a de Guarabira e Zeferina de Campina Grande. O resto, não sabe?

Gazona: Não senhora. Não é do meu conhecimento não.

Myrian: Eu queria saber também, desde quando o senhor dá assistência a dona Luzia e cuida da comida, compra ~~de~~ alimentos. O que é ' que ela come?

Gazona: Ela era uma velha saudável demais; todo sábado ela ia fazer a feirinha dela, entendeu? Ia no sábado e no domingo, comprar o regtinho. Aí depois que ela adoeceu, ela passou uns seis meses no Laureano sem voltar pra lá. Depois que ela foi para o "Laureano" pediram para ela fazer uma operação no olho. Ela fez a la. operação. Aí começou aí não podia ir por causa da vista e falou comigo: "Tou precisando de ajuda sua". Pois não dona Luzia, pode falar. O que é que a senhora quer?

Myrian: Dona Luzia foi operada de catarata ( a la. vez) - na Clínica São Camilo - e já era portadora de CA. Ela foi operada no Laureano, de um tumor, por sinal eu peguei a ficha, o laudo médico que constava de : Carcinoma Espinocelular- epidermóide. Este é o diagnóstico da doença de dona Luzia. E ela, durante esta doença foi operada de Catarata. Ela tem uma vista muito ruim, só vê o vulto, vê pessima - mente mas toda vida insistiu em fazer as coisas só. Querer andar só não gosta nem que pegue nela.

Gazona: Aí ela começou dizer que não estava mais vendo. Eu disse: dona Luzia, quando a sra. precisar de mim, você disponha. Ela ia lá pra casa, almoçava lá em casa comigo e minha mulher. Depois começou com aborrecimento com a mulher também ( a minha), se aborreceu disse: "eu não vou mais lá". Brigou com minha mulher. Brigou por besteira.

Obs. Houve um incidente entre d. Luzia e a mulher de Gazona que não pude traduzir. A questão por causa de um menino. (!)

Gazona:No sábado eu fui lá. Ela disse: seu Zé, vá comprar um molho de cebola, um molho de coentro, cinquenta mil reis de cominho, cinquenta mil reis de pimenta, cinquenta mil reis de banana, cinquenta de laranja, um quilo de feijão, um quilo de farinha, meio quilo de xarque.

Myrian: Essa feira era pra quanto tempo?

Gazona:Durante uma semana. E mais meio quilo de carne verde para ela almoçar.

Myrian:Meio quilo de carne verde para uma semana e meio quilo de xarque.

## ANEXO 5 – Entrevista com José Raimundo da Silva, por Myrian Gurgel (continuação)

Myrian: Quando ela veio para o hospital foi que despejaram-na? Foi que tiraram tudo.

Obs. Os troços de D. Luzia só foram jogados fora depois que ela se internou, definitivamente, no Hospital Pe. Zé. Eles aproveitaram a deixa, a ausência e tiraram tudo dela. -

O, sr. Gazoza, o que é que o senhor acha, de dona Luzia, ela é uma boa pessoa, sempre se ~~xxaix~~ relacionou bem com o senhor?

Gazoza: Bem!

Myrian: Tinha muitas amigas? ela se relacionava bem com as outras pessoas?

Gazoza: Tem. Tem muita amiga por lá. O pessoal gosta muito dela.

Myrian: Mas não visitam-na, não é? Não tem condições por certo.

Gazoza: Porque esse pessoal quando ela era boa dona Luzia ia pra missa com ele, pra igreja, mas depois que ela adoeceu, sabendo qual era o mal, todo mundo se afastava.

Myrian: Esse pessoal era da igreja, que igreja?

Gazoza: Coração de Jesus.

Myrian: Era uma irmandade do Coração de Jesus, não era? Mas depois que souberam da doença, nenhuma foi visitá-la.

Gazoza: Era.

Myrian: Dona Luzia não recebe visita de ninguém no hospital. As únicas pessoas que visitam-na sou eu e Gazoza.

Gazoza: É a outra vizinha. Dona Luzia também. A única vizinha que visita, a que cuidou dela a la. vez.

Myrian: A casa dela não tem documento?

Gazoza: Tem a carteira dele. Agora não sei se tem documento da casa.

Myrian: Diga mais alguma coisa sobre dona Luzia? Alguma passagem assim ... da vida dela.

Gazoza: Eu fui convidado por Sr. Altimar, né? Lá no Nuppo, ele tava lá falou comigo. Ele disse assim: "Você não sabe contar estória não?"

Myrian: Você foi quem apontou dona Luzia, seu Gazoza? Foi? Foi sr. quem apontou dona Luzia para a Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba. Gazoza trabalha, é participante de um grupo folclórico: O Cavalo Marinho. É o maior amigo de dona Luzia.

Gazoza: É- Sr. Altimar disse: "Gazoza, esses jornais, sai de casa em casa procurando, sabe? Quem sabia contar estórias. Eu sai entregando. Dona, Luzia, Sr. Apolinário, Zé...lá em baixo na Treze de Maio, eu sai por aí, entreguei um bocado. Onde entregava aquele papael vinha contar. Sr. Altimar foi, pegou todo mundo, sabe? Aí o pessoal em cima, em cima, em cima. Aí com muitos tempos, aí sr. Altimar descobriu que a única que sabia contar estória era ela. Aí foi dispensando aquele pessoal,

## ANEXO 5 – Entrevista com José Raimundo da Silva, por Myrian Gurgel (continuação)

- 7

dispensando, dispensando, até ficar somente nela. Aí o pessoal tinha raiva dela por causa disso; porque Sr. Altimar enfeitava tanta gente para só ouvir dona Luzia. "Sabe por que é?" - dizia ele - / "Vocês contam estórias pequenas demais, não dá pra mim, e a velha aqui sabe contar estórias."

Myrian: Quer dizer que você distribuiu propaganda convidando pessoas que soubessem contar estórias. - Sr. Gazona distribuiu varios boletins desse na vizinhança, lá em Bayeux e muitas pessoas se apresentaram, mas chegou a uma conclusão de que, de fato, quem sabia contar mesmo estória era dona Luzia. As outras contavam uma estórias curtas que não interessavam à Jornada e por isso ela ficaram com raiva de dona Luzia, com inveja, porque dona Luzia foi consagrada a melhor contadora de estórias, não é isso sr. Gazona?

Gazona: É isso aí.

Myrian: Tem mais alguma coisa?

Gazona: Somente isso dona Myrian, a não ser dizer que ela era muito minha amiga. Gosto muito dela.

Myrian: Há quantos anos, conhece dona Luzia?

Gazona: Vinte anos.

Myrian: Vinte anos de convivência! Nunca houve uma richa, uma queixa?

Gazona: Não senhora. Nunca, nunca!

Myrian: Num relacionamento perfeito: Gazona, de folclore e dona Luzia! Numa convivência, numa irmandade perfeita. Graças a Deus. O Sr. Gazona, dona Luzia recomendou alguma coisa ao senhor? Aquele caso de quando ela morresse... fale nisso aí que é muito importante.

Gazona: Ela falou pra mim que queria morrer, se enterrar na cova do marido. Aí então eu avisei ao sr. Apolinário, quem cava a cova no cemitério. "Seu Apolinário, tenho um negócio para lhe dizer"-

- O que é, diga a mim.

- Dona Luzia tá muito doente lá no hospital, talvez ela não escape. Disse a mim que quer se enterrar junto ao túmulo (cova) do marido dela. Que é que se faz?

- Quando ela morrer, você venha aqui, e avisa a mim, viu? Que de imediato, cavo a cova.

Myrian: Mas o caso de mandar dizer a enteada...

Gazona: Não! Não quer. Como também a irmã.

Myrian: Dona Luzia disse que só mandasse... Não queria que a irmã soubesse que ela estava interna, só avisasse quando ela morresse e a enteada ( a mulher do enteado) quando tivesse já enterrado.

## ANEXO 6 – FOTOS DE LUZIA TERESA DOS SANTOS

## Fotos com Luzia Teresa dos Santos



1



2



Luzia Teresa dos Santos (contadora de Estórias)  
 Contando Estórias na Casa do Mestre Raimundo  
 (Sogra Mestre do Cavalo Maninho de Bayeux)  
 Bayeux/PB. 1979

4

3

Indicação: 1, 2, 3 – Luzia Teresa na casa de Mestre Gasosa, contando histórias 1979.  
 4 – Anotações no verso da Foto 3

Fonte: Acervo de Luzia Teresa, NUPPO/2023.

## ANEXO 6 – Fotos de Luzia Teresa Dos Santos (continuação)

## Fotos com Luzia Teresa dos Santos



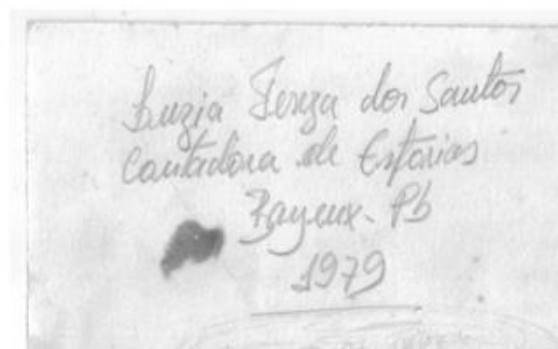
5



6



7



8

Indicação: 5, 6 – Busto de Luzia, fotos expressivas d seu rosto, 1979.

7 – Luzia sentada entre outras pessoas, trajando saia clara e blusa escura.

8 - Anotações no verso da Foto 7.

Fonte: Acervo de Luzia Teresa, NUPPO/2023.

ANEXO 6 – Fotos de Luzia Teresa Dos Santos (continuação)

Fotos com Luzia Teresa dos Santos



9



10



11

- Indicação: 9 - Ampliação foto carteira de identidade.  
10 -Ampliação foto carteira do trabalho.  
11 – Ampliação foto detalhe Luzia contando histórias, gesticulação.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

ANEXO 6 – Fotos de Luzia Teresa Dos Santos (continuação)

Fotos com Luzia Teresa dos Santos



12



13



14

Indicação: 12 – Ouvindo as histórias de Luzia os professores: Iveraldo Lucena, Altimar Pimentel e Bráulio do Nascimento.

12, 13, 14 – Luzia contando histórias para adultos e crianças, no NUPPO/UFPB, na antiga sede situada à Praça Rio Branco, centro, João Pessoa/PB.

Fonte: Acervo de Luzia Teresa, NUPPO/2023.

## ANEXO 6 – Fotos de Luzia Teresa Dos Santos (continuação)

## Fotos com Luzia Teresa dos Santos



15



16



17



18

Indicação: 15, 16, 17, 18 – Luzia contando histórias, no NUPPO/UFPB, na antiga sede situada à Praça Rio Branco, centro, João Pessoa/PB.

Fonte: Acervo de Luzia Teresa, NUPPO/2023.



19

Indicação: 19 – Montagem com detalhes da contadora contando histórias, com encadeamento de suas expressões, gesticulação.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

## ANEXO 6 – Fotos de Luzia Teresa Dos Santos (continuação)

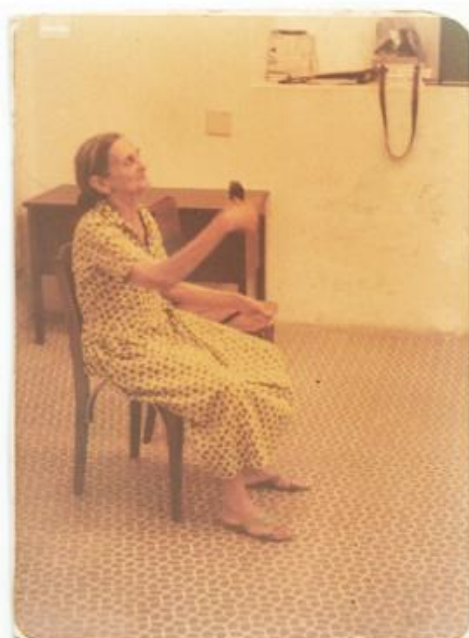
## Fotos com Luzia Teresa dos Santos



20



21



22



23

Indicação: 20, 21, 22, 23 – Luzia contando histórias, no NUPPO/UFPB, na antiga sede situada à Praça Rio Branco, centro, João Pessoa/PB.

Fonte: Acervo de Luzia Teresa, NUPPO/2023.

## ANEXO 6 – Fotos de Luzia Teresa Dos Santos (continuação)

## Fotos com Luzia Teresa dos Santos



24



25

Indicação: 24, 25 – Montagem com detalhes da contadora contando histórias, com encadeamento de suas expressões, gesticulação. No NUPPO/UEPB, na antiga sede situada à Praça Rio Branco, centro, João Pessoa/PB.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Observação: Algumas dessas fotos constam na coleção “Estórias de Luzia Teresa”, por Altimar Pimentel, nos volumes 1 e 2. Existem outras fotos nos livros, mas não foram identificadas no acervo de Luzia Teresa.